GUSTAVO BARROSO

CINZA DO TEMPO

CONTOS

EDITÔRA A NOITE

Gustavo Barroso

Cinza do tempo

(contos)

Editora **A noite**

Dedicatória

A meus amigos

Leony Machado

e

Jorge Lacerda

de coração

As notas de rodapé e apêndices são do digitalizador

Chapeuzinho Vermelho[1]

eu retiro, na beira do lago é, humildemente comparando, como aquele moinho que Afonso Daudet[2] alugou pra escrever as deliciosas *Cartas de meu moinho* (*Lettres de mon moulin*), embora seu ocupante não tenha pretensão de ser um dodê. Meu retiro é ainda parecido, em que pese a grande diferença, a menos, com o recanto onde Chatobriã escreveu a maior parte de suas *Memórias de além-túmulo* (*Mémoires d'outre-tombe*) e se chamava *La vallée aux loups,* o mesmo nome do célebre refúgio do solitário Alexandre Herculano, Val-de-Lobos. No meu, porém, não há lobo, nem os tão comuns, de duas pernas, pois toda gente que o cerca é boa, mansa e pacífica. Na estrada, que corre entre o muro de meu jardim e a margem do lago, jamais passa lobo.

Todavia, diariamente, na manhã, indo à escola, na tarde voltando, passa uma chapeuzinho vermelho. A menina que o leva não é branca, loura e de olhinhos azuis, como a das européias terras abundantes, que tanto nos emocionou na meninice, e dela nunca ouvira falar. Mas, como convém a estas montanhas sertanejas do Brasil, é pretinha como carvão, tem o cabelo encarapinhado e anda de pés descalços, de indefinível cor de poeira. O chapéu, porém, é idêntico ao da outra, dum vermelho tão vivo que não desbota ao sol e à chuva. Me lembro de o ter visto, há muito tempo, na cabeça duma veranista que passava a cavalo todas as manhãs, por minha porta. Foi, depois, da filha de Mericão, o alugador de animal, a quem a moça o deu, quando terminou a estação. Enfim, assentou como uma luva no pixaim de Maria dos Anjos. Á! Me esquecera de dizer o nome da chapeuzinho vermelho. Feito isso, se acrescente que tudo quanto usa, aliás, muito pouco, é de segunda ou terceira mão. O vestidinho descorado e puído que lhe cobre o corpinho escuro e magro foi da filha de Cazuza da venda e a cartilha em que aprende a ler, se é que aprende, do filho de Jesuíno do açougue.

Tudo isso porque o pai de Chapeuzinho Vermelho é um negro meio entrevado, feio e sujo como um bicho, que passa por feiticeiro e quase não pode sair da tapera onde vegeta, atrás do sítio do Alemão, a 2,5km da cidade. A mãe, preta também, puxa duma perna e lava roupa prà pensão de Bardi. Desta sorte, à escola e à roupa, mãe e filha caminham, por dia, cerca duma légua (4km), chova ou faça sol. Durante todo, esse percurso não há quem não conheça Chapeuzinho Vermelho, não sob essa alcunha, que lhe dei, cá com os meus botões, que ninguém sabe, nem mesmo ela, e ninguém precisa saber, mas sob a de Maria dos Diabos, porque é levada da breca. Ao descer o caminho da Mata ela desemboca entre a cerca de arame farpado do Alemão e a cerca viva de cedrinho da chácara do prefeito. Tirando o leite das vacas holandesas do Varguinhas, Zequinha Bernardo é o primeiro à ver. Depois, na distância duns 300m, a negrinha corre rente ao muro baixo de Boaventura e ouve, do lado das cocheiras, Benevides gritar:

---

[1] Em espanhol *Caperucita Roja*. Em portugal *Capuzinho Vermelho*. Em inglês *Little Red Riding Hood*. No Brasil, estranhamente, se consagrou como *Chapeuzinho Vermelho*. Termo impróprio, pois se trata de capuz ou touca, não de chapéu (exceto neste conto). Em inglês *hood*: *Capuz*, *touca*.

[2] No final vide apêndice 1

— Já vais reinando aí! Maria dos Diabos!

De fato, todos sabem que a menina é pior que qualquer moleque pra trepar em árvore, furtar goiaba, manejar estilingue, atirar pedrada certeira, escalar cercado e muro. Também quem não é, mesmo, dos diabos, branco ou preto, criado solto no mato, aos nove anos de idade?

Parece que Chapeuzinho Vermelho tem consciência disso e acha melhor não responder a Benevides, seguindo seu caminho; ora devagar, na muda contemplação da águas azul, translúcida e parada, que faísca ao sol, ora lançando pedras a joão-de-barro grazinante[3] ou anum ronceiro e gritador; ora pulando num pé só, como seu parente próximo, o Saci; ora violando cerca e muro pra apanhar fruta e flor; e ora correndo como um cabrito em fresca manhã invernal. Assim, costeia os cercados da viúva e de Lígia, o paredão da casa do dono da fábrica de doce e os terrenos baixos da ponte do Lambari. A travessia do largo espaço gramado fronteiro ao solar da Flor-de-Lis, onde ficam a venda e o açougue, é quase sempre seu calvário, porque saem, também, à escola, a sua passagem, o filho do açougueiro e as filhas do locador de cavalo e do vendeiro. Então começa a caçoada, a que Chapeuzinho Vermelho opõe um silêncio sublinhado por uma contração dolorida da face.

— Negrinha ruim do Diabo! — Exclamou uma das meninas, fazendo um beicinho arrebitado. — Nem zela pelo que minha mãe lhe deu. Credo! Vede só como já está imundo esse chapéu que foi meu e da moça do hotel Imperial!

A garota invertia, de propósito, a ordem da sucessão da propriedade do chapéu. A outra, encolhia os ombros delgados com desprezo, dizendo:

— Chi! a negrinha é mesmo porca. Saiu a seu pai, que é feiticeiro. Não faz um mês que sua, aquela negra coxa da trouxa de roupa, veio buscar este meu vestidinho riscado, quase novo. E já estragou ele todo!

O filho de Jesuíno intervindo, procurando beliscar a negrinha:

— Isso ainda é nada. A professora disse, na terça-feira, que esta negrinha é burra como uma pedra e vive arrancando as folhas do livro que foi meu. Mostres o livro, Maria dos Diabos!

Pra não ser beliscada e não mostrar o livro, Chapeuzinho Vermelho começou a correr no talude do lago e foi parar rente ao portão de ferro do retiro, onde sabe que a espera a recompensa da humilhação. É, geralmente, nessa hora que saio a meu passeio a cavalo. Evaristo traz o Juriti ou o Baccarat arreado. Como são meus bons amigos e ambos muito gulosos, levo sempre o bolso cheio de cubo de açúcar, parte pra minha montaria e parte pro grupo de garotos, que acham os torrões embrulhados em papel mais deliciosos que as balas coloridas do botequim de Juca. Dou um a cada petiz e dois a Chapeuzinho Vermelho mas explico a razão da diferença, porque tudo se deve explicar às crianças:

— Se tivésseis pena de Maria, que é mais pobre e infeliz do que vós, ganharíeis a o mesmo tanto. No dia em que a tratardes com caridade e não caçoardes mais do chapéu, do vestido e de seu livro darei, a todos, três torrões de açúcar. Dito e feito.

Santíssimo remédio à falta de piedade que o poeta assinalou na infância. A gulodice adoçou aquelas alminhas. Um dia entre os dias, como dizem os narradores árabes, Chico, o mais espevitado, me disse:

— Sabes, seu doutô, há mais duma semana que não mexemos mais com Maria dos

[3] Grazinar: Palrar

Anjos. Não é verdade?, Mariazinha. Andes, digas ao doutô que é!

Chapeuzinho Vermelho confirmou com um sorriso feliz e eu, pra não cometer a injustiça de diminuir a ração de açúcar de meu cavalo, fui à despensa buscar suprimento. O prometido era devido.

Na tarde desse dia dei uma volta, em minha canoa, no lago. Ao abicar no pontilhão de Boaventura, pra descansar um pouco, vi Chapeuzinho Vermelho pulando na estrada, voltando da escola. A chamei e mandei que se sentasse no banco da proa. Me pus a remar rumo ao Alemão, a fim de lhe poupar grande caminhada. Ao mesmo tempo, a observava. Talvez nunca tivesse andado de barco sobre aquela água cristalina que contemplava duas vezes por dia. A princípio, com os nervos contraídos, enclavinhava os dedos na borda da embarcação, como se seguram na lua da sela as pessoas que montam cavalo em primeira vez. Olhava a um e outro lado, semi-amedrontada. Depois, de súbito, a confiança lhe veio. Se abandonou no assento, tirou as mãos da borda e as cruzou sabre as coxas, me olhou e sorriu. Então se embebeu, num silêncio tão radiante que resolvi prolongar sua estada no paraíso com uma volta no canal da ilha dos Amores. Entardecia lentamente. Os remos batendo nágua espantavam as jaçanãs, que voavam, gritando, e iam pousar adiante, nos entrançados dos aguapés. O sol se afogava em ouro e sangue a trás da serra da Campanha e a passarada cantava a despedida do dia.

Quando desembarquei a negrinha, ao pé do caminho da Mata, a mãe ali a esperava, sentada num feixe de lenha, junto da grande trouxa de roupa. Subiram vagarosamente a ladeira de barro vincada de arrieira,[4] a velha carregando a trouxa e a filha levando o feixe. E, adiante, entre as árvores, a mancha rubra de Chapeuzinho Vermelho se apagou na primeira névoa do crepúsculo.

No dia seguinte tive de descer ao Rio de Janeiro, onde, uma semana mais tarde, recebi, do encarregado de meu retiro, uma carta me lembrando a remessa de farelo pros animais, por causa da seca, a compra de dois rolos de arame farpado pra consertar a cerca do fundo e a dum facão de picar cana, e comunicando que Djalma devia tirar o mel das abelhas italianas dentro de dias e o velho Martins podaria as parreiras no começo de setembro. Em baixo, a assinatura: Ceu criado qui u estima du corassão. Evaristo. No final, em letra mais miúda e mais tremida, este trágico pós-escrito: Nu dia douze u caxoro policiá grandi do Zéflorenço ficô danado i mordeu a Maria dos anjo na barriga da perlna, dotô Santos telefona pa São Lorenso i Vaginha pa vê si avia uma tá di vassina mas num avia i dali uns dia no dizoito a neguinha morreu danada como u caxoro puliciá du Zéflõrenço. Cumu sei qui seu dotô vai ficar monto disconçolado cora a nutiça li abrasso, u Mesmu.

Estou, em verdade, profundamente desconsolado. Pobre Chapeuzinho Vermelho, que o lobo da desgraça tragou na aurora da vida. Só Deus sabe por que e pra quê! Pobre Chapeuzinho Vermelho, que só tiveste, talvez, uma curta tarde de felicidade em tua mesquinha vida, aquela em que, ao compasso de meus remos, entre os vôos rápidos e bulhentos das jaçanãs assustadas, contemplaste, em silêncio, o ouro do Sol morrendo na água plácida do lago!...

[4] Arrieira: s.f. (fr *arrière*) Carbúnculo mortífero, que dá no reto do gado bovino. Caminho tosco na mata, aberto pelos arrieiros.

Três paineiras na beira da estrada

ntre o longo muro branco do retiro, coberto de telhas romanas, e a margem do lago, florida de caetés e lírios, passa a estrada que, mais adiante, se bifurca junto à velha ponte de tábua. A esquerda leva a Jesuânia e, por Olímpio de Noronha e Silvestre Ferraz, a São Lourenço. A direita leva a Embirizal, a Coqueiros e a outros velhos arraiais adormecidos nas dobras verdes das serras. Estrada Real, se diria antigamente, ainda em meu tempo de menino. Hoje, cá com meus botões, a chamo estrada Republicana porque foi mal traçada e é mal cuidada; porque durante a época de chuva se escancela[5] em bueiros perigosos e se cobre de atoleiro que só a lenta paciência dos carros-de-boi é capaz de vencer; porque, enfim, na estação seca é a mãe da poeira e, com esse incômodo pó-de-arroz, dá um colorido de tijolo velho aos arbustos e árvores que a margeiam.

Essa estrada, com lama ou pó, é um rio de vida fluindo sem parar da manhã à tarde, e, muitas vezes, noite adentro. Antes de me levantar, quando a madrugada curiosa começa a espreitar pelas frinchas das portadas e interstícios do forro de bambu trançado, já o sinto no argentino badalar dos chocalhos e no ruidoso entrebater dos latões de leite pendurados no lombo dos burros. E há mais estalo de chicote ou grito de incitamento que se perdem ao longe no silêncio e no frio da manhã:

— Eta, Mimosa! Eta, burra do Diabo!

Saio à varanda, espreguiçando. O lago, às vezes, é como um espelho de prata refletindo sob a crua luz solar a imagem dos montes que o contornam. Nessas ocasiões há uma casinha branca e humilde, que coroa o topo duma colina, que fica muito mais bonita do que é dentro dágua e vista de cabeça a baixo. Outras vezes a bruma cobre a flor da água,[6] se pendura como rama de algodão na frança[7] das árvores, até mesmo nas três altas, antigas e solenes paineiras que se erguem rente ao muro do retiro, e entope a vista dos vales que se abrem aquém e além entre os cabeços da serrania. Ainda outras, o chuveiro fustiga a superfície líquida que borbulha, escorre na ramaria do arvoredo, restitui ao mato marginal da estrada sua cor natural, lavando a maquiagem da poeira, e faz o céu plúmbeo e zangado açoitar a mata e o chão com os incontáveis e finos látegos prateados.

A vida da estrada pode diminuir ou aumentar com essa atitude do tempo mas nunca se interrompe. Nela trafegam, chiando ou cantando, vagarosos carros puxados por três ou seis juntas de boi encaroçado de berne, que o menino da guia orienta e o carreiro incita com a vara de ferrão. Agora passam os camiões pesados e brutos, gemendo e chocalhando a qualquer esforço, atochados de lenha, toro de madeira, saco de carvão, tijolo, fardo e caixa. Depois, vêm automóveis de passageiro, uns de capota móvel e antiquado modelo, entranhados de lama e poeira, dignos dum museu, outros aerodinâmicos, reluzentes e espetaculares, e até um jipe ianque, seguido de escandalosa motocicleta. Tudo isso crepita, estronda, buzina e espadana os lameiros ou levanta nuvem de pó sob o compassivo olhar silencioso das velhas árvores, que

[5] Escancelar: v.t. Abrir muito a boca, os olhos, etc

[6] Flor da água: Superfície da água (assim como à flor da pele se refere à superfície da pele)

[7] França: s.f. Conjunto das ramificações menores da copa das árvores

devem, no íntimo, se espantar do aparecimento de tais monstros naquela doce e retirada paragem. Surgem, também, jardineiras que roncam e resfolegam carregadas de gente humilde e saco de bagagem.

A alegria da estrada é a música das sinetas, dos guizos e dos chocalhos. Os grandes maestros são as burras-madrinhas das tropas que trazem produto do campo à cidade ou levam da cidade à roça mercadoria de fácil consumo. Caminham com passo elegante e garboso à frente da récova,[8] quase sempre sem carga no lombo, ajaezadas de vermelho e de guizeira[9] no pescoço, que vai retinindo e ritmando o passo das mulas carregadas. E sei que minhas três grandes paineiras conversam quando as madrinhas passam nos últimos ramos, diante do céu azul, que as escuta na paciência infinita da eternidade:

— Hem, mana, que tal?

— Formidável! Foi a burra madrinha mais bonita que passou aqui.

— E que música, que harmonia! Como é diferente daqueles guinchos dos carroções sem burro que fedem e cospem lama na gente!

As charretes ligeiras, pintadas de amarelo, azul, prateado, verde e vermelho, que deslizam sobre as rodas de borracha, rapidamente puxadas, a trote largo, pelas pilecas,[10] vão, também, cantando; estrada afora, entre o embevecimento do mundo vegetal, a canção ligeira das campainhas vibrantes. E os meios-tons dessa música natural são dados pelos chocalhos preguiçosos e enrouquecidos das vacas, que caminham pastando, como quem não tem nem quer ter pressa.

Barulheira fazem, na estrada, os meninos que, a hora certa, vêm, do arredor, à escola pública da cidade ou dali regressam até casa. Gritaria, correria, assobio, traquinada, pedrada a torto e a direito. Os pássaros fogem, os bem-te-vis cantam de longe, pendurados na voluta movediça dos altos bambus, e os marrequinhos do lago calam o eterno grasnado e enfiam a cabeça nágua, em mergulho medroso. Rudyard Kipling[11] escreveria, se os visse, serem uma nova tribo dos bandarlogue, da macacada sem juízo. Acho que minhas três velhas paineiras pensam como o autor de *Kim*...

O vaivém de gente a pé é contínuo. Passam o operário que vai e volta ao serviço, manchado de cal ou conduzindo um serrote; o abastado morador da proximidade, calçado, bem-vestido e de gravata, com galocha, capa de borracha e guarda-chuva, se preciso; o lavrador esfarrapado e magro, de enxada no ombro; os velhos carregando saco; os mendigos e aleijados, arrastando sua miséria; as mulheres, tangendo ou carregando os filhos miúdos.

Passam os malucos e os bêbados. Entre os bêbados há um que diverte a paisagem. Um dos altos choupos sussurrantes que ladeiam o portão do retiro, sempre que o avista, diz baixinho ao outro:

— Aqui é como em Portugal, nossa terra natal: Há, constantemente, uns sujeitos que só andam em zigue-zague na estrada.

Serapião, bêbado profissional, não faz zigue-zague mas dança num pé só e brande um cacete curto, cantando monotonamente:

Sou marmiteiro!
Sou marmiteiro!

---

[8] Récova (récua, recovagem, recova): s.f. Carga ou serviço de recoveiro. Empresa encarregada do transporte de mercadoria ou bagagem.

[9] Guizeira: Guizo

[10] Pileca: s.f. (popular) Cavalgadura ordinária e escanzelada. Escanzelado: adj. Magro como cão faminto.

[11] No final vide apêndice 2

Contra o brigadeiro!
Contra o brigadeiro!

Não sai disso, o coitado. Graças-a-deus é esse o único eco da política que se ouve naquela estrada. Nem seria admissível outro diante daquele lago de prata encastoado na moldura verde das serras mineiras. As paineiras nacionais, seguidas de todos os cedros, palmeiras, araucárias, jacarandás, caobás, eucaliptos, mulungus e demais espécies vegetais protestariam contra a indigna profanação. Talvez se calassem só meus dois choupos por serem portugueses e obrigados à discrição em terra alheia...

Todavia, há umas semanas a estrada se animou ainda mais que de costume. Motocicletas fonfonantes[12] correndo acima e abaixo. Camiões carregados de homens dando vivas. Mós de roceiros mal enfarpelados, levando os sapatos pendurados nas mãos pros calçarem na cidade. E, ao longe, o esganiçar infernal dos alto-falantes e o espocar de foguete, alguns de assobio. Fui ao portão, chamei um transeunte conhecido e indaguei sobre o que havia. A resposta fulminante:

— Eleição municipal.

Olhei, desolado, minhas três velhas paineiras hieráticas e solenes. Me fitaram, uma após outra, com leve sorriso verde de zombaria. Sei que ficaram zangadas e que, por isso, neste ano, quase não florirão. É pena que a maldita política viera aborrecer minhas paineiras, que vivem na beatífica contemplação ao rio de vida da estrada!

Na noite a estrada adormece no silêncio enluarado ou estrelado mas, de vez em quando, sua vida volta a palpitar na voz dum caminhante que passa cantando ou tocando violão, na conversa dum grupo que se recolhe às casas ou no passo ritmado dum cavalo de viajante solitário. Depois, mesmo que se apure o ouvido, só se escuta o ciciar dos insetos e o foi-não-foi dos sapos. É a hora em que os bois se deitam, bem no meio da estrada, pra ruminar, pensar e ver coisas que não vemos.

Se a estrada tem sua música, também tem sua glória, que quem lhe dá é a cavalaria, que por ela desfila dia e noite. As paineiras apreciam meus puros-sangues Honey e Juriti pela beleza das linhas mas, demasiado nacionalistas, criticam seu trote inglês e as selas francesas. Se derretem de prazer quando avistam um cavalo da terra com arreio tradicional: Lombilho alto, peitoral enfeitado, cabeçadas de fivelões, rédeas de trança, alforjes, estribos de pau guarnecidos de couro; montado por um cavaleiro espigado, hirto, de bota curta, calça larga, esporão de ferro, chapelão desabado e soqueixado.[13] Vultos assim perfilam, rígidos, na longa perspectiva da estrada, a lá e a cá, ora claros e mais rápidos sob a luminosa quentura solar, ora escuros e lentos, envoltos nos vastos capotões plúmbeos que cobrem as ancas da montaria lhes dando ar solene e misterioso. Essa cavalaria rusticana mostra, nos trajes e arreios, sua condição de fortuna, na magrém[14] ou nas ancas roliças dos animais, o trato que lhes sabe dar, e revela, afinal, nos pormenores de sua presença, ao bom observador, uma porção de facetas de sua intimidade. Em geral, o cavaleiro passa isolado ou acompanhado por amigo, vizinho ou compadre. Os pares de cavaleiros são comuns. Mais raros os grupos. Ainda mais raros os bandos. Um bando, quase sempre, indica um casamento que se vem fazer na cidade ou que volta à roça, já feito. Na vinda, não se sabe bem, entre as mulheres, qual é a noiva, pois seu vestido nupcial foi mandado a uma casa

[12] Fonfonante (da onomatopéia *fonfom*, som de buzina, tal como *bibi*): Buzinante
[13] Soqueixar: Ligar, prender ao queixo
[14] Magrém: s.f. Magreza. No estado da Bahia, nome que os sertanejos dão à estação da seca.

amiga, onde o envergará e o despirá após a cerimônia. Apesar disso, na volta, a noiva vai à frente do cortejo ao lado do noivo e é fácil a conhecer, sobretudo pelo acanhamento. As velhas paineiras, segundo conversam, gostam muito de ver esses casamentos a cavalo. Desde que suas folhas brotaram ali, na beira da estrada, há meio século que assistem.

As roceiras a cavalo são um número digno de nota pela ingenuidade. Na maioria continuam a montar de silhão, como é hábito tradicional sertanejo. Se sentam, também, de lado em selas de homem, a perna esquerda passada no cabeçote do lombilho e a longa saia cobrindo tudo. Mas o modernismo já invade o interior e é menos raro do que se pensa ver as matutas em calça masculina, escanchadas no lombo dos machos ou das éguas. Minhas paineiras, que são muito reacionárias, embirram com isso. Dão muxoxo, se cutucam bracejando, dizendo:

— Olhes, mana, a sirigaita!

Noutro dia, vindo um grupo de mulheres do Embirizal, montadas como homem, a mais alta e mais velha das três paineiras quis se persignar, assombrada. Disso resultou quebrar o braço e lá veio o galho do alto, com estardalhaço, espantando os cavalos das moças, uma das quais foi ao chão, graças-a-deus sem gravidade, e quebrando cinco telhas romanas das que protegem o comprido muro do retiro. Ora, positivamente, isso é coisa que uma paineira bem-educada não faz. Ando, porém, desconfiado por essas e outras atitudes, de que minhas paineiras são, como hoje se diz, nazistas, fascistas ou totalitárias. Creio, até mesmo, criminosas de guerra.

Essa convicção me vem do seguinte fato: Florescem lindamente em janeiro. Ficam cobertas com um manto cor-de-rosa, que atrai miríade de inseto e bando de pássaro. Depois surgem os pesados frutos que contêm a utilíssima paina e que só mais tarde se abrirão pra soltar. É, justamente, na época da frutificação que a cidade próxima se enche de veranista, na maioria procedente do Rio de Janeiro. Então a vida da estrada se decuplica. Incessante o vaivém de charrete, conduzindo aos passeios em volta do Lago ou da mata anciãos e matronas, senhores e senhoras, rapazes e moças, aias e crianças. A todo instante passam a pé, a bicicleta ou a cavalo os hóspedes dos hotéis. E, ainda, outros se espalham, pescando na margem do lago ou vogando sobre a água em bote de aluguel.

As três velhas paineiras contemplam, todo esse movimento desusado, de má catadura. Creio que é, então, que lhes crescem, nos troncos, pontiagudos e perversos espinhos. Aquele mulheril solto, de calça ou de chorte, rindo, parolando e se divertindo, aquela rapaziada fútil e bulhenta, aquela meninada sem inocência e sem educação lhes danificam os nervos. E o resultado não se faz esperar. De vez em quando um dos frutos pesados, ainda verde, cai, certeiro, na cabeça duma doidivana ou dum estabanado. Então, sobre certos casais suspeitos há, às vezes, quase um bombardeio. Até galhos se partem e desabam com fragor. Já contei, nos últimos anos, mais de meia dúzia de cabeças quebradas e já disse às três paineiras, com o dedo espetado, numa noite em que espalharam, a galhada, com o vento, uma serenata:

— Acabareis no machado!

Nem me deram a honra duma resposta.

O amor ignorado

velho médico conversava na varanda do retiro depois de longa e disputadíssima partida de xadrez, terminada por notável empate. Tomara uma xícara de café e, na borda do pires, deitava, de vez em quando, a cinza do cigarro goiano. A noite estava deslumbrante. O lago, sob o luar, parecia uma placa de prata polida, com as raras manchas escuras das ilhas boiando aqui e ali. Ao sopro ligeiro da brisa, a folhagem dos choupos esguios, ladeando o portão da chácara, se agitava como borboletas luminosas. Mais longe, uma imbaúba enorme refulgia sob a carícia lunar, cuja luz derramada no chão, em largas manchas ou pequeninas nódoas, era tão doce e misteriosa que, se tivéssemos de sair de casa, andaríamos devagarinho e maciamente, com receio de pisar aquela pura claridade.

Senti que um embevecimento propício a expansão e confidência tomava o velho médico ao contemplar aquela branca iluminação difusa da natureza. Por isso o provoquei de chofre:

— Noite linda pra amar, doutor. Não é verdade? Deve te lembrar muita coisa, como a mim...

Sorriu lentamente e:

— Infelizmente o luar só me lembra uma história muito triste. Muito triste, mesmo...

— Como assim?

— Te contarei.

Acendeu outro cigarro. Guardou silêncio algum instante como recolhendo pensamentos esparsos, flutuando a deriva no imenso mar da memória, e continuou:

— Sabes que me casei logo depois de formado e que, desde interno na Santa Casa do Rio, comecei a escrever nos jornais. Aos 28 anos de idade eu tinha uma clínica invejável, dois filhos e três livros publicados com êxito. De vez em quando fazia uma comunicação de estrondo à academia de medicina.

Fez uma pausa, tossiu, reacendeu o cigarro e disse, em tom mais baixo:

— Falo dessas coisas sem vaidade, somente pra chegar logicamente à conseqüência do caso que exporei... Meu nome, pois, a três por dois, saía nos jornais e minhas fotografias, em todas as atitudes, nas revistas. Eu era, como sabes, um rapagão a cujos másculos atrativos as mulheres não ficavam indiferentes... Pois bem, certa vez fui a uma das grandes cidades do interior de São Paulo pra conferenciar a convite duma sociedade literária local. As realizei no belo teatro municipal da terra. Na primeira tive algum êxito. Na segunda, o triunfo foi retumbante.

O velho médico atirou ao luar, num gesto nervoso, a ponta do goiano, passou a mão emagrecida no abundante cabelo branco e, com um suspiro:

— Terminada a conferência, várias pessoas importantes da cidade fizeram questão de me acompanhar até o hotel onde me hospedara. Entre elas um fazendeiro do arredor, que me disseram ser o homem mais rico do município, que trazia embaixo do braço um embrulho que me parecia um álbum ou um livro. Logo pensei que me pediria um autógrafo e esse pensamento se firmou quando todos se despediram e

solicitou permissão pra subir a meu quarto comigo. Ali desembrulhou, calmamente, o objeto. Era um grande álbum encadernado em couro azul, com iniciais douradas na capa. O pôs sobre a mesa e me disse:

— Doutor, faças o favor de ver o que contém.

O fitei. Seu olhar era triste. Me pus a folhear as páginas e meu espanto crescia a cada uma em que se detinham meus olhos. Todos meus retratos estampados na imprensa, todas as notícias a meu respeito dadas pelos jornais, toda referência, ilustrada ou não, a trabalho meu, todos meus artigos de colaboração e todas as críticas a minhas obras ali se encontravam, colados e assinalados como o título do periódico e a data da publicação. Nem eu próprio, se me esmerasse em documentar daquela maneira minha vida, poderia realizar obra tão minuciosa e perfeita.

Me voltei, com espanto, ao fazendeiro, que se mantivera em pé e pousava em mim os olhos melancólicos.

— Quem fez isso?

O paulista replicou com um sorriso indefinidamente triste:

— O amor.

— Como? Me expliques! Que amor? — Indaguei, ansioso.

Se sentou, calmamente enrolou um cigarro e, tirando do bolso interno do casaco uma fotografia, a entregou a mim. A tomei e olhei. Era o retrato duma moça linda como o amor, de olhar inteligente, parecidíssima com essa atriz do cinema ianque que, vez ou outra, tenho visto: Hedy Lamarr.[15] Perguntei ao fazendeiro:

— Quem é essa bela moça? Não a conheço! Nunca a vi!

— Sei disso. Sei disso. Era minha única filha, Beatriz. Foi educada na Europa, num colégio de freira. Ao chegar ao Brasil estavas no apogeu do triunfo médico e literário. Se apaixonou por teus retratos, pois nunca te viu pessoalmente, e começou a colecionar tudo quanto te dizia respeito, com o carinho que viste. Quando a mãe percebeu e me contou o que se passava, a paixão já se enraizara. Fizemos tudo prà distrair, lhe arranjar um casamento, lhe dar vida feliz e nada conseguimos. Um dia, por uma notícia de jornal, soube que eras casado e tinhas filho. Então, sem queixa, sem lágrima, entrou a um convento, onde finou poucos anos depois...

O fazendeiro limpou uma lágrima teimosa no canto do cilho e acrescentou:

— A mãe morreu de saudade. Fiquei reduzido a este trapo velho que vês. Foste a causa involuntária de nossa infelicidade. Não te quero mal por isso. A culpa é da fatalidade.

Se levantou, tomou o chapéu e terminou:

— Te desejo boa noite. Fiques com o álbum. Antes de se entregar às mãos de Deus minha filha me disse que, se um dia eu te conhecesse, te entregasse esta prova do quanto ignoradamente te quis uma pessoa que foi morrer aos pés de Jesus, orando por tua felicidade e tua salvação.[16]

Cumprimentou e saiu dignamente. Abri a janela do quarto pra entrar ar fresco, pois abafava, mas entrou um luar como este de hoje e, não sei por que, comecei a chorar. Fiquei viúvo bastante moço, com 38 anos incompletos. Não tive coragem de me casar outra vez. Logo que encaminhei os filhos deixei o Rio de Janeiro, abandonei a luta pra celebridade, me meti a esta brenha e cifrei toda minha vida no obscuro destino de médico de aldeia...

---

[15] No final vide apêndice 3

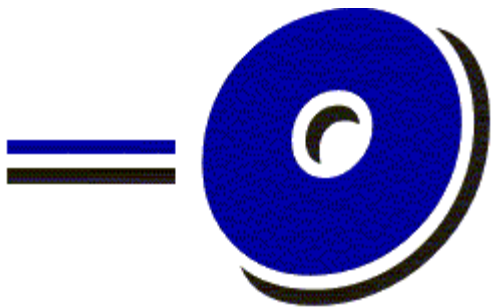
[16] A personagem é linda como Hedy Lamarr mas não tão inteligente

— E estás satisfeito com essa renúncia?

O velho médico replicou, sem hesitação:

— Absolutamente. Então o sacrifício que aquela linda moça fez, de toda sua vida, não merece o sacrifício, por mim, dum terço da minha?

Não soube responder. E ambos, em silêncio, nos embebemos na luminosa magia do luar.

O burro preto

lhes, seu doutor, o burro preto daquela história que, noutro dia, te contei, vem dali!

Largando no chão a ponta da trena com que me ajudava a medir a testada do retiro sobre a estrada, Chico pronunciou essas palavras e ficou com o dedo apontado ao lugar onde o caminho do Embirizal desembocava sobre o lago.

Olhei. Vinham três burros carregados de barrica, um deles preto e maior que os outros, tangidos por um menino que fazia estalar, de vez em quando, o longo chicote de relho.

Num relance me passou no espírito a história que o peão me contara durante uma viagem que fizéramos, havia uma semana, ao velho arraial de Coqueiros:

— Aqui perto, — me dissera na ocasião — perto da capela, há um burro preto que quer ver o Diabo e não me quer ver. Basta dar com os olhos em mim pra meter os pés e correr como assombrado. Nunca se viu coisa assim. Todos se admiram. Contudo, há mais de dez anos lhe dei uma surra. Mas que surra!, seu doutor...

— Como foi isso?

Chico Pião acertou o lenço vermelho no pescoço brunido de sol e se ajeitou na sela, emparelhando o cavalo ao meu:

— Chi!, seu doutor. És capaz de não acreditar! Esse burro estava sendo amansado por finado Lucas e não havia quem se agüentasse no lombo. Quando não podia desmontar o cavaleiro com pulo e corcovo, caía ao chão com toda força e expulsava o sujeito. Resolvi o domar de qualquer maneira e houve aposta na cidade a mais de 500 mil réis, umas a meu favor, outras contra. Montei no bicho na tarde, naquele terreno vazio do velho André. Eta, burro desgraçado! Empinou, deu de upa, corcoveou, refugou, saltou a trás, fez o diabo, e eu, grudado no lombilho, esporando e a tacando. Afinal, pá! caiu à frente, de fuça no chão. Abri bem as pernas e, num instante, quando se refirmou nos quatro pés, eu estava, de novo, escanchado no arreio. O bicho espumava no freio e, esticando o pescoço, disparou como uma bala no caminho a Nova Baden. Eu em cima. Tome espora e tome pau! Até Nova Baden agüentou a carreira. Parecia uma locomotiva a toda. Dali à ponte do Itaici passou ao galope, fungando de cansado, sempre embaixo de pau. O Sol se pôs e eu voltei, montado no burro, à cidade, já noite. Vinha lanhado de espora, com o pêlo batido de pancada e manso como ovelha. Lhe tirei a fama duma vez por todas. Então qualquer menino montava nele e acabou na carga.

Tornou a consertar o lenço no pescoço e a se ajeitar nos loros. Depois:

— Pois, desde então, o burro danado, quando me avista, bufa de medo, mete os pés e larga a correr com verdadeiro pavor.

Me lembrei do que contou Daudet, nas deliciosas páginas do conto *A mula do papa*, sobre a prodigiosa memória asinina. Mas confesso que não acreditei na história. Que Chico era o melhor peão da redondeza, mesmo o melhor peão que já conheci, não duvidava, sobretudo como domador de burro xucro. Então, a crer que um burro, no qual somente uma vez montara, se lembrasse da sova apanhada havia mais de cinco anos, ia grande distância. Aceitei o caso como uma dessas pabulagens comuns entre os

ensinadores de cavalo e os caçadores da roça.

Agora, na tarde calma, diante do lago onde boiavam as primeiras tonalidades arroxeadas do crepúsculo, saudadas pelo cacarejo dos frangos-dágua e das jaçanãs, a voz do peão me despertava a lembrança do que me contara e seu gesto me apontava o famoso burro preto. Com a trena enrolada na mão me voltei à pequena tropa que se aproximava, rápida, sob o estalar do relho. Chico ficara imóvel, rente ao muro do sítio.

De repente o burro preto, com toda certeza, o avistou, porque bufou com estrondo, meteu os pés e saltou como um gato, de lado, da estrada ao mato ralo que a bordava. Com quatro pinotes, escoiceando, atirou fora as barricas que levava nas costas e largou em desabalada carreira, rompendo galhada e arbusto, saindo uns 200m adiante, no leito da rodovia e nela continuando a disparada até se perder, longe, na primeira sombra da noite que caía.

Chico ria a bandeira despregada, enquanto o menino que guiava a tropa largava os dois muares calmos e chouteava[17] estrada afora, a fim de apanhar, mais adiante, o espantado animal. Se voltando a mim, o peão disse, acabando de rir:

— Entremos, doutor. O resto mediremos amanhã na manhã. Está escurecendo e já não se enxergam os números da trena. Ademais, se eu ficar na beira da estrada, o pobre rapazote não conseguirá trazer o burro preto pra apanhar as barricas. O desgraçado não pode me ver depois daquela surra.

Nos recolhemos e fiquei matutando sobre a memória daquele burro. Quanta gente terá inveja dela?...

[17] Choutear: O lacaio acompanhar o senhor em cavalo choutador

O cão do mendigo

uando, em primeira vez, vi aquele mendigo, acompanhado por um cão tão magro e sujo quanto ele, me pareceu estar diante daquelas figuras dos contos de Hoffmann,[18] que se destacam das pinturas murais, tomam vida e começam a se mover no meio da gente. Também me pareceu que já tinha, em qualquer parte, em minha peregrinação no mundo, visto aquele ancião esgrouviado, com a roupa em molambo, coberto com um velho e esburacado chapéu de cor indefinível, magro, barbudo e triste, sempre seguido daquele cão, tão triste quanto ele, de cauda pendida ao chão entre as pernas traseiras, de olhar baixo e medroso, que não latia e se colava ao dono como se fosse a única pessoa existente no mundo.

Sim, eu devia ter visto aquele grupo desalentado nalguma parte. Mas onde, quando, como? Fazia esforço pra me lembrar, sempre que o avistava, até que, um dia, me deu o estalo na cabeça: Não. Nunca os vira, lera a descrição de dois entes assim, de dois míseros abandonados, e essa descrição era tão perfeita que se fixara em minha retentiva de tal modo que me dava aquela impressão viva. O mendigo e o cão reproduziam, com fidelidade indescritível, o velho Esmite e Azor, pintados por Dostoiévisque,[19] com singular mestria, nas primeiras páginas de *Humilhados e ofendidos*. Aliás, aqueles dois entes não passavam de dois humilhados e ofendidos.

— Como se chama teu cachorro? — Perguntei ao velho, certo dia, ao lhe dar uma esmola.

O ancião levantou, a mim, os olhos mais encanecidos que seu cabelo empastado de suor e poeira, me fitou, um instante, com profunda melancolia, como se dentro remexesse os folhiços de recordação, e me respondeu com voz trôpega como suas pernas:

— Seu nome é Azor.

— Como? — Indaguei, espantado.

— Azor. — Repetiu o velho. E o cão, ouvindo seu nome pronunciado pelo dono, a ele ergueu o focinho, que sempre conservara rasteiro, nele pousou seus olhos estranhamente humanos e, ligeiramente, abanou a cauda esfiapada e pendida ao chão. Não me cabia de assombro. Seria possível? Teria eu perdido o senso comum? Estaria diante duma alucinação? Que impressionante coincidência! O cão com o mesmo nome do de Esmite de Dostoiévisque! O velho, em tudo, tão parecido com Esmite! Hoffmann estaria com a razão? Porventura as figuras criadas na estatuária, na tela, na ficção dos escritores têm o estranho poder ou a estranha faculdade de se materializar e correr no mundo?

Reagi contra meu mundo interior, num processo interrogatório, destinado a me libertar do ascendente da obsessão em começo.

— Foste, mesmo, quem deu este nome a teu cachorro?

— Não, senhor, tornou o velho.

— Então, quem foi?

Não respondeu. Baixou mais a cabeça entre os ombros que se curvavam à terra que

[18] No final vide apêndice 4

[19] No final vide apêndice 5

nos espera sem remissão. E foi andando. O cão o seguiu rente a suas pernas trôpegas, focinho e cauda pendendo, também, à mesma terra, quase a tocando.

Resolvi aclarar o mistério daquelas duas figuras bizarras. Onde morava aquele velho com seu cão? Como vivia? Donde vinha? Aonde ia? Meus vizinhos, os moradores da redondeza, a gente da cidadela próxima, ninguém me sabia dar informação. O mais que consegui obter foi que ambos, fazia um ano, apareceram na localidade. Me Pus a campo como detetive numa pista policial. O velho não morava nalguma parte. Quando ficava sentado, esmolando nas horas de missa, na escadaria da matriz, o cão dormia a seu lado. Quando se agasalhava, na noite, num vão de porta, o cão não dormia. Ficava sentado, de olhos fitos na noite, atenta e incorruptível sentinela.

Quantas vezes, na meia-noite, vindo do cinema, atravessei a cidadela adormecida e silenciosa, quase sempre mergulhada na fria neblina da serra, e deparei o mendigo, enrolado em velho saco de estopa, dormindo com o surrado chapéu enterrado até os olhos na soleira do portão duma cocheira. Naquele abandono noturno, naquela penumbra da escassa iluminação urbana, os dois vultos miseráveis se esbatiam como se fossem os duma antiga gravura a água-forte. Eu passava devagar e os olhos do cão acompanhavam todo meu movimento. Não latia. Nunca o ouvi latir a pessoa nem a outro cão. A qualquer aproximação dum cavalo, duma carroça, duma rês ou dum transeunte suspeito, se limitava a bater com a cabeça nas pernas do dono, o avisando ou o acordando. Não sei o que tinha aquele cachorro, que irradiação desprendia, que respeito infundia a imutável humildade de sua atitude. O certo é que os outros cães, os mais vadios, os mais briguentos, os mais ferozes, nem o cheiravam, nem o atacavam, nem mesmo dele se aproximavam. Era como se não o vissem, se não se dessem conta de sua presença silenciosa.

Procurei fazer amizade com o velho e com o cão. Sempre dava esmola e tentava o fazer falar, porém só me respondia com monossílabo. Se passava pela porta do retiro, o chamava, mandava lhe dar frutas ou um prato de comida. Me agradecia humildemente. Eu mesmo servia o pobre animal. Lhe dava, na mão, pedaço de carne, osso de galinha, casca de queijo. Comia, sem me fazer festa. Somente um olhar humano pousava em mim, a princípio com desconfiança, depois, no correr do tempo, com um lume de gratidão. Um dia, disse ao mendigo:

— Meu velho, como é mesmo seu nome?...

Não respondeu. Continuei:

— Meu velho, atrás de minhas cocheiras tenho um bom quarto que serve de depósito de forragem. Se quiseres darei ordem a meu caseiro pra morares lá. Mandarei pôr uma cama patente[20] e um colchão. Queres?

— Muito obrigado! Deus te pague, meu caro senhor! Muito obrigado!

E foi embora, sem me dizer sim ou não.

Prossegui em meu propósito. Ao vir do cinema, entrava num botequim, comprava

[20] A cama patente, de 1915, se tornou um marco na história do desenho do mobiliário brasileiro. Foi projetada por Celso Martínez Carrera (1883-1955), espanhol da Galícia, que emigrara ao Brasil em 1906 e trabalhara na marcenaria da Companhia Estrada de Ferro Araraquara, antes de abrir sua própria oficina. Construída com madeira torneada, sua forma muito simples, linhas puras e leves. Composta dum conjunto básico de três partes: Cabeceira, suporte pro pé e estrado, primando por conceito funcional e eficiente, o que permitiu sua industrialização a preço populare. (extraído de Wikipédia)

um sanduíche de carne e um pão. Ao passar pelo mendigo agasalhado na porta da cocheira, deixava o embrulho com o sanduíche e uns níqueis junto dele pra sua refeição matinal, e dava o pão a Azor, que o mastigava lentamente. Assim se passaram muitas semanas sem que eu conseguisse satisfazer minha curiosidade acerca dos dois entes misteriosos, acicatado por minha intuição de que na vida anterior daquele velho havia um mistério. Na verdade, me convenci, indecifrável.

Ora, uma noite, eu dormia a sono solto, embalado pelo cicio dos insetos e pela cantilena da saparia no lago fronteiro ao retiro, quando, de súbito, despertei com um rumor estranho. Um animal qualquer arranhava a porta da casa e, de vez em quando, batia com força. Me levantei, acendi a luz e escutei. O rumor aumentou. Peguei uma arma e abri o batente, depois de calcar o comutador que acendia as lâmpadas da varanda. Diante de mim estava o cão, parado, em atitude humilde, com um olhar que parecia querer me dizer algo.

— Entres!

Continuou imóvel. Fui à cozinha, apanhei um resto de comida num prato, trouxe e lhe ofereci. Nem olhou o alimento. Suas pupilas continuaram cravadas em meu rosto. Depois, deu meia volta e, virando a cabeça a trás, como me induzia a o seguir.

Como chegara a minha casa se os portões do retiro estavam fechados a chave e o muro era alto, impossível de ser escalado por um animal de seu tamanho? Refleti. Só havia uma passagem. Na encosta do morro, no fundo da chácara, não existia muro, mas uma cerca de arame farpado, embastida[21] com faxina, cardo, espinheiro e lasca de bambu. Decerto o pobre bicho procurara uma brecha e a encontrara. Mas que dificuldade tivera que vencer!

Me calcei, enfiei uma calça, me embrulhei num capote e saí atrás de Azor. Transposto o portão, o animal apressou o passo em minha frente, me obrigando a o acompanhar o mais depressa possível, quase correndo. O céu estava polvilhado de estrela e a noite se estendia sobre a paisagem fria e clara. Demos a volta do morro que beirava o lago e entramos na primeira rua da cidadela endurecida em sono de pedra. De longe, avistei o vulto do mendigo, encolhido no vão da larga porta. Cheguei a seu pé. Parecia adormecido. Lhe tomei a mão. Era de gelo. A soltei. O braço caiu pesado e duro. O apalpei através dos sórdidos farrapos. Estava morto!

O cão se sentou ao lado dele. Corri até a casa do médico, o acordei e pedi pra ver o infeliz. Talvez me tivesse enganado. No mesmo passo, fui chamar o delegado de polícia. Ao amanhecer, o cadáver foi ao necrotério, acompanhado por Azor, silencioso e ainda mais triste. Também o acompanhei pra que ninguém enxotasse ou maltratasse o pobre bicho, que não me deixava um instante, colado em minhas pernas e cabisbaixo como seguia o outro. Se fez o enterro humilde num carneiro[22] que adquiri. Azor acompanhou o féretro comigo. Estava certo de que ficaria no cemitério pra morrer ao lado da sepultura do amo. Não. Quando voltei a casa, veio comigo e se deitou num canto do alpendre. Passou em minha companhia uns quinze dias, se tanto, quase sem comer e nunca entrou até casa, por mais que o chamasse. Em minhas idas e vindas no sítio, me seguia a respeitosa distância e, enquanto eu me ocupava de jardinagem, ficava, de longe, me olhando fito e atento. Se eu saía a cavalo ou a pé, na manhã e na tarde, vinha somente até o portão. Não punha os pés fora do retiro. Na noite também não ia comigo. Todavia, quando eu voltava do cinema tinha a certeza de o encontrar

[21] Embastir, embastecer: v.t. Tornar basto, grosso, espesso

[22] Carneiro (Bahia): Terreno que fica descoberto quando, após enchente, o rio volta ao leito habitual

sentado, na mesma atitude de sentinela, na soleira do portão onde o amo exalara, sozinho com Deus, seu último suspiro amargurado. Então vinha comigo até casa e lá se deitava, solitário e triste, em seu cantinho do alpendre. Misterioso animal!

Numa noite de luar maravilhoso, em que o lago, as serras e os caminhos pareciam embebidos numa neblina de prata, estava eu, em minha rede, fumando, embevecido diante da branca luminosidade noturna, quando Azor se levantou e começou a farejar o espaço. Depois saiu da alpendrada, desceu os degraus de pedra que levavam ao portão e tentou abrir, com as patas, gemendo. Me levantei, desci, também, e abri a grade. O cão pulou à estrada, festejando com a cauda alguém que eu não via, porque não se avistava vulto na vasta claridade lunar. Enfim, sem olhara mim, que ali fiquei, estarrecido, começou a andar rumo à mata próxima, de focinho e rabo pendidos, cheirando o chão, lentamente, tal qual costumava acompanhar o velho mendigo, como se este caminhasse invisível em sua frente. E se foi, se perdendo ao longe. Nunca mais o vi!

Diz meu caseiro, a quem contei, no dia seguinte, o estranho fato, que a alma do velho o veio buscar.

Devo acreditar nisso?

A cruz do lago

Colhi as rédeas e o tordilho parou junto aos caniços do lago, no qual se refletia a paisagem amarelada pelo inverno. Ao longe, na superfície azul da água tranqüila, se alongavam as esteiras dos patinhos selvagens. Um mergulho de lontra espantada pela proximidade dos cavalos abalou os densos caetés da margem. João Raimundo também detivera seu alazão, que começou, forçando as rédeas, a comer o capim-gordura da ribanceira, já apendoado de cachos lilases.

Em nossa frente, na fímbria do barranco, fincada no chão, uma cruz de madeira. Sobre pequena banqueta apoiada nela, duas ou três imagens de santo descoradas pelo sol e pela chuva, tocos de vela, um vaso de barro com flor. Indaguei, a meu companheiro, o significado daquilo. Me respondeu, pausadamente:

— É a memória duma grande desgraça.

Depois, ante meu olhar inquiridor e curioso, continuou, deixando as rédeas lassas sobre o pescoço do animal e enrolando infindavelmente um cigarro de palha:

— Foi no dia 5 de abril de 1912. me lembro bem. Faz mais de trinta anos, não é verdade? O cassino do Werneck, que estás vendo quase em ruína, ainda funcionava. Me recordo de tudo, porque justamente às 5 horas da tarde, quando aconteceu, me chamaram em casa pra acudir minha cunhada Isabel, que entrava em agonia e morreu, coitada!, mal acabei de entrar no quarto. Nossas casas, no entanto, ficavam uma diante da outra, no primeiro quarteirão da antiga rua dos Italianos.

Tossiu e continuou:

— Meu filho mais velho, Alfredo, chegava à casa da finada Isabel ao mesmo tempo que eu com a notícia de ter Zé Canela se enforcado numa árvore daquela grota do caminho a Vila Nova, onde puseram uma cruz pintada de azul. Não sabes?

— Sim, sei. É uma árvore bem retorcida e feia.

— Isso mesmo. Pobre Zé Canela! Rapaz de família. Se meteu com uma sujeita de Vila Nova, se apaixonou e, quando ela o abandonou, fugindo com um cabo de polícia, fez essa tolice. Imagines que era até mulata. Nunca lhe achei graça. Muito enxerida, isso sim. Escutes: Uma vez...

— Bem, João Raimundo, mas qual foi a grande desgraça que esta cruz e este altarzinho lembram?

— Olhes, ali, em cima do morro! Vês aquele casebre branco de janelas encarnadas, no meio das bananeiras?

— Sim.

— Pois é a casa da mãe deles, dos dois rapazes que morreram aqui, às 5h da tarde de 5 de abril de 1912. Ela ainda vive, a pobre velha Casimira, com mais de oitenta anos, e é quem põe flor e vela junto à cruz e a manda pintar todo ano. Conheci a ambos, Estêvão e Elesbão. Bons meninos. Eram gêmeos e muito amigos. Ver um era ver o outro. Tão parecidos, meu-deus! Estêvão trabalhava no cassino, Elesbão na fábrica de garrafa. Nesse dia Estêvão estava de folga e foi pescar lambari na beira do lago, desde cedo. Ao entardecer resolveu verificar se havia traíra nos anzóis de espera. Se meteu nágua e começou a nadar. Não sei o que lhe deu pra começar a gritar socorro. Aqui estava deserto. Um menino ouviu o grito, correu até a fábrica de garrafa

e avisou a Elesbão que Estêvão estava se afogando. O rapaz largou o serviço como louco, veio correndo, se atirou ao lago e foi salvar o irmão, que se agarrou a ele e, quando acorreu mais gente e trouxeram um barco, ambos desapareceram. Anoiteceu. Acenderam archote e nada, nada! A mãe, desesperada, chorava nos braços das vizinhas, forcejando, também, pra se lançar nágua. Avalie que o marido morrera, a deixando na mais extrema pobreza, que comera o pão-que-o-diabo-amassou, pra criar os rapazes e que, quando os mesmos se punham homens e começavam à ajudar, desabava sobre a infeliz essa horrível desgraça...

João Raimundo limpou, disfarçadamente, a umidade dos olhos com as costas dos dedos e prosseguiu:

— Na manhã cedo, Luiz Moreira, grande mergulhador, se jogou, de cabeça a baixo, nágua e descobriu os corpos. Estavam abraçados um ao outro e presos pela vegetação na lama do fundo. Lhes amarrou uma corda e os trouxe à superfície. Assim mesmo, agarrados, foram postos na cova, no cemitério, e fui eu quem fez esta cruz e esta banqueta prà velha Casimira. Coitada!

João Raimundo se calou como procurando algo no recesso de seu pensamento. Deu de ombro. Depois disse:

— Doutor, tu, que estudaste e sabes muito mais que eu, podes me explicar umas tantas coisas?

— Digas. Veremos se posso.

— Por que a velha Casimira, tão pobre e desgraçada, perdeu os dois filhos e continua a viver uma vida miserável, enquanto outros, sem alguma de suas virtudes, desfrutam a existência e nada os aflige?

— A resposta não pode ser dada do lado de cá da vida mas do lado de lá, na Eterna Justiça. — Respondi, tranqüilamente.

Meu amigo estendeu o braço ao outro lado do lago e falou:

— Vês aquele casebre cor-de-rosa atrás dos bambus das ilhas?

— Sim.

— É do coitado Aristides. No ano passado, nessa mesma data de 5 de abril, sua filhinha mais velha entornou a garrafa de querosene perto do fogo, incendiou a veste e morreu queimada. Coisa horrível! Neste ano, no mesmo dia 5 de abril, a filhinha mais moça, também não sei de que jeito, pegou fogo e a mãe, querendo acudir, se queimou tanto que ambas faleceram após sofrimento horroroso, na Santa Casa. Acabou a família de Aristides, homem bom, honesto, trabalhador, que nunca fez mal a alguém. Por que aconteceu isso?, doutor.

Fiquei em silêncio e apontei a João Raimundo a cruz de madeira que ele próprio fizera e fincara na beira do lago. Meu gesto lhe dizia que até o próprio Deus se viu obrigado à carregar sobre os ombros magoados...

A curiosa aventura de Thomas Spring

aquela manhã acabava de enfiar as botas e afivelar as esporas pra meu costumeiro passeio matutino a cavalo, quando um vulto de homem tapou a luz da porta da sala e disse, com voz estrangeirada, cujo acento me pareceu inglês ou ianque:

— Senhor doutor, dês licença!

— Pois não? Faças o favor de sentar. O que desejas? Estou a tuas ordens.

O visitante atirou o chapéu desbotado e machucado sobre a mesa e se sentou canhestramente numa das cadeiras de vime. Só então o pude observar a gosto. Comecei o exame pelos pés, grandes e metidos em sapatorras cor de poeira, acalcanhadas e rotas. A calça estreita e curta, do mesmo tom acinzentado e sujo, mostrava velhas meias cerzidas, de riscas outrora berrantes. Camisa esporte, de colarinho aberto, com uma gravata puída pendendo muito em baixo. Casaco pardusco, se esfiapando na costura e parecendo enchumaçado pela papelada amarfanhada, metida nos bolsos internos e externos. Quando meus olhos chegaram ao rosto viram uma face tostada de sol, vincada de ruga, com lábios finos e sorridentes, dominada pela linha nobremente reta do nariz e pelo estranho brilho das pupilas pequeninas, dum azul de aço novo.

Suportou meu rápido exame sem pestanejar e foi dizendo em língua meio travada:

— Sou americano do norte e me chamo Spring, Thomas Spring, de Óstin, Texas. Estou fazendo uma cura de água nesta cidade de Minas e ontem soube que estavas aqui, em teu retiro. Conhecedor de teus trabalhos sobre a história e as tradições do Brasil, decidi vir te incomodar com uma consulta, sobre a qual peço segredo. Queiras me desculpar e muito obrigado, desde já, por tua atenção.

Pus o homem à vontade com uma frase amável e o oferecimento dum uísque, que aceitou e provou com satisfeito estalo da língua. Depois falou, mais ou menos, assim:

Estive em Lisboa durante alguns anos e lá aprendi este mau português que falo. Como me interesse pela história das navegações lusas, freqüentei arquivos e livrarias, e, um dia, consultando, na biblioteca municipal, *Teatro genealógico*, de dom Tivisco de Nasao Zarco y Colona, na edição de Nápoles, de Novelo de Bonis, do ano de 1692, encontrei, dentro de suas páginas amareladas, um pedaço de pergaminho dobrado e gasto. O abri e vi que se tratava dum documento criptográfico em latim, escrito sem pontuação, ao avesso, divididas as letras em grupos de sete com o acréscimo doutras, que constituíam a chave...

Eu era todo ouvido e em meu rosto se pintaria grande curiosidade, pois o ianque se levantou, tomou, sem cerimônia, um bloco de papel e um lápis, em minha mesa de trabalho, e disse, tornando a se sentar, puxando a cadeira a mais perto de mim:

— Vejas o sistema... Escrevamos, por exemplo, — Barroso e Spring estavam juntos no retiro. Liguemos estas palavras e invertamos a ordem das letras... Dará justamente isto aqui: Oriteronsotnujmavatse gnirpseosorrab... Agora dividamos esta charada em grupos de sete letras com o acréscimo de letras-chave, duas, pra argumentar, uma no meio de cada grupo e outra no fim, se escolhendo, pra isso, as seis vogais, na ordem natural e podendo, na mesma, serem repetidas... Estás entendendo?...

Fiz que sim com a cabeça e ele rapidamente traçou no papel estas linhas:

Oriateroa
nsoetnuje
maviatsei
gnorpseo
osorurabu

— Imagines um documento longo, semi-apagado pelo tempo, em caligrafia antiga, numa língua morta e todo escrito assim. Levei ano e meio em tentativa pra decifrar, convencido de que se tratava de coisa muito importante. Queimei as pestanas pra encontrar a chave, que era dupla, tendo, além da intercalação binária das letras do alfabeto em ordem inversa, a intercalação de grupos de letras, sem significado, entre as do verdadeiro texto, segundo ordem numérica de caráter cabalístico, baseada na teoria dos Sephiroth...

Então o ianque me fitou com os olhos de aço e agüentei firme aquele olhar percuciente. Indagou:

— Conheces a cabala?

— Mais ou menos, segundo Franck.

Sorriu ligeiramente e eu, no auge da curiosidade despertada e esporeada como um cavalo de corrida, perguntei:

— Tens aí o documento?

— Á! Não. Está no Rio, com minha mulher.

— E o que dizia?

— É justamente sobre isso que vim te consultar como historiador. Me dês tua palavra de honra de que guardarás segredo e te contarei o que revelava o documento.

— Pois tens minha palavra de honra.

Então, depois de se levantar e dar uma volta na casa toda a ver se havia alguém, Thomas Spring baixou a voz:

— O documento indicava o local do sertão do rio São Francisco, onde foi oculto o tesouro do famoso Vira-Saia. Quero, justamente, saber dum homem probo, incapaz de me trair e conhecedor da história do Brasil, se existiu esse famoso Vira-Saia, quem foi e o que fez.

Me encolhi um pouco e dei balanço em minha memória. Aquele apelido não me era estranho. De repente me recordei e respondi:

— Se me não engano, houve um grupo de facínoras e ladrões de estrada, no sertão mineiro, com esse nome de Vira-Saia. Não me lembro a data nem outro pormenor. Mas, quando estiver no Rio de Janeiro, me procures e te fornecerei mais segura informação.

O ianque agradeceu e se despediu. Fiquei meditando em sua estranha história. Seria mentira? Não me parecia. Nem me pedira algo que o tornasse suspeito. Mas os dias foram passando, não o encontrei mais e, pouco a pouco, esqueci o episódio. No entanto, procurei me documentar sobre a existência de Vira-Saia, tendo encontrado algo interessante. Dois anos após aquela visita matutina ao retiro, o ianque surgiu, numa tarde, em meu escritório do Rio de janeiro, mais magro, mais esgrouviado, mais que nunca curtido de sol e com os bolsos da roupa ainda mais surrada enchumaçados de papel. Vinha acompanhado duma moça muito mais moça que ele, de botas fortes, vestido modesto, chapéu de feltro desabado, loura, nada feia e decidida.

— Minha mulher. — Disse, a apresentando, e continuou, antes que eu pudesse

dizer uma palavra: — Tua informação foi muito boa. Tomei ânimo e segui com esta boa companheira à região do São Francisco, indicada no documento. Cavamos na base dum morro, encontramos uma galeria feita por mãos humanas, com escoamento perfeito de água, e fomos ter a bastante profundidade, num ponto tapado por pesadíssimo bloco de pedra que só com explosivo poderá saltar. Viemos ao Rio arranjar um empréstimo, porque temos gasto tudo quanto tínhamos e, além de precisarmos de provisão, agora carecemos de dinamite.

O homem sorria e o brilho de seus olhos de aço como se adoçava na expressão sorridente da face. A mulher também sorria, abalando afirmativamente a cabeça. Eu não sabia o que dizer. Me ergui, fui a uma das estantes e apanhei as *Efemérides Mineiras*, de Xavier da Veiga. Abri o volume num lugar anteriormente marcado e dei a Spring pra ler. Se sentou, muito encostado à esposa, no sofá, e se puseram a repetir, em voz alta, o que o livro contava:

5 de julho de 1798. Relatando o completo e aplaudido êxito da expedição mandada em perseguição aos famigerados salteadores e facínoras denominados vira-saia, que infestavam o sertão do norte da capitania, o governador Bernardo José de Lorena, conde de Sarzedas, dirigiu o seguinte ofício ao Ministro dom Rodrigo de Souza Coutinho:

> Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor. Tenho o grande gosto de participar a Sua Majestade que, em observância da sua Real Ordem, que recebi por carta de V. Excelência, de 15 de julho de 1797, foram presos entre o Julgado de São Romão, nas margens do rio São Francisco, e a Serra de Santo Antônio de Itacambiraçu,[23] nesta capitania, todos os vira-saia, sem escapar um só e todos os que a voz pública naquele sertão afirmava serem de seu bando, sem perda de nossa parte que a do cabo de esquadra da 6ª Companhia do Regimento, Manuel Carlos, morto de sezão na diligência, ficando sua mulher, de muito poucos anos, com duas crianças ao desamparo. Pelo conhecimento que tenho da Real Clemência de Sua Majestade, lhe mandei conservar o soldo do marido. Um pedestre da Companhia da Intendência do Tijuco, afogado atravessando a cavalo o rio Congonhas, em seguimento ao réu vira-saia Romão Pereira Lima, e outro pedestre da Companhia do Contrato do Tijuco, ferido por um tiro numa perna, pelo mesmo réu. Dos criminosos muitos foram atirados e alguns feridos a chumbo, porém só um morreu, já no caminho a esta Capital, de doença. Devendo o Comandante da Expedição, o capitão do regimento, Manuel da Silva Brandão, prosseguir rio abaixo a entrar na câmara de jacobina a prender João Nunes Geraldo Pereira e sua mulher, dona Mariana de Jesus Mendonça, e a seu perverso bando, e tropa, contra quem não havia ali força, como eu

[23] Itacambira (Minas Gerais) - *Itá* significa *pedra.* Aqui *itá* significa *ferro*. *ita+acanga+bira*: *Osso de pedra levantado* (um instrumento de ferro: Tenaz, compasso, forquilha) [da página Toponímia galego-portuguesa e brasileira]. *Açu* significa *grande*. Atualmente, como corruptela, o termo vem sendo grafado Itacambiruçu.

> lhe tinha ordenado, teve a certeza da dispersão do dito bando com a morte daqueles cabeças, maridos e mulheres, como mostra a certidão de óbito inclusa: Por este motivo se recolheu com os presos a esta Capital, onde existem na cadeia pública, os quais mando, agora, devassar pelos ministros competentes servindo de corpo de delito os feitos e artigos da Representação que fizeram a Sua Majestade os povos do Sertão do rio São Francisco, se incorporando a eles os interrogatórios da Devassa dos mais crimes, que os réus tiverem cometido, ainda não incluídos na Representação, pra serem remetidos à Relação do Distrito, como pela carta de Vossa Excelência se me determina. Não é possível explicar os bens que rogam ao Céu a Sua Majestade os povos do sertão do rio de São Francisco desta capitania pelo horror de semelhante bando, pois além de serem contínuos os assassínios e desprezos da justiça e da lei de Sua Majestade, ninguém era senhor de seus bens, pois a cada instante eram notificados por aqueles chefes de facinorosos, pra lhes contribuírem com ouro, mantimento, cavalos, e aos que repugnavam o menos que sucedia era serem açoitados, flagelo de que agora se vêem livres, pela real clemência da mesma Senhora. Sofreu muito nesta diligência e merece louvor a tropa de Sua Majestade, pois, além da sezão maligna de que muitos soldados foram atacados e de que ainda padecem alguns, porém sem risco, e muitos foram obrigados a cortar o cabelo, tendo sido o mesmo comandante do número dos doentes, foram obrigados a largarem os cavalos, por não ser possível penetrar o sertão a cavalo, em seguimento aos criminosos... Vila Rica, 5 de julho de 1798. Deus guarde a Vossa Excelência Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor dom Rodrigo de Souza Coutinho. — Bernardo José de Lorena.

Acabada a fastidiosa leitura do documento em que o governador de Minas Gerais, no tempo de dona Maria I, respondia à ordem que lhe fora dada e também aos de São Paulo, Bahia e Goiás contra os famigerados vira-saia, em 15 de julho de 1797, quase um ano antes, Thomas Spring e sua mulher levantaram os olhos a mim e ficaram algum tempo em silêncio. Fui eu quem o rompeu:

— E, então?

— Estás vendo, senhor doutor, que não inventei a história que trouxe a teu conhecimento. Decerto o documento que encontrei em Lisboa foi escrito por algum dos chefes desses bandidos que salteavam o sertão e roubavam os comboios das minas de ouro de Goiás, levado de Vila Rica à prisão do Limoeiro, na capital da metrópole. Não é verdade?

— É plausível.

O homem se calou, pensativo. A mulher o cutucou levemente. Ele se abriu:

— Quero ser franco contigo, que és a única pessoa a saber de nosso segredo. O

documento revela o lugar onde estivemos, fazendo a escavação, a serra de Itacambiraçu. Gastei nisso nosso último recurso. Estamos sem vintém. Queres te associar conosco, nos emprestando uns vinte contos pra voltarmos ao trabalho? Combinaremos a parte que te deva caber no achado do tesouro. Poderemos fazer um contrato por escrito.

— Não, meu amigo. Infelizmente não tenho posse pra me meter nessa aventura.

A mulher abaixou a cabeça, com tristeza. Ele sorriu e, sem desalento, acrescentou:

— *Well*! Bateremos noutra porta. É o Diabo. Tenho certeza de que o tesouro da rapinagem está lá atrás daquela pedra! Mas não insisto.

Ambos se despediram e nunca mais tive noticia de Thomas Spring. Terá achado o tesouro dos vira-saia, aniquilados por Bernardo José de Lorena, conde de Sarzedas?

O filósofo do Embirizal

Embirizal. Meia dúzia de casas seculares, com o reboco chagado e a taipa aparecendo, aninhadas numa dobra da serra, entre altas touceiras de bambu que marcam o curso dum riacho. Porcos grunhindo no chiqueiro. Algumas vacas sonolentas espalhadas no pasto verde que reveste a lombada dos morros. E uma capelinha humilde, toda branca, com o sino pendurado de duas traves, ao lado, sob o telheiro enegrecido pela intempérie.

A estrada, cheia de lama, desemboca no terreiro duma habitação maior, com resto de caiação e um letreiro azul, descorado pela chuva, na empena: Ficina de segeiro.[24] Mora ali um filósofo da natureza, meu velho amigo Marcolino. Descalço, com um chapéu de feltro sem fita, sem cor e sem forma enterrado na cabeça chamorra[25] de orelhas cabanas,[26] calça de fazenda listrada, com remendos nos joelhos, e camisa de algodão, passa os dias sob um coberto de sapé, rodeado pelos bacorinhos e frangos domésticos, fabricando ou consertando carro-de-boi.

Quando vou, de meu retiro ao Embirizal, me apeio na oficina do velho segeiro, prendo o cavalo a uma estaca da cerca e me sento numa tora de baraúna. Tome lá um cigarro, seu Marcolino, e puxo uma conversa fiada, que dura horas. Deliciosas palestras em que esqueço a dureza e a confusão desta época, a hipocrisia da cidade, ouvindo a voz do velho Brasil que vai morrendo. Ora o humilde artífice me fala das encomendas que está aviando, ora me explica o fabrico de carro e canga, com seus pertences variados, ora me ensina coisas que ainda não sei, e, ora discreteia sobre a vida com sua longa experiência e sua profunda observação dos homens. Mal sabe ler e escrever, raramente ouve rádio: Quando vai à cidade próxima, não abre um livro há muitos anos e somente põe aos olhos cansados os óculos gastos quando apanha um jornal que lhe chegou às mãos calosas embrulhando qualquer compra. E sempre se desculpa, repetindo estas palavras:

— Chi! Como sou burro!, seu doutor.

Noutro dia, quando eu apurava o ouvido pra escutar o fanhoso canto dum carro-de-boi, ao longe, me perguntou:

— Sabes muito mas serás capaz de me dizer por que carro-de-boi canta e cada um canta de certa maneira?

— Naturalmente, porque levam uma peça de madeira feita pra isso, que no sertão de minha terra se chama cantadeira.

— Aqui também se chama cantadeira. Mas não é por isso, não senhor. Veremos se me respondes.

Não pude responder e o velho falou:

---

[24] Segeiro: s.m. Fabricante de sege. Por extensão: Fabricante de carruagem
Sege: s.f. Coche em desuso, com duas rodas e um só assento, fechado, com cortina na frente. Por extensão: Carruagem. Adaptação do francês *siège*.

[25] Chamorro [ô]: adj. Tosquiado. s.m. Denominação injuriosa que, outrora, os espanhóis deram ao portugueses e, depois, os realistas aos constitucionais.

[26] Cabano: adj. Se diz do boi com chifres um pouco inclinados a baixo e do cavalo de orelhas caídas

— No tempo dos escravos só negro é quem trabalhava. Os senhores ficavam na casa-grande da fazenda, na sombra, descansando sempre. Queriam, porém, saber se os escravos estavam no serviço ou se os carreiros preguiçavam ou cachimbavam, posando, debaixo duma árvore. Se os carros não cantassem bem alto de nada saberiam ou teriam de andar ao sol quente, pastoreando os carreiros. Tendo, porém, cada carro um canto diferente e sendo o canto alto, os senhores de longe, sem verem os carros, estavam sabendo, de ouvido, o que trabalhava e o que parava. Foi por isso que os brancos inventaram as cantadeiras.

O segeiro se calou e fiquei a matutar na lição. Todos quantos têm, em prosa e verso, poetizado o tradicional carro-de-boi de nosso interior, com seu gemido prolongado no silêncio da soalheira meridiana e na tranqüilidade esverdinhada e misteriosa do luar, enchendo o espaço como um queixume saudoso, até hoje não me puderam dar essa explicação real, lógica e irretorquível. O canto poético é simplesmente a fiscalização auditiva da velha exploração do homem pelo homem.

Depois, largando a enxó com que desbastava um meão de aroeira, Marcolino enrolou, vagarosamente, um cigarro-de-palha e me declarou:

— O mundo está ficando maluco.

— Por quê?

— Chi! Sou muito burro, porém, às vezes, ouço umas notícias. Pois andam falando doutra guerra. Agora é que vai tudo raso. Até nosso Brasil é capaz de se acabar. Não sei por que os governos ainda não deram um jeito pra pôr um paradeiro nessas coisas e deixar a gente, duma vez, em paz. Se eu fosse o governo do mundo, fazia a seguinte repartição da terra: Os países tais e tais eram só pros fascistas, os tais e tais só pros comunistas e os tais e tais só pros democratas. Aqui, no Brasil, por exemplo, faria os estados fascistas, os estados comunistas e os estados democratas. Pronto, cada macaco em seu galho, cada um vivendo como queria, sem se meter com a vida dos outros. Quem achasse bom o fascismo iria aos estados fascistas, quem preferisse o comunismo ou a democracia, aos outros. Assim, não haveria mais briga. O que achas?

— Talvez desse bom resultado... se poderia experimentar.

— Outra coisa, seu doutor: Eu também, se fosse governo, não gastaria dinheiro pra sustentar gente ruim, ladrão e assassino, na cadeia.

— O que é que farias?, Marcolino.

— Quando eu era rapaz — tornou ele, acendendo o cigarro que se apagara — li num livro, nem me lembro qual, a história dum palácio onde havia numa sala uma laje igual às outras, mas com um eixo no meio, de modo que quem pisava numa ponta fazia abrir um buracão embaixo dos pés e sumia lá em baixo. O dono do palácio, quando não gostava dum sujeito, o convidava a ir o visitar e se punha do outro lado da tal laje, todo sorridente, de mão estendida com amabilidade. Pra chegar perto dele, o desgraçado, que de nada sabia, pisava na pedra e, zás!, caía no fundo. Pois eu mandaria fazer um sumidouro desse no corredor do tribunal prà prisão. Quem fosse condenado pensaria que ia à cadeia, pisaria no lajedo e sumiria duma vez, com os diabos!

Era hora de voltar ao retiro. Me levantei, sorrindo da idéia dessa basculante econômica pro estado. Estendi a mão ao velho e disse:

— Até prà semana. E, a propósito, João Cleanto mandou te dizer, ia me esquecendo, que apresses o conserto das rodas de seu carro, que a safra vem aí.

— João Cleanto se esquece que trabalho sozinho, que não tenho ajudante e estou

ficando velho.
— Mas por que, com tanta encomenda, não pões, aqui, dois ou três aprendizes?
— Deus me livre! Antigamente se pagava pra aprender um oficio com um mestre. Eu pagava dez tostões por quinzena a Zé dos Bicos. Depois os mestres de ofício ensinaram de graça. Mais tarde, pagaram um pouco aos aprendizes. Hoje, as leis do ministério do trabalho exigem tanta coisa pra se ter um aprendiz na oficina que não há quem os queira nem à mão de Deus padre. Por isso, seu doutor, os oficiais de pedreiro, carpinteiro, ferreiro, funileiro, sapateiro e segeiro estão acabando. No dia em que morrer o último, não haverá mais quem saiba trabalhar. Olhes, se eu fechar os olhos, nesta redondeza de 80km não se encontrará quem saiba, já não digo fazer, mas consertar uma roda de carro. É a verdade. Tudo vai de mal a pior.
E, terminando, quando eu já punha o pé no estribo, mestre Marcolino me disse a frase mais profunda e filosófica que ouvi nestes últimos tempos:
— Seu doutor, o tempo das valsas vienenses se acabou...
Vim pensando, no caminho, embalado ao passo do cavalo, que a graça, a elegância e a beleza da vida morreram ao som daquelas valsas, antes da outra guerra...

A mancha na parede

aquela tarde de quinta-feira, depois da chuva, quando as folhas dos grandes abacateiros ainda pingavam água, Evangelista se apeou à porta do retiro, amarrou o tordilho pelo cabresto nos varões do portão e subiu os degraus da entrada, fazendo retinir, nas lajes, as grandes esporas de ferro. Me levantei da rede, onde relia na alpendrada *A viagem ao centro da terra*, de Júlio Verne, gozando a doce quietude do silêncio, de longe a longe cortada por um canto de sabiá à sombra das figueiras. E fui logo dizendo:

— O que te traz àqui com tanta lama na estrada? Novidade?

O velho amigo me estendeu a mão calosa e fugidia de roceiro, se sentou devagar, num banco, tirou uma palha de milho do bolso e começou à alisar com o canivete, pra enrolar um cigarro. Depois, disse:

— Vim àqui pra te pedir que vás, logo, fazer uma visita a doutor José. Está passando muito mal. Talvez dês um jeito.

Doutor José era um velho farmacêutico prático de São Gonçalo do Sapucaí, a quem eu dedicava, desde alguns anos, sólida amizade, feita à beira do tabuleiro de xadrez, que jogava admiravelmente. Tendo perdido a mulher e uma filha havia cinco anos, vendera a botica, comprara um sitiozinho ao lado do arraial de Coqueiros e lá se metera com uma negra velha e coxa, que lhe fazia a comida e lavava a roupa, criando patos num açudeco, ao pé da singela casa de morada. Vinha, às vezes, ao retiro, pra disputadas partidas que duravam até a noite, viajando numa charrete desconjuntada, puxada por um cavalo magricela mas esperto e passarinheiro.

— O que é que ele tem? Não sou médico e não sei que jeito lhe possa dar à saúde. Mas terei gosto em o visitar e fazer até companhia. Hoje já é tarde e tenho compromisso pra jantar na cidade. Iremos amanhã, se não chover. Passes aqui 8h e viajaremos juntos.

Evaristo fez que sim com a cabeça, enrolando o cigarro de fumo picado. O acendeu, tirou umas baforadas e indagou sobre a colheita do mel de minhas abelhas italianas. Olhando as colméias, dispostas sob uma coberta de sapé na barranca fronteira à casa, falou:

— Está chegando o tempo do enxame. Quando sair, batas numa lata que ele ajunta num galho e, se a colméia de receber já estiver pronta, é só o levar e colocar lá dentro. Não te esqueças, porém, de esfregar a caixa com folhas de erva cidreira. O cheiro é muito bom pra chamar as abelhas.

Ainda demorou uns dez minutos, calado e fumando. Depois, se despediu e acompanhei, com a vista, seu vulto a cavalo na estrada cheia de poça dágua. Então, tornei a me afundar em Júlio Verne nas galerias de Escartáris, na Islândia, tão longe daquela serrania mineira, rumo ao centro da Terra. Todavia, de vez em quando erguia os olhos das páginas do livro e perguntava silenciosamente, a mim mesmo, o que teria doutor José. Os sabiás amiudavam o canto e um joão-de-barro começou a grazinar na ramaria dum pinheiro.

No dia seguinte, 8h, mal o empregado acabou de arrear Mimosa, chegou Evangelista e cavalgamos até Coqueiros. A manhã estava linda, com uma névoa baixa

no fundo dos vales, anunciando tempo firme, de muito sol. Subimos e descemos ladeiras íngremes, atravessamos várzeas apojando umidade, abrindo e fechando cancelas e porteiras. Enfim, chegamos ao sítio e entramos na casa do velho boticário. A negra nos recebeu e guiou à camarinha, onde ele, magro e chupado, jazia numa espreguiçadeira de lona, ao pé do catre em que dormia.

Nos estendeu a mão esquelética, nodosa e estralejante, que parecia quente de febre lenta e contínua. Pela janela aberta entrava o sol e, de momento a momento, o grasnado dos patos cevados. Nos mandou sentar com voz sumida e um olhar fugitivo, que não pousava em nós mas procurava, continuamente, e como meio amedrontado, um capotão pardusco, pendurado num prego na parede fronteira.

Após o trivial cumprimento e indagação que trocamos sobre a saúde, Evangelista se despediu com estas palavras:

— Tirarei os arreios da égua do doutor e a porei na cocheira. Tenho de falar com Policarpo sobre uma compra de porco no Coqueiros. Doutor ficará te fazendo companhia e almoçará contigo. Almoçarei com Policarpo. Mais tarde virei buscar o doutor, pra voltarmos juntos. Lhe contes as mazelas, amigo, e te dará ânimo. Até loguinho!

A negra trouxe café. Acendi um cigarro. Doutor José se lamentou:

— Nem posso fumar mais. Me sinto enjoado.

— Mas o que é que tens?

— Sei lá, meu amigo. É uma fraqueza, um acabamento, um definhar, uma coisa ruim que me deu e aumenta todo dia...

E seu olhar medroso buscava o capotão pendente da parede. Senti naquilo uma obsessão.

— Acho que a morte vem.

— Ora, deixes disso. Por que não chamas o médico?

— Médico? O que tenho médico não cura.

Outra vez os olhos fitavam e fugiam do capotão. Me levantei e ia estendendo o braço pra o tirar dali, quando se soergueu, com esforço, do assento e pediu:

— Pelo-amor-de-deus, não mexas nisso!

Escutes, criatura! O que é que se passa? Por que pareces ter medo desse pedaço de pano? És um homem ou um gato? Andes: Digas o que há. Desabafes. Desembuches! Não tens mais confiança em mim?

Então, doutor José escondeu o rosto nas mãos emaciadas e, com voz meio chorosa, respondeu:

— Não!... Não posso!... Pensarás que estou ficando maluco... Ora, se irá! Não tenho coragem de te dizer. Não, não tenho!...

Pus, afetuosamente, a mão em seu ombro. Todo o corpo definhado estremecia. Cheio de comiseração, o consolei:

— Isso é simplesmente nervoso, é fraqueza, é esta vida solitária e abandonada que levas neste fim-de-mundo. Venhas comigo ao retiro e, no fim duma semana, estarás curado. Precisas arejar, te divertir um pouco, ter a companhia dum amigo, jogar xadrez, conversar. Andes, vamos, hoje mesmo, quando Evangelista voltar.

Levantou os olhos a mim e exclamou, com indizível acento:

— Não. É tarde, Agora não posso mais. Não tenho força pra me mexer e de que serviria ir contigo se iria atrás de mim, me buscaria onde eu estivesse? Tenho certeza de que iria! ... Ora, se tenho!

Mais atemorizada, a vista se deteve no capotão. Compreendi que havia um trágico mistério naquilo e o interroguei com energia:

— Ele? Ele quem?... Estás com faniquito de mulher? Será possível que tenha medo dum pedaço de pano?

— Dum pedaço de pano? — Repetiu o enfermo. — Já que chegamos a este ponto, o tires dali e vejas. Andes! O tires dali! Andes! Olhes!

Sua voz tremia como o corpo todo tremia. Arranquei o capotão do prego e o lancei sobre o catre. O que vi na parede caiada e que o capotão escondia me horrorizou. Era uma vasta nódoa, que parecia de umidade, aqui amarelada, ali avermelhada, com toques negros e outros de tonalidade indefinida, pústulas de cal branquicenta, laivos arroxeados, formando a mais horrenda e demoníaca cara doutro mundo, porque deste não podiam ser tão ferozes traços e tão medonha feição! Doutor José baixava a cabeça encanecida, sem ânimo de encarar aquela visão monstruosa. Tornei à cobrir. Disse, na verdade, impressionado:

— O que é isso?

Explicou em voz baixa:

— Só Deus é quem sabe. Nada sei. Há uns dois meses apareceu aí. Embora impressionado, pensei ser de chuva e mandei caiar dez vezes. Foi o mesmo que nada. Tornou a aparecer como no primeiro dia. João Pedreiro picou o reboco, embaçou e rebocou de novo. Foi o mesmo que nada! Procurei não fazer caso mas, na noite, à luz da lamparina, quando venho me deitar, é horrível, me persegue com os olhos vermelhos, acompanha com eles meus passos, me dá calafrio, sonho com ela, acordo coberto de suor gelado e vou morrendo aos poucos!... Meus pesadelos são de matar!...[27]

— Por que não mudaste a cama à sala?

— Mudei e de nada valeu. Desapareceu daqui e apareceu na sala. A tapei com o capote, porém no dia, às vezes, o olhar do monstro como o atravessa, e, na noite, não há meio de segurar no prego. Penduro o capote e cai, torno a pendurar e torna a cair. Levo horas nessa luta. Se eu for a tua casa ou a um hotel, tenho certeza de que irá atrás de mim, que aparecerá lá também! É a morte que vem me buscar!... Estou desgraçado!

E doutor José começou a soluçar.

— Queres que traga, hoje mesmo, um padre pra benzer o quarto?

Conteve o choro, pôs em mim os olhos magoados, em que luzia uma infinita desesperança:

— Não vale a pena, amigo! Não vale a pena! O vigário de Jesuânia já esteve aqui e benzeu tudo. A mancha secou. Fiquei tão contente! Mas, no dia seguinte, lá estava ela, no mesmo lugar, ainda mais feia e ainda mais danada contra mim. É uma fatalidade!...

Foi triste e parco nosso almoço. Meu amigo não se acalmou com meu consolo, nem deu crédito ao que lhe disse, à guisa de estímulo pra se curar, sobre psiquiatria, obsessão, ilusão, auto-sugestão e impressão nervosa. Senti que pregava no deserto. O deixei na tarde, quando Evangelista regressou, a contragosto, prometendo voltar pra dormir e lhe fazer companhia, daí a dois dias, porque não trouxera roupa pra mudar e tinha negócio inadiável no retiro.

— Verás que minha presença afugentará essa porcaria! Ora, se não!

---

[27] No final vide apêndice 6

Me sorriu tristemente. À saída, no terreiro a negra nos disse, baixinho:

— Doutor José, coitadinho, desta não escapa! Deus o favoreça! Isso é coisa-feita, é bruxaria, e desconfio que foi despacho de João Florentino, que ele denunciou ao delegado, quando furtou a poldra aqui do sítio. O desgraçado jurou, na cadeia, que se vingaria. Dito e feito!

No sábado, quando me preparava pra ir passar algum tempo com o infeliz, Evangelista me apareceu e deu a triste notícia, trazida por um portador de Coqueiros:

— Doutor José faleceu nesta noite. O enterro será na tarde.

Seguimos ao sítio do boticário. Já estava no caixão modesto sobre a mesa da salinha, entre velas acesas, com a gente do velório em volta, rezando em surdina. A negra velha chorava, desconsoladamente, num canto. Os cavalos amarrados às estacas do terreiro pateavam e bufavam com estrépito. Os patos grasnavam no açudeco, em cuja superfície enrugada e clara o Sol deitava trêmulos fios de ouro. O defunto parecia adormecido num profundo repouso, tão mirrado que fazia dó.

Antes do enterro sair, entrei no quarto. O capotão continuava pendurado na parede. O tirei. A mancha horrível desaparecera. Nenhum vestígio da monstruosa carantonha se percebia na cal alvíssima e completamente enxuta...

A parábola do mulungu

semente lhe foi dada por Serafim Boiadeiro com a informação de ser duma árvore muito bonita e muito boa. Ele mesmo a apanhara na praça da Matriz de Paraguaçu.[28] Uma beleza! E meu vizinho Serapião a plantou, com todo cuidado, junto à casa. Até me chamou pra ver o serviço e opinar, pois não queria perder a semente especial, trazida, pelo amigo, de tão longe.

Fui. Serapião abriu uma cova com o enxadão e a cavadeira. Afofou a terra extraída, a misturando com esterco, curtido, de mais de ano. Encheu com isso o buraco, a fim das raízes novas encontrarem, logo de saída, terreno propício a se desenvolver. Colocou a semente com todo vagar, a cobriu, regou e marcou o lugar com uma varinha, pra que ninguém ali pisasse.

Desde esse dia, meu vizinho passou a esperar, com expectativa, o nascimento da planta. Toda manhã, ao sair a cavalo, eu passava pela cancela do sítio e trocávamos o mesmo diálogo:

— Olá, Serapião. Bom dia. Como vai a coisa?

— Bom dia, seu doutor. Nada saiu, ainda. É verdade que Serafim Boiadeiro me disse que leva tempo. O que é bom, vosmincê sabe, custa a vir.

No fim do segundo mês, certa manhã, meu vizinho veio me chamar, alvoroçado:

— Seu Doutor, venhas ver mais que depressa! A planta brotou e é engraçadinha mesmo. A gente vê logo que é a ela, que não é dalgum mato besta, porque traz um chocalhinho no pé.

— Um chocalhinho! Que história é essa?

E até lá fui olhar o resultado da famosa semente. Saía da terra úmida, bem regada, um caulinho verde e frágil, coroado por duas folhinhas tenras, pálidas e lanceoladas. Rompendo o chão, o caule trazia, como um grande feijão aberto, o invólucro placentário do caroço fecundado. Sentenciei, no íntimo, se tratar duma leguminosa. Era esse o chocalhinho.

Serapião falava:

— Serafim disse que, uma vez por ano, a árvore fica coberta de flor vermelha, quase sem folha. Uma lindeza!

Com a minha observação e essa deixa, concluí se devia tratar dum mulungu, árvore do sertão nordestino, do carrascal dos Araxás e com uma ou duas espécies vicejando lindamente nos planaltos paranaenses e paulistas ou nas serras fluminenses e espírito-santenses, na altitude máxima de 600m acima do nível do mar. Ali nas quebradas, alcantis e vales da Mantiqueira, nunca vi esse meu velho conhecido das caatingas do Ceará, que anualmente se veste de encarnado pra receber a visita de todos os beija-flores da redondeza.

Não dei parte do que pensava a meu vizinho, elogiei a plantinha infante e seus cuidados. Foi tudo.

De então a diante, no decurso dos anos que vivi em bucólica paz no retiro do Lago, acompanhei o entusiasmo de Serapião pelo crescimento do pé de mulungu. O aguava diariamente na seca e o defendia com regos do acúmulo de água da invernia. Lhe

[28] Paraguaçu (tupi e guarani): *Mar*, *rio profund*o. *Pará*, rio. *Açu*, em tupi (*guaçu*, em guarani), significa grande. Não existe língua tupi-guarani. Tupi é uma língua, guarani é outra.

levantou à frente um tapume de taquara, a fim de o proteger da nortada,[29] que trazia nas asas o frio mortal da serra. O estrumou convenientemente até com um pouco de nitrato que lhe deu o agrônomo do horto oficial de Nova Baden. Catou parasita a unha e o limpou de pulgão com uma velha escova dentada que lhe dei. Felizmente, as formigas, saúvas, quenquém ou correição não gostavam daquela árvore. Senão, teriam sido guerreadas a formicida tatu ou atracol, sem piedade! E não é, pois, de admirar que, apesar de fora de seu meio natural, o vegetal crescesse ano a ano, florescendo após o terceiro, com mais ou menos metro e meio de altura.

Meu vizinho só falava no mulungu e o mostrava a toda a gente que passasse na estrada. Sua florada vermelha o pôs tonto. Como eu não estivesse, então, no retiro, pediu ao tabelião que me escrevesse ao Rio, dando a notícia.

— Gostará, porque foi a única pessoa que me viu plantar a semente trazida, por Serafim Boiadeiro, da cidade de Paraguaçu!

Gostei, mas só no ano seguinte pude ver a árvore com quatro anos, na segunda florada, coberta inteiramente pela alfombra das flores vermelhas e agressivamente perfiladas. Os beija-flores, como jóias aladas, esmeraldinos e pardacentos, voavam em torno, a bando. E a mancha, rubra como uma farda de fuzileiro naval, se distinguia de longe no cenário verde da encosta do morro, terreno de noruega,[30] refletindo profundamente qual um risco de sangue no cristal ligeiramente trêmulo do lago. Era, na verdade, lindo e me trazia saudade da adolescência nas fazendas distantes do Quixeramobim.

Mais anos foram andando e ficando a trás, cada vez mais longe e mais enevoados, uns quase desaparecendo, e o mulungu crescendo e florindo, gabado constantemente por Serapião. Um dia, os gabos cessaram e, justamente quando era mais bela a floração vermelha, copa de sangue vivo e coagulado, cobrindo já metade da casa de taipa de meu vizinho.

Passei pela cancela, lhe dei o bom-dia de sempre e louvei a beleza solene do mulungu. Serapião encolheu os ombros e, com uma espécie de muxoxo, me respondeu:

— Se o Serafim me tivesse dito que este pé de pau cresceria tanto, ficaria tão grande, eu não faria a plantação assim perto de casa.

— Por quê? — Indaguei, surpreso com a viravolta da opinião de meu vizinho.

— Ora, por quê! Porque dá muita sombra no oitão e não deixa o sol secar a parede nem o chão embaixo dele, no tempo da chuva. Chega a fazer lama. Porque enche o telhado da casa com folha e flor que caem, fazendo goteira em todo lado. É mesmo um inferno! Porque, quando as folhas caem, prà florada, é uma sujeira horrível ao redor da morada e outra sujeira maior, quando as flores se acabam pra virem novas folhas. E é semente atirada a todo lado! Avalies que tenho de arrancar mulungu pequenino até no meio das telhas! Afinal, as raízes começam a abrir as paredes... Já não sei o que fazer com esta porqueira e ando com medo que um temporal, qualquer dia, derrube este diabo em cima da casa!

Ouvi em silêncio a ladainha condenatória e compreendi que a árvore crescera mais do que devia, ultrapassara a craveira que idealmente marcara a imaginação de meu vizinho. Estava, portanto, condenada sem remissão, com flores, colibris e tudo o mais. De fato, dali a dias, saindo pra meu passeio matutino a cavalo, ouvi o bater de

[29] Nortada: Vento do norte

[30] Noruega: s.f. (Brasil sul) Terra fresca e úmida, de encosta de montanha, que recebe pouco sol

machadadas e cheguei à cancela de Serapião. Lá estava ele, de machado em punho, ajudado por Joaquim, seu empregado, botando a baixo o lindo pé de mulungu.

Colhi as rédeas, fiz o cavalo virar ao lado contrário da estrada que contorna o lago e segui a trote e a galope, alternadamente. Adiante da ponte do Lambarizinho, sob o sol ardente, pus o animal a passo e fui pensando, pensando no destino daquela semente que Serafim Boiadeiro trouxera de Paraguaçu, dera a seu amigo Serapião, este plantara a minha vista, cuidadosamente tratara meses a fio, se transformara, no decurso dos anos, numa árvore toucada lindamente de vermelho e acabava nessa manhã ensolarada e quente guilhotinada a machado pelo simples crime de ter crescido demais...

Afundei mais em meu pensamento, as pernas tombaram lassamente sobre os estribos, as mãos afrouxaram as rédeas, o corpo flácido pesou sobre a sela, e o cavalo, bem equitado,[31] sentindo o abandono do cavaleiro, foi diminuindo o passo, diminuindo até que parou de todo, esperando qualquer solicitação, no meio do caminho largo e debruado de arbusto.

Eu estava muito longe dali, daquela concha da Mantiqueira, em cujo fundo a água azul do lago refletia a serra arroxeada da Campanha. Muito longe! Nas paisagens de meu espírito, percorria o Oriente lendário através do Tripitaca[32] e dos ensinamentos budistas em forma de história de vegetal e de animal. Depois, deixando aquelas paragens, fui ter às do Evangelho e me pus a recordar as divinas parábolas de nosso senhor Jesus Cristo, em que representam seu papel os homens e as próprias coisas, como a moeda perdida ou a luz sob o alqueire. A derrubada do mulungu, que acabara de presenciar, era o remate final duma verdadeira parábola que pessoalmente assistira, como assistira a seu começo: O cuidadoso plantio da semente. E sua moralidade se resumia neste conceito: O protegido não deve crescer mais do que deseja seu protetor. Quantas vezes na vida esse crescimento me condenara...

[31] Bem equitado: Relativo a equitação. Bem montado, bem conduzido.

[32] Tripitaca: (em sânscrito, *Tripitaka*) vem de *tri* (três) + *pitaka* (cesto). Compilação dos ensinamentos budistas tradicionais, conforme preservados pela escola Teravada. Também conhecido como cânon páli, por ter sido, originalmente, escrito nessa língua.

O tamborete e a caixa de fogo

automóvel encrencou. Desde a ponte do Calombo, durante três quilômetros de estrada ruim, vinha fungando e tossindo. Eu até disse que estava com gogo, do que meu amigo Grangeiro, na direção, parece que não gostou. Afinal, o fordeco deu mais nada. Era no começo da subida do Palmital, na beira dum vale onde corria um regato entre os roçados de milho e no terreiro duma tapera. Ao fundo as pontas de pedra da serra, rasgando o mato, encostavam no céu azul.

José Grangeiro saltou do carro, abriu a tampa do motor e começou a esgaravatar dentro. Continuei a brincar com ele:

— O que é que o bichinho tem? Ar-do-vento ou nó nas tripas?

Não respondeu. Acabado o conserto, antes de subir, com um pé pousado no estribo, limpou, devagar, as mãos nuns fios de estopa, examinando com o olhar os pneus e resmungando:

— Logo aqui é que o danado havia de parar! Logo aqui! Com todos os diabos!

Retomou a direção e guiou o auto, calado, até a porta da pensão de dona Mariquinhas, na Grajaúba, onde jantamos. Depois fomos cachimbar no banco da alpendrada. O sol se escondera atrás da serra que afagava com uns dedos de luz vermelha aqui e ali, nas altas penedias. As juritis gemiam na mata próxima. Na tristeza da despedida do dia, disse, pra entabular conversa:

— Compadre, pareces não gostar daquele lugar.

— Detesto!

— Por quê?!, homem de Deus.

— Porque ali foi morto meu irmão Desidério. Reparaste na cruz, perto da tapera?

— Não.

— Pois ali o coitado levou o tiro que acabou com ele, na noite de São João do ano passado. Deixou mulher grávida e quatro filhinhos pequenos. Uma escadinha de guris.

José Grangeiro suspirou fundamente. A noite se espalhava e as estrelas pisca-piscavam nas alturas.

— Como foi isso?

— Uma fatalidade! Vínhamos prà festa junina na vila, no cair da tarde. A tapera, então, era a casinha dum tal Mané Paulo, lavrador da fazenda de Aparício Lopes. Casado e muito pobre, tinha um filho de cinco anos. O fordeco estava fervendo e parei ali pra pedir água que Mané Paulo veio despejar com uma lata velha no radiador. No terreiro crepitava uma fogueirinha e o curumim saltava em roda dela, batendo com um pedaço de pau numa tampa de caixa. Quando seguimos ladeira, abaixo Desidério me disse:

— Mano, coitadinho daquele garoto! Não tem um brinquedo, nem ao menos um foguetinho pra festejar São João. Aquela gente vive numa miséria de fazer pena!

Estivemos na festa e meu irmão comprou, no leilão de prenda da quermesse, em benefício à igreja, um tamborete e uma caixa de fogo, me dizendo:

— Levarei isto àquele caboclinho. Amanhã será um dia muito feliz pra ele, São João ficará contente e me abençoará. Não é?

Desidério era assim mesmo. Coração-de-ouro. Comprou, também, uma porção de

coisa pros filhos, todo satisfeito.
Passava de meia-noite, quando voltamos à fazenda. No fim da ladeira me disse:
— Mano, pares o carro e me esperes, ali na estrada.
A noite estava tão estrelada que parecia de luar. Desidério desceu e, pé-ante-pé, se aproximou da casa, levando o tambor e a caixa de fogo. Poria tudo no peitoril da janela. Pensei no Menino Jesus que dá brinquedo às crianças bem-comportadas na noite de Natal, como minha mãe me contava... Mas, de repente, um tiro partiu daquelas moitas na beira do córrego e meu irmão baqueou no terreiro. Foi uma surpresa horrível. Descasquei a faca e me atirei até ali. Mané Paulo estava de pé com a lazarina na mão. Me reconhecendo, deu um grito:
— Jesus, é seu Grangeiro! Jesus de minha alma!
Desarmei o caboclo atônito e, lhe encostando a ponta da faca na barriga, o meti no carro. A mulher e o garotinho tinham acordado. Vieram chorando como loucos. Depois ela só fazia gemer, olhando o corpo de Desidério, ainda com o tamborete e a caixa de fogo nas mãos:
— Que desgraça! Que desgraça!
Vi que o mano estava morto, sem remissão, e toquei à vila com o preso. O infeliz explicou tudo na delegacia. Intrigado com Serafim Torres, aquele sujeito de mau bofe do pé da serra, que diziam já ter morto muita gente na Mendanha, fora por ele ameaçado na venda de João Coité:
— Deixes estar que, na noite de São João, irei até lá fazer uma fogueira de tua casa e te assar com a ninhada lá dentro, como raposa em queima de roçado!...
Mané Paulo o esperou de tocaia na moita. Tomou por ele o vulto de meu irmão e lhe pipocou fogo. Coisa que o destino arma. Não podia me vingar dele, que, no fundo, não era culpado. O júri o absolveu e o desgraçado se mudou. A casa virou tapera.
José Grangeiro suspirou com mais força e concluiu:
— Não viste no cupiá, lá em casa, pendurados dum armador de rede, a caixa de fogo e o tamborete?... São lembranças do coração do pobre Desidério.
Não tive o que dizer. José Grangeiro limpava, com o lenço de ramagem, o canto dos olhos.

O tesouro do inconfidente

pontando à grande mata, onde branquejavam as folhas ornamentais das imbaúbas, tocadas pela alegria do sol matutino, o velho peão Chico Dunga me disse:

— Chií! doutor de minha alma! Acolá tem duas bruacas de ouro em pó enterradas não se salte onde...

E, depois duma pausa:

— Muitos procuraram e ninguém achou.

Parei o cavalo, larguei as rédeas sobre seu forte pescoço de manga-larga e comecei a contemplar o arvoredo que vestia a encosta dos morros. No luminoso silêncio do dia ensolarado se ouviam, espaçado, as risadinhas aflautadas dum joão-de-barro. Havia andorinhas pousadas nos fios do telégrafo que acompanhavam a estrada, como notas musicais em suas pautas. Ao longe, no fundo do vale, entre velhos telhados, as torres da igreja de São Gonçalo, donde vínhamos e, cortando espaçadamente a paisagem verde e ouro, as voltas liquidas, cor de aço novo, do rio Sapucaí.

— Não acredito nessas histórias de panelas e malas cheias de ouro, que foram enterradas e que as almas vêm dizer, em sonho, onde estão. Tudo isso é pura invenção.

Chico Dunga abalou a cabeça várias vezes:

— Mas que há, há!... Compadre Ditão tirou uma em sua fazenda, fará três anos, agora, em junho. O buracão está lá aberto que até parece de panela de formigueiro. Sabes, doutor, que tem de ficar aberto mesmo, porque, se fechar, quem achou o dinheiro do defunto morre antes de acabar o ano...

— Superstição, Chico, interrompi.

O peão continuou:

— É, mas desde que me entendo, ouço falar nisso. Meu avô já dizia que no tempo de seu avô era assim. Com certeza o avô dele também dizia o mesmo. Desde quase o princípio do mundo que o povo acredita nisso. Se não crês é porque és teimoso.

— Sou muito teimoso e só creio no que vejo...

O manga-larga retomara a andadura estrada afora. O peão me acompanhava no mesmo passo, agora em silêncio. O rompi mais adiante, numa volta em subida do caminho, donde novamente avistava o denso mato que cobria as abas das serrotas:

— Sou teimoso mas gosto de saber tudo. Que história é essa das duas bruacas de ouro em pó enterradas naquela mata?

Chico sorriu e foi logo falando:

— Desde menino ouço contar que foi no tempo dum tal Tiradentes, que quis fazer uma revolução e o governo mandou enforcar. Dizem que seus amigos foram perseguidos pela política em todos os lugares de Minas. Aqui em São Gonçalo morava um deles, cujo nome não me lembro, homem poderoso, coronelão, dono de mais de mil alqueires de terra, de muito escravo e de minas de ouro. Quando soube que o governo do Rio descobrira a marosca do tal de Tiradentes, ficou com um medo danado, pegou todo o ouro que tinha em casa, atacou todo ele nas bruacas e, com dois escravos de confiança, foi enterrar naquela mata. Na volta, mandou a mulher preparar

uns pastéis de carne, botou arsênio neles e deu aos negros pra comer. Os desgraçados morreram e foram enterrados no fundo da horta. Sabes que naquele tempo preto era como bicho, vivia como bicho e morria como bicho. Hoje é que as coisas mudaram. Depois da princesa Isabel, preto virou gente. Agora, preto é que quer mandar na gente e fazer a gente virar bicho como eles eram naquele tempo. Não é verdade?...

O peão era branco, homem alto, esgalgado, musculoso, muito queimado do sol, desse tipo dolicocefálico, de nariz afilado e lábios finos, muito comum em Minas, sobretudo no sul. Tossiu após essa tirada e continuou:

Nem à mulher homem disse em que lugar enterrara o ouro. Guardou segredo, porque mulher, sabes, é bicho falador e podia ir contar ao pai, à mãe, a um irmão ou irmã, a um primo ou cunhado. Então passaria, num instante, à boca do mundo. Uns dias mais tarde a tropa chegou, cercou, na noite, a casa do tal coronel e o levou preso, não sei se foi a Ouro Preto ou Rio de Janeiro. Já me disseram, porém me esqueci. Querendo saber direito perguntes, em Conceição do Rio Verde, ao major Quinzinho. Está sempre jogando gamão no hotel dos Viajantes, logo na entrada da cidade. É homem conversado, tão bom que é ótimo. Fales com ele. Conhece essa história toda, com os nomes das pessoas. Creio que até com o nome dos escravos. Acho que sua bisavó, se não me engano, conheceu a velha viúva do coronelão...

Interrompi as digressões de meu companheiro:

— Vamos, Chico: O que aconteceu ao homem depois de ser levado preso?

— Dizem que o juiz degredou o infeliz. Eu pensava que degredar era o mesmo que enforcar mas major Quinzinho me explicou que é mandar à África, terra dos negros. Imagines que coisa horrível! O homem nunca mais voltou. Morreu lá mesmo. Nem se sabe onde. Coitado! Nunca mais tendo provado uns torresmos, um lombo de porco de sua terra! A infeliz mulher ficou com nada porque o governo tomou tudo o que era seu. Tudo! Viveu de trabalhar, de fazer renda, bordado, costura e doce. No fim da vida, quase cega, pedia esmola na porta da igreja. E o dinheirão enterrado no mato. Duas bruacas cheias de ouro em pó! Era de fazer pena, virgem Maria!

Sorri, um tanto incrédulo, e disse, devagar:

— Façamos uma sociedade, Chico. Compraremos a mata, derrubaremos toda, venderemos a lenha e cavoucamos a terra até achar os surrões de ouro.

Colhendo, um pouco, as rédeas, o peão respondeu, após encolher os ombros:

— Ora, doutor de minha alma! Isso não dá certo. É impossível. Primeiro a mata é da prefeitura, que não vende nem deixa botar abaixo. Depois, porque ela é muito grande, tem bem dez alqueires, seria trabalho pra muitos anos procurar o lugar onde o ouro está enterrado. Afinal, muita gente tem cavado aqui e ali, dormido lá pra ver se sonha com o defunto, tem mandado dizer missa em tenção a ele e andado a lá e a cá com forquilha de achar água e nada arranja.

Olhes: Já passei mais dum mês procurando nos troncos, nas pedras e nas casas de cupim se achava um sinal!... Nada. Ninguém acha!

Depois duma pausa, Chico concluiu:

— Talvez seja melhor, mesmo, não achar. Esse ouro é maldito. Por causa dele o homem deu veneno aos pobres negros e com todo ele enterrado sua mulher morreu pedindo esmola. Quem sabe só dará desgraça?...

Os cavalos aligeiravam o passo numa descida. A mata desaparecera de vista. Mergulhamos num capão sombrio, onde se escutava o sussurro dum riacho entre pedras.

Os três franguinhos

a manhã doce e tranqüila não se via bem se o lago refletia o céu ou se o céu refletia o lago. Pros três franguinhos que vinham da fazendola do Embirizal, era, na verdade, o céu azul e profundo que refletia o lago profundo e azul, adormecido entre as montanhas silenciosas e pensativas, porque vinham pendurados pelos pés no cabeçote do socadinho posto nas costas dum cavalo magro, em que se escanchava, de pernas pendidas, o filho de Josué.

A névoa do vale começava a se desfazer no espaço, névoa baixa, sol que racha, quando Romana, mulher de Josué, saindo ao terreiro da casinhola de taipa meio escondida entre os pessegueiros floridos, gritou ao filho:

— Ê! Zacari...as! Zacari...as!...

O rapazelho veio correndo do pequeno curral onde ajudava o pai a tirar leite das vacas, na orquestração dos mugidos das reses grandes e pequenas:

— Mamãe!

Se travou rápido diálogo na arrastada e engrolada voz dos mineiros:

— Teu pai já selou Gavião?

— Já, inhora sim. Está amarrado na estaca do paiol.

— Então, apanhes os franguinhos de Catarina, ali, embaixo da casa, montes e leves ao açougue de Benedito, na cidade. Cuidado, que é encomenda da mulher dele, a mil e oitocentos cada um...

E, depois de contar nos dedos:

— Ao todo cinco mil e quatrocentos. Tragas quatrocentos réis de pão e os cinco mil réis em miúdo. Vás, depressa, e voltes logo. Não me andes com traquinagem e tomes cuidado com os automóveis na cidade e com as jardineiras na estrada.

A habitação, de taipa socada e madeira, se erguia sobre grossas toras de baraúna e cabriúva no respaldo duma colina coberta de capim-gordura, dum lado ao rés do caminho. Do outro, na descida ao riacho que babujava de espuma os caetés floridos, a metro e meio de altura. Ali fuçavam os porcos no chiqueiro e, aquém deste, se empilhavam rudes cestos, um pilão, madeiros falquejados, estacas, lenha, instrumentos agrários. Desde a véspera, no cair da tarde, jaziam, naquele porão, dentro dum dos balaios, piando tristemente, os três franguinhos de Catarina. Zacarias os pegou e, sem dar importância a seu protesto em pio e esboço de cacarejo, lhes amarrou as pernas com embiras, os pendurou ao cabeçote do socadinho, cavalgou o pangaré e o lançou a galope, na estrada, até a borda do lago, onde o sofreou e pôs em andadura macia. Foi quando os franguinhos de Catarina, sacolejados infernalmente pelo galope, conseguiram respirar e, depois dalgum sossego, embora com o sangue descendo à cabeça, que levantaram com esforço e puderam trocar impressão, olhando o céu azul que refletia o lago azul.

Os homens não entendem a linguagem dos bichos, ao menos os de hoje, pois, segundo contos e lendas antigos e cheios de mistério, houve tempo em que os bichos falavam e tempo em que alguns magos ou sábios os entenderam. Depois, durante séculos, somente por exceção poucos indivíduos conseguiram se fazer entender pelos bichos, como os santos que pregaram às aves e aos peixes ou admoestaram os lobos,

as formigas e as doninhas. Os homens não entendem mais os bichos, os bichos não entendem mais os homens e, o que é, sem dúvida muito pior, os próprios homens não se entendem mais uns aos outros.

Os três franguinhos piavam espaçadamente e assim soltavam um gluglu triste, difícil de ser imitado, tanto era cheio de sentimento. Um era todo branco, com as pernas e o bico muito amarelos; o outro, também branco, mas com manchas dum cinzento de roupa encardida embaixo do corpo e na extremidade da cauda; o terceiro, finalmente, meio carijó. Resto duma ninhada de doze ovos de mãe Catarina, galinha carijó de fama, a melhor poedeira na redondeza do Embirizal, danisca pra achar minhoca, tão bravia quando chocava que até a respeitavam os gaviões. Fora Josué quem lhe dera o nome de Catarina, em memória de quem lha vendera, a velha Catarina, mulher de Antônio Roque, grande criadora de galinha, peru e pato.

Se tinha perdido a conta das ninhadas de Catarina. Da penúltima sobravam os três franguinhos. A última estava fazendo com que ela ficasse maluca. Romana tivera a idéia de a pôr chocar numa dúzia de ovos de pata, depois de ter comido os que ela pusera, comido ou vendido não se sabe bem. Pelo preço por que andam os ovos, os meio-remediados preferem vender a comer. Se avalie o espanto de mãe Catarina, seus gritos, os cacarejos de protesto, os gluglus de vexame e indignação, quando, um dia, ao levar a ninhada a pastar na beira do córrego, assistiu a cena inesquecível de ver seus filhos, a deixando aflita no seco, se meterem água adentro, boiando como pequeninos barcos. A velha carijó não queria acreditar no que via e seu gluglu espasmódico decerto queria dizer:

— É feitiço! É feitiço! Ora, se é...

Alguns gluglus mais baixos, atrapalhados ou discretos significariam possivelmente o seguinte:

— Que diabo! Fui amada somente pelo galo aqui da casa e uma ou outra vez pelos dos vizinhos, é verdade. Mas, afinal de conta, todos galos... Como é que, agora, andam meus filhos nadando como marreco?... Só se foi dormindo, em sonho. Sei-lá!... Se Catarina fosse lida em poeta, repetiria com aprumo:

Digam os sábios da Escritura
Que segredos são estes da Natura!

Seus três filhos, da penúltima ninhada, filhos de raça pura, sem mistura de gente nadadora, esses iam na borda do lago, cruelmente pendurados. Com pios e gluglus conversavam. Foi o franguinho meio-carijó, parecido com a mãe, o primeiro a fazer uma pergunta que ao trio intimamente angustiava:

— Aonde vamos deste jeito tão ruim?

Os outros ficaram calados. Ele a repetiu. Então, o franguinho branco respondeu:

— Se não sabes, também eu. Talvez o mano saiba.

O branco sujo, interpelado, retrucou:

— De nada sei. Nunca pensei que fizessem isso com a gente.

O branquinho comentou:

— Vamos amarrados como criminosos, dependurados pelos pés, sacudidos às costas dum cavalo. Por que e aonde?

O carijó se lastimou:

— Que saudade do lugar onde nascemos e crescemos, da sombra das figueiras e goiabeiras, onde, vez ou outra, caíam frutos maduros, das minhocas que nossa mãe

catava embaixo das latadas e das baratas que nos ensinou a pegar entre os barrotes embaixo da casa!

O branco sujo:

— Tenho ainda mais saudade daquelas tardes em que seu Josué ou siá Romana chocalhavam milho numa cuia, gritando Tiê! Tiê! Tiê! até que a gente vinha correndo do mato e comia os grãos amarelos espalhados no terreiro. Grãos amarelos, tão amarelinhos e gostosos! (Se os franguinhos fossem gente comparariam esses grãos amarelos com pepitas de ouro...).

Se ouviu um suspiro profundo, misto de piado e gluglu. Depois, o branquinho:

— Reparastes que nossos irmãos, eram nove. Não é verdade? Desapareceram aos poucos, sendo apanhados sempre quando chamados a comer milho. Ontem fomos seguros do mesmo modo. Milho é bom mas é perigoso...

Um automóvel que passou fonfonando, na estrada, levantou grande nuvem de poeira. Os franguinhos se calaram sufocados, mal ouvindo o retinir dos latões de leite vazios duma tropa de mula, que vinha da cidade. Zacarias deu uma relhada no cavalo que estugou a andadura caminho afora. Os franguinhos, mais sacolejados, não podiam dizer uma ou outra frase. Diante da chácara do velho Marçano um perdigueiro embaixo da cerca enfestonada de trepadeira e veio latir como louco aos pés do pangaré.

O franguinho sujo lançou uma indagação entrecortada:

— Por que todo cachorro tem raiva de quem passa na estrada?

— Não sei, replicou o branquinho, o lá de casa também fazia isso e tinha raiva da Lua. Em noite de luar uivava tanto que não nos deixava dormir. Eu tinha muito medo dele, quando era pequenino. Depois perdi. Me acostumei.

— A gente se acostuma com tudo, concluiu o carijó. Até com andar assim, dependurado e sacudido de cabeça a baixo.

O pangaré, sob nova relhada, começou a galopar e, dentro em pouco, suas ferraduras ressoavam nos paralelepípedos da cidade. Os franguinhos nada podiam dizer. Só parou na porta do açougue de Benedito.

— Eis os frangos que mamãe mandou. — Disse, em voz alta, Zacarias. — São cinco mil e quatrocentos.

Não foi Benedito quem assomou à porta mas sua mulher Eufrásia, corpanzil com seios de mamoeiro carregado, metido numa saia e blusa de ramagem vermelha. Apalpou os franguinhos um a um, demoradamente.

— Tua mãe não tinha uns mais gordos pra me mandar?

— Não, senhora. Mais gordos que estes nem é possível.

Não era mesmo. Estavam estourando de gordura, frangos vadios de terreiro, que comiam milho toda tarde, resto de comida, fubá e pasto. Então pasto a vontade! Tanto assim que Eufrásia semente reclamara pelo hábito de regatear, de pôr balda no alheio. Logo os tirou do cabeçote e os deitou na soleira do açougue, enquanto contava as moedas na mão de Zacarias.

— Não vás perder. Porque, depois, tua mãe pode pensar que eu é que não te dei o dinheiro certo. Repares bem: Uma prata de dois, uma amarelinha de dois, duas de quinhentos réis e uma de quatrocentos.

Os franguinhos respiravam, tirados da incômoda posição em que foram transportados. Não se ouvia um pio nem um gluglu. Eram todos ouvido, esperando saber o que seria feito de si.

Escutaram Zacarias se despedir. Ouviram a batida das ferraduras de Gavião no calçamento da rua ir morrendo na distância. Enfim:

— Benedito! — Chamou Eufrásia.

Veio, lá de dentro, a resposta:

— O que é?, mulher.

Se sentiram levantados do chão e, de novo de cabeça a baixo, com estas palavras:

— Estão aqui os frangos mandados por Romana, pro almoço dos veranistas, hoje, no piquenique da cova da Onça. Já são oito e meia da manhã. Os mates logo pra eu ter tempo de assar os bichinhos bem assadinhos.

Assim foram assassinados cruelmente, depois de ajoujados pelos pés e carregados quase uma légua de cabeça a baixo, olhando o céu que refletia o lago, os três franguinhos do Embirizal, um branco, um branco-sujo e um carijó, filhos de mãe Catarina, a grande poedeira e criadeira da redondeza. No meio dia um bando de veranistas os devorou com pão, depois de bem alourados na caçarola, nas sombras úmidas da cova da Onça. Os três franguinhos nunca fizeram mal a alguém. Por que os homens lhes fizeram tanto mal?

Seria lícito às baratas e minhocas que eles devoravam sob as latadas ou embaixo da casa também perguntar por que as comiam num abrir e fechar de olhos sem que lhes tivessem feito mal?...

Quem com ferro fere, com ferro será ferido...

O natal de João Cambota

oão Cambota costumava se sentar, toda tarde, num velho muro de pedra solta fronteiro ao cais, com a perna esquerda caída, balançando, e a direita, que era de pau, estendida horizontalmente, fumando um cigarro de palha de milho e fumo goiano. Restava, ainda, ao muro uma das pilastras do antigo portão, na qual encostava o tronco e a cabeça. A fumaça do cigarro subia no ar tranqüilo e o olhar se perdia vagamente no fundo azul da baía, onde desmaiavam, em cinzeiros tristes, os vultos denteados das serras distantes.

Eu estava, por acaso, veraneando naquele pequeno e triste porto de pesca. No entardecer, quando o calor solar diminuía, sempre ia pescar na canoa que me emprestava o velho João Capixaba mas, antes de me fazer ao largo, dava dois dedos de prosa, ali no cais, com João Cambota. Pouco a pouco, no desenrolar desse bate-papo, fui conhecendo sua história. Nascera e começara a descoberta da vida num barracão de favela dum subúrbio carioca. Os pais arrastavam vida miserável, sórdida, entremeada de cachaça e pancadaria. Se criara ao deus-dará, quase como bicho doméstico. Esfarrapado e vagabundo, andava, na rua, pedindo comida de porta a porta ou mendigando tostão aos transeuntes, com voz de choro. Percorria a cidade toda pendurado nos estribos e engates dos bondes. Devia ter uns doze anos quando levou uma queda e um reboque lhe esmigalhou a perna direita. A Assistência o recolheu, o pronto-socorro o abrigou até sarar a amputação e uma alma caridosa, que lera, no jornal, a notícia do acidente, lhe oferecera a perna de pau.

Depois disso ficou ainda mais só no mundo, pois o pai deu com o canastro na ilha Grande e a mãe morreu no hospício. Passou, então, a viver em soleira de porta ou embaixo das árvores dos jardins públicos, pedindo esmola. Nunca soubera e nunca saberia o que fosse trabalhar. Na existência vagabunda que levava verificou que uma perna de pau era inestimável fonte de renda, valia um tesouro. Acabou, à custa dela, arranjando um quarto de estalagem reles no Mangue e até juntando dinheiro, que, a conselho dum botequineiro amigo, depositava na Caixa Econômica. A experiência o tornou esperto e o fez um verdadeiro ás da mendicidade. Sabia como, pela inflexão da voz, pela languidez do olhar e pela melancolia da atitude, mover o próximo à piedade. Conhecia os melhores pontos onde explorar a caridade pública, sobretudo as portas das igrejas, os horários das missas, dos grandes casamentos e outras cerimônias. Também tinha o instinto de não insistir, de não cansar, de não freqüentar demasiadamente certos lugares. Aplicava a mesma habilidade em sua presença e em sua ausência. Houve dias, me confessou, sorrindo, que a bendita perna de pau lhe rendera mais de duzentos cruzeiros. Negócio-da-china aquele esmagamento do reboque ao pé da estação de Triagem! João Cambota acrescentava que, se naquela ocasião já soubesse tudo quanto viera a aprender posteriormente, teria arranjado um bom advogado pra cobrar uma baita indenização da companhia de bonde. Infelizmente só percebera isso quando era muito tarde. Senão, os ianques haveriam de lhe pagar algumas centenas de contos, o bastante pra ele andar o resto da vida de automóvel particular...

No fim de dez frutuosos anos de mendicância, João Cambota resolvera se

aposentar, como me disse textualmente. Se retirou do negócio pra viver tranqüilamente, gostosamente, naquele rincão poético e sossegado da baía, sem preocupação, gozando as manhãs de sol e pitando os cigarrinhos de palha sobre o velho muro na incomparável doçura das tardes. Um sabidão!

Me contou que, com sua economia, comprara a casinha de taipa e telha, onde morava, com seu fértil terreno bem plantado de laranjeira, bananeira, goiabeira, mangueira e abacateiro, o poço, a horta e flor a esmo a todo lado. João Cambota tinha pendor artístico, gostava das coisas belas, admirava as cores e os perfumes. O que sobrara das tais economias, após a compra da casa, ainda a conselho do amigo botequineiro, aplicara em apólices federais ao portador e algumas de Minas Gerais, essas, me dizia, piscando o olho, porque podiam dar um prêmio bom no sorteio, o que seria uma beleza!

João Cambota vivia só, acordava cedo, tratava das plantas, regava as flores e as couves, fazia ele mesmo o almoço. Ia, depois, ao boteco do turco Salim, beber uma cerveja e jogar gamão. Dava umas voltinhas nas casinholas dos conhecidos, conversando aqui e ali. Às quatro horas, jantava e vinha logo se sentar no velho muro, sempre naquela mesma posição, de perna boa pendurada, de perna de pau estendida e de cigarro na boca, mergulhando o olhar na longitude azulada da baía, onde o sol poente semeava a tremulina da água de inquietas borboletas de ouro e sangue.

Certa vez chegara àquele afastado e ignoto lugarejo um funcionário do recenseamento. Como fosse analfabeto, João Cambota lhe pediu que enchesse sua ficha. Deu o nome, a idade mais ou menos, o lugar do nascimento, o estado civil. Quando o homem lhe perguntou qual a profissão, respondeu com a maior franqueza:

— Mendigo aposentado.

— Meio de vida? — Indagou o outro, buscando melhor explicação.

— Proprietário com rendimento. Vivo a minha custa. Não sou pesado a alguém.

— Religião?

A essa pergunta, meio embatucado, João Cambota ficou algum tempo pensativo. Depois, respondeu com toda segurança:

— Filho de Deus!

Não houve meio de sair disso, por mais esforço e circunlóquio do funcionário, que acabou escrevendo, por conta própria, esta enormidade: Sem religião.

Quando João Cambota me contou este episódio de sua curiosa vida, também fiquei algum tempo pensativo, concluindo, afinal, em meu foro íntimo, que a resposta dada por ele estava certa, certíssima, e que a anotação do empregado do recenseamento estava errada, erradíssima.

Somente nas noites de luar, com tempo firme e claro, João Cambota ia pescar. Tinha a melhor canoa da localidade e remava como um mestre marinheiro. Fomos, algumas vezes, juntos até as Pedras-Grandes, que era seu local predileto de pescaria. Ficávamos até a Lua sumir na madrugada, pegando peixe. Nunca vi pescador mais hábil e mais feliz. Trazia, sempre, dez vezes mais pescado que eu e caçoava de minha falta de sorte.

No último verão que passei naquele recanto da Guanabara, numa tarde, João Cambota voltou a falar daquele empregado imbecil do recenseamento e, a propósito, lhe perguntei se não tinha, mesmo, religião, se não acreditava, ao menos, em Deus. Me respondeu singelamente:

— Ora, doutor! Nem mesmo sei se fui batizado.

Lhe expliquei, então, sucintamente, o que era o batismo e alguns pontos básicos da religião católica. Lhe contei o nascimento de nosso senhor Jesus Cristo, na gruta de Belém. Sua vida, Sua paixão e morte por amor aos homens infelizes e pecadores. João Cambota me escutou, em silêncio, até o fim. Quando me calei, exclamou:

— Nunca ouvi isso! Nunca alguém me disse! É uma história muito bonita, mesmo, doutor!

Fez uma pausa e acrescentou, com a sua ingenuidade natural:

— Então, agora entendo tudo. Caí embaixo do reboque e perdi a perna na noite de Natal. Foi nosso senhor quem teve pena de mim, dum moleque a toa e me cortou a perna pra eu ter um meio de vida... Puxa! Ainda não pensara nisso... Sim, senhor! E até hoje ainda não agradeci o favor que nosso senhor me fez...

Enquanto dizia essas palavras, notei que sua perna de pau se agitava horizontalmente em cima do velha muro.

Dali a dias era Natal, coincidindo com a lua cheia. Contra seu costume, João Cambota saiu pra pescar na tarde, de modo que não o vi na costumeira posição junto ao cais. Na noite, na humilde capela dos pescadores, celebrou a missa do Galo um padre vindo de Magé, graças a uma subscrição feita entre os habitantes e os veranistas.

Quando me dirigia à capela pelo velho cais, pra assistir a missa, a Lua enchia a noite de esplendor no céu vasto e profundo, na água imensa e tranqüila como um espelho de prata polida. Bem diante do velho muro uma canoa acabava de ser encostada ao enrocamento.[33] Era a de João Cambota, que saltou nas pedras, puxando a amarra. Ouvi o toque-toque da perna de pau. Ao me ver foi logo dizendo, alvissareiro:

— Venhas ver, doutor, a grande pescaria que fiz hoje! Parece até milagre! A canoa está cheia de peixe e cada baita deste tamanho!... É peixe que te parta! Buscarei uns balaios, lá em casa, e distribuirei tudo com es pobres, no fim da missa. Começarei a pagar minha divida a nosso senhor...

Espantado, nada pude dizer. O vulto do perneta se perdeu, rapidamente, no luar, rumo do povoado. Entrei na capela festivamente iluminada. Ouvi a missa. Ao sair, lá estava João Cambota, toque-toque, pulando com a perna de pau, no meio dos balaios, dando peixe a quem queria.

Terminada a distribuição, quando todos já se foram, satisfeitos, ficamos sós. Ainda restava um balaio cheio. Me disse, contente:

— Olhes, doutor, este restinho vai ter muita serventia. Perto de minha casa, mora uma velhinha muito doente, com uma neta pequena, Zefa Maria. Ali, no Mofumbo, vive um entrevado infeliz, Naco. E atrás da capela fica o barraco de Olímpio, que sofre de maleita. Levarei o resto dos peixes a esses coitados. E, de hoje em diante, não mais os deixarei passar necessidade.

Pôs o cesto ao ombro, se despediu e se foi dar esmola aos pobres naquela noite de Natal. Fiquei parado, ouvindo se derreter no silêncio noturno o toque-toque da perna de pau. Nunca vi um papai-noel daquele jeito. Nunca!...

Voltei, lentamente, até casa, enfronhado em meu pensamento. Como fora burocraticamente estúpido aquele funcionário do recenseamento que, em vez de aceitar a definição de João Cambota, de que era filho de Deus, escrevera aquela nota

[33] Enrocamento: s.m. Grandes pedras toscas com as quais se formam os alicerces das construções hidráulicas ou se resguarda do embate das ondas a base dos muros dos cais.

infeliz e idiota: Sem religião!

A negrinha do morro

u vinha da missa naquele domingo de sol e alegria rueira. Em minha frente caminhava um casal elegante, com uma filhinha de dez a doze anos. Eu via e analisava os três nas costas. O homem era alto, espadaúdo, calvo e grisalho. Sem chapéu. Vestia um terno cinza escuro, bem talhado e discreto. Sapatos amarelos, de solas duplas e saltos de borracha. Aparentava, no máximo, 40 anos. A mulher era de estatura regular e loura. Linhas comuns. Não devia ser bonita nem feia. Cabelo cortado, vestido cor de pinhão. Sapatos elegantíssimos e meias esplêndidas. Nela se sentia a burguesa abastada e com certa distinção. Tinha 30 ou 35 anos. A menina era morena e magra. Muito crescida prà idade. Se segurava ou quase se pendurava nas mãos dos pais. Decerto filha única. Toda de branco, com um cinto cor-de-rosa. Sapatos, meias, vestido, cinto: Tudo do bom, do melhor, do mais caro.

Enquanto fazia essas observações, o casal chegava à esquina da rua onde moro, a qual corre ao pé dum morro, onde há uma favela ignóbil. A gritaria dum grupo de moleques com caixas de engraxate me distraiu a atenção presa até ali ao exame do grupo familiar que caminhava alguns passos adiante de mim. E foi, então, que deparei com uma quarta ou quinta figura, se eu me contar como participante do grupo. Infelizmente não sou desenhista ou pintor pra traçar o esboço dessa figura e de sua expressão naquele instante. Seria um documento humano precioso. Era uma mulatinha quase negra, de nove ou dez anos, descalça e esfarrapada. As pernas cobertas por uma crosta cinzenta de poeira da rua. Saiote curto, esfiapada. Blusinha desabotoada, remendada, cerzida. Tudo imundo. E o pixaim arrepanhado em três ou quatro mechas retorcidas em trancinhas e amarradas com barbante. Aquela cabacinha preta parecia enfeitada de pequenos cornos em forma de parafuso.

A negrinha vinha acompanhando, como eu, o casal com a filhinha, mas atraída somente por esta. Passei à observar. Não tinha um olhar ao pai, a mãe, os transeuntes, os veículos, a rua. Nenhum. Toda sua atenção se concentrava na menina branca e bem vestida. Subia dos sapatos impolutos ao cabelo liso e bem penteado. Descia da gola de renda do vestido ao bordado da fímbria. Parava nos pregueados, se detinha no cinto róseo, adejava sobre as mangas fofas, como um beija-flor sobre um canteiro de flor nunca se fartando de prelibar o mel. Ia e vinha, subia e descia, se imobilizava e voava.

Tanto quanto eu podia observar, não sentia na negrinha sinal de ódio ou inveja. Mordia os lábios, às vezes fazia um gesto rápido com a mão, como se respondesse a qualquer pergunta interior, e outras afunilava os beiços grossos sob o pequenino nariz chato. Aquilo tudo era admiração e desejo. A negrinha admirava a menina e, tanto quanto a menina, o vestido, o cinto, as meias, os sapatos. A negrinha desejava, ardentemente, no fundo do coração possuir aquilo tudo. Mas aposto quanto queiram que seu desejo era muito maior do que sua admiração. Essa é que era insopitável e imensa. Um mundo!

Pai, mãe e filha entraram o portão do jardim dum palacete de minha rua. A negrinha ficou parada no meio-fio, absorta, olhando a menina branca e a linda casa da

menina. Eu contemplava a cena, naturalmente filosofando sobre as inexplicáveis diferenças deste mundo, no qual nem duas pessoas, nem duas coisas são iguais e têm o mesmo destino. Um amigo e vizinho passou por mim, me pegou do braço e me levou rumo a casa, dizendo, entre dentes, a quadra famosa:

Até nas flores se nota
A diferença da sorte:
Umas enfeitam a vida
Outras enfeitam a morte

— É verdade. Mas por quê?

— Mistério, meu caro. Mistério cuja solução só Deus sabe.

Depois duma pausa, continuou:

— Vinhas desde o ponto de parada do bonde observando o casal, a menina e, logo após, a negrinha, que já lá se foi, subindo a ladeira do morro rumo a seu pobre barracão de tábua e lata velha. Eu vinha mais atrás, observando, em minha vez, todos e sentindo como o eflúvio de piedade humana que se irradiava de teu pensamento. Ao mesmo tempo, me lembravas de remoto episódio de minha vida. Era eu um garoto de dez anos, em minha longínqua cidade natal, perdida entre as verdes montanhas de Minas, na margem dum rio barrento e triste. Minha mãe era viúva e paupérrima. Vivia curvada sobre a máquina de costura pra sustentar três filhos. O mais velho, que morreu mocinho num desastre ferroviário, já era empregado no comércio e ganhava muito pouco. O outro estava por favor num colégio do arredor e eu esperava crescer pra começar a trabalhar...

Chegáramos a minha casa. A de meu amigo ficava um pouco adiante. Paramos e acabou lentamente sua história:

— Nesse tempo eu andava maltrapilho e descalço, como qualquer moleque de rua. Certa vez, depois da retreta matutina da filarmônica local, comecei a acompanhar um casal rico que levava pela mão um menino de minha idade, vestido de casimira, com sapatos de polimento, gravata de seda e chapéu de palhinha. Eu, admirando, tal qual essa negrinha, a roupa do rapazinho bem tratado, dele não desfitava um instante os olhos. Devia fazer a quem nos observasse, como tu vinhas observando a cena de hoje, profunda comiseração. Pois bem, este mundo terrível deu suas terríveis voltas, aquela gente rica sentiu, um dia, os golpes do infortúnio, a mãe do tal garoto morreu dum câncer, o pai deu pra jogar e beber e perdeu tudo. O menino, bem tratado, se fez homem no meio da pobreza e é, hoje, um mísero empregado subalterno da ferrovia. Eu, no entanto, trabalhei, me esforcei, subi, sou médico, tenho invejável situação e fortuna, que me permite dar o maior conforto à velhice de minha mãe e ajudar em tudo meu irmão mais velho. Quem é hoje digno de pena é aquele garoto que tanto admirei e, naturalmente, tanto invejei há quase meio século. Sabemos nós o que o destino, com sua contradição e capricho, reserva a essa menina bem vestida e amimada, e a essa mísera negrinha do morro... Quem sabe se esta será um dia felicíssima e aquela um dia tão desgraçada que até as pedras se comovam?...

Interrompi o amigo:

— Então não devemos desperdiçar nossa piedade diante somente de aparência?

— Isso mesmo! — Concluiu, se despedindo com um aperto de mão. — Isso mesmo! Só o futuro nisso tem a palavra. O futuro, que é o grande mistério. O grande e perigoso mágico da vida. Adeus!

Fiquei pensando na lição recebida.

oura, alta, cinematográfica. Seu riso iluminava a vasta sala de baile. Estava dançando com um rapaz moreno que parecia lhe fazer a corte mas ao qual não prestava atenção. Fingia desenvoltura e despreocupação mas eu, que a admirava e observava, sentia que sua atenção estava presa sempre à mesa ao lado da minha, onde havia três pessoas: Um coronel reformado do Exército e a esposa, meus conhecidos, acompanhados por um homem alto, forte e belo entre 30 e 35 anos, com uma cicatriz que vincava o rosto, da testa até o meio da face. Isto lhe dava o ar varonil dum veterano, guerreiro, herói.

Eu não o conhecia. Nunca o vira. Ela eu sabia quem era. Me dava com a família, calculava a idade em 22 anos e sempre admirara seu porte esbelto, dentes de anúncio ianque, elegância inconfundível, sobretudo quando montava a cavalo e eu a via passar pela porta de meu retiro nas manhãs translúcidas em que o céu costumava banhar seu azul na profundidade do lago.

Continuei a observando e o rapagão do gilvaz,[34] que se mostrava de todo indiferente ao interesse daquela linda criatura que o poeta Firdusi classificaria, decerto, entre as peris celestes de Zoroastro. De repente ele se levantou, se despediu do casal com quem se achava, acendeu lentamente um cigarro e se retirou do salão sem um olhar àquela moça loura, alta e cinematográfica que me encantava os olhos. Logo ela deixou cair sua fingida desenvoltura, se descartou do par e desapareceu. Compreendi que, com a ausência dele, tudo, pra ela, perdia qualquer interesse. Era como um grande vazio que se fizesse dum momento a outro, um vazio envolvente, misterioso e confrangedor.[35] A idade me dera a experiência dessas coisas.

Um sorriso me aflorou aos lábios. Doutor Pedrosa, velho médico da estância balneária, meu companheiro de mesa, o viu e entendeu. Entendeu tão bem que me disse:

— Mais interessante seria tua observação desta noite se conhecesses o que há entre ambos...

— Me contes, pelo amor-de-deus!...

Pedrosa chamou o criado e pediu mais duas doses de uísque com soda, bem geladas. Depois, falou, com lentidão, fazendo, de vez em quando, uma pausa pra chupar o fumo do charuto:

— Ela, sabes muito bem quem é. Ele se chama Durval de Brito, formado em engenharia, com negócio de mina ou de cristal no cafundó de Goiás. Muito dinheiro, muita mocidade e muita saúde. Todas as riquezas da vida que já não temos mais, amigo, e que só o encontro com Mefistófeles nos poderia dar outra vez...

Pois bem, ele, desde que se iniciou a presente estação, fez seu pé-de-alferes à lourinha. Se falou até em noivado próximo. Mas, de repente, tudo foi água abaixo. Nunca mais alguém os viu juntos, como antes, nos passeios a pé, de charrete ou a cavalo. Nas festas não dançaram mais e os bons observadores, como tu, passaram a notar o disfarçado interesse dela e o absoluto desdém dele.

[34] Gilvaz: s.m. Golpe ou cicatriz na cara
[35] Confragedor: adj. Opressivo, angustiante

Pouca gente, porém, sabe o que se passou. Sei, porque me foi contado pelo guarda da piscina. Durval passava a cavalo na volta do Ó, quando ela o avistou da piscina, o chamou e foi a seu encontro, de maiô como se achava. Trocaram cumprimentos e ela manifestou o desejo de montar a cavalo naquele traje. Se apeou, lhe entregou o rebenque e a ajudou a montar. Depois, ao encurtar os loros, tendo a meio palmo dos olhos a ebúrnea carnação de sua coxa, não resistiu à tentação e sobre a pele macia e cheirando a sol depôs um beijo apaixonado. Ela teve uma dessas reações infelizes: Ergueu o braço e lhe deu uma chicotada nas costas. Não o fez com muita força ou a fazenda espessa da camisa de esporte amorteceu o golpe. O certo é que ele pouco o sentiu e exclamou, brincalhão:

— Por este preço, compro outro!

E beijou outra vez a carne cetinosa. Ao levantar o rosto, ela, numa reação ainda mais infeliz, lhe chicoteou a cara. Essa é a origem daquela marca que lhe dá uns ares de herói. Parece que dificilmente se conteve pra não a atirar abaixo do cavalo. Todavia não deu palavra e não esboçou gesto. Ela se apeou. Ele tornou a montar. Ela voltou à piscina. Ele foi pôr compressa no vergão que lhe deformava o rosto. E nunca mais se falaram.

Sei, por outras fontes, que ela está arrependidíssima e que tem feito tudo o que é humanamente possível pra ser perdoada. Lhe escreveu carta, recorreu a intermediário, procurou, mesmo, uma vez, lhe falar ali, numa das alamedas do parque. Tudo sem resultado. Ele não toma conhecimento da existência dela. É como se tivesse morrido. O diabo do goiano se ofendeu e é duro de roer. A um amigo meu, que tem toda a intimidade com ele, já disse que, se desaparecessem todas as mulheres do mundo e ficassem só ela e uma negra horrenda, ele, sendo obrigado a escolher, daria preferência à negra.

Este fato, que estiveste observando e acabo de te explicar com pormenor, é um documento interessantíssimo da psicologia feminina. O instinto do homem o leva a solicitar, a possuir pra fruir tão somente. O da mulher a leva a recusar, a fugir ou a reagir, mesmo desejando, a fim de conseguir o domínio pra a plena fruição. Mas a grande questão é saber dosar essa recusa, calcular bem essa fuga, não exagerar a reação. Um erro de cálculo pode criar, no homem, o desdém, sem limite, do amor próprio ofendido ou, o que é igual, senão pior, o cansaço, sem limite, do desejo frustrado. Nessa história de Durval de Brito, estamos em presença de ambas as coisas.

O velho doutor Pedrosa continuou a falar como um grande mestre na matéria:

— Meu caro, as mulheres são quase sempre duma falta de inteligência lamentável. Essa menina, por exemplo, é linda, esbelta, loura, cinematográfica, como dizes, mas não tem na cachola um grama de espírito. É toda carne e instinto. Como a maioria de suas semelhantes, não sabe prender um homem. Uma chicotada por um beijo! Que estúpida criatura. Muito mais estúpida que o próprio cavalo em que montava. Vejas, no entanto, como ele, Durval, foi espirituoso e galante, como ofereceu a ela uma saída brilhante a seu gesto teatral e de arrieiro. Levando aquela primeira vergastada nas costas, retrucou: Por este preço compro outro! E deu o segundo beijo. Ela, ao invés de ter um dito gracioso e definitivo como, por exemplo: Só faço pagar o primeiro! ou, então: Te dou este de quebra!, respondeu com um coice, que estragou tudo.

O que mais ainda depõe contra a pouca inteligência dela é estar apaixonada por ele. Está mesmo, não te iludas. As mulheres são assim: Dão a vida por quem as despreze. Metem os pés em quem as ama. Quantas não adoram os homens que lhe dão pancada?

Quantas! Anda atrás dele como um cachorrinho e ele não toma conhecimento de sua existência. Não tenho dúvida sobre a paixão que hoje a atormenta, como não tenho de que ele nunca mais quererá saber dela.

Doutor Pedrosa se calou. Eu também. Uma gritaria louca encheu a sala de baile. A orquestra tocou o hino nacional. Na rua espocaram foguetes. Era a passagem do ano. Todos se felicitavam, se pondo de pé e erguendo as taças. Numa das mesas do fundo do salão, a moça loura, alta e cinematográfica estava só e baixava tristemente a cabeça no meio da alegria geral.

Já se vão alguns anos desse reveião, em que doutor Pedrosa me revelou tal segredo. Durval de Brito, segundo sei, depois de longa viagem no Canadá e Estados Unidos, se casou com uma ianque católica de Bóston. Vivem muito felizes, conforme me dizem, ora em Goiás, ora no Rio e ora em Nova Iorque. A moça alta, loura e cinematográfica continua solteira, fingindo desenvoltura todo ano nas reuniões de hotel da estação de água. Ela deu um golpe errado. O mais errado de todos os golpes...

O sacrilégio de doutor Sabe-tudo

aquele tempo eu costumava almoçar diariamente, algumas vezes jantar, num dos mais antigos restaurantes da cidade, do qual era, também, freguês antigo. Além disso, amigo do proprietário. Esse restaurante desapareceu e muito pouca gente se lembra dele. Me deixou grande saudade.

Fiquei amigo do dono desse restaurante, ao iniciar minha vida no Rio de janeiro. Estudante de direito, com vinte anos de idade, morava de favor num quartinho duma delegacia de polícia cujo titular era meu parente, e ganhava o pouco dinheiro com que me alimentava dando aula particular. Dias havia em que almoçava e jantava uma média com pão nos quiosques ainda existentes no largo de São Francisco e que diziam pertencer ao barão de Ibirocaí,[36] alcunhado barão de Ibiroquiosque. Custavam essas refeições trezentos réis, trinta centavos hoje. Bendito tempo! Mas, apesar de bendito, houve ocasião em que, sem o níquel prà média, passei horas de fome.

Numa delas dei um golpe de audácia: Entrei àquele velho e famoso restaurante, expus minha situação ao proprietário e prometi que lhe pagaria a comida que me desse logo que meu recurso me permitisse. O homem gostou de minha franqueza, ele próprio me serviu fartamente e começou a conversar comigo. Lhe paguei, algum tempo depois, e ficamos amigos até sua velhice e morte. Durante cerca de vinte anos fui dos mais assíduos fregueses daquela casa, freqüentada pelo que a capital do Brasil tinha de mais fino e elegante.

Ora, numa noite, pouco tempo após a revolução de 1930, verdadeiro ciclone que varreu o que ainda restava de caráter, de cultura e de valor neste país, eu jantava sozinho naquele restaurante, conversando com meu amigo, seu proprietário, de pé diante de mim, quando entrou no salão iluminado e foi se sentar a uma das mesas do fundo um tipo que ali já notara pela aparência sinistra. Era um homem entre os 35 e os 45 anos, antes baixo que alto, cheio de corpo, de cara chata, cabeça desconforme, enormes óculos de aro de tartaruga, ombros sungados de corvo e um olhar, que olhar!, de absoluta insensibilidade moral.

As vagas da revolução lançaram às plagas cariocas muita gente desconhecida. Indaguei, ao dono do restaurante, quem era o tipo e me respondeu:

— Á! não conheces?... Meu-deus! É doutor Sabe-tudo.

— Doutor Sabe-tudo?

— Sim. O nome é outro mas o apelido é esse, mesmo. Dizem que é um talento, cultura formidável, que sabe, mesmo, tudo.

Sorri com ceticismo. Aceito, sempre com um pé atrás, essas famas apregoadas nos arraiais políticos, destinadas a extravasar deles e a preparar situações de exceção pra certos indivíduos. Em geral são os corrilhos[37] que os cercam, interessados em obter sinecura ou cavar negociata, que, assim, os impelem ao poder.

— O que fez pra merecer a alcunha?

Meu amigo encolheu os ombros e disse:

---

[36] Ibirocaí (Árvore queimada): Em tupi e guarani, *Ibira*, *ivira*: *Árvore*, *caí*: *Queimado*.

[37] Corrilho: s.m. Conciliábulo, reunião facciosa, corriola, mexerico, conventículo

— Não sei. Não entendo dessas coisas de direito ou de literatura. Somente repito o que ouço os políticos e outras pessoas dizerem, aqui, em minhas mesas. Não sei se o homem é orador ou jurisconsulto. Também não sei se já publicou ou publicará algum livro. Escuto todos repetirem que é um poço de ciência.

— Infusa, difusa, confusa e, talvez, até obtusa. — Acrescentei à guisa de comentário satírico.

Então o dono do restaurante abaixou a voz:

— É de minha terra e conheço uma coisa muito engraçada que fez...

Se interrompeu e ficou sorrindo, naturalmente a coligir, na memória, os fatos que narraria. O animei a prosseguir:

— Vamos. Contes o que fez esse tal doutor Sabe-tudo.

E ele, devagar:

— Certa noite, em que veio da fazenda dum parente meu e estava esperando o trem na pequena estação deserta, um pobre lavrador dele se aproximou humildemente, de chapéu na mão, e pediu: Senhor padre, pelo amor-de-deus!...

— Padre! Esse sujeito já foi padre?

— Não. Esperes um pouco, que explicarei tudo. Chovia torrencialmente e estava bastante escuro, pois a estaçãozinha era mal-iluminada. Estava coberto com uma capa de borracha que lhe chegava, quase, aos pés, levantara a gola do casaco preto e a prendido com um alfinete no pescoço por causa da umidade e do frio, e trazia, na cabeça, um chapéu negro e desabado. A confusão do caipira[38] é explicável.

Meu amigo fez uma pausa, se voltou ao gerente, que ficava num balconete ao lado da máquina registradora, no fundo da sala, e lhe deu uma ordem de serviço. Eu estava ansioso pelo fim da história. Enfim, tossiu, temperou a garganta e continuou:

— Senhor padre, pelo amor-de-deus! Suplicou o tabaréu, choramingando. Minha mulher está em casa, do outro lado do rio, morre-não-morre, e quer ser ouvida em confissão. Podes ir, um instantinho, comigo, prà coitada sossegar? **Pois não?** Disse doutor Sabe-tudo. **Vamos.** Acompanhou na chuva, enfiando os pés nas poças dágua e nos lameiros escorregadios, o marido da agonizante, atravessou a ponte vacilante sobre as águas torvas do rio que galopava com fragor lá em baixo e entrou na humilde moradia do matuto. Havia crianças espantadas e mulheres chorando. Afastou todos com um gesto, penetrou na camarinha da moribunda, encostou a porta e a ouviu em confissão. Enfim, saiu, deu a mão a beijar ao lavrador que o trouxera e foi tomar o trem. Ele mesmo contou essa história a meu parente e lhe disse que assim fizera por curiosidade, pra ter uma sensação nova: Ouvir os pecados duma mulher que morria, sentir a pulsação duma alma na hora da morte...

Rápido silêncio opressivo. Eu olhava a cara sinistra, o olhar gelado de doutor Sabe-tudo, que jantava tranqüilamente em sua mesa distante. Meu amigo, enfim, perguntou:

— O que me dizes disso?

Larguei o talher com tanta força no prato que o criado se aproximou pra ver se eu queria algo e os fregueses mais próximos se voltaram àquele ruído. Explodi:

— Foi um sacrilégio! Esse sujeito é um monstro!

---

[38] A etimologia da palavra *caipira* é controvertida: Pralguns a origem pode estar em *caapora* : *Caá*, *mato*; *pora*, *habitante*, *morador*. Portanto caipira é o habitante do mato. Pra outros: *Caí*, *queimado*; *pir*, *pele*: *Pele tostada*. *Caá*, *mato*; *pir*, *que corta*: *Cortador de mato*. Ou, ainda, uma corruptela de *caipora*, entre tantos possíveis significados. Tirado de www.kuarup.com.br

O afilhado de doutor mendonça

uando o nobre advogado entrou no vasto e magnificamente iluminado salão do restaurante logo chamou a atenção de todos os que ali se achavam, homens e mulheres. Rapagão bem-vestido, com um leve tom de arrivista, apregoava nos gestos, na voz e na atitude o contentamento consigo próprio. Se via que estava satisfeito com seu destino, até agora muito brilhante, com a alta posição a que chegara e que, alheado de qualquer preocupação fora de si, boiava, inconscientemente, sobre as ondas falsamente mansas do oceano de dúvida de nosso tempo. A alacridade de seu rosto anunciava que não tinha dúvida sobre sua grandeza e prestígio. Talvez até já vislumbrasse, na névoa do futuro, como corolário de sua rápida ascensão, o fardão da academia e a faixa da presidência da república. Por que não? Os jornais já não tinham citado seu nome como um dos mais papáveis na última recomposição ministerial? Em que, intelectualmente, fisicamente ou moralmente, eram superiores a ele os ignorantaços, os tartamudos e os quase analfabetos que, pelo azar da política ou pela intriga bem conduzida, alcançaram aquela situação?

Tudo isso um bom observador leria na sorridente feição do nobre advogado, nos apertos-de-mão e nos rumorosos cumprimentos que distribuía no salão até se sentar a uma das mesas mais em evidência, logo rodeado de atenção pelo mordomo, pelo garção e seu secretário. Até o cozinheiro de alto gorro branco engomado, que artisticamente decepava, junto ao balcão de frio, o grande rosbife à inglesa, parando de afiar a longa faca, o saudou, de longe, com a mesura convencional com que, em ambiente mercenário, se homenageiam os doadores de gorjeta principesca.

Enquanto eu apreciava aquela triunfal entrada em cena, não me escapou a contrariedade impressa na fisionomia do amigo com quem jantava, doutor Xavier Mendonça, médico cirurgião e parteiro, viúvo, cético e maior de sessenta anos, com pouco cabelo sobre a cabeça e muita experiência dentro.

— O conheces? — Perguntei intempestivamente.

— Infelizmente! — Foi a resposta, dada com dentes cerrados, sibilada e rápida.

— Por quê? Não te parece um moço de futuro?

— Sem dúvida! Em nosso país há de ter, mesmo, grande futuro.

E sibilou outra vez:

— Infelizmente!

Não pude resistir à curiosidade que me invadiu, porque senti, logo atrás das palavras de meu amigo, a presença dum fato ou de mais dum fato que conhecia, lhe dando aquela indignação. Sabia o quanto era honesto, puro, até demasiado prà época presente e, por conseguinte, o que me poderia dizer sobre aquele jovem teria de ser muito interessante do ponto de vista de minha observação sobre a vileza de alma e a baixeza de caráter. Tanto insisti que Xavier Mendonça me disse:

— Tomemos café no terraço.

Fomos e ali, sob o céu estrelado duma noite calma e tépida, entre dois charutos e dois copos de ótimo conhaque, ouvi esta história:

— Aquele sujeito é filho do irmão dum amigo íntimo meu, no tempo em que vivi

em sua cidade natal. Suponhamos que esses dois irmãos, seu pai e seu tio, se chamavam, respectivamente, João e José. Pois bem: José tinha uma filha, mais moça cinco anos que esse sujeito. Jovem muito bonita, graciosa, boa e bem educada, da qual ficou noivo quando estudante. Não me recordo bem se no último ou no penúltimo ano do curso. Toda a família exultou com o projetado casamento dos dois primos, que pareciam feitos um ao outro. Na ocasião da formatura desse, desse... Olhes, pra facilitar a narração lhe ponhamos o nome de Joaquim... Está entendido?

— Está.

— Na ocasião da formatura de Joaquim, o pai, João, preparou, durante vários dias, a casa pruma grande festa. Sabes como são essas coisas na província: Doçaria feita em casa, arranjo e decoração, também. Toda a família reunida pra colaborar no trabalho. Muita fraternidade e muita alegria. Maria, suponhamos que assim se chamasse a noiva, foi passar esses dias com os tios e participar, mais contente que os demais, do preparativo da comemoração da formatura do noivo. E sabes o que aconteceu? Aproveitando aqueles dias de intimidade familiar, esse biltre... ia me esquecendo... Joaquim, se antecipou a colher o fruto que só o casamento legítimo permitia...

Xavier Mendonça se interrompeu e levou aos lábios bojudo copo de conhaque. Escondia, decerto, um pouco de emoção. Depois, silvou:

— Infelizmente!

E prosseguiu:

— Com o tempo necessário meu amigo José descobriu a desgraça e procurou apressar o casamento, único remédio ao mal. Mas nosso Joaquim pretextou uma viagem, fugiu com o corpo e já andava de namoro com a filha dum ricaço, com quem se casou. A pobre Maria, em desespero, se finando em angústia. Os pais, como loucos. E o vestígio da passagem desse... de Joaquim cada dia mais evidente. Meu amigo José procurou o irmão, lhe contou tudo, se lançou a seus pés, implorou pra intervir e obrigar o filho a reparar o mal. Foi como se apelasse a um rochedo. Teve a resposta:

— A culpa é de tua filha. Não fosse leviana! Como queres que um rapaz como meu filho, cheio de dote e qualidade, comprometa seu futuro com uma mulher que, antes de casar, demonstrou, assim, sua leviandade?

— Diante disso, meu caro, a meu amigo José restavam dois caminhos: O do ódio, com uma vingança violenta como desfecho; e o da resignação, entregando tudo nas mãos de Deus. Profundamente católico, escolheu o segundo. Não desamparou sua pobre filha, cuja fraqueza era compreensível e justificável. Antes, ao contrário, tanto ele como a mulher a consolaram e confortaram. A criança nasceu por minhas mãos, um petiz robusto e lindo, de mais de quatro quilos. Fui seu padrinho de batismo. Meu amigo José e a esposa o registraram como filho legítimo e a pobre mãe continuou a viver em sua companhia, como se nada acontecera...

Doutor Xavier Mendonça parou, com a respiração um pouco opressa, pediu mais conhaque ao criado e se lançou nesta digressão, como disfarçando vivo sentimento:

— Muitos pais, cheios de orgulho e de indignação, são, em momentos como esse, os culpados da infelicidade da filha. Não perdoam sua fraqueza feminina, as expulsam de casa e assim as atiram aos braços da miséria ou da prostituição. Isso é mais que um erro. É um crime, pois em tal circunstância é que uma moça precisa de amparo e de proteção. José procedeu como bom pai, como verdadeiro católico. Não achas?

— Sem dúvida. Asseguro que, se tivesse filhas e com uma delas acontecesse tal coisa, não a desprezaria ou abandonaria. Daria ainda mais carinho, como compensação

de sua desgraça.
— Muito bem. Vamos.
— É o fim da história?
— Á! Queres, mesmo, tudo, até o fim?
— Quero.
— Infelizmente.
E, depois deste sibilo, concluiu:
— Esse meu afilhado, filho do tal Joaquim, cresceu e foi a causa de minha mudança ao Rio de Janeiro. Deixei, por sua causa, minhas a comodidade provinciana, meu sossego, minha clínica e meus bons amigos, pra me meter nesta cidade maravilhosa por suas filas, carestia e barulheira. Louvado seja Deus! A verdade é que eu não podia continuar lá sem freqüentar a casa de José, meu amigo e compadre, e a verdade é que não podia mais freqüentar. Cada visita me cortava o coração. O garoto, já com seis anos, sempre me repetia este estribilho:
— Meu padrinho, eu gosto muito de papai e de mamãe mas a pessoa de quem mais eu gosto no mundo é da minha irmã Maria. Não sei por que ela não deixa que a chame de mãezinha... Eu tinha tanta vontade de a chamar mãezinha... Peças a ela, Dindinho, pra me fazer a vontade!...
Xavier Mendonça afogou uma lágrima no conhaque e perguntou:
— achas que eu poderia continuar a freqüentar aquela casa e a ouvir isso?
— Não, de fato não podias e fizeste muito bem em vir a cá. Ao menos ganhei um amigo.
— Egoísta!... Penses na infelicidade daquela boa gente causada por esse Joaquim, no filho que se vai criando ao lado da mãe como irmã e sob o teto dos avós como pais... E ele aí, pavoneando sua importância no palco do mundo, colhendo a atenção da platéia que não conhece o bastidor! Se fosse possível ler o palimpsesto das almas humanas, creio que os homens-de-bem suicidariam, horrorizados dos contactos que tiveram de sofrer. Todavia são os indivíduos como Joaquim que sobem. E quantas vezes, a sua custa, definha no fundo duma casa enlutada e longínqua uma pobre mulher, que ludibriaram e esqueceram. Até parece que essas vítimas adubam seu crescimento. Atingem, assim, pisando almas, a mais eminente posição. Se sentam nas curuis[39] de governo.
— É verdade. Dessa massa é que se fazem muitos políticos e estadistas.
— Infelizmente! — Sibilou o doutor.
— Agora podemos ir. — Disse eu. — Os charutos e o conhaque acabaram.
Xavier Mendonça repetiu:
— Infelizmente!

[39] Os edis curuis (do latim *aedīlis curules*), na Roma antiga, eram dois encarregados da preservação da cidade, do abastecimento, da polícia dos mercados e das ações penais correlatas, bem como da jurisdição civil contenciosa nas questões ali ocorridas. Era magistratura plebéia, interditada aos patrícios. Extraído de Wikipédia.

O antropófago de Nova Iorque

arodiando Eça de Queiroz, quando disse que a arte é tudo e tudo mais é nada, podemos dizer que o passado é tudo e tudo mais é nada. Porque o passado é uma conquista boa ou má, o presente se inclui na rápida transitoriedade do tempo e o futuro jaz no espaço indefinível, nos esperando com esperança e desengano. Tanto assim que a vida somente se completa como expressão e projeção do homem, depois que a termina e, mergulhando na morte, desvenda o segredo do Além. Daí o encanto da recordação e da saudade. A recordação relembra. A saudade suaviza e, mesmo, diviniza aquilo do qual nos recordamos. Vivemos, por isso, quase unicamente no passado. Não somente nós, individualmente, mas toda a humanidade, cujo passado é a história desde seu misterioso aparecimento na face do mundo até os correntes dias perturbados.

No desenvolvimento de nossa existência vamos caminhando entre simpatia e antipatia, entre amizade e inimizade. Nos corações bem formados, a simpatia se dilui na distância das épocas, a antipatia adormece, às vezes, porém nunca morre de todo. Em estado latente ou potencial, despertam com um encanto novo em toda ocasião propícias. Eis por que a alma se alegra no encontro de velhos companheiros, de antigos colegas, de afastados camaradas, que um acaso propício nos traz, um dia, depois de prolongada ausência, ao convívio dalgum momento feliz. Depois da primeira expansão, vêm a cavaqueira, o bate-papo, a lembrança que desperta outras lembranças, esse recordar que é viver, segundo a frase já consagrada.

Quem poderá descrever o encanto novo desses encontros nas encruzilhadas benéficas dos caminhos da vida? Pra bem o compreender é preciso ter, também, aqui e ali, topado os inimigos de ontem e sentido o aborrecimento de reviver a contragosto coisas e sentimentos desagradáveis.

Numa dessas tardes calmas não açoitadas por vento frio, enevoadas por garoa nem abafantes por mormaço acumulado, como são as entre o verão e o inverno do Rio de janeiro, saboreei, admiravelmente, o gosto raro de reviver tempo ido e vivido na companhia dos velhos colegas do período em que a cidade maravilhosa, emergida do longo sono colonial e imperial, se espreguiçava na margem da Guanabara pra caminhar na senda dos embelezamentos e reformas progressistas que a converteram de grande aldeia em grande capital. Os reviver com o testemunho desses companheiros contemporâneos da exposição de 1908, na praia Vermelha, da diversão de Pascoal Segreto e da famosa Inana, da rua do Ouvidor, quase contemporâneos daquele Rio de janeiro de meu tempo, descrito pela pena de Luiz Edmundo.

Abraços efusivos. Notícias rápidas sobre a saúde e o que se fez nos anos da ausência. Depois um encontro marcado e a deliciosa espera pressa tertúlia matadora de saudade, em que os corações se teriam de dilatar, irmanados no mesmo diapasão de fraternidade e de nostalgia. Chegou, finalmente, o dia e nos reunimos num jantar em local arejado, diante do mar que vinha gemer na praia alvacenta, franjado de espuma. A avenida perolada de lâmpada elétrica se estendia com seu burburinho humano na noite além. Passavam espaçadamente os automóveis buzinantes. Vinha de longe o rumor de ferragem de bonde. O céu, empoeirado de lume, se estendia sobre os morros

escuros. E, a distância, pestanejava o farol da ilha Rasa.

Éramos três velhos amigos de proveniências diversas e de profissões diferentes, que cursáramos juntos as aulas da velha faculdade de direito no sobradinho do campo de Santana, onde pontificaram Cândido de Oliveira, Dídimo da Veiga, Frederico Borges e Araújo Lima.

O primeiro nos pusera na cabeça, em dia festivo, o capelo bacharelício com o ritual do estilo:

— *Tibi quoque!*[40]

Respondemos, naquele tempo, com nossa emoção de moço, em voz quase sumida:

— *Et ego quoque!*[41]

Um se dedicara à diplomacia pela mão de Rio Branco. Secretário em Quito, em Uóchintão e em Berna. Conselheiro em Copenhague, Roma e Pequim. Ministro em Atenas, Assunção e Bogotá. Embaixador, afinal de conta. Correra o mundo. Conhecera todos os aspectos de três continentes. Freqüentara a gente mais diversa e os meios mais remotos. Tivera êxito e enchera o peito de crachá. O outro se entregara, de corpo e alma, ao jornalismo, começando como repórter de polícia, representando, depois, este ou aquele jornal nas casas do parlamento e nos ministérios. Fora secretário de redação, escravizado ao eito de serviço noturno e, finalmente, ascendera ao cimo da carreira na qualidade de redator-chefe e diretor dum grande órgão publicitário. Eu me iniciara no mesmo mister, excursionara nos arraiais ingratos e perigosos da política, viajara as sete partidas da Terra em missão diplomática ou em caráter turístico, praticara a letra e acabara, como toda gente, embalsamado numa função pública.

Como o diplomata também tivesse, de início, veleidade de poeta e de homem de imprensa, no fundo éramos do mesmo estofo, isto é, possuíamos um fundo de alma mais ou menos comum, o que, decerto, não seria estranho às afinidades que de longa data nos uniam. Aliás, as amizades feitas na infância, na adolescência e na mocidade são, em geral, duradouras, sobretudo se afastamentos sem quebra das mesmas nelas intervêm, as impedindo de se tornarem cansativas e evitando os choques da convivência terra-a-terra.

Jantamos como nababos, pra festejar a reunião. Sobre a mesa do *Bife de Ouro* os bojudos cálices de conhaque Napoleão demonstravam que a refeição, apesar do preço e da crise, fora, na verdade, substanciosa. A fumaça dos charutos espiralava, vagarosamente, no ar. E, aos eflúvios do fumo e da bebida, esquecíamos a sala sóbria com suas mesinhas iluminadas sob os quebra-luzes de seda, em torno das quais só se falavam línguas estrangeiras, pra somente pensarmos em nós. Já entrados no período da vida em que se atinge, pelo prazer e pela mágoa, o pleno florescimento da experiência, da tolerância e da serenidade, conversávamos do bom tempo passado e, unicamente por mero desfastio, de vez em quando nos referíamos ao presente.

O diplomata comentou:

— Diziam, em minha cidade natal, quando eu era rapaz, que velho só servia pra jogar gamão e conversar sobre a monarquia. Convém não conversarmos somente sobre o que foi, pra não nos habituarmos a isso e, um dia, o remoque, sob outra forma qualquer, nos atingir. Cuidado! Estamos na idade em que, quando a indagam, devemos somente indicar as unidades e deixar na ignorância as dezenas. E cinco. E seis. E sete.

[40] *Tibi quoque!*: A ti também!
[41] *Et ego quoque!*: E eu também!

O interlocutor que complemente sua fantasia: Quarenta se for generoso, cinqüenta se for justo, sessenta se for infame... Infame: Digo bem!

Propus:

— Pra darmos razão ao amigo falemos sobre viagem. Vos lembrai daquele nosso encontro inesperado em Nova Iorque, no terraço do antigo Waldorf Astoria, numa tarde de calor, antes da lei seca?

O jornalista acendeu, um segundo, charuto e falou:

— Após esse encontro foste ao Canadá, rumo à catarata do Niágara, e nosso ministro, então simples secretário, voltou a Uóchintão, onde servia, Permaneci, três anos seguidos, em Nova Iorque, até que Munhoz me substituiu...

— Quem é? — O diplomata e eu perguntamos ao mesmo tempo.

— Não o conheceis? É um tipo raro, muito inteligente mas feio como ele só. Os brasileiros de Nova Iorque contavam sobre ele uma anedota maldosa, porém engraçadíssima. Diziam que estava olhando um caça-níquel interessante em Coneislândia, quando notou que muita gente, sobretudo mulher, começava a o rodear, o olhando com espanto, naturalmente pasma de sua fealdade. Baixote, mascavado, semiquasímodo,[42] devia parecer, àquelas pessoas desempenadas e louras, uma espécie de símio. Irritado pela curiosidade que despertara, meu colega perguntou, em alta voz e bom inglês, à multidão:

— O que quereis? Nunca vistes um homem feio?

Então, uma das moças presentes, tirando o mastigo da boca, exclamou, em sua fanhosa gíria:

— Meu-deus! Ele fala!...

Não preciso acrescentar que Munhoz dava o cavaco com a história.

Achamos graça e fizemos alguns comentários. O diplomata pediu atenção:

— Escutai. Isso foi anedota. Conheço, porém, um caso semelhante, real, senão, mesmo, oficial. Quando eu era conselheiro de nossa embaixada em Uóchintão, apareceram ali, tratando do lançamento dum empréstimo, dois representantes dum estado do norte. Não vem ao caso qual estado e ponhamos em seus delegados nome de pura fantasia. Um era advogado de nomeada e chefiava a missão, doutor Nogueira. O outro, funcionário da secretaria estadual de finança, contabilista de renome, lhe servia de assessor técnico. Ninguém como esse senhor Anselmo pra cálculo de valor cambial.

Com o bojudo cálice de conhaque aquecido entre as mãos, o diplomata sorveu, devagar, seu perfume e algumas gotas. Depois, continuou:

— Doutor Nogueira, alvo, corado, simpático, inteligente, comunicativo e pilhérico, conhecia doutras viagens, Estados Unidos e falava inglês correntemente. Senhor Anselmo, tipo de mestiço forte e bronco, bronzeado, atarracado, de face mongolóide e cabelo duro, não sabia patavina da língua de Longfellow.[43] Acompanhava toda conferência, almoço, jantar e excursão o advogado, mudo e sorridente. Raras vezes falava com ele em português. Seus olhos miúdos, negros e vivos observavam,

[42] Semiquasímodo: Semicorcunda. Alusão a Quasímodo, personagem de *O corcunda de Nossa Senhora* (*Notre-dame de Paris*), de Víctor Hugo.

[43] Henry Wadsworth Longfellow (27 de fevereiro de 1807 – 24 de março de 1882) Poeta ianque. Grande viajante (*Além-mar*, 1835), deixou obra poética da qual se destacam *Evangelina* (1847) e *The song of Hiawatha* (*A canção de Havita*) (1855). Machado de Assis, no conto *O espelho*, aludiu a uma de suas obras.

incansavelmente, todos os aspectos humanos e físicos que se lhe apresentavam.

Se aproveitando desse conjunto propício de circunstância, doutor Nogueira resolveu se divertir à custa de senhor Anselmo. Começou a o apresentar nos hotéis, nos clubes e nas próprias rodas de rua Muralha (Wall street), entre os grandes homens de negócio, como um índio manso, arrancado, em pequeno, da selva brasileira e educado por missionário, com grande dificuldade, pra lhe servir de secretário particular e, se necessário, de guarda-costa. A tribo da qual provinha era das mais ferozes do Brasil, com o arraigadíssimo vício da antropofagia. Desse momento a diante os ianques davam a mão com um sorriso constrangido àquele selvagem domesticado. Embora fingissem ser amáveis, transparecia, em sua atitude, certo receio.

Inteligentíssimo, senhor Anselmo desconfiou daquela mudança. Contratou, secretamente, um professor de inglês prático e começou a receber lição nas horas vagas. Estudou com tanto afinco que nuns dois meses compreendia a língua. Numa visita à bolsa de Nova Iorque doutor Nogueira renovou a pilhérica apresentação:

— Cavalheiros: Este é senhor Anselmo, meu dedicado secretário, índio da grande e terrível tribo antropófaga dos paiacus, criado e educado desde pequenino pelos missionários...

Não pôde continuar, furioso, espumando e crispando os punhos, senhor Anselmo avançou a doutor Nogueira, o fisgou pela gola do casaco e blaterou:[44]

— Então, seu cachorro! Me fazias de índio todo esse tempo?! Então era por isso que esses ianques me tratavam com frieza?! Te quebrarei a cara em três pedaços, sem-vergonha, haja o que houver!

Deu um murro no rosto do advogado. O sangue esguichou. Ele se defendeu. Os ianques pensaram que o antropófago se revoltara e queria devorar seu domador. Houve um corre-corre a todo lado. A multidão evacuou a bolsa. Mulheres tiveram chilique. Alguém chamou a polícia ao telefone. Dentro de minutos, ao rumor estonteante das sirenes, chegavam cinco auto-patrulhas, dos quais desciam agentes com arma embalada. O edifício foi cercado, as portas guarnecidas, os contendores separados e o pobre antropófago conduzido, com algema nos pulsos, à prisão.

O consulado tomou a providência requerida pelo caso mas não chegou a tempo de impedir a publicação da notícia nalguns jornais, com títulos deste teor: Um antropófago brasileiro pôs a bolsa em polvorosa. O embaixador me mandou averiguar o fato, do qual apresentei circunstanciado relatório. Se esclareceu que tudo não passara duma pilhéria engraçadíssima. Mas, convenhamos, de péssimo gosto. O governo estadual mandou ambos se recolherem aos penates.[45] O empréstimo, cuja negociação seguia bom curso, foi água abaixo. Senhor Anselmo, mal se viu livre, embarcou ao Brasil no primeiro paquete a sair. Apesar do esforço feito pra abafar o escândalo, muita gente de sua terra soube o que se passara. E até morrer o pobre homem era, lá, conhecido como *o antropófago de Nova Iorque*...

Fora das salas do luxuoso hotel se ouvia, no negrume da noite, a eterna canção do mar. Em meus lábios e nos do jornalista bailava levemente um sorriso cético. O segundo rompeu o silêncio:

— O que contei de meu colega é anedota. O que contaste é verídico?

— Como não?! Serei, porventura, capaz de inventar uma coisa dessa?

[44] Blaterar: Apregoar, xingar, falar mal em voz alta

[45] Penates: Deuses domésticos dos pagãos

Intervim:

— Capaz és, porque tens bastante imaginação pra isso. Ponho, também, em dúvida a autenticidade do conto.

— Muito bem. Me comprometo, quando trouxer minhas coisas ao Rio de Janeiro, a vos mostrar, em meus livros de lembrança, os recortes dos jornais nova-iorquinos. Estou, aqui, em gozo de licença. Devo, porém, depois de regressar a meu posto atual, ser transferido à secretaria de estado.

O jornalista e eu estamos esperando essas provas.

O assombroso caso de doutor Saulnier

aquele dia de verão era, verdadeiramente, delicioso ficar ali, fumando e conversando. O ar condicionado do restaurante dava preguiça de arrostar o calor insuportável da rua. Por isso todos os freqüentadores daquela mesa aceitaram, com prazer, a proposta, feita por Carlos Feitosa, de esperar que doutor Valdemar Santos, que chegara em último, acabasse de almoçar.

Quando o criado lhe serviu um prato de miolo frito na manteiga queimada, tapei os olhos com as duas mãos:

— Nunca pude comer isso e nem gosto de ver!

— Também não posso comer miolo — falou, a meu lado, engenheiro João Pascoal. — por causa duma história tétrica, horrível, pavorosa, ocorrida em Manaus.

— Contes! Contes! — Pediram todos os companheiros, ávidos de novidade.

Somente, então, reparei bem na figura do engenheiro, que, em primeira vez, freqüentava nossa mesa e me fora, rapidamente, apresentado antes do almoço. Era homem de meia-idade, de traço fisionômico acentuado, cabeça grisalha e um ar grave e austero. No gesto comedido, nas palavras claras e singelas, mostrava aquela calma resignada que é fruto da amarga experiência da vida.

— Andes! Contes logo!

Objetou.

— Não sei se devo contar, enquanto doutor Valdemar está comendo... Talvez seja melhor esperar...

— Ora! Por favor. Não te incomodes por minha causa. — Tornou o doutor, com voz decidida e breve. Não tenho nojo de coisa alguma, nem mesmo de barata. A prova é que como em restaurante...

Sublinhou a pilhéria com uma risadinha e prosseguiu:

— Pouco se me dá que falem disto ou daquilo, quando estou comendo. Hábito adquirido no colégio onde me eduquei. Na hora da merenda os veteranos chegavam ao pé dos pobres calouros que comiam seu farnel e começavam a dizer, uns aos outros, tanta porcaria, fazer comparação dos alimentos com coisas tão horríveis, que os garotos abandonavam, engulhados, seu pitéu. Era o que os espertalhões queriam, se fartando a custa dos tolos. Ali aprendi a me defender. Podes, portanto, falar a vontade.

Com esse consentimento, João Pascoal começou:

— Há uns 30 anos, quando residi em Manaus, travei íntima relação com um grande cirurgião de origem francesa, doutor Ricardo Saulnier. Solteirão impenitente, vivia num casarão antigo e vasto, em companhia de velha governante, Maria Genoveva, que já exercia esse cargo no tempo em que os pais do doutor ainda eram vivos. Além de fazer operação de toda espécie, doutor Saulnier se dedicava, muito especialmente, a profundo estudo de anatomia cerebral. Pra tal fim montara, numa dependência da moradia, magnífico laboratório e conseguia que o necrotério municipal lhe fornecesse o material necessário.

Seu prato predileto era (não fosse ele de origem francesa!) miolo *au beurre noir*, que Maria Genoveva preparava com cuidado especial e como ninguém. Uma vez por semana, geralmente nas quartas-feiras, o grande cirurgião se deliciava com ele e, vez

ou outra, se passava no mercado, na manhã, ao ir ao hospital, comprava miolo fresco e o mandava deixar em casa. Foi, justamente, por isso que se deu o assombroso caso... A mesa era toda ouvido. Se escutava ao longe o zumbir duma mosca. O engenheiro, depois duma pausa, tossiu, bebeu devagar um pouco de água e continuou:

— Ora, um dia entre os dias, como dizem os orientais, doutor Saulnier fez autópsia num louco falecido imediatamente após violentíssima crise, lhe tirou o cérebro, o embrulhou num papel impermeável e mandou seu empregado o deixar em casa, com recomendação expressa, à governante, pra pôr aquilo na geladeira do laboratório. O empregado entregou, no entanto, o embrulho à velha sem dizer, por esquecimento, por ignorância de poder advir qualquer conseqüência de sua omissão, por pouco caso ou por julgar que ela já estivesse habituadíssima a dar conveniente destino a peça semelhante...

— E o que aconteceu? — Interrogou, aflito, o desenhista Arco-Verde, com os olhos brilhantes de emoção.

— Paciência, amigo. Estamos chegando ao ponto onde o estilo infame da imprensa atual denomina clímax... Ao chegar até casa, no meio-dia, e, ao se sentar à mesa do almoço, Maria Genoveva lhe serviu delicioso prato de miolo *au beurre noir*. Era uma maravilha e não se cansou de os gabar, lambendo os beiços, dando estalo de língua, até que a velha, embora vaidosa de ser boa cozinheira, e lisonjeada, respondeu com fingida modéstia:

— Também estavam tão fresquinhos quando seu doutor os mandou via Gil...

— Hem! Como! — Bramiu o cirurgião, com um pulo que o pôs fora da cadeira, de pé, no meio da sala, lívido, trêmulo, esgrouviado. O que foi que disseste?, mulher. Os miolos que acabo de comer foram os trazidos por Gil nesta manhã? Não te fez alguma recomendação?...

A velha balbuciou a resposta, gaguejante, em lágrima, adivinhando um equívoco terrível, uma tragédia pavorosa:

— Juro, por nossa senhora, seu doutor, que Gil não me deu recado! Disse somente: Eis o que seu doutor mandou e que sabe pra que é. E foi tudo. Nada mais disse. Palavra de Deus! Como eu poderia saber?

Ia falando e acompanhando, trôpega, o cirurgião, que varava, apressado, o corredor, rumo ao laboratório, gesticulando e murmurando praga como um louco. Entrou em sua oficina e, entre mesas de tampo de mármore carregadas de instrumento profissional, foi até a geladeira. Abriu a porta. Estava vazia, com um resto de gelo derretendo no compartimento forrado de zinco. Desvanecera sua derradeira esperança. Então, Ricardo Saulnier se voltou à velha que o acompanhava e berrou:

— Velha desgraçada! Me fizeste antropófago!...

Ela não entendeu e ficou de olhos esbugalhados. Cada vez mais pálida e mais trêmula. Ele prosseguiu:

— Vás, depressa, chamar doutor Marcondes. Que venha já e traga a sonda pra me fazer uma lavagem estomacal... Não esqueças o recado. Andes! Vás, com todos os diabos!

E, destampando alguns frascos de droga, começou a preparar um vomitório.

Doutor Ricardo Saulnier nunca mais pôde comer miolo. Nem eu, depois que me contou essa história. Sobretudo *au beurre noir...*

João Pascoal se calou. Houve um silêncio geral um tanto pesado e opressivo. O rompeu o desenhista Arco-Verde:

Mudemos de assunto. Que tal falar mal da vida alheia?...

— Deixes de pilhéria!, rapaz. — Replicou doutor Valdemar Santos. Não te preocupes comigo. Me curei dessas tolices, como contei, nas merendas do colégio. Quanto quereis apostar que sou capaz de repetir, já, o prato?

Ninguém apostou.

Boca-de-forno

á uns vinte anos, em Fortaleza, a praça dos Coelhos era vasta quadra arenosa entre as ruas da Boa Vista e da Assunção, fora de portas, na chamada Areias, onde terminava a pavimentação da cidade. A emolduravam cercados de faxina ou de arame farpado, delimitando os terrenos plantados de cajueiro, ateira e goiabeira, com casebre de taipa, coberto de palha de carnaúba, verdadeiro mocambo, aqui e ali. Um dos terrenos tomava completamente a face norte do quadrilátero e servia, de dezembro a janeiro, às representações dos congos do negro Gorgulho, açougueiro do mercado municipal. O governo estadual o adquiriu pra nele erguer o novo quartel da polícia. O primitivo ficava na antiga praça Marquês de Herval, ao lado do teatro José de Alencar e diante da igreja do Patrocínio, local que se tornara impróprio por ser muito central e zona residencial familiar. Além disso, exíguo e antiquado, não correspondia mais às necessidades da força pública. A aboletaram, por isso, num grande edifício, outrora construído pelo barão de Ibiapaba[46] pra asilo de mendicidade, pertencente ao governo federal, que o pedira pra instalar o colégio militar. Daí a resolução de se construir o novo quartel à praça dos Coelhos.

As obras da edificação vieram dar vida àquele rincão abandonado e tristonho que nem iluminação tinha e só se animava no Natal com os congos e, às vezes, com a armação de navios dos fandangos populares. O encheu, pois, desusado movimento de operário e de transporte de material. Se improvisaram, em barracas ou nas choupanas próximas, pequenos botecos e tendinhas. O trabalho de calçamento das ruas começou a avançar à praça. Os jornais noticiaram projeto de urbanização e ajardinamento da mesma. Alguns capitalistas adquiriram lote ali e começaram a edificar casa com o fito da obtenção de boa renda, as alugando pra venda, armazém e moradia de oficial, quando o batalhão policial se instalasse no novo prédio. A praça dos Coelhos se valorizou e nela somente se viam construção em curso, andaime e montão de madeira, tijolo, telha, cal, barro e saibro.

Na face do nascente, numa choupana sombreada por viçoso pé de jamelão[47] e rodeada de ateira, goiabeira e sapotizeiro, morava Antônio Matias, locador, treinador de cavalo, cigano como ele só. Herdara a propriedade do pai, o velho João Matias, outro ciganão, conhecido, na redondeza, como Cara-de-bode.

Toda a cidade conhecia bem a crônica de Antônio Matias, celebrizado por suas petas extraordinárias, repentes e graçolas, ciganagens e negócios escusos. Certa vez, ouvindo gabar as rapaduras do Cariri, que não melavam no tempo úmido e se mantinham sempre durinhas, saiu com esta:

— Meu pai teve um sítio com engenho, em Cascavel, quando eu era menino, no qual fabricava rapadura tão dura, tão dura que, batendo uma na outra, faiscava como pedra de isqueiro.

Noutra, a alguém que lhe dizia no café Java, de Ovídio:

— Antônio Matias, te darei 5.000 réis, se me contares, já, uma mentira.

---

[46] Ibiapaba: Árvore da lagoa (corruptela de *ibira*: *Árvore*, *upaba*: *Lagoa*)

[47] Syzygium cumini, Syzygium jambolana. Árvore da família das mirtáceas, originária da Malásia, cujo fruto parece uma azeitona preta, por isso chamada azeitona no norte e nordeste.

Replicou, sem pestanejar:

— Recusei, agora mesmo, 20 mil réis pra contar outra.

Vendia galinha apanhada na vizinhança ciscando no folhiço dos cajueiros, surrupiava carneiro e cabra pastando amarrado nos terrenos devolutos e os mercadejava na feira, depois de tosar a lã ou modificar a aparência, de modo que os donos não reconhecessem. Impingia, aos incautos, bilhetes de loteria corridos e senhas atrasadas das casas de diversão. Negociava jóias de pechisbeque,[48] como se fossem de ouro, com os paroaras[49] dinheirudos que se hospedavam no hotel de Zé da Hora, à praça da Estação.

Costumava escarafunchar o lixo da cidade, na Rampa, em frente à cadeia pública, nas horas mortas do dia, quando o Sol esplendente abochornava[50] as ruas e fazia vibrar os ares aquecidos, procurando talher perdido, louça esquecida e outras coisas. Contava ter achado até anéis e brincos naquela sujeira. Ali encontrou um mutum morto, que fora do quintal do velho Justino Café. O levou até casa, depenou, limpou, temperou, assou e vendeu no café Iracema, onde figurou no cardápio do jantar.

A melhor façanha de Antônio Matias se passou com capitão Guabiroba, negociante rico do calçamento da Mecejana, que apreciava, como ninguém, um cavalo esquipador.[51] Toda tarde, durante uma semana, o locador passava pela porta dele, montado num cavalo ruço, de rego aberto, que baralhava maravilhosamente. Ia até o Alto da Balança e voltava já escurecendo. Capitão Guabiroba, tentado pela marcha e beleza do animal, um dia não se conteve. O chamou. Riscou o ruço ao pé da calçada da venda.

— Boa tarde!, capitão Guabiroba.

— Boa tarde!, Antônio Matias.

— O que mandas?

— O cavalo é pra vender ou está sendo ensinado?

— Ensinado, nada! É um brinco! Gosto muito dele e não quero me desfazer. Mas se chegar a um preço bom poderemos conversar.

— Quanto queres pelo bicho?

— É um bicho, mesmo! Digas quanto dás!

— Digas tu.

— Não, se queres, mesmo, comprar, faças a oferta.

— Ora essa! pois darei preço no que não é meu?

— Está bem! Um conto de réis. Valeu?

— Estás louco! Com um conto de réis compro uma casa. Dou seiscentos mil réis porque o cavalo me agrada muito e é dinheiro demais.

Discutiram, ainda, um pedaço. Finalmente concordaram em oitocentos mil réis. Guabiroba passou a Antônio quatro pelegas de 200 bagarotes,[52] que as meteu no bolso e falou:

— Capitão, mandes um dos meninos da venda, em minha garupa, até lá em casa, na praça dos Coelhos. Tirarei meus arreios e ele trará de volta Rompe-Nuvem.

---

[48] Pechisbeque (ouropel, tambaque): s.m. Liga de cobre e zinco imitando ouro.

[49] Paroara, parauara: s.m. Paraense, natural do estado do Pará. (região norte): Nordestino que vive na Amazônia. Agenciador de trabalhador pro seringal da Amazônia.

[50] Abochornado: adj. Quente, abafadiço

[51] Esquipado: Certa andadura onde o cavalo levanta, ao mesmo tempo, o pé e a mão do mesmo lado

[52] Bagarote: s.m. (gíria) Nota de um cruzeiro (antigamente mil-réis)

E com um sorriso:

— É o nome do bichinho. Bem dado, não?

Sumiu na noite, esquipando, com o caixeirinho montado nas gordas ancas do animal.

Meia hora depois voltava. Guabiroba examinou o ruço à luz dum lampião, todo satisfeito, e o meteu na cocheira, no fundo do quintal.

Na manhã seguinte se vestiu de branco, pôs as perneiras de couro de lustro, as esporas de prata, enfiou o chapéu do Chile na cabeça e mandou selar. Acendeu um charuto Vitória de Dannemann e montou. Antegozava o prazer de passar nas ruas, baralhando e esquipando no belo animal. Iria à praça do Mercado fazer figa ao velho Belo e a Amorico, que gostavam de cavalo e jamais possuiriam um igual nem daquele preço. Mas o destino lhe reservava a maior decepção. O ruço era igual ao outro porém não havia dúvida que não era o outro. O cigano, decerto, o trocara por um parecidíssimo, que tinha de reserva em casa prà tramóia. Porque por mais que lhe metesse a espora, puxasse o freio ou apertasse o cabeção, não saía dum chouto[53] sacudido que fazia as vísceras do cavaleiro saltar pela boca.

Furioso, Guabiroba tocou o pífio choutão até Areias e foi à casa do locador, na praça dos Coelhos. O encontrou calmamente à porta, sentado num tamborete, encabando um chiqueirador.[54] Levantou os olhos e deu com o outro fulo de cólera.

— Bom dia, capitão Guabiroba! Gostaste de Rompe-Nuvem?

O negociante explodiu, trêmulo, levantando o rebenque ameaçador:

— Ladrão do Inferno! cigano sem-vergonha! Trocaste o cavalo e me impingiste este choutão desgraçado no escuro da noite! Me dás o esquipador que comprei ou eu te mato de relho! Ouviste? Vamos com isso!

Antônio Matias se ergueu e se postou a distância de se defender da agressão.

— Capitão. Juro-por-deus que o cavalo é o mesmo, que não te impingi outro. Sou homem pra uma coisa dessa? Nossa senhora me livre de enganar os outros! Santo Antônio, meu padroeiro, não me ajude na hora da morte se fiz isso!

E se persignando:

— Não será que não entendes de rédea?

— Eu não entender de rédea? Essa é boa!, seu ladrão de cavalo! Fui criado na Jurucutuoca,[55] montando em pêlo desde menino. Antes de nasceres meu pai ensinava os cavalos de capitão João da Cunha.

Antônio Matias deu de ombros, compungido, e indagou:

— O que é que deste ao ruço pra comer durante a noite? Os animais, às vezes, estranham a alimentação...

— O que daria além do que se costuma dar a cavalo de estrebaria da maior estimação?: Farelo com mel-de-furo, milho, capim verde. E então?

— Então eis o caso: Rompe-Nuvem estranhou. Eu não disse? Foi criado aqui, em

---

[53] Choutão: Que anda a chouto. Chouto: s.m. Trote miúdo e incômodo. *Sair de chouto*: Fugir apressado.

[54] chiqueirador (chiqueirá, frança, gurinhém): s.m. (norte do Brasil) Tira de couro torcido (relho) amarrada na ponta dum cacete, pra servir de chicote.

[55] Jurucutu (jacurutu): Ave do tamanho dum frango, que anda nos telhados das casas na noite. Ave agourenta. Quando os indígenas estão trabalhando no roçado ou pescando e escutam o canto do jurucutu, param de trabalhar e de pescar porque nada mais dará certo. Oca, tupi: Casa (em guarani oga). Jurucutuoca: Casa, toca ou habitáculo do Jurucutu.

casa, desde poldro até ontem, comendo somente maisena. Dês o mesmo tratamento ao bichinho e verás como baralha e esquipa que é um gosto!

Num pulo estava dentro de casa. A lambada do relho de Guabiroba afogueado de raiva açoitou o ar. Vendo que não levaria a melhor entrando na choupana pra agredir o morador, o negociante se foi Areias afora, rogando praga, solavancado no chouto rude do trotão.

Quando começaram todas as construções da praça dos Coelhos, Antônio Matias teve uma idéia luminosa. A criançada do arredor costumava, na noitinha, se reunir ali, pra folgar a vontade, brincando manja, veado, dona Cândida, cabra-cega, boca-de-forno. Fez amizade com os meninos, mais de dez entre oito e doze anos, espevitados, levados da breca, moleques de rua. Os ajuntava em volta de si, sentado num mocho, lhes contando história de Trancoso: *Bela Adormecida*, *Riquete de Crista*, *João soldado*, *Gata Borralheira*, *Branca-de-Neve*, *A princesa fina*, *Chapeuzinho Vermelho*. Depois de adquirir prestígio entre eles começou a lhes dirigir os brinquedos. A meninada não faltava àquelas reuniões. Quando ele vinha da feira de animal, diante da assembléia, às vezes encontrava os moleques no caminho:

— Bom dia, seu Antônio.

— Bom dia, Evaristo.

— Até a noite, seu Antônio.

— Até a noite, benzinho.

O crepúsculo se desfazia rápido em noite escura ou prateada de luar. A garotada ia chegando. Sentado no tamborete, olhando as tulhas de material de construção que se adensavam nas fímbrias dos terrenos, sem vigia ou guarda, Antônio Matias dava inicio aos folguedos infantis. Gritava:

— Boca-de-forno!

A gurizada respondia em coro:

Forno!

— Tirou um bolo!

Bolo!

— Rei manda, manda?

— Manda!

— Quem andar mais depressa, trouxer uma telha e puser debaixo das ateiras, ganha um doce!

A molecada corria como coelho e ia empilhando as telhas no quintal da choupana.

— Rei manda, manda?

— Manda!

Quem andar mais depressa, trouxer um tijolo e puser debaixo das goiabeiras, ganha um doce.

Os tijolos seguiam o caminho das telhas. Às vezes, dava a cada guri uma lata pequena e o brinquedo continuava:

Boca-de-forno!

— Forno!

— Tirou um bolo!

— Bolo!

— Rei manda, manda?

— Manda!

E as latinhas de saibro ou de cal eram celeremente despejadas nuns caixões

colocados atrás da choupana. Quem passava na proximidade ouvia, no vasto silêncio noturno, a voz estentórea de Antônio Matias:

— Boca-de-forno!

E o coro esfuziante da petizada:

— Forno!

— Tirou um bolo!

— Bolo!

Aquilo se repetia todo dia, de 6:30h até 20h, quando o sono fechava os olhos de grandes e pequenos nas humildes redes dos casebres de Areias. Antes de dormir, Antônio Matias dava uma voltinha às tulhas de material e nunca se recolhia de mãos vazias. O pessoal da vizinhança se admirava dum homem já feito, passando de 45, ter tanta paciência com os meninos. Chica Rosa, lavadeira da praça de Pelotas, costumava dizer que ele estava prestando grande serviço, divertindo os garotos, que, enquanto assim folgavam inocentemente, não conversavam sobre porcaria nem faziam coisa feia na espessura do mata-pasto verde. João Belota, vendeiro na esquina do Livramento, gabava, a toda gente, o bom coração do locador, que ficava rouco de repetir:

— Boca-de-forno!

— Forno!

— Tirou um bolo!

— Bolo!

O fato é que, terminada a obra do quartel de polícia, quando começaram a rebocar a alta fachada do pesado casarão, Antônio Matias contratou com Góis, mestre-de-obra, a feitura duma casa de tijolo e telha, dando o material acumulado com tanta argúcia, paciência e pouco trabalho. Só, então, os moradores da redondeza compreenderam a marosca. E puseram no filho de Cara-de-bode o apelido merecido de Boca-de-forno.

ntiga e pobre, a fazenda de Santo Antônio do Acari ficava no fundo do vale da Imbiracica,[56] algumas léguas de beiço[57] adiante da ponta mais ocidental da serra da Uruburetama,[58] a 4km da estrada de rodagem entre Fortaleza e Sobral. Sertão brabo: Pedregoso, pontilhado de catingueiras retorcidas, negras, enfezadas sob a inclemente e eterna tortura solar. Chovia pouco, mesmo nos meses de mais água dos anos fartos. Não se via uma ipueira,[59] um riacho, um fio úmido cortando, com seu brilho, o solo adusto. Serrotas estéreis, apunhaladas de penhascos branquicentos como ossadas antediluvianas. Ralas catingas esqueléticas. Carrascais parduscos e garranchentos. Raros juazeiros copados, como oásis de verdura, perdidos na paisagem empoeirada. Silêncio tumular perturbado a espaço pelo grito ameaçador dos gaviões solitários, pelo martelar metálico das arapongas ou pelo canto estridente das seriemas e das acauãs. Sobre as rugas nuas dos plainos tostados se alinhavam os carcarás famintos em atitude de sentinela da solidão. Ao luar esverdinhado, que tornava espectrais aquele ermo, subia, ao céu escampo e prateado, o uivo das raposas no cio e a gargalhada trágica dos urutaus: Ai ai ai ai ai!

Rodeada de alpendres esconsos em suas forquilhas de baraúna, a casa, vasta, acaçapada, com o reboco em chaga, mostrando as costelas da taipa, datava do fim do outro século, dantes da famosa guerra dos Monte e Feitosa, contemporânea dos últimos governadores da capitania, no tempo del-rei nosso senhor. Era tradição que nela se hospedara João Carlos de Oyenhausen e Grevenburgo, afilhado de dona Maria I, mais tarde marquês do Aracati,[60] que morreria na governação de Moçambique, na extraordinária arrancada que fizera pra arrancar ao sertão o potentado Manuel Martins, mandado à cadeia do Limoeiro, em Lisboa, onde o general Junot o poria em liberdade na invasão de 1807. A parte do fundo já caía em ruína. Ali ficavam as senzalas e, num desvão, se ainda via um quarto baixo e escuro, gradeado de ferro, coito de morcego, ninho de sevandija, toca de aranha caranguejeira e lacraia, a cafua, destinada antanho a prisão de escravos faltosos. No chão resto de corrente, grilheta, gargalheira e um tronco vira-mundo se desfazendo em ferrugem. Por causa disso os

[56] *Imbiracica*: Seiva de árvore. Do tupi *imbira*, *árvore*; *icica*, *seiva*

[57] Légua de beiço (regionalismo, Brasil): Distância incerta que, na maioria das vezes, vale bem mais que uma légua (4km), geralmente associada ao gesto de distender o lábio inferior (extraído de Wikipédia)

[58] *Uruburetama*: *terra dos urubus*. Do tupi *retama*: a terra natal, a pátria.

[59] Ipueira: Terreno alagado, represa natural ou lagoeiro

[60] O nome tem várias versões: Segundo Barba Alardo: *Pedra branca comprida ao alto*. Eusébio de Sousa: *Vento ou rajada forte ou aragem forte ou vento que cheira*. *Bonança* foi a denominação de Gonçalves Dias. José de Alencar: *Vento que vem do mar*. Adauto Fernandes: *Bom tempo*. Ayres de Casal: *Terra onde nasce o vent*o. Se aceita, também, segundo outros autores, *Ara-catuy*, formado de *ara*, *claro*, *limpo*; *catu*, *bonançoso* e y, *água*, resultando *Água clara e bonançosa*. No dicionário de Aurélio Buarque: Vento que em regiões nordestinas (especialmente no CE) sopra de N.E. para S.O. Raimundo Girão: Monção ou brisa que sopra nas tardes de verão, saindo do mar e entrando no sertão e os refrescando. Se pode comprovar a veracidade da afirmação nas cidades que nas margens do rio Jaguaribe, onde parte da população ainda se senta na calçada, no final da tarde, pra descansar, esperando o Aracati, o vento que se desloca do litoral em direção ao interior, no leito do rio. É praticamente consenso, entre os estudiosos e escritores, que um significado comum para a palavra Aracaty, hoje Aracati signifique *Bons ventos*. (Condensado de Wikipédia)

raros moradores da vizinhança, dos quais o mais próximo residia a 6km, nunca chamavam a fazenda de Santo Antônio do Acari mas de fazenda da Cafua.

Nos desmantelados currais de pau-a-pique, outrora cheios de gado, sobretudo antes das grandes secas de 1825 e 1835, agora se recolhia meia dúzia de vacas, que davam, nos bons invernos, aos fazendeiros, leite, coalhada e uns quatro queijos de coalho, tão duros e secos que só se podiam partir a machado. As miunças[61] não iam além de oito cabras famélicas e dum velho fulejo[62] chifrudo, com barba de profeta bíblico. No mais, alguns bois escavacados e dois cavalos magros, o Lazão e o Tostadinho. Dentro duma cerca de caiçara, enfeitada de chifre e casca de ovo, pra livrar do mau-olhado, uma rocinha de macaxeira, feijão de arrancar, maxixe e jerimum. No peitoril duma janela um vaso de manjericão. Nos batentes das portas, gravados a fogo, os signos de Salomão, por causa dos lobisomens e das mulas-sem-cabeça.

Moravam ali major Silvestre de Barros Lima e sua mulher, dona Filomena, servidos por Teresa, negra idosa e esfarrapada, antiga escrava da família. O vaqueiro era seu Raimundo Nonato, solteirão, macambúzio, desconfiado, de nariz de repolego[63] e cara picada de bexiga, que ali chegara, havia anos, não se sabia donde, ficando como se não tivesse outra ambição na vida além de acabar os dias em silêncio e esquecimento. As más línguas do arredor resmungavam. Umas que era desertor da polícia do estado, outras que era um cangaceiro fugido do bando facinoroso de Estêvão Pratos, exterminado, em Tamboril, pela coluna volante de capitão Procópio.

Havia até quem afirmasse que atendia, então, pelo apelido de Raimundo Pinga-fogo. Sem dúvida, se sentia muito satisfeito por escapar ao castigo da lei no sossego daquele ermo.

Mais tarde, alegrou a fazenda um sobrinho de dona Filomena, meninote espevitado que o casal de velhos teve de criar por caridade. A seca empurrara os pais à miragem da Amazônia. Não o podendo levar o deixaram em casa dos primos, moradores na vila de São Francisco de Itapipoca.[64] Nunca mais deram notícia. Como que a terra os tragara. Cansados de sustentar o petiz abandonado, os primos escreveram uma carta a dona Filomena. Não o queriam mais. Carregados de família, baldos de recurso, desejavam o entregar à tia, pois não passavam de primos em quarto grau. Dona Filomena chorou, se lembrando da mãe dele, Romualda, tão boazinha, a moça mais linda, outrora, na vila de Massapê;[65] do cunhado, Manuel Guedes, apelidado Sovelão, tão seu amigo!, que sempre a cumulava de gentileza, durante seu noivado.

Major Silvestre mandou selar os cavalos e foi sertão afora, rumo a São Francisco, levando o vaqueiro. O sobrinho veio dias após, viajando ora na garupa de Lazão, ora

---

[61] Miunça, miúça: s.f. Pequena porção ou fragmento. (Brasil, nordeste): Designação dos sertanejos ao gado caprino e ovelhum.

[62] Só consegui encontrar referência ao termo *fulejo* com sentido de *festejo*: A quadrilha **Fulejo Junino** deu espetáculo no segundo dia de arraial global... Foi um verdadeiro fulejo: Música alta, a galera com camiseta de candidato a vereador. Enfim, puro êxtase-suburbano-pavunense-alucinógeno... No texto, obviamente, se refere a um bode.

[63] Repolego (Brasil, Ceará): s.m. Arrebitado

[64] *Itapipoca* é vocábulo indígena que significa *pedra arrebentada*, *rocha estourada*. Do tupi *itá*: *pedra*, rocha; *pi*: *pele*, *couro*, *revestimento*; e *poca*: *arrebentar*, *estourar*. (extraído de Wikipédia)

[65] Massapê é um município brasileiro do estado do Ceará. Sua população estimada em 2004 era de 32.593 habitantes. Seu nome significa *terra fértil, argilosa, de cor escura*, derivado do latim *maspètum,i*. (extraído de Wikipédia)

na de Tostadinho, muito mirrado e tímido, com duas mudas de roupa serzidas e remendadas num saco de zuarte. Tinha sete anos, o cabelo alourado e os olhos grandes e remelentos.

Com o tempo ganhou um pouco mais de corpo. Dos oito aos nove anos lhe deram as cabras a levar ao pasto nos serrotes próximos na manhã e a recolher ao chiqueiro no cair da tarde. Recomendava a tia:

— Sem faltar uma só! E todo cuidado é pouco com Trigueirinha!

Era uma cabra preta de brincos no pescoço, danisca e mocambeira, mas boa de leite como nenhuma outra. Costumava se esconder no mato pra passar a noite fora de casa, dando um trabalhão pra desentocar.

— Sempre leves um pau, Florêncio. — Aconselhava o major, porque o bode Ioiô é um marrador de respeito.

O menino custou a perder o medo ao respeitável e barbado pai-de-chiqueiro. Porém o perdeu em pouco tempo e, quando se preparava pra arremeter de chavelhos enristados, lhe malhava, a salto, a vara no lombo e nas costelas. O bode acabou o temendo.

Após o almoço, o major, com seu crônico pigarro de velho cachimbeiro e tomador de rapé, se assoando num grande lenço vermelho de Alcobaça, tomava as lições do garoto, pois escola ou mestres ambulantes eram coisas desconhecidas em Imbiracica. Horas de tortura pra quem amava a liberdade silenciosa dos ermos ensolarados, as carreiras loucas na campina forradas de panasco amarelo, as pedradas aos carcarás e aos anuns, os fojos de pegar preá, os quixós de pegar mocó e as arapucas de pegar juriti. Lá fora o esplendor solar se derramava do firmamento puríssimo sobre o grande vale sertanejo, semeando de diamante os penhascos e talhados cobertos de mica. O gado ruminava, tranqüilamente, à sombra rala dos jatobás e dos juazeiros. Uma ou outra rez mugia alto, trombeteando. Toda a natureza convidava a infância às deliciosas, inocentes e inesquecíveis aventuras singelas da vida campesina, e ele ali, coitadinho!, na sala sombria e tosca, preso a um tamborete, algemado à cartilha, soletrando e lendo.

— Perto da casa, há três pés de cambucá...

Que seriam esses pés de cambucá? A gravura indicava se tratar de árvore. Teriam fruto? E a imaginação o levava a trepar neles, quando o tio a interrompia:

— O que é isso?, Florêncio. Estás bestando? Paraste a leitura? Continues! Vamos!

A tortura aumentou com o ensino da escrita pelo velho sistema de pauzinhos e curvas, que, depois, se ligavam em letras. Havia, nos cadernos vindos da capital, amostra de lindas caligrafias. O menino procurava, em vão, as imitar com seus garranchos trêmulos. O velho, às vezes, o ajudava, lhe segurando e guiando a mão inexperiente.

A tabuada e o catecismo tornaram o martírio intolerável. Carcarás de bico-de-lacre e pés-amarelos se enfileiravam ao longe, militarmente, no alto dos cômoros desnudos. Piririguás ronceiras, voando baixo, de arbusto a arbusto, soltavam gritos estridentes. No lombo de Lazão e de Tostadinho, que retouçavam, devagar, a erva raquítica do terreiro, pousavam os anuns pretos catando de parasita. E a voz, entrecortada de pigarro, do velho fazendeiro ia perguntando:

— Quantas são as pessoas da Santíssima Trindade? — Respondia em tom sumido, olhando, de soslaio, a paisagem livre através das janelas:

— Três: O pai, o filho e o espírito santo.

— O pai é Deus?
— É!
— O filho é Deus?
— É!
— O espírito santo é Deus?
— É!
— Então são três deuses?

Distraído pela visão do Sol, dos carcarás, das piririguás, das rolinhas, dos cavalos pastando, todos tão livres, naturais e despreocupados, Florêncio errava o catecismo:

— São.

Major Silvestre dava um pulo da larga poltrona de vinhático, com um berro:

— Não, Florencinho do Diabo! Não! São três pessoas distintas e um só deus verdadeiro. É o mistério da santíssima Trindade. Por que não prestas atenção ao estudo?, Florencinho do Diabo!

E vinha o indefectível castigo:

— Vamos à cafua!

O garoto o seguia, cabisbaixo. Raimundo Nonato varrera, espanara e limpara de sevandijas a velha prisão. O fazendeiro trancafiava o sobrinho uma ou duas horas. Queria o fazer gente, padre ou doutor. Inimigo de dar pancada, preferia encafuar. Hoje pelos erros de leitura ou ditado, amanhã pelo catecismo mal decorado, depois por causa da tabuada. Á! A tabuada! Que espiga!

Florêncio cantarolava, em falsete, uma hora ou mais:

— 1 pataca: 320. 2 patacas: 640. 3 patacas: 960. 4 patacas: 1.280. 5 patacas: 1.500...

Outro pulo da cadeira e outro berro do major:

— 1.600, pedacinho de burro! 1.600! 1.600!

Mais cafua.

Com as cabras, os cavalos, os carcarás, a cartilha, as contas, a caligrafia, o catecismo e a cafua, Florêncio chegou aos doze anos. Então, os tios, no fundo gente muito boa e respeitável, que só desejava seu bem, lançando mão, generosamente, da economia lentamente amealhada naquele ermo sertanejo, com muita paciência e sacrifício, resolveram mandar o educar em Fortaleza. Adeus, pois, sertão ardente de Imbiracica! Adeus, dentes azuis das serras distantes, heraldicamente embutidos no ouro da alvorada e na púrpura do ocaso! Adeus, matinho ressequido em que a brisa vesperal soprava em cicio amoroso! Adeus, vasto casarão arruinado com suas altas empenas branquicentas, onde vinham dar de cabeça os passarinhos encandeados pelo deslumbramento da soalheira! Adeus, mel de jandaíra e irapuã, chupados nos próprios favos à sombra dos mulungus floridos! Adeus, correrias, a tonta, pela imensidade do campo atrás dos tejuaçus que fugiam, açoitando o ar com a cauda ameaçadora! Adeus, também, horas silenciosas, solitárias e tristes no fundo sombrio da cafua!

Montado no Tostadinho, acompanhado pelo major, no Lazão, recomendado a nosso senhor, a Maria santíssima e a toda corte celestial pelas orações de dona Filomena e de Teresa, que sabia contar como ninguém, na noite, ao pé do fogão, onde fervia o mugunzá da ceia, todas as histórias do mundo maravilhoso das fadas, dos anões, dos gigantes, dos lobisomens e dos príncipes encantados, Florêncio deixou a fazenda de Santo Antônio do Acari. Rompia a manhã numa explosão de luz e de cantos de galos-de-campina. A cada hora que passava foi descobrindo novos mundos e nova gente.

Primeiro São Francisco da Itapipoca, recolhida a uma dobra da Uruburetama, onde se hospedaram em casa dos primos, admirados de o ver crescido e forte. Adiante, a fazenda da Jandragoeira, de coronel Guilherme Miranda, de cujo terreiro se avistava o boqueirão da Arara, entre as serras do Juá e do Camará. Depois a velha Soure, antiga Caucaia dos jesuítas, adormecida à sombra dos cajueiros e das mangueiras. Passaram entre as ribanceiras cor de sangue do Barro Vermelho e seguiram no calçamento do Alagadiço, entre chalés e vivendas senhoriais. Finalmente, entraram em Fortaleza com suas ruas linheiras e empedradas,nas quais corriam, chocalhando sobre os trilhos, os bondinhos de burro, desde a praça do Ferreira ao outeiro, à praia, a Jacarecanga,[66] a Benfica, ao curral do Açougue e à estrada da Mecejana.

O major se aconselhou com seu velho amigo, monsenhor Liberato. Hesitaram entre os colégios de Anacleto e de Lino, escolhendo o seminário. Florêncio vestiu a batina de Formigão, cantou no coro da igreja da Conceição da Prainha, representou, vestido de soldado romano, nos dramas sacros e formou fila nas grandes procissões solenes, em que o bispo e o governador do estado compareciam sob o pálio. As teorias das irmandades com opas e círios caminhavam, lentamente, nas ruas juncadas de folhagem e flor, das varandas pendiam colchas de damasco agitadas ao vento, as bandas militares tocavam em surdina, os seminaristas cantavam litania. Sua alma começou a esquecer Imbiracica.

Nove anos de aula de línguas vivas e mortas, de ciências profanas e sacras foram modelando um homem novo. A princípio sua imaginação, que se desprendia da infância à adolescência, lhe deu grande medo íntimo à cafua do seminário, que, naturalmente, devia ser maior e mais escura que a da fazenda. Se esforçou no estudo prà evitar e quando perdeu esse receio diante da realidade já adquirira o hábito dos livros. Se tornou, assim, um aluno modelo, que o velho reitor gabava a toda gente.

Pelas rasgadas janelas das salas de aula, no primeiro andar do edifício, que do alto do outeiro dominava o litoral, avistava cenário muito diverso do de sua meninice: Dunas cor de prata, coqueirais balançantes e as ondas do verde mar bravio de Alencar se desfazendo em espuma. Não havia mais carcará, anum, rolinha de asas tatalantes, todos os livres animais de Santo Antônio do Acari pra o distraírem. Mergulhava, inteiramente, na declinação e gerúndio, no raciocínio da lógica e na meditação da teologia. Achara, definitivamente, sua vocação, mercê de Deus e da Virgem: Queria ser padre. E passou as férias no próprio seminário ou na casa dos padres da aldeola. Como tudo muda na vida! Mudamos nós ou muda a própria vida? Ambos mudamos na eterna impermanência de todas as coisas criadas.

Se ordenou e celebrou missa nova na igreja da Conceição da Prainha, contígua ao seminário. Muito velhos e achacados de mal, os tios não puderam ir à capital e não tiveram a dita de àssistir. Mas, antes de ser nomeado pra qualquer paróquia vacante do sertão, cônscio de tudo quanto lhes devia, se apressou em os visitar. Fim dágua. Mês de junho. Refez, entre a poeira da seca, em sentido contrário, o longo caminho que o trouxera de Imbiracica ao sacerdócio.

A velha fazenda de Santo Antônio do Acari se engalanou toda pra receber o menino tornado homem e ministro do Senhor. Bandeira grande do glorioso mártir são Sebastião transpassado de flecha, dum lado e do taumaturgo lisboeta, do outro, com Jesus pequenino nos braços, distendida por uma travessa terminada em flâmula,

[66]Jacarecanga: Cabeça do jacaré. Acanga, cabeça

girando em alto mastro erguido no canto do curral. Bandeirinhas coloridas de papel-de-seda, pendentes de cordões, nas varandas e no cupiá. Raimundo Nonato soltando, no terreiro, foguetes que espantavam o gado e punham a correr, de rabo alçado, Batata e Talismã, substitutos de Lazão e de Tostadinho, cujas ossadas branqueavam na várzea. Lágrimas de júbilo de dona Filomena e da negra Teresa. Major Silvestre, aprumando o andar trôpego, em sua roupa branca, bem engomada, com uma vasta gravata preta de laço feito, afogado de emoção. Mataram um porco encomendado em São Francisco e se fez chouriço. Se preparou uma cabidela com dois capões a estourar de gordos. Se postou no meio da mesa, sobre a toalha de renda, uma travessa de arroz doce com um F de canela saindo dum coração rodeado de cruzes. A maior e mais sincera recepção que teve padre Florêncio na vida. Jamais a esqueceu, e, velho, elevado a bispo, sempre a ela se referia com vivo sentimento de ternura.

Toda a vizinhança de Imbiracica, na distância de 20km, fora convidada, de antemão, prà missa que o jovem sacerdote devia rezar na fazenda de Santo Antônio do Acari, cujos habitantes se confessaram na noite pra comungar no dia seguinte, diante do altar armado numa mesinha com vela, flor de papel e o crucifixo antigo do oratório familiar.

Depois de ouvir longamente os pecados do velho vaqueiro, cuja misteriosa origem só ele ficou sabendo, mandou que, até o primeiro canto do galo, permanecesse em oração. À negra Teresa marcou de penitência um terço a nossa senhora do Carmo. Dona Filomena teve de rezar dez ave-marias, cinco pais-nossos e uma jaculatória em intenção a seus mortos. Chegou a vez do major Silvestre, que, havia anos, não se confessava e fez uma revisão geral de seus pobres pecados, na maioria por pensamento e palavra, pois suas obras eram sempre boas, como as de sua santa mulher, tão desambiciosos e sossegados viviam naquele manso e triste recanto da Terra.

Murmurou o velho, em voz baixa, o ato de contrição. E o padre, coçando devagarinho o queixo mal escanhoado, lhe disse:

— Tu, meu tio, te levantes às cinco horas e fiques até as sete, quando celebrarei a missa, rezando o terço dentro da cafua...

O major obedeceu com humildade cristã. Entrou na cafua na madrugada, fechou a grade, se sentou num tamborete e começou a desfiar o rosário entre os dedos ossudos.

A casa dos mortos

epois da morte de doutor Boanerges Rodrigues, que fora, naquele fim de século, o grande médico da cidade, sua casa entrara em lenta mas implacável decadência. Em sua volta a cidade crescera, se desenvolvera, modernizara. O velho calçamento de pé-de-moleque, com longas capistranas de gnaisse no meio, fora substituído pelos paralelepípedos, ou, mesmo, pelo asfalto. Os prédios familiares daquela rua central se transformaram, um a um, em casas comerciais. Quase todos, postos abaixo, deram lugar a arranha-céu. No meio daquela contínua mutação do cenário urbano, somente a casa de doutor Boanerges permaneceu como era, se arruinando, aos poucos, pela falta de conservação adequada. E logo dava na vista de quem palmilhasse a tradicional rua das Pitombeiras, crismada em rua Governador Marinho, aquela moradia antiquada, perdida no fundo dum jardim com alegretes abandonados e árvores sem poda, de largas janelas fechadas, balcões de ferro batido com pinhas de cristal vermelho, biqueiras de louça e marquesa de vidro opaco à porta de entrada.

Silenciosa como um túmulo, aquela casa guardava, dentro das grossas paredes coloniais, uma saudade inconsolável, uma dessas saudades que nunca morrem, porque são espicaçadas todos os dias por aqueles que a sentem, como a terra é revolvida pelo arado pra frutificar em novas messes, numa verdadeira *voluptas dolendi*.[67] Doutor Boanerges Rodrigues fora, de fato, um grande médico pelo saber, senso clínico inato e grande coração compassivo, que o tornara amigo de todos seus enfermos, ricos, remediados ou pobres. Fora, porém, mais ainda um grande chefe de família, vivendo, exclusivamente, pra sua mulher, dona Marianinha, suas duas filhas, Maria Cândida e Rosa Maria, e seu filho, Luiz Augusto.

Ao entrar na adolescência Luiz Augusto teve uma paralisia nas pernas, que o atirou, ao resto de seus dias, a uma cadeira-de-roda. Esse grande desgosto empanou a felicidade brilhante daquela casa. Não houve mais reunião nem festa, as meninas não freqüentaram mais baile e partida, dona Marianinha nunca mais pôs os pés na rua. As janelas se fecharam. As luzes diminuíram. Só os íntimos visitavam a família. No fim dalguns anos doutor Boanerges sofreu um insulto apoplético, penou três meses e faleceu santamente, com todos socorro da santa madre Igreja. Então a dor e a saudade se apoderaram daquela pobre gente, a aferrolharam no fundo da velha mansão, enquanto o tempo impiedoso sobre ela e seus moradores ia exercendo sua ação lenta, cruel, implacável.

Eu fora, na adolescência e mocidade, amigo de doutor Boanerges, a quem me ligava velha relação de família, freqüentava sua casa antes do desastre de Luiz Augusto e dançava com as duas meninas nas festas em que as encontrava ou nos serões alegres que o grande médico costumava oferecer aos amigos ao menos uma vez por mês. Por isso, sempre que encontrava uma pessoa conhecida, pedia notícia daquela família enclausurada. E assim fui sabendo que as meninas não se casaram, que Luiz Augusto ficara, além de paralítico, cego e que dona Marianinha andava, sempre, muito doente.

---

[67] *Est quaedam dolendi voluptas*. Há um certo prazer na dor.

Aliás a cegueira era fatal em toda aquela gente na casa dos cinqüenta anos. Ninguém escapava. Por isso não me espantei quando um amigo comum me noticiou que a mãe e as filhas também cegaram mas iam vivendo, apesar de tudo, no escuro e solitário casarão colonial da antiga rua das Pitombeiras.

Enfim, um dia, o destino me levou de volta àquela paragem e senti ser imperioso visitar aquela pobre gente sepultada em vida. Me preveniram que dona Marianinha sofria da obsessão ao cemitério e aos micróbios. A qualquer pessoa que chegasse, logo perguntava se estivera no cemitério naqueles dias próximos. Se a resposta era afirmativa, corria a se trancar em seu quarto, donde somente saía depois que o inficionado se retirava. Se a resposta era negativa cumprimentava o visitante com palavras amabilíssimas, o mandava se sentar, chamava as outras pessoas, lembrava que lhe servissem bolo, licor e café. Porém, tudo isso de longe, sem permitir a alguém dela se aproximar e, ainda menos, lhe apertar a mão. Era tal seu pavor aos micróbios que nem às filhas e aos fâmulos consentia a roçassem de leve.

Os que me contaram essas coisas me disseram mais: Que todas aquelas pobres pessoas cegas se moviam naturalmente, como se perfeitamente enxergassem, nas dependências da vasta moradia, ajudavam a fazer as camas e a preparar quitutes, tal a prática adquirida naquele encarceramento voluntário que já durava trinta e cinco anos.

Cheguei, numa tarde, diante da velha residência de doutor Boanerges, entaipada entre dois arranha-céus comerciais de cimento grisalho e frio. Atravessei o jardim desfeito pelo tempo e bati palmas à porta de entrada, sob a marquesa de vidros opacos, quase todos quebrados, rachados ou meio pendurados dos caixilhos roídos pela ferrugem. Esperei alguns minutos. A porta se abriu. Uma negrinha de olhar triste e vestido azul desbotado abriu o batente e foi logo dizendo, sem perguntar o que eu queria ou quem eu era:

— Entres!

Entrei no vestíbulo, que conhecia, aliás, como toda a casa, desde a infância. As mesmas portas de ombreiras envernizadas, abrindo às salas de visita e de jantar, velhas plantas fenecendo em dois jarrões de faiança azul, poltronas empoeiradas e, pendurado do estuque do teto, um lustre de cristal que enterneceria um caçador de antigüidade.

Ouvi passos ligeiros no assoalho. Vultos claros se adivinhavam na penumbra dos aposentos. Um rumor de roda atravessou a sala de jantar e meus olhos depararam Luiz Augusto, cego, encanecido, verdadeiro ancião, preso na cadeira movediça. Me invadiu uma grande piedade. Perguntou:

— Quem é?

Dei meu nome, que logo foi repetido em toda a casa com exclamações de alegria.

— Rosa Maria, Maria Cândida, Mamãezinha! — Exclamava o cego paralítico — Vinde. É nosso grande amigo, a quem papai queria muito bem e quem sempre falava.

Eu tinha os olhos rasos dágua ao ver chegar duas senhoras idosas e cegas, com os braços estendidos pra me abraçar comovidamente, quando, duma das portas interiores, surgiu outro vulto, uma anciã encarquilhada e curvada num roupão arroxeado, a cabeça circulada por um resplendor de cabelo níveo, que foi logo estendendo os braços e gritando, alvissareira, triunfal:

— És tu, meu filho, que conheci pequenino, ainda engatinhando. Te lembraste de nós e vieste nos ver! Meu Deus, que alegria! Maria Cândida, Rosa Maria, Luiz Augusto! Vosso pai, lá no Céu, está vendo isto e está muito alegre!...

A santa velhinha fez uma pausa, tomou fôlego e exclamou:

— Meu filho, venhas me abraçar. Um abraço bem apertado, como se abraçasse tua própria mãe. Não me importo que estiveste nalgum cemitério nem acredito que tragas algum micróbio ruim. Não me importo! Quero um abraço teu!...

Abracei dona Marianinha, chorando, pois nunca me comovera tão profundamente uma prova de amizade. Foi, de fato, a maior que já recebi na vida.

Castor e Pólux

s botões de punho de meu interlocutor me despertaram a atenção. Conversávamos num desses cafés antigos e mal freqüentados que havia atrás do edifício da prefeitura municipal, hoje demolido, numa tarde chuvosa de novembro. O aguaceiro me apanhara desprevenido naquela banda e me abrigara ali. Como continuasse a chover me abanquei e pedi um cafezinho à inglesa. Meu interlocutor, também refugiado do temporal, pedira licença e se sentara a minha mesa. Era um homem de setenta anos, magro, relativamente bem conservado, num terno velho mas limpo, de colarinho duro e punhos engomados, de enrolar, à moda antiga.

Conversamos sobre o tempo:

— O clima do Rio de Janeiro anda muito mudado. — Disse à guisa de introdução, por falta de assunto.

Respondeu com voz muito calma e suave, abanando a cabeça branca:

— Em meu tempo o calor forte começava em outubro. Que abafamento nessas ruas coloniais, estreitas e sujas! O verão era de rachar. Passos começou a arejar a cidade. Agora é isso que se vê. Nem parece a mesma. Copacabana, então!... Em meu tempo...

E foi desfiando um rosário de lembrança e saudade dum Rio antigo, desaparecido na voragem do tempo, um Rio aldeia grande, satisfeito por desabafar. Eu tinha os olhos pregados em seus botões de punho. Eram lindos e contrastavam com a discreta pobreza do traje. Paletó surrado. Joelheiras. Cerziduras e esfiapados na camisa branca, muito limpa, porém mal engomada. Um antiquário ou um colecionador logo proporiam a compra dos botões. Engastados em ouro, dois finíssimos camafeus italianos de concha nacarada, com lindas cabeças clássicas de perfil. Obra-prima da glíptica do século 17.

Queres os ver de perto? — Indagou, solícito, notando o interesse de meu olhar fixo.

— Pois não? É favor... Muito obrigado!

Os examinei longamente na mão aberta, voltado à luz que mal entrava pelas duas portas do café atulhadas de gente esperando melhorar o tempo.

— Castor e Pólux, disse, com um sorriso.

Meu interlocutor demonstrou que era homem educado, culto e sabedor do que possuía:

— Escola italiana. Os dois gêmeos de Zeus e Leda. Vejas o engaste de ouro cinzelado. Moldura de pequeninos cisnes, como convém à lenda da mitologia greco-romana. Trabalho paciente e delicado de ourivesaria francesa. Talvez posterior ao entalhe. Do século 18.

Com um suspiro, acrescentou em voz mais baixa, tímida:

— E têm uma história triste. Muito triste.

A chuva batia com mais força na rua. Um trovão longínquo se arrastava, vagaroso e ameaçador, no céu negro. Indaguei, com certa hesitação:

— Podes contar?... Se não sou indiscreto.

O desconhecido não se fez de rogado. Esteve calado um momento, como ajuntando recordações desvanecidas. Depois falou, com lentidão:

Luiz Barreto Chaves, seu primeiro dono, foi, nos últimos anos do império, um dos mais ricos e conceituados negociantes do Rio de janeiro. Da então conhecidíssima firma *Chaves, Oliveira e Irmão*, secos e molhados em grosso, à rua de São Pedro, esquina de Quitanda, lado da sombra, num casarão de azulejo e bica. Infeliz em certas transações, com a república e o encilhamento, faliu. Ficou sem vintém mas a falência, devido a certa circunstância e ao rigor da época, teve de ser considerada fraudulenta. Por sentença. Hoje a desonra seria ficar sem dinheiro. Falência é, muitas vezes, título de esperteza, senão, mesmo, de glória. Excelente passaporte à alta roda. Naquele tempo não. Era um labéu terrível! O falido fraudulento nunca mais se aprumava na vida. Que esperança! Barreto se viu reduzido à mais negra miséria. Todos lhe voltavam as costas. Os maiores amigos da época das vacas gordas lhe negavam ajuda e trabalho. Nem o aceitavam pra caixeiro-vassoura ou vigia noturno. Uma desgraça completa...

Pigarreou. Me pediu um cigarro e prosseguiu:

— Passei muito tempo sem o ver, embora fôssemos amigos de longa data. Desaparecera de circulação. Certa manhã, o topei, de súbito, na rua Nova do Ouvidor, esquálido, rasgado, sujo, a barba enorme, irreconhecível, coitado! Me pediu auxílio. Me contou seu sofrimento, que disputava, na madrugada, aos cães, na porta dos restaurantes e freges, o resto das latas de lixo! Tive muita pena. Muita pena! Estava em boa condição financeira, lhe dei algum dinheiro, o vesti, alimentei e tanto fiz que lhe arranjei um emprego modesto, duzentos mil réis por mês, o que era, naquela época, alguma coisa. Ora, se era! Talvez um conto hoje.

Dois ou três anos depois recebi um recado urgente seu. Estava morrendo num quarto de pensão, lá por vila Isabel, e queria me ver. Fui e o encontrei na última. Queria somente me agradecer, antes do desenlace, o grande favor que lhe fizera, aliviando o peso de seus últimos dias. Nunca imaginei tão fervorosa gratidão. Primeiro e único exemplo que tive dessa virtude sublime. Ao expirar me deu este par de botões, do qual nunca se desfizera através de toda miséria que passara. Lembrança sagrada duma criatura que amara loucamente na mocidade. Único amor em sua existência de solteirão impenitente. Que eu os guardasse e usasse sempre, em memória do desgraçado que socorrera.

Não usei os botões, porque andava com uns de ouro, com brilhantes, de meu falecido pai. Mas veio um tempo em que tudo perdi, tudo, até eles! Empobrecido e infeliz como aquele homem que socorri, agora uso seus botões de punho, como um desgraçado que anda com a herança doutro desgraçado!

A chuva amainara. Meu interlocutor limpou uma lágrima que teimava em brotar no canto dos olhos. Lhe dei outro cigarro, paguei o café e saí. Ficou colocando, nos punhos enrolados à moda antiga, as efígies delicadas de Castor e Pólux, os dióscuros, filhos de Zeus e da Leda. Fui caminhando, pensando na superstição do povo contra os camafeus. Será que levam, mesmo, à desgraça?

O contrabando de pecado

quiles, o Capitania era, em minha meninice, um dos homens mais populares no bairro da Praia. Capitania chamava o povo miúdo aos marinheiros da alfândega, que remavam na baleeira do guarda-mor e, na noite, rondavam o porto, do Arpoador ao Meireles. Seu quartel ficava num velho trapiche de madeira que olhava o edifício da aduana e que o assoreamento da costa afastara uns 500m do mar. Só nas grandes marés de lua cheia, em agosto, algumas ondas mais afoitas conseguiam vencer o espaldão arenoso e vir beijar a estacaria ressequida.

Aquiles era popular por muitos motivos. Primeiramente pela elegância: Alto, espigado, de cabelo claro e boa cor, trazia, sempre bem limpo e engomado, o uniforme branco de marujo, em cuja gola azul se via, em cada ponta, um **A** coroado por uma estrela. Punha um pouquinho de lado, na cabeça ereta, a boina de fita negra com o letreiro dourado Alfândega, da qual o laçarote marcado de âncora lhe pendia nas costas. A fivela do cinturão, a ponteira, o bocal da bainha e o punho do refle,[68] cuidadosamente areados, brilhavam como ouro, fazendo ressaltar o couro preto reluzente de verniz. Andava firme, pisando com força e, às vezes, cofiando o sedoso bigode alourado. Grande êxito entre certas damas do mercado, do morro do Moinho e da rua da Misericórdia. Às vezes, ao passar muito espigado nessa rua, ouvia uma voz feminina ciciar, no mistério duma rótula:

— Venhas a cá, marinheiro pachola!

Homem de boa maneira, serviçal, sorridente e sempre pronto a facilitar tudo, irradiava simpatia e colhia o que semeava. Toda gente o apreciava, desde os negociantes que freqüentavam a guarda-moria aos funcionários da aduana e desde os moradores do bairro aos estivadores das capatazias. A meninada o adorava. Nos domingos, quando estava de serviço, a reunia em volta de si, sobre o tabuado do velho trapiche, e desandava a contar história, cada qual mais emocionante. Todas passadas com ele durante os quatorze anos que já vivera rondando o porto. Começara aos 24 de idade e andava, então, nos 38. Além do que vira e do que participara, conhecia fatos doutros tempos, que o pai, também capitania como ele, lhe transmitira nos serões familiares da casinha onde ainda vivia com sua mãe, na rua do Chafariz. Assim chegavam aos ouvidos dos meninos a notícia do assassínio, a tiro, de tocaia, dum antigo patrão-mor a mandado do velho administrador da capatazia, Caetano, do qual o morto infelicitara uma filha, crime que fizera época; ou as façanhas de mestre Chico do Nascimento, que depois fora prático-mor do porto, o dragão-do-mar, no tempo da abolição, quando chefiou os jangadeiros que se recusavam a embarcar escravo a outras províncias do império; e mesmo os motivos que levaram os catraeiros,[69] aliciados pelo valente Cairara, a se insurgir contra o sorteio da armada, a desrespeitarem o capitão-do-porto e a enfrentarem a polícia que os espingardeou, armados de faca, cacete e pedra.

Os guris eram todos ouvido, porém ainda mais atentos quando Aquiles enfiava no infindável caminho de suas próprias histórias: Aventuras carnavalescas com papangus

[68] Refle: s.m. Espingarda curta, espécie de bacamarte. (Brasil) Sabre-baioneta usado por policiais.
[69] Catraeiro: Barqueiro, tripulante de catraia: Pequeno barco tripulado por um homem

embriagados e maracatus do outeiro, rixas e conflitos na Apertada Hora ou na Cachorra Magra, truques pra escapar às unhas da polícia, depois das brigas, navalhadas dadas aqui e ali, no escuro das salas de samba, com as luzes apagadas a pau, cujo resultado só se vinha a saber depois: Um caboclo sem orelha ou um negro sem nariz, pingando sangue. A famosa luta com o cabra Jamelão, na rua do Seminário, onde levou cinco facadas, sendo três nos pulmões. Foi levantado do chão com as feridas cheias de terra e bagaço de cana, conduzido à Santa Casa, dado por morto, tratado, afinal, por que teimava em viver, e já andava, de novo, gingando no mercado, catando outro sururu pra forra... Era de estarrecer...

Parecia, porém, que o próprio mar verde e bravio se calava, que a própria nortada morria nos coqueirais, desde que Aquiles passava ao capítulo de suas rondas noturnas na praia, quando apreendera contrabando, vira a troca de misteriosos sinais luminosos entre um vapor inglês e a torre de Bóris, andara a soco com os noruegueses duma galera carvoeira e metera o revólver nos peitos dum bife, capitão duma barca sueca com carregamento de madeira, que arribara ao Ceará, fazendo água em quantas juntas tinha. Sempre, depois de o ouvir religiosamente, a meninada pedia um relato que já sabia de cor e não se cansava de escutar, o do contrabandista do outro mundo, título dado pelo consenso geral.

Aquiles pigarreava lentamente e começava, com voz larga, este preâmbulo:

— Ora, sabeis que não sou homem de mentira. Só conto o que me contaram ou o que vi. E isso vi, mesmo, com estes olhos que a terra comerá. Juro por nosso senhor Jesus Cristo e toda sua corte celeste!

Fazia uma pausa, tragava umas fumaçadas do cachimbo e largava:

— Foi numa sexta-feira do mês de agosto de 1901, não me lembro mais do dia. Eu estava de ronda da ponte Metálica à praia do Peixe porque se achava fundeado no porto o paquete da *Booth*, *Anselmo*, que era useiro e vezeiro em contrabando. Toda gente sabia disso. Noite de lua cheia. Eu ia andando na frente daquele arrecife pequeno do porto das Jangadas, quando ouvi, ao longe, o relógio da igreja da Prainha bater meia-noite. Fiz o sinal-da-cruz. A praia e o mar estavam claros como se fosse dia. Ao largo se viam, distintamente, as luzes do paquete. O farol de Mucuripe apagava e acendia, acendia e apagava. Parei pra acender o cachimbo e ouvi barulho de remada. Me voltei à arrebentação e avistei uma bateira que vinha, certamente, do *Anselmo* e se dirigia à praia, justamente ao ponto onde eu me encontrava. Naquela hora só podia ser contrabando. O coração bateu no peito. Quantas homens viriam na embarcação? Se aproximou e vi que um só, remando de ginga. Me escondi atrás duma moita de pinhão bravo e esperei. Não sei por quê, sentia algo desagradável, certa apreensão, arrepio, sensação de receio. Tinha de me dominar de instante a instante. A bateira passou, deslizando sobre as ondas que se quebravam na areia, e subiu por ela, rangendo o casco todo.

O remador pulara à água prà agüentar firme e a puxar o mais possível praia acima. Depois tirou do barco um fardo pesado e o colocou bem ao pé da moita que me escondia. Trouxe o segundo e o terceiro. Achei, então, que era tempo de intervir. Me apresentei ao sujeito de frente, empunhando o revólver, dedo no gatilho:

— Que história é essa? Estejas preso e vamos à guarda-mor!

O bicho, que era troncudo e baixote, parou e me fitou com olhos que brilhavam como duas brasas. Soltou um ai! prolongado e alto. Depois, começou a afinar e crescer na luz lunar. Foi ficando magriço e alto assim como Zé Viana. Dali a pouco

era tão comprido e fino como o Privilégio do Bumba-meu-boi. Enfim, parecia uma vara de bambu com a cabacinha como a dum grande alfinete tocando o céu. Eu sentia um formigamento no braço estendido, tão doloroso e forte que quase o revólver me caía da mão, o cabelo e o pêlo do corpo todo se arrepiaram, os queixos batiam de frio e um vento forte soprava praia afora, levantando nuvem de areia. E o tal sujeito afinando e crescendo, crescendo e afinando no luar.

— Pares com isso! — Gritei com esforço — Pares com isso! Senão faço fogo!

O vulto era quase como uma linha. Pipoquei três tiros seguidos: Pum! Pum! Pum! Credo! Quando se apagou o clarão do último e morreu de todo o eco do estampido, a ventania cessara, o vulto desaparecera, sumiram os fardos, a bateira, tudo. Nada havia além do silêncio e do luar na praia deserta!

Aquiles gozava a emoção dos circunstantes, pitando seu fumo da terra, um instante, e logo concluía:

— Então, meninos: Foi que me deu um medo dos diabos. Minha nossa senhora! Batecum do avexame no coração, as pernas tremendo e trambecando, uma zoeira na cabeça e a língua perra. Mesmo que eu quisesse gritar não poderia. Fiquei desse jeito uns tantos minutos mas logo que pude me mover larguei numa carreira danada na praia e só vim parar aqui no trapiche. Estava de serviço o compadre Cesário (que não me deixe mentir!), que ficou tão assustado com minha cara e se benzeu três vezes. Contei a história e fomos juntos dar uma busca no local. Não encontramos a marca da bateira ou dos embrulhos na areia. Nada, nada e nada! O que foi não sei. O que sei é que vi isso que estou contando, com estes olhos que a terra comerá.

Após ter ouvido essa história de Aquiles uma dúzia de vezes, certo dia não me contive, e, quando terminou, perguntei:

— Seu Aquiles, pra que as almas querem contrabando?

Matutou algum tempo e replicou:

— Talvez não fosse uma alma mas o próprio Diabo com um contrabando de pecado...

Eu tinha doze anos e aceitei a explicação.

O cordeirinho ensinado

telefone tilintou violentamente. Bateram já dez horas da noite no relógio grande da sala de jantar. Dona Margarida atendeu ao chamado. Ouviu, em silêncio, o que diziam, grunhindo um sim de vez em quando. Por fim, disse:

— Sim, está mas ia se deitar. Darei o recado.

E, se voltando ao marido, que, em manga de camisa, repoltreado numa das amplas poltronas do gabinete forrado de livro em estantes ricas de óleo-vermelho, falou com a maior naturalidade deste mundo:

— Meu bem, é da casa dum tal Bastos. A filha do homem, segundo parece. A mãe está à morte. Vai não vai. Pedem que vás até lá, pelo amor-de-deus.

— É João Bastos, da prefeitura. Um sujeito gordo, barrigudo, casado com uma loura quarentona que sofre do coração. Com certeza, é um infarto. Eu já o prevenira. Vida de médico é um inferno! A gente quer descansar e não pode. Se teria uma noite agradável em companhia de sua mulherzinha e, zás!, vem um chamado dessa ordem! Que isso é coisa pra passar a noite à cabeceira do doente podes ficar certa... Sabes duma coisa?, minha filha, digas que não estou, que saí, que não sabes aonde ando e que Bastos procure outro médico, com todos os diabos!

Mal doutor Pereira soltou esta objurgatória,[70] dona Margarida replicou, com grande calma sorridente:

Benzinho, não deves fazer isto com o pobre João Bastos. És médico, fizeste um juramento solene em tua formatura. A medicina, como sempre disseste, é um sacerdócio. Médico é como padre, não se pertence, pertence à humanidade. Temos, todas as noites pra estarmos juntos. A pobre senhora loura só tem tu pra estar a seu lado quando a morte lhe ronda o leito. Não te negues à atender, meu querido Guilherme. Vás, depressa!

E, tomando novamente o telefone, respondeu à pessoa que esperava na linha:

— Menina, digas a tua mãezinha que não se aflija, pois doutor Guilherme Pereira irá, já, até aí.

— Não há de quê, menina.

O doutor se levantou, se espreguiçou, amuado, rosnando algumas interjeições de desagrado e desabafo, pôs o casaco, beijou a mulher na testa, acendeu, lentamente, um cigarro e saiu. Ela seguiu com o ouvido seus passos rápidos, descendo a escada do sobrado onde moravam, numa rua silenciosa de bairro sossegado. Depois, escutou o bater da porta e o estalido do trinco. Então, se sentando na poltrona que o marido ocupava, tirou do seio um papel dobrado e, à claridade do quebra-luz de seda verde-alface, mais uma vez o leu. Era uma carta anônima vinda no correio da manhã e que rezava assim:

Minha senhora. Quem escreve é um amigo teu e de tua família, indignado com a traição que te faz teu marido e que a senhora, moça fina, bela e bem-educada, absolutamente não merece. Creias que, não fosse a indignação que me causa o procedimento de teu marido, eu não viria fazer esta grave

[70] Objurgatória, objurgação: s.f. Ato de objurgar, censura, repreensão violenta

denúncia, oculta sob o véu do anonimato. Mas eis os fatos: Todas as semanas, duas vezes ou, ao menos, uma vez, teu marido é chamado ao telefone por voz sempre diferente, pra atender a um doente em estado gravíssimo. Se lamenta, finge espernear, porém vai e volta no dia seguinte, derreado. Já reparaste que sua pressa íntima é tão grande que quase sempre se esquece de levar a maleta de urgência? Tudo isso, minha senhora, é uma comédia que te cobre de ridículo e da qual ele próprio se gaba entre os amigos, à mesa de almoço do clube. Teu marido, parasita da importância social do sogro, quase não tem clínica. Seus clientes graves são um só, têm um único nome, se chama Leonor Miranda, uma moça portuguesa, loura e de voz cantante como um fado, que mora na ladeira do Forte #35. Mandes indagar e verás que não está mentindo teu amigo desconhecido.

Dona Margarida ficou, algum tempo, pensativa. Seus longos cílios negros se imobilizaram, sombreando a face pálida e escondendo os grandes olhos que um dos poetas da terra, imitando Flaubert, cantara num soneto, os comparando a brilho sob as sobrancelhas como sóis sob arcos-de-triunfo. E uma pergunta pingava, gota a gota em seu cérebro: O que teria essa Leonor Miranda, uma portuguesa de arribação, de melhor, de mais sedutor que ela, que todos consideravam a mais linda moça da cidade?

Depois seu pensamento se deteve sobre a carta lida e relida tantas vezes durante aquele dia torturante, em que escondera nas flores dos sorrisos e dos meus-bens e benzinhos sua ânsia e angústia. O papel era de primeira qualidade e perfumado. A letra cuidadosamente desenhada como se de imprensa, nada revelara. Mas o estilo correto, a gramática e a ortografia perfeitas denunciavam pessoa culta, mesmo com gosto literário, e bem educada.

Quem seria? Durante instante seu espírito se deteve nalgumas pessoas. Sérgio Vilela, o poeta que cantara seus olhos triunfais? Não. Estava viajando no sul. Mário de Souza Fagundes, colega de seu marido, que diziam ter talento e procurara lhe arrastar a asa? Não. Esse era notório que andava apaixonadíssimo por uma mocinha suburbana, com quem se casaria, e a carta revelava certo sentimento pela esposa traída. O secretário do governador? Afastou logo a idéia. Lhe fazia olhar de peixe-morto mas era quase analfabeto. E sorriu ironicamente, ao pensar que, se não fosse, não seria secretário do governador. Por exclusão, só restava, em campo, doutor Túlio de Mendonça, grande orador, professor de direito, que a cortejava com a elegante e sutil distinção de seus 45 anos bem vividos... Á! O que devia fazer era se vingar de Guilherme com esse homem de talento e ainda belo... Mas, se escrevera, mesmo, aquela carta, se descera a tanto, como era baixo! E dona Margarida teve nojo de si mesma por ter tido aquele rápido pensamento.

Bateu, com ambas as mãos, fortemente, nos braços estofados da poltrona e se ergueu, dizendo em voz alta:

— Bem, saberei tudo e darei uma lição a Guilherme... É verdade. Nem levou a maleta, como diz a carta...

Se ergueu. Foi a diante do espelho que se inclinava sobre um dunquerque de vinhático, compôs o penteado e refrescou a pintura dos lábios, entrou no quarto de vestir, apanhou um xale escuro, desceu as escadas e se achou, de repente, sozinha na rua deserta, a caminho da ladeira do Forte.

Ia devagar, com o coração, às vezes, pulando, com a vontade alerta, dominando os nervos e pensando no que até ali fora sua vida. A infância descuidada passara como um relâmpago. Os anos de colégio na disciplina das ursulinas não correram assim tão depressa. Aos dezessete anos fora ao primeiro baile. Nasceu a emoção. Floriu o sonho. Guilherme lhe aparecera, moço, forte, nada feio, recém-formado. Um pouco estróina e sem eira nem beira, porém, no fundo, bom rapaz. Os pais não iam muito com ele. Vencera a resistência dos pais e se casara com Guilherme entre os 18 e os 19. Seu padrinho, coronel Sizenando, dera de presente de casamento um cheque de trinta contos. O gastaram na lua-de-mel, indo a Montevidéu e Buenos Aires. Sua mãe mobiliara ricamente a casa toda, nada faltando, aquele sobrado moderno, onde viviam, numa das melhores ruas da cidade. Em baixo, era o consultório do marido, presente de tio Licínio. A biblioteca, dois mil volumes, outro presente, de tio Erasmo. E o pai logo arranjara a Guilherme dois bons empregos, um na saúde pública, de quatro contos por mês, outro na empresa de saneamento, de cinco. Fazia três anos que eram casados e vinha aquele desfecho horrível!

Algumas lágrimas quentes como fogo queimaram as pálpebras de dona Margarida. Pensando naquilo tudo, caminhava automaticamente e acabava de chegar diante do número 35 da ladeira do Forte. Uma lâmpada triste iluminava aquele trecho da via pública, sobre o qual descia, como um véu escuro, a sombra dos velhos muros duma fortaleza colonial. Era uma casinha de porta e janela, pintada de claro, muito asseada, com cortinas de seda que se viam através das vidraças iluminadas. Ao lado, dentro dum gradil de ferro, um jardinzinho cheio de rosa. Era o que se podia chamar um ninho de amor. Dona Margarida, animosamente, tocou a campainha com um dedo espetado, duro e violento. O som continuado vibrou longamente dentro da casa. Se abriu uma porta lateral e uma criadinha de uniforme indagou:

— Quem és?... O que desejas?

— É um recado urgente pra doutor Pereira. — Tornou dona Margarida, disfarçando a voz. — Questão de vida e morte! Ele está?

A criadinha hesitou. Se voltou, da porta a dentro, e murmurou qualquer coisa. Uma voz portuguesa, feminina, pouco carregada e doce, se fez ouvir, um tanto afogada pela distância:

— Vejas o que é, Guilherme. Digas que é caso de vida e morte. És médico!, filhinho.

Dona Margarida abrira o portãozinho do jardim e se achava quase rente à porta, onde estava a criadinha indecisa, quando ela se afastou e deu passagem a doutor Guilherme Pereira, de pijama de seda e chinelo. Face a face com a mulher, o médico empalideceu.

— Tu! Aqui?

— Sim, bandido! Pra presenciar esta vergonha, esta miséria, esta traição! Então, refinado patife: Aqui mora João Bastos, o barrigudo casado com uma loura quarentona? Não tens vislumbre de vergonha na cara?

Tudo isso saiu de enfiada, numa quase sufocação. A criadinha se encolhera contra a parede. Guilherme permanecia estarrecido. Atrás dele se divisava um vulto feminino louro, de roupão vermelho e olhos assombrados. Dona Margarida fez ligeira pausa, tossiu e continuou:

— Exijo o desquite! Nos separaremos definitivamente.

O doutor deu de ombros, resignado:

— Está bem, Margarida.
— Minha filhinha ficará comigo e não consinto que a vejas, nem sequer que lhe fales, pois és o culpado e foste apanhado em flagrante!
— Estou de acordo. Faças como queiras.
— Deixarás a casa levando somente a roupa do corpo. Somos casados com separação de bem e tudo o que temos foi dado por minha família. Nem os livros, nem o material do consultório permito que tires. Estás ouvindo?!
— Faças como queiras. Já te disse!
— E papai, a meu pedido, fará primo Josino te demitir da saúde pública e tio Esmeraldo te pôr a fora, a pontapé, da empresa de saneamento. Voltarás ao que eras antes de casares comigo e que esta portuguesa, de agora a diante, te sustente!
Foi quando a portuguesa se animou a falar, lá de dentro:
— Eu?, minha rica senhora. Era só o que faltava: Vir de minha terra e atravessar o oceano pra sustentar, cá no Brasil, um marmanjo deste tamanho!... Era só o que faltava!...
A lividez de Guilherme Pereira era a dum cadáver. À última ameaça da esposa ofendida não se conteve. Via por terra a arquitetura de sua vida alevantada por mãos estranhas. Percebia a dificuldade que encontraria num caminho semeado de abrolho. Caiu de joelho, soluçou, abraçando e beijando as pernas da esposa:
— Não, Margarida, isso não! Não me faças isso. Pelo amor-de-deus. Pelo bem que queres a teus pais. Por nossa filhinha. Por tudo o que amas na vida! Te separes de mim. Leves a menina. Fiques com o sobrado e com o consultório mas não me tires o pão da boca! Deixarei esta portuguesa. Farei o que mandares. Nunca mais terei outra vontade que não seja a tua!
A portuguesa saltou ao jardim, em atitude decomposta pela raiva. O roupão entreaberto, caindo dum ombro, deixava ver a carne rija e branca, com um trêmulo botão róseo de seio. O cabelo louro queimado esvoaçava na noite. E bradava, esganiçada, possessa:
— Fora de minha casa! Fora de minha casa! Já! Já! Poltrão! Maricas! Fora! Fora!
Dona Margarida se desvencilhou do agarramento do esposo e lhe ordenou, dignamente:
— Nem entres pra te vestires! Me sigas!
E voltou até casa, ereta e solene, acompanhada por Guilherme de chinelo e pijama. As ruas, felizmente, pra ele, estavam quase desertas naquela hora. No adro da velha igreja de São Joaquim brilhava uma luz mortiça ao pé do cruzeiro antigo. Dona Margarida parou e disse ao esposo:
— Te ajoelhes, rezes um pai-nosso e uma ave-maria, e peças perdão a Deus!
Obedeceu como um cordeirinho ensinado.

A crítica rasgada

alávamos da crítica indígena que, a cada vez, fica pior, como a política, a finança, a instrução e o custo de vida. Estávamos num canto da sala do café, naquela rua sossegada de arrabalde elegante. Mal chegava a nossos ouvidos o rumor da rua.

Um dos presentes disse:

— Se eu contar algumas histórias sobre nossos críticos me chamareis mentiroso. Entretanto asseguro ser verdadeiras.

— Vamos. Contes, ao menos, uma. — Pedimos todos, avidamente.

Se fez, ainda, um pouco de rogado. Depois, começou:

— Vós todos, que freqüentais a letra, bem conheceis Papínio e sabeis que é um professor de primeira ordem e um homem de bem, na mais lata acepção da palavra. Pois bem, o caso inacreditável se passou entre ele e João Bach, que é reputado um de nossos grandes críticos e, com efeito, alia uma inteligência invulgar a uma notável cultura. É pena que sua cabeça seja como uma gaveta de sapateiro, onde há de tudo mas em confusão, onde custa achar...

Após ligeira pausa, continuou:

— Receando a farpa do crítico por motivo que sabia, jovem poeta paulista, amigo de Papínio, lhe escreveu longa carta, pedindo procurasse aquele inspetor de veículo da poesia e da prosa nacionais, obtendo dele que não o atacasse, ao menos de modo desabrido, como tinha, de sobejo, razão pra recear. Dois ou três dias mais tarde Papínio se encontrou, neste mesmo café, com seu amigo crítico e disse:

— Meu caro João Bach, Fulano está apavorado com a perspectiva duma crítica desagradável feita por ti a seu novo livro de verso. Escreveu a mim uma carta a respeito e venho te pedir, em nome de nossa velha amizade, do favor recíproco que nos devemos, da estima pessoal e do respeito intelectual que nos tributamos, que não metas, cruelmente, o pau no pobre rapaz. Me faças um imenso favor: Leias o livro. Se for bom dês uma nota simpática. Se for mau, silencies. Nunca o recebeste e nunca o viste. O correio o bifou.[71] Está feito?

João Bach sorriu perversamente, deu um jeitinho à gola do casaco com o ombro, meteu a mão no bolso, tirando duas ou três tiras de papel dobradas ao meio e falou:

— Infelizmente o artigo já está, aqui, escrito. O lerei pra que vejas o que realmente penso do tal livro do tal poeta.

Era uma destruição atômica do rapaz e de seus versos. Nunca Papínio ouvira descalçadeira maior num pobre versejador provinciano. Santa mãe de Deus!, diriam os antigos, que aquela crítica era de escacha-pessegueiro...[72]

---

[71] Bifar: Furtar, tirar disfarçadamente

[72] Escachar: Abrir a força, separar meio a meio, fender, partir, alargar, confundir. Sobre o significado do termo, eis o trecho dum texto de Ernesto Sarmento: Sinceramente, a hipótese de irmão Alceu não tem por onde se pegar. Sob qualquer perspectiva é incoerente e equivocada. Deveria eu me calar? Deixar a tinta no tinteiro? Não advertir e, principalmente, não ouvir o pedido dos irmãos que pediram esclarecimento? Também não poderia escrever palavras de manteiga contra teoria tão descabida. De modo nenhum! Teria de o fazer de modo duro. Como dizemos aqui, em Portugal: De **escacha-pessegueiro**. Mas o pessegueiro é apenas a teoria, as idéias, a hipótese. Irmão Alceu foi apenas o agricultor. O campo onde plantou seu pessegueiro é amplo e pertence a todos

O bondoso professor Papínio ficou, na verdade, sucumbido. Pediu, solicitou, implorou, suplicou ao crítico que não fizesse aquilo contra seu recomendado. Invocou todo argumento sentimental e lógico possível. Mas nada movia ou comovia João Bach. Declarou, peremptoriamente, que, naquela tarde, depois de passar, como costumava, por seu livreiro, levaria a critica à redação do jornal, devendo ser, infalivelmente, publicada na manhã seguinte.

Murcho, desolado, bamboleante, Papínio o deixou sem apertar a mão e se afastou, rumo de casa, onde achou o jantar detestável, a mulher ainda mais detestável que o jantar e passou uma noite daquelas que todos sabem.

Na manhã, logo após tomar café, de olhos e cabeça inchados, pegou o jornal do crítico, o abriu, procurou a seção de livro novo e deparou o nome do poeta, encimando o artiguete,[73] e o do crítico o firmando. Começou a ler, trêmulo e, bruscamente, sua fisionomia se tornou radiosa. Ao acabar a leitura examinou bem a assinatura: João Bach, com todas as letras. Não podia haver dúvida. Deu três pulos de contentamento.

Que surpresa maravilhosa! O crítico entoava magnífica loa ao jovem poeta, dizia as coisas mais inesperadas deste mundo, lhe louvava a técnica e a inspiração, o proclamava sucessor glorioso de Bilac, de Vicente de Carvalho e de Raimundo Correia. O punha nas nuvens!

Professor Papínio refletiu:

— Aquele Bach é um grande, um imenso amigo meu! E como sabe proceder! Fez aquela comédia toda de crueldade mas modificou o artigo pra me servir e contentar. Na verdade, de certa forma, isso depõe contra sua honestidade profissional de crítico mas muito o eleva no sentimento e no conceito da amizade. Grande coração, sim senhor! E o coração, como disse alguém, é o pêndulo universal dos ritmos...

Repetindo, entre dentes, essa frase final, Papínio se vestiu e saiu procurando João Bach pra o colher, com afeto, nos braços, choramingando eterna gratidão. Andou a cidade inteira e somente na tardinha o topou num café. O abraçou com o maior entusiasmo, balbuciando agradecimento, porém o crítico o afastou, com delicada secura, e lhe disse, com a maior serenidade:

— Deixes de caraminhola e sentes aí ao lado. Quero te contar, tintim por tintim, como a coisa se passou, a fim de que não permaneças no engano de que me deves favor. Serei claro e sincero. Escutes, pois! Quando te deixei fui a meu livreiro, conforme te disse que faço todos os dias. Ao chegar até lá o diabo daquele português me perguntou se já recebera o livreco do tal poetastro e se já escrevera sobre ele. Respondi que sim. Não sabia que ele, como tu, se interessava a favor do tal sujeitinho de São Paulo. Lhe mostrei minhas tiras escritas. As pediu pra ler e, então, indagou:

— Senhor João, quanto te pagam no jornal por uma destas moxinifadas?[74]

— Cinqüenta mil réis.

— Está bem. — Continuou, abrindo a gaveta do balcão, tirando qualquer coisa, uma nota de cem cruzeiros, que me deu. Acrescentou seriamente:

— O pai desse moço é meu amigo e a ele estou ligado por grande interesse e obrigação. Tenhas paciência, senhor João! Não posso consentir que o ataques dessa

---

nós. Entrei, vi que o pessegueiro estava com moléstia, que nada havia a fazer, e o cortei de alto a baixo sem dó nem piedade. Quem amava o pessegueiro ficou irritado mas espero que isso passe. Nem toquei no agricultor!

[73] Artiguete: Pequeno artigo

[74] Moxinifada: s.f. Salsada, miscelânea, mistifório

forma, mesmo porque o pai me preveniu, em carta, de tua implicância contra o filho.

Então rasgou, a minha barba, aquelas tiras do artigo e concluiu:

— Te dei cem cruzeiros, cinqüenta pelo artigo rasgado e cinqüenta pelo que escreverás aqui mesmo, elogiando o rapaz. Se este for publicado, como deve ser, o jornal te dará outras cinqüenta. Creio que nunca fizeste melhor negócio com teus artigos críticos. Negócio é negócio. Sentes ali, no escritório, a minha mesa, e faças a nova crítica.

Assim me obrigou a fazer a que leste hoje. Foi assim que tudo se passou. O que querias que eu fizesse com o diabo do português? É quem manda em mim...

Nosso amigo se calou e nós todos também, seguindo o exemplo. Em certas ocasiões as palavras são escusadas. O silêncio diz tudo. Todavia, no fundo, nos recusávamos a dar crédito a semelhante história. Sentiu isso, por instinto, e declarou, com acento de verdade na voz:

— Preveni, de início, que iríeis me considerar mentiroso, embora a história fosse absolutamente verdadeira. Quem me contou foi o próprio Papínio, me dando palavra-de-honra de ser exata.

Então, todos nós, além de silenciosos, ficamos de cabeça baixa.

A dama de azul

aquela manhã o que vi pelo óculo do vestíbulo do consulado profundamente me impressionou. Fui àquela repartição estrangeira, como advogado, pra tratar dos papéis duma herança que interessava a um de meus constituintes. Ao sair do ascensor me vi num recinto acanhado, tendo, a minha frente, uma porta onde brilhava uma placa heráldica de metal amarelo e, ao lado, aquele óculo envidraçado. Toquei a campainha e, como demoraram a abrir, cheguei ao tal óculo e olhei nele.

Dali se avistavam os apartamentos de fundo dum edifício vizinho ao do consulado. Fui os percorrendo com os olhos, nada vendo que me interessasse, até que, no quinto andar, deparei com uma cena impressionante. Por larga janela escancarada eu via uma sala pequena, mobiliada ao gosto de 25 anos passados. Quadros de larga moldura dourada nas paredes forradas de verde escuro. Alguns a óleo, outros gravura e aquarela. Um tremó[75] com alto espelho. Porcelanas claras em pequenas prateleiras. Móveis dourados. E, no meio dessas coisas, tão imóvel quanto elas, semelhando uma figura de museu de cera, uma senhora idosa e pálida, sentada numa poltrona cum leque de pluma na mão direita indolentemente caída quase até o chão.

Tenho essa figura bem gravada na memória, pois os cuidados da tal herança várias vezes me levaram àquele consulado e, em todas essas vezes, me acheguei ao óculo pra rever a cena que tão profundamente me impressionara na primeira vez. O cabelo grisalho se erguia num alto toucado com um laço de fita azul. Luzia brilhante nas orelhas e no colo já meio murcho. Vestido de largo decote da mesma cor da fita do penteado, com cinto e barra negros. Os pés calçados em sapatinhos de cetim branco. Semi-recostada no amplo encosto da poltrona, a mulher se conservava absolutamente imóvel, o olhar vago, perdido no espaço ou na infinita perspectiva do pensamento. Atitude morta mas vivamente impressionante. Tão impressionante que procurei saber quem era aquela misteriosa pessoa todos os dias ali, vestida da mesma maneira e exposta na mesma imobilidade. Me transformei um pouco em detetive e acabei, depois dalgum esforço, elucidando aquele curiosíssimo caso de loucura.

Se tratava de dona Laura de Souza Pinheiro, filha única dos barões de Souza Pinheiro, possuidores de grande fortuna e moradores num dos mais suntuosos palacetes da rua Conde de Bonfim, hoje transformado em sórdida casa de cômodo. Fora uma das mais lindas moças do Rio de janeiro e amara, apaixonadamente, o poeta Juvêncio de Queiroz, que era um rapagão disputado nas rodas femininas e aliava ao talento de fazer alguns sonetos publicáveis a força de dar ótimos pontapés num campo de futebol. Rara aliança da matéria e do espírito. Apesar de certa oposição por parte dos barões de Souza Pinheiro, a qual mais acirrou o amor de ambos, se fez o noivado e o casamento.

Durante um ano o jovem casal viveu no palacete da Conde de Bonfim em perene lua-de-mel. Aquela felicidade apaziguara o receio do casal ricaço, que preferiria, prà filha um marido mais sólido e conspícuo a um poeta e jogador de futebol. Dona Laura

[75] Tremó: s.m. Antigo aparador com espelho alto e que cobre a parte da parede entre duas janelas. Espaço de parede entre duas janelas.

e Juvêncio se entendiam maravilhosamente e viviam, conforme diz a velha chapa, desenhada até em azul nos velhos pratos de louça de Macau, como dois pombinhos.

No dia em que se completava um ano do feliz consórcio os barões resolveram oferecer um grande jantar aos amigos mais chegados. As 8h da noite dona Laura, seus pais e os convidados se encontravam reunidos na sala do palacete, esperando o poeta Juvêncio, que tardava a chegar da cidade. Às 8:30h a impaciência era geral. Havia certo peso no ambiente. Às 9h nada, nem notícia. O barão saiu como louco, buscando o genro e, dentro em pouco, a reunião se dissolveu com a triste notícia que deu pelo telefone. O pobre rapaz, atropelado e morto por um automóvel na rua da Carioca, se encontrava numa das mesas do necrotério público. Dona Laura se recusou a acreditar no que os pais diziam. Se revoltou, mesmo quando insistiram em lhe dar a triste notícia, atribuindo essa invenção à antiga pouca vontade deles a seu casamento. A loucura se apoderara, súbita e totalmente, da infeliz viúva. Não chorou o marido morto, não o acompanhou ao cemitério, não assistiu aos sufrágios religiosos em intenção a sua alma. Se limitou a permanecer naquela poltrona, vestida daquela maneira, esperando a chegada dele. E não houve meio que modificasse tal situação.

Barão de Souza Pinheiro faleceu depois de gastar toda a fortuna tentando curar a filha. Até mandou buscar especialistas no estrangeiro, que nada conseguiram. Dona Laura ficou em companhia de sua velha mãe, que, forçada pela circunstância, deixou o casarão da Conde de Bonfim por modesto apartamento de fundo no Flamengo, onde, porém, com as alfaias do palacete, preparou, naquela sala, o ambiente exigido pela loucura da filha.

Dona Laura não dá trabalho nem incômodo. Come pouco e o que lhe dão. Dorme regularmente. Mal se levanta da cama e lhe servem o desjejum, se veste e se atavia, murmurando, de momento a momento:

— Juvêncio vem aí!

Se dirigiu à sala, se deixou cair na poltrona e disse:

— Mamãe, esperarei Juvêncio.

A mãe respondeu suavemente:

— Pois sim, minha filha.

São as únicas palavras que trocam diariamente, há um quarto de século, aquelas duas criaturas. Dona Laura fica vestida e imóvel na poltrona até 10h da noite, quando se levanta e se deita silenciosamente. Isso regularmente, religiosamente, se repete todo dia. É a espera sem esperança. É a espera sem fim.

É esse o mistério daquela dama de azul, imobilizada em atitude melancólica, que avistei do vestíbulo do consulado. O descobri, com vagar e jeito, através de indagação aqui e ali. Aqui o deixo nestas páginas pra que os leitores vejam quantas coisas interessantes, sobretudo tristes e dolorosas, se passam nesta grande cidade, à sombra dos muros das habitações, nos recessos dos lares, longe do movimento e do barulho ensurdecedor da rua.

Ali, a dois passos do Flamengo trepidante, onde se escoa o maior trânsito urbano, diante da baía ensolarada e azul, cuja água sulca tanta embarcação e cujo ar corta tanto pássaro de alumínio prateado, na penumbra dum aposento, entre móveis e quadros antigos, recostada em sua poltrona familiar, a esposa louca continua na constância de sua loucura, esperando o marido que devia chegar pro jantar do aniversário de casamento e que o automóvel matou na rua da Carioca. Continua esperando sem esperança. Continua esperando sem fim...

Vás àquele consulado e, no estreito vestíbulo, lances teu olhar curioso, leitor amigo, pelo óculo envidraçado: Verás a mesma coisa que vi e ficarás impressionado como fiquei. Lá estará dona Laura, toda de azul, faiscante de jóia, o grande leque de pluma na mão lamentavelmente pendida, o cabelo todo grisalho com laço cor do céu, esperando, constantemente esperando...

Até quando?

Somente Deus é quem sabe até quando esperam os que esperam sem esperança, os que esperam sem fim...

O destino de Chico Jacinto

pai se chamava Jacinto. Não me lembro de quê e não o conheci. A mãe era Amália, muito magra, muito pálida, muito triste e sempre vestida de preto. O cabelo era branco como algodão. Morava ao fim da rua do Chafariz, numa casinha pequeníssima, de porta e janela, dessas que o povo diz que quase não têm *dentro*.[76]

A história de Amália era tão triste quanto ela. Os pais lhe deixaram alguma coisa e ela, já ao dobrar o cabo dos trinta anos, aceitara a corte dum tal Jacinto, guapo mocetão sem eira nem beira, com quem se casara. Em má hora!, diziam os parentes. Poucos meses após o casamento o marido dilapidara no jogo e em aventuras galantes seu parco patrimônio, a abandonando, em seguida, da noite ao dia, com um filho a nascer. Corria que embarcara ao Amazonas. O fato é que nunca mais se soube notícia dele. A infeliz teve a criança na Santa Casa da Misericórdia e, dali a diante, viveu de favor na casa dum irmão ou dum cunhado. Quando cansava um, passava ao outro. Não lhe faziam boa cara e indiretas sobre seu erro sempre presentes, por qualquer motivo.

Chico Jacinto, nascido no hospital, se criou ao deus-dará, sem algo de seu, vestindo roupa usada dos primos, ouvindo lamentação da mãe e recebendo ralho dos parentes mais velhos. A princípio, quando pequenino, se refugiava na saia materna. Depois, mais crescido, fugia à rua e se metia nos bandos de moleque que pilhavam as goiabas das chácaras e tomavam banho de mar nos poças das alvas e longas praias enfeitadas de coqueiral. Aquele modo de vida o tornara independente e revoltado. Aprendera a se defender por si, fazendo da fraqueza força. Filho sem pai, pouco desejado de todos, somente no carinho materno encontrava a solidariedade que em toda parte lhe faltava.

Se tornara, com o tempo, mestre em molecagem. Pontaria certeira em atirar pedra. Pasmosa agilidade de símio pra escalar muro, pular cerca, trepar em árvore, subir em tronco de coqueiro. Nadava como um peixe e jogava cambapé[77] com rabanada de tubarão ou chicotada de arraia-jamanta. Na corrida, veloz como o vento, desafiava os policiais que andavam caçando meninos vadios prà escola de aprendiz de marinheiro. E que força, aos catorze anos, como ele só! Os calangros[78] da musculatura dos braços desafiavam a admiração dos mais crescidos.

Ninguém podia com Chico Jacinto, terror de moleques e colegiais gazeteiros. Usava, no cós, um canivete velho que amolava nas pedras-de-lisboa das margens dos cacimbões públicos e que puxava por dá-cá-aquela-palha, espalhando a gurizada temerosa e até fazendo frente a qualquer carroceiro ou vendeiro desejoso de castigar a estripulia. Dona Amália justificava todo seu excesso no mutismo com que acolhia as queixas que ouvia. Somente rompia o silêncio quando lhe davam o apelido de Chico Diabo, com estas palavras entre os dentes cerrados:

---

[76] Eu diria: Não se entra, se veste a casa

[77] Cambapé: s.m. Ardil que consiste no lutador meter o pé ou a perna entre as do adversário pra o fazer cair. Armadilha, cilada.

[78] Calangro, calango: s.m. (Brasil) Nome do lagarto verde comum (Ameiva ameiva) e outros lacertílios. Espécie de peixe de Pernambuco. O bíceps. Membro dum grupo de salteadores que invadiram o Ceará entre 1873 e 880. (São Paulo, popular) bezerro novo, pequeno.

— Chico de Deus! Foi Deus quem me deu e só Deus tirará!

Os anos foram passando, Chico Jacinto foi crescendo na malandragem. Um buço alourado apontou sobre seu lábio desdenhoso e o amor desabrochou em sua alma rebelde. Mas os irmãos da mocinha que começou a cortejar de longe, como era hábito na época, se postando de estafermo à esquina do quarteirão onde ela morava, na rua da Alfândega, ou passando, repassando diante da casa, viram com maus olhos o namoro e resolveram acabar com aquilo. Acabar duma vez! Que desaforo um valdevino[79] levantar os olhos à filha do senhor Juquinha, administrador da capatazia, homem considerado e benquisto Eram quatro, numa escala que ia dos dezoito aos vinte e três anos, o mais velho tão alto e membrudo que tinha a alcunha de Cavalo da Polícia.

Na noite puseram uma tocaia ao Chico na esquina da ladeira da Conceição, lugar deserto, em frente ao seminário, que fechava o largo portão mal o Sol se punha. Chico se bateu como um leão. Cavalo da Polícia foi à cama por quinze dias com uma canivetada na altura do peito. Os outros três correram de cabeça quebrada, deixando o mano caído. Então o irmão de dona Amália lhe disse energicamente:

— Isso precisa acabar! Assentes praça nesse demônio, pois não dá pra outra coisa.

A situação se tornou insustentável, sobretudo diante da perseguição policial desencadeada por senhor Juquinha contra o rapaz. Chico Jacinto assentou praça no 2.° batalhão de infantaria, o antigo 2 de ouro, recentemente transferido de Recife a Fortaleza, e, dentro em pouco, como aos trancos e barrancos de sua vida, sempre conseguira aprender a ler e escrever, avermelharam a manga de sua túnica as divisas de cabo-de-esquadra.

O destino de Chico Jacinto era regido pela lei da impermanência. Diriam os ocultistas que o dominava o velho e misterioso símbolo da pedra errante. De guarda ao paiol da pólvora, longe da cidade, atrás do cemitério, teve de fazer frente a uns policiais bêbados que voltavam duma pagodeira no morro do Croatá e mandou dois, a pontaço de sabre, à terra dos pés-juntos, onde diz o poviléu, se come capim pela raiz.

Notícia nos jornais com títulos e subtítulos, em coluna aberta. O inquérito demonstrou que os soldados de polícia atacaram a guarda, cujas praças depuseram, todas, a favor de Chico. Era mais que evidente que matara pra não morrer. Todavia os mata-cachorro contavam a história a seu modo, se inocentando o quanto podiam. O delegado da capital procurava, por todo meio, o fazer expulsar do Exército, pra o colher nas malhas perigosas dum processo que o levaria ao júri e à cadeia pública. Não tinha alguém por si e, se não fosse o finca-pé que os companheiros fizeram em cada declaração, estaria frito. O tio se recusou a interferir, com dureza:

— Basta de desordem! É uma vergonha prà família. Que esse infeliz vá ao diabo-que-o-carregue!

Afinal de conta o conselho de investigação passou o caso a um conselho de guerra, que o resolveu da melhor maneira possível: Rebaixamento do posto, trinta dias de xadrez e transferência imediata, após o cumprimento da pena de prisão, ao corpo da guarnição de Manaus.

Podia ser muito pior. O tio respirou desafogado:

— Até que enfim ficaremos livres da peste. Quanto mais longe daqui melhor! Será um descanso pra todos. Graças-a-deus!

Durante os trinta dias de reclusão os comentários foram esfriando, os jornais se

[79] Valdevino: s.m. Vagabundo, estróina, traficante, pobretão

calaram e o crime do paiol, como assinalavam as folhas, em letreiros garrafais, caiu no esquecimento. Outras notícias sensacionais ocuparam a opinião pública.

Dona Amália só faltou morrer. Chico Jacinto se despediu dela na véspera de ser embarcado no paquete do lóide, entre as grades do xadrez, no quartel da rua Sena Madureira, dizendo:

— Fiques descansada, mamãezinha! Só tenho a ti no mundo e só tens teu filho. Completarei o tempo no Amazonas, irei a um seringal pra tirar borracha e voltarei dentro duns anos com dinheiro pra viveres em tua casa sem precisar dos outros. Deixes estar! Com a ajuda de Deus, há de ser assim.

Ela só fazia chorar e chorar baixinho, como costumava, hábito tomado de não incomodar os outros com seu choro nas casas onde vivia de favor.

De longe em longe vinha uma carta de Manaus consolar dona Amália. Duas delas traziam um vale de vinte mil réis, economias do pobre soldado na Amazônia. Decorreram anos. Enfim, veio uma delas com a auspiciosa notícia: Completei o tempo e me deram baixa. Irei ao Acre com coronel Plácido de Castro, homem de muito valor, que me tomou sob sua proteção. Ela beijou o papel amarrotado da longa viagem nas malas postais, aquelas frases escritas em letra hesitante e infantil, cheias de erro de ortografia. Depois foram dois anos de espera angustiosa e calada até que chegou a infausta notícia em recortes de jornais amazonenses.

Chico Jacinto acabara como herói, obediente ao destino. Aos lados de Porto Soares guardava, com cinco homens a sua ordem, um batelão de revolucionários carregado de munição e com grande quantia em dinheiro. Além dos homens havia, a bordo, um tapuia manso de onze anos e a mulher dum oficial da revolução. Certa noite, estando a embarcação encostada no barranco do rio, os bolivianos a atacaram. Vieram na selva, se aproximaram da ribanceira e romperam fogo. O tiroteio mostrou que eram muitos, talvez cinqüenta ou cem homens. Os cinco companheiros esmoreceram e falaram em rendição, se recusando a desamarrar o batelão sob o fogo do inimigo e ganhar o rio, se deixando levar pela correnteza até o amanhecer. Ele os afrontou de arma em punho mas os covardes, aproveitando a escuridão, desampararam o barco.

Chico Jacinto pôs a mulher na canoa e embarcou provisão e o caixote com o dinheiro, recomendando ao tapuia:

— Curumim, vás remando no escuro, rio abaixo, até encontrares gente nossa. Salves a mulher e essa caixa. Vás com Deus, enquanto agüento aqui esses bandidos! Vás depressa!

E, tomando o rifle *winchester* 44, começou a fazer fogo à margem. O resto foi o seguinte: Os bolivianos entraram no batelão graças a seu número, porém um clarão violento iluminou a água e a floresta, e uma explosão terrível abalou o espaço. Chico Jacinto fizera ir tudo ao ar.

Quando, dois dias depois, Plácido de Castro chegou ao local, viu, na margem, os cadáveres despedaçados dalguns inimigos. O de Chico Jacinto não foi achado. O curumim e a mulher encontrados à jusante lhe contaram o começo do ataque.

Dona Amália, ao saber de tudo, quase não teve lágrima pra chorar. Ficou mais curvada, mais encanecida, mais pálida e ainda mais triste que antes. Mais alguns meses e recebeu, do Acre longínquo, uma carta do grande chefe da revolução, em que dava conta da morte do filho e remetia a importância de cinco contos de réis, dinheiro devido ao morto dos últimos ordenados. Chico Jacinto cumpria, do Além, a promessa feita à mãe em sua triste despedida entre os varões de ferro da grade do xadrez. Foi

assim que ela comprou o casebre da rua do Chafariz, onde viveu até morrer, tristemente, na saudade ao ente querido, sem precisar dos outros, tal qual ele dissera.

Na salinha, havia pequena mesa, três cadeiras austríacas de palhinha, o retrato de Chico fardado de cabo do 2.° de infantaria em moldura preta e, num caixilho dourado, a carta autógrafa de Plácido de Castro, que terminava com esta frase: Minha Senhora, teu filho foi um herói do Brasil!

Francisquinha

inda não me entrou na cabeça por que Francisquinha não se casou. Em minha mocidade era uma das moças mais bonitas e interessantes do Rio de janeiro. E a mais inteligente e culta. Falava francês e italiano muito bem, o inglês menos mal. Conversava muito sobre literatura e algo sobre filosofia. Teria sido por isso que não se casou? Não, não creio, embora os homens, em geral, tenham espetacular inclinação às mulheres fúteis e ignorantes, mesmo às estúpidas. É, como se diz em latim, A*sinus asinum fricat*: Um asno esfrega o outro...

Á! Já sei! Francisquinha não se casou porque não era namoradeira. Desprezava até o flerte. Gostava de dançar, conversar, brincar. Nada mais. Assim não dava entrada aos rapazes. Se fazia cercar por um respeito tal que ninguém ousava dar um passo a diante. Essa atitude, naturalmente, produzia a falsa impressão de que fosse orgulhosa e estivesse esperando, pra decidir se casar, a chegada dum príncipe encantado. Ora, é demasiado sabido que as moças que esperam tal príncipe nunca casam ou casam mal. Porque a verdade é que o príncipe não vem mesmo e, quando se dão conta disso, já passaram dos 30, dos 35 ou dos 40 anos. Então, não aparece pretendente ou, se aparece, é de qualidade bem inferior. Quantas dessas orgulhosas conheci no decurso de minha vida que, desiludidas, afinal, do príncipe, seguraram com unhas e dentes o vendeiro da esquina? E olhes lá que ainda foi negócio! Há pior na espécie. Mas a verdade e que Francisquinha não era orgulhosa. Poderia ser um pouco alheada do meio fútil que a cercava, um tanto superior e, por isso, distante. Orgulhosa, não. Antes ao contrário, era amabilíssima, segundo me lembro, com todos os rapazes.

Me recordo, no entanto, que Mendes Cunha, bacharelando em direito e jornalista, que lhe arrastou a asa algum tempo, se dissuadiu de a requestar e, certo dia, me disse que ela era duma amabilidade perfeita, porém gelada, mais difícil de se atravessar que um grande rio europeu no inverno. Seria por essa frieza que não casou. Não sei bem. Comigo foi sempre muito amável, muito acolhedora. Nunca a namorei. Gostava, imensamente, de conversar com ela horas seguidas e nunca senti entre mim e ela esse rio gelado de Mendes Cunha.

Às vezes acredito que não se casou por causa de sua maneira de vestir. Ninguém pense que fora moça exagerada e flamante[80] ou mal-enjambrada. Nada disso. Sempre se vestiu de acordo com a moda, discretamente, nas melhores costureiras da cidade. Quero crer que não punha vestido ou chapéu que não fosse modelo. Mas seu modo de ser dava a tudo quanto usasse um tom modesto e antigo. Era linda e elegante, porém duma beleza e elegância que só se vê nas velhas fotografias de família. Vinha coberta de coisas acabadas de chegar de Paris. No entanto dava a impressão de ser um desses retratos a óleo de moças de 1870, que tomara vida por arte mágica e descera da moldura dourada, como no *Minueto*, de Gonçalves Crespo. Às vezes nem lhe faltava, pra aumentar essa impressão, uma jóia antiga ou uma fita de veludo preto em seu pescoço de mármore de Carrara. Mendes Cunha, um tanto despeitado, propôs, uma vez, em nossa roda, que passássemos a lhe chamar Vovozinha em vez de Francisquinha. E tinha graça o tipo.

---

[80] Flamante, flamejante: adj. Que expele chama, de cor ardente, que chama atenção

A beleza dessa moça, agora a evoco no fundo da memória, também dava a mesma impressão de passado. Cabelo negro, olhos negros, pele muito clara, feição corretíssima, a linha do busto e a curva dos quadris tiradas pelos módulos de Canova.[81] Tudo tão correto, tão sereno, tão clássico que se julgava ver uma estátua da primeira metade do século 19 em movimento. Nenhuma irregularidade, rebeldia, assimetria, defeito, nada que perturbasse a monotonia daquela formosura. Era um soneto parnasiano de Herédia:[82] Marmórea. A serenidade de sua forma pedia contemplação, não acendia o desejo. Talvez fora por isso que Francisquinha foi uma galatéia a quem faltou um pigmalião.[83]

Não acredito que não se casara em virtude de questão material. O pai, antigo fazendeiro, lhe deixara prédios e apólices que rendiam bastante. Os prédios, em ruas comerciais, se valorizaram muito. Podia ser considerada milionária. Todavia seus milhões a ninguém tentaram. O mais curioso é que tinha duas irmãs, uma mais velha, outra mais nova, e ambas se casaram. A mais velha era alta, magra, desengonçada, feia e caladona. A outra baixa, magra e com cara de peixe cozido. Ambas se pareciam com o pai, me disse ela, uma vez. Somente ela saíra à mãe. A desengonçada arranjou um rapagão capixaba e foi felicíssima. A cara de peixe cozido não se sabe se seria feliz com o oficial marinheiro que lhe deu a sorte, porque morreu em conseqüência do primeiro parto. Ultimamente, soube por acaso, que a desengonçada, já avó, se foi desta a melhor, de modo que Francisquinha está só e solteira no mundo.

A vi há dias. Estava comprando uma revista no jornaleiro da esquina de Sete de Setembro, quando passou por mim. A cumprimentei e fiquei parado, contemplando seu vulto, que se perdia entre a multidão apressada. Pobre Francisquinha! O tempo a transformou numa ruína. O cabelo mal-penteados se mostrava de três cores: O resto do negro primitivo, da pintura de henê,[84] finalmente abandonada, e os brancos que vencerão a luta. A carne rotunda e flácida. O olhar semi-apagado. A pele, ainda clara mas já começando a enrugar. A pele que era o que possuía de mais belo! Nunca vi outra igual! E o andar começando a ser periclitante, arrastado. Somente o sorriso com que me viu me pareceu um clarão de bondade.

Fiquei com muita pena. Pobre Francisquinha! Quem a viu e quem a vê! É verdade que também estou arruinado mas não tanto. Á! isso não! Sinto e vejo no espelho. Foi essa passagem dela por mim que me fez recordar tudo quanto aqui ficou dito. Me encostei ao umbral duma loja e comecei a meditar sobre minha longínqua mocidade,

[81] **Antonio Canova** (Possagno, 1 de novembro de 1757 – Veneza, 13 de outubro de 1822) escultor italiano, famoso por suas esculturas em mármore

[82] **José Maria de Heredia** (1842-1905), poeta de origem cubana. O primeiro grupo de parnasianos de língua francesa reúne poetas de diversas tendências mas com um denominador comum: A rejeição ao lirismo como credo.

[83] Pigmalião era um escultor e rei da ilha de Chipre, segundo a lenda grega. Enojado com as mulheres perversas de sua época, Pigmalião esculpiu uma estátua de marfim duma bela mulher e se apaixonou por sua própria escultura. Em resposta a seu pedido a deusa Afrodite fez da estátua uma mulher de carne e osso, batizada de Galatéia. Tiveram um filho, Pafos. A lenda de Pigmalião atraíu vários escritores. O antigo poeta romano Ovídio contou essa lenda em sua obra *Metamorfoses*. A versão mais moderna da lenda é a peça de Bernard Shaw, *Pigmalião* (*My fair lady*). A peça é também um musical. Em 1964, baseado na peça de Shaw, se fez o filme ianque, comédia musical, Minha bela dama (*My fair lady*), com Audrey Hepburn e Rex Harrison, onde um culto professor de fonética aposta com um amigo que é capaz de transformar uma simples vendedora de flores numa dama da alta sociedade, num espaço de seis meses.

[84] Henê é um produto desenvolvido com tecnologia 100% nacional, que alisa e tinge, progressivamente, os fios, sem danificar.

da qual ela é uma testemunha viva, uma das últimas testemunhas, infelizmente.

Por que essa criatura, com tanto dote e qualidade, não se casou? Por quê?... Quando me fazia essa indagação no silêncio da alma, eis que Francisquinha voltou donde fora, passou por mim e sorriu. Continuei ali, parado e pensativo, mais alguns minutos, e eis que tornou, outra vez, a passar e sorrir...

Segui, afinal, a meu trabalho mas fui pensando o tempo todo nela e debatendo comigo as hipóteses sobre o fato de não ter se casado. Quando a gente começa a remexer no cérebro, muitas vezes encontra coisas da qual se esquecera ou mesmo que ignorava. É como se encontrar velhas cartas no fundo dum baú, as lêssemos e, de repente, as interpretássemos duma nova e inesperada maneira... Tudo porque Francisquinha, já velha, passou a lá e a cá e sorriu duas vezes diante de mim, também velho...

Durante o dia, de vez em quando, interrompia o trabalho e começava a recordar. Na verdade ela gostava muito de dançar comigo nas festas do clube dos Diários. Gostava muito. É verdade! Sempre que chegava a seu pé, a fim de a convidar pruma contradança qualquer, mesmo que eu já tivesse dançado com outras, abria o carnê de uso naquele tempo e dizia, sorrindo:

— Tenho sempre reserva pra ti!

Outras vezes, quando passeávamos, também uso da época, de braço, no intervalo das valsas, no vasto salão, ela batia, com o leque, em meu pulso, com estas palavras que eu tomava como simples amabilidade:

— Andes mais devagar pra eu ter a ilusão de que nossa conversa dura mais...

Só agora, depois de tantos anos, eu conseguia fixar meu pensamento nessas pequeninas reminiscências. Havia mais. O caso da festa de aniversário de Margot no palacete do pai dela, o senador Moreira, em São Clemente. Eu fazia a corte a Margot, que era, como afirmava Mendes Cunha, marca 3L: loura, linda e levada. Não podia deixar de ir à festa, mas me era impossível dançar, porque estava de braço na tipóia, metido em gesso, conseqüência duma queda de cavalo. Passei a noite comendo, bebendo e fumando no gabinete do senador. Margot me fez rapidíssima companhia duas vezes. O resto do tempo dançou e namorou a vontade. Francisquinha só dançou uma vez, muito rogada, e ficou conversando o tempo todo comigo naquele recanto discreto da casa. Por que somente agora, quarenta anos depois, eu percebia isso?...

O tempo passou inexorável, ano após ano. Francisquinha devia ter uns 34 anos quando a encontrei, por acaso, fantasiada de chinesa num baile de carnaval. Ainda era muito bonita! Como me lembro bem! Dançamos, bebemos champanha, relembramos a mocidade e fomos tomar ar no terraço. A sentei na balaustrada e me debrucei ao lado dela sobre a noite e o mar que rosnava na escuridão. Era muito tarde e eu estava cansado. Me falava de coisas idas. Fui cochilando e, de repente, senti a carícia duma pequenina mão sobre meu cabelo. Despertei. Francisquinha retirou a mão tão depressa que até hoje fico em dúvida se foi ilusão minha... Quando um gesto desses vem tão impregnado de significação não o distinguimos de perto. É como uma montanha que obscurece nossos olhos. Só percebemos nitidamente o contorno na melancólica perspectiva do tempo. Ai de nós! Mas é assim e assim será durante toda a eternidade.

Agora, nesta manhã, as idas e vindas de Francisquinha acordaram todas essas lembranças e como me deram a faculdade de poder avistar algumo que estava oculto atrás de seu véu transparente. Na tarde, de regresso a casa, subitamente suspendi a leitura do jornal no bonde e falei, em silêncio, comigo mesmo:

— Quem sabe foi por isso que a pobre Francisquinha não se casou?... Eu devia ter me casado com Francisquinha... Não soube tomar, talvez, a felicidade que passou a meu lado discretamente...

Baixei, finalmente, a cabeça com esta conclusão:

— Na vida, muitas vezes, a gente causa grande mal sem perceber. Seremos responsáveis por essas cruéis inadvertências?...

Joãozinho do Barão

inha terra natal tem coisa!... Coisa de se tirar o chapéu. A minudência de sua crônica sobre pessoas e fatos dariam pra encher livros e mais livros. Muitas já foram reduzidas a letra-de-fôrma por homens da pena antigos e modernos. Mas o que resta a fazer é mil vezes mais que o já feito. Reduzamos, por escrito, um desses interessantes episódios, antes que se apague da memória e desapareça na voragem do eterno esquecimento.

Havia um barão, que conheci de vista quando eu era criança, passando diariamente diante da porta de sua suntuosa moradia ao ir e vir do colégio. Tinha a cabeça inteiramente branca, tão alva que parecia a areia da praia de Jurema em noite de luar. Andava sempre de fraque preto e de calça de brim branco, engomada de chapa, sem vinco, apoiado num bengalão de castão de ouro. Me lembro tanto desse bengalão que me maravilhava na infância! Era preto e terminava numa linda cabeça de pato, com as penas bem cinzeladas e dois olhos vermelhos, muito brilhantes. Havia dúvida se eram de rubi ou granada. Inácio barbeiro afirmava que eram de vidro. O senhor barão cobria o nevado cabelo com um chapéu coco de modelo antiquado, baixo e de abas largas, que o povo, não sei por quê, chamava bacorinha.

Quando se queria dizer, na cidade, que uma coisa era esquisita, feia, fora de moda, logo a comparavam com a bacorinha do senhor barão. Tal qual! Duas solteironas da então rua do Trilho de Ferro, Inácia Fiúza, que era vesga, e Gabriela Barbosa, que era capenga, brigaram, uma vez, por ciúme a Eleutério, sargento do 2.° de infantaria, que rondava o quarteirão e se punha de estafermo à esquina. Gabriela xingou Inácia, que, em represália, lhe atirou uma alcunha que nunca mais a largou:

— Vás te catar!, bacorinha do barão.

Mestre João da Dimitilde, mulato aça[85] e quarentão, estabelecido com serraria, carpintaria e marcenaria à praça da Lagoinha, depois de ganhar bom dinheiro nas obras do novo teatro que o governo estava construindo, deu pra luxar e freqüentar boa roda. Não se sabe por que, achou que devia imitar o barão. Se meteu num fraque talhado por Amâncio, o melhor alfaiate da terra, comprou, na loja do Areias, um chapéu coco e o estreou no domingo, na missa do Rosário, às 9h. Mal deixava a antiga igreja pela porta principal, no meio de grande concorrência da melhor gente, um desalmado moleque, trepado no pedestal da estátua do general Tibúrcio, gritou escandalosamente:

— Fiau! Fiau! Olha o filhote da Bacorinha!

Dali a diante, mestre João passou a ser conhecido, por toda gente, como Filhote da Bacorinha. E não houve remédio.

O barão não fora feito por sua santidade, o papa, como outros que havia na cidade e ele tratava de resto. Nem por sua majestade o rei de Portugal, cujo descoco, criticava nosso titular, chegava a ponto de dar a suas mercês novos nomes de lugares do Brasil, e concluía, em tom sisudo:

— *Verbi gratia*, Cauípe e Camocim, sem intenção de ofender meus colegas.

Não era barão graças a rezas ou a Roma, dizia de maneira cacofônica que se não

[85] Aça: Pessoal ou animal albino, mulato alvacento (variação do masculino *aço*)

pode repetir. Devia o título à munificência imperial de dom Pedro II por grandes serviços prestados à monarquia. Quais não se sabia muito bem. Se falava da alforria de meia dúzia de escravos, imediatamente incorporados às tropas que combatiam contra Solano López no Paraguai. Muito rico e muito influente na política conservadora do país durante o período final do segundo reinado, seu prestígio sobrenadou às crises da abolição, da república e da revolta da armada, se prolongando no tempo, através das presidências conselherais de Prudente de Morais, o Biriba, e Rodrigues Alves, o Peru do Catete.

Jamais consentiu figurar seu nome nas chapas senatoriais ou deputatícias. No entanto, atrás do bastidor, influía em sua escolha e fazia pessoalmente um terço deles. Além de possuir vastos latifúndios no sertão com imensos rebanhos, mantinha estreito e permanente contacto com o eleitorado matuto. Compadre da maioria de seus amigos do interior, não esquecia de enviar um presentinho aos afilhados em cada aniversário. Possuía uma agenda cuidadosamente posta em dia das efemérides íntimas da matutada. Um cartão hoje a Fulano, que completou anos. Um telegrama amanhã a Sicrano, que casou o filho. Uma carta amabilíssima, depois, a Beltrano e sua mulher pelas bodas de prata. Nenhuma carta recebida por mais trivial que fosse ficava sem resposta. Procurava atender, quebrando lança, a todos pedido que lhe faziam. Recebia os dinheiros deste. Fazia os pagamentos daquele. Mandava aviar as receitas de um, enquanto remetia, por qualquer meio, os remédios encomendados por outro. Era procurador duma infinidade de pessoas e correspondente doutras tantas que tinham filhos nos colégios internos ou no seminário. Alguns desses garotos, não podendo passar as férias em casa dos pais, as passavam, alegremente, na casa farta do Barão. Por seu lado, a Baronesa o ajudava admiravelmente em tudo isso. Era quem fazia a compra das comadres, dos afilhados e dos amigos do sertão. Ambos prestavam esse serviço com a melhor vontade, o que os valorizava. Quem dá logo, dá duas vezes, diz o povo, com sua experiência milenar. Ora, é obvio que o barão fosse queridíssimo e desfrutasse de prestígio invulgar.

Escondia a falta de cultura falando pouco e com modo conselheral. Diante do que lhe diziam, abalava a cabeça de tal maneira que o interlocutor nunca sabia se aprovava ou negava. Antes de ser barão, quando advogava na mocidade, recebera a alcunha de doutor Talvez. Se casara com uma senhora filha única de família importantíssima, quase mais velha que ele, viúva doutro barão, esse médico e formado em Coimbra, reunindo, em suas mãos probas, hábeis e seguras de provecto administrador, duas grandes fortunas. Durante anos, o casal não teve filho. Nem a baronesa, tampouco, da primeira núpcia. Dois sobrinhos seus, filhos dum irmão que servira no exército imperial e morrera, no sul, pobre como rato de igreja, esperavam, por isso, ansiosamente, a formidável herança, recebendo de mau modo o auxílio que lhes mandava, como se fossem migalhas da lauta mesa que lhes ia pertencer. Foi horrorosa sua decepção, quando a baronesa, como Sara, da Bíblia, inesperadamente apareceu em estado interessante, aliás nela o mais desinteressante possível de todos os pontos de vista.

Num parto feliz, apesar de tão fora de tempo, nasceu um pimpolho chorão e esbracejante, cujo batizado motivou uma festa de arromba, que fez época, no palacete dos barões, à rua Sena Madureira, antiga do conde d'Eu. Recebeu, na pia batismal da Sé, ali perto, dos próprios lábios do bispo, o mesmo nome do progenitor: João. Se criou com o diminutivo Joãozinho. Os pais, muito derretidos, muito delambidos,

viviam, como se diz no sertão, lambendo a cria, fazendo, de fato, toda vontade do garoto. Era quem mandava. Se imagine o que saiu dali...

Uma vez veio do interior a se entender com o barão, sobre séria questão política, um dos mais prestigiosos chefes partidários, coronel Martinho Gomes. Soba, régulo, sátrapa, xeque ou que outro nome tenha da cidade das Lavras da Mangabeira, gozava prestígio imenso no sul do estado, graças ao terror que espalhara com seus cangaceiros. Homem de muita posse e mau bofe, era acusado, pela voz do povo, de incontável truculência, de criminosas tocaias e sangrentas vinganças pessoais. Andava, no sertão, de chapéu-de-couro, punhal na cinta e rifle a tiracolo. Na capital, tomava ar conspícuo e manso, de fraque, colarinho duro e chapéu alto. Sempre de cara fechada, cumprimentava com leve aceno de cabeça, assumindo vis-a-vis de seus interlocutores ar de superioridade e proteção. Se esquivava, continuamente, a aceitar influência do barão sobre sua atuação política. O combatera, mesmo, algumas vezes. Agora, porém, magoado com o partido contrário e precisando dum empréstimo pra sua lavoura no Cariri, pedira uma audiência ao velho titular e vinha propor um acordo vantajoso a ambos.

O barão mais ou menos adivinhava o que seria e, como lhe convinha a mil maravilhas, estava contentíssimo. Recebeu o coronel-cangaceiro com toda zumbaia[86] possível. A conferência entre ambos foi amistosa e prolongada. Começou às 8:30h da manhã e ainda não terminara às 11h, quando a baronesa surgiu diante deles no gabinete, cumprimentando amavelmente o matuto e dizendo ao marido:

— João, o almoço está servido. Convides o coronel a nos fazer companhia. Continuareis, depois, a conversa.

E concluiu com o melhor de seu sorriso:

— Vamos, João. Como sabes, Joãozinho não pode esperar. Expliques ao coronel e compreenderá.

O barão se virou ao visitante, um tanto confuso:

— É, meu caro coronel, a vida é assim. Joãozinho é nosso filho... Tem sete anos. Fará oito em junho próximo. Filho único. É quem manda nesta pobre casa. Um verdadeiro tirano. Manda na baronesa, manda no barão, manda em todos... O que se há de fazer? Um filho em nossa idade. E único! É isso mesmo.

E, batendo no ombro largo do outro:

— Vamos ao almoço, meu caro coronel. Vamos! Joãozinho não pode esperar, como disse a baronesa. Não faças cerimônia. Somos gente simples e sem etiqueta. Faças de conta que estás em tua casa. Tenho certeza que não te recusarás a nos dar este imenso prazer... A nós e a Joãozinho. É... É... Nosso Joãozinho é uma criança encantadora, como terás oportunidade de ver... Vamos!

Coronel Martinho Gomes aceitou. Passaram os três à sala de jantar. Muito alegre com seu forro de papel amarelado em que se debuxavam rosas vermelhas, deitava três amplas janelas sobre um bananeiral umedecido pelo riacho Pajeú. Por elas se viam, a distância, os telhados em degraus da rua das Escadinhas e, mais atrás, os coqueirais do sítio de Bóris. Soprava uma aragem fresca e iodada que conversava baixinho com as cortinas de filó e labirinto. Lavava o aposento, deitada no chão, a quente luz solar. O alto canto dum sanhaço vinha da mangueira mais próxima.

Almoço servido à brasileira, com todas as iguarias na mesa, em velha louça inglesa

[86] Zumbaia: s.f. Cortesia exagerada, grande mesura, salamaleque

azul de pombinhos, imitando Macau. A baronesa ofereceu o assento, a sua direita, ao coronel. Na esquerda se sentou o barão. Em frente dela ficou Joãozinho. Tinha sete anos e usava roupa inglesa à marinheira. Cumprimentou o hóspede e começou, com insistência, a o examinar de soslaio, uma faísca de malícia acendendo e apagando nos brejeiros olhos rasgados e escuros.

A baronesa passou ao coronel um prato de canja, onde boiava, entre as olhas de gordura, um pedaço de fígado de galinha.

— Espero que gostes. Nossa velha cozinheira, Mariana, é especialista em canja e meu marido nunca as dispensa ao almoço.

Martinho Gomes respondeu, sorridente:

— Ó, minha senhora! Muito obrigado! Também gosto muito de canja. Lá em Lavras, minha velha é quem faz a minha, porém só nos domingos. Contudo, galinha de matuto do sertão não se pode comparar com galinha de cidade e de barão...

Joãozinho soltou uma risadinha amolecada. Os pais disfarçaram, falando do inverno que corria farto e prenunciava um ano promissor. A princípio o coronel não gostou muito da risadinha mas nada disse. Tomou a canja, que, realmente, estava deliciosa. Limpou os beiços com o guardanapo pendente do colarinho, onde enfiara uma das pontas, e começou a elogiar:

— Canja de rei, minha senhora! Nunca provei coisa melhor.

— Queres mais um pouco, Coronel? — Indagou a baronesa, solícita.

— Não faças cerimônia, meu amigo! — Interveio o barão.

Joãozinho, apontando a uma banana-da-terra, comprida, das chamadas chifre-de-boi, com quase 30cm, que encimava a grande fruteira de cristal do centro da mesa, surgindo, espetacularmente, dentre as mangas, goiabas, atas e araçás, disse, com voz peremptória, que não admitia discussão:

— Seu homem, comas, já, aquela banana!

O barão e a baronesa fingiram não ter ouvido e trocaram algumas palavras triviais. O matuto se fez de desentendido, lhes respondendo da mesma maneira. Joãozinho insistiu, fechando a cara, imperioso:

— Seu homem, já te disse: Comas, já, aquela banana!

O barão falou, molemente:

— O que é isso?, Joãozinho. Deixes de brincadeira. O coronel é um homem de respeito, amigo de teus pais. Não quererás que, entre a canja e os outros pratos, coma uma banana. Vamos, acabes tua canjinha!, meu filho.

Na sobremesa o coronel e nós comeremos a banana. Não é?

O chefe político, mordendo o lábio e se esforçando pra se conter, disse vagarosamente:

— Pois é. Agora não, Joãozinho. Na sobremesa, satisfarei teu desejo e comerei a banana.

Acrescentou com um sorriso leve e falso:

— Se ainda houver praça, toda. Se não, um pedaço.

O menino malcriado não aceitou o alvitre e gritou, corado, imperativo, batendo com o cabo do garfo no prato:

— Quero agora! Quero agora! Comas a banana!, já e já, seu homem.

O matuto fez um esforço pra conservar a calma e retrucou com afetada mansidão:

— Não, meu benzinho. Na sobremesa.

Por dentro tinha gana, naturalmente, de o esganar. Então o pirralho botou a boca no

mundo, esperneando e continuando a bater com mais força no prato e na mesa, com o garfo por cima e com os pés por baixo, epileticamente. Berreiro terrível, no meio do qual, de vez em quando, vinha a explosão:

— Seu homem, comas, já, a banana! Já e já! Comas, senão morrerei!

Os criados, receosos da crise, sumiram pela porta da copa. Os pais, aflitos, procuravam acalmar o malcriado, que continuava a berrar como um bezerro desmamado e a uivar como um cão prisioneiro em noite de luar:

Ai! Ai! Ai! Papaizinho, faças o homem comer a banana! Ai! Ai! Ai! Mamãezinha de minha alma, faças o homem comer a banana! Quero que coma e tem de comer. Tem de comer! Ai! Ai! Ai! Seu homem, comas a banana!

O coronel, constrangido, entalado, continuava a se dominar, com visível esforço. Seu desejo era mandar às favas os barões e o almoço, e se retirar num assomo de raiva por não poder agarrar o petiz e lhe dar uma boa tunda. Mas o barão se voltou a ele e pediu humildemente:

— Coronel, tenhas paciência. Desculpes. Filho de gente velha é assim mesmo! Criado cheio de mimo e vontade. Faz sempre dessa. O que se há de fazer? Só com o tempo e brandura melhorará. Te peço um grande favor, um obséquio de caráter pessoal ao qual lhe ficarei eternamente grato, uma complacência de amigo pra acalmar essa pobre criança... Satisfaças esse desejo estúpido, inconsiderado mas violento, como vês... Tenhas pena dele e de nós!... Comas a banana!

— Hem?! — Ganiu o matuto, estremecendo na cadeira, num ímpeto de virar a mesa sobre toda a família com canja, pratos cheios, fruteira de cristal e tudo. — Hem?! Eu comer a banana?!, senhor barão. Estás louco?! Ora essa! Era só o que faltava! Um homem de minha idade e de minha posição, vir àqui pra isso...

A baronesa, cuja doce presença contivera até ali o gênio árdego do soba sertanejo, lhe pôs olhos súplices de *mater dolorosa* e implorou, quase juntando as mãos, como quem reza:

— Coronel, perdoes a extravagante tolice deste menino! Mas foi muito doentinho e ainda não goza boa saúde. Qualquer excesso o pode levar ao leito. Tenhas pena de nós. Não o deixes ter um ataque. É horrível! Não avalias... Pelo amor-de-deus, comas a banana...

Martinho Gomes não deu palavra. Estendeu o braço, tirou a grande banana da fruteira, a descascou vagarosamente e comeu. Joãozinho parara de se esgoelar. A mãe se levantara e lhe limpara, carinhosamente, os olhos e o nariz com o lenço de cambraia. Mal acabou de fungar, o garoto começou a rir malucamente, batendo na mesa e cantando em triunfo:

— Comeste ou não comeste a banana?, seu homem. Comeste ou não comeste?... Quem manda nesta casa sou eu!... Comeste ou não comeste?...

A baronesa o acalmava com pancadinha nas espáduas e lhe alisando o cabelo alourado... O barão, enfiado, baixava a cabeça. O resto do almoço foi um desastre. Todos mal tocaram nos outros pratos. Raras palavras foram trocadas. Os criados andavam na pontinha dos pés. Só o diabrete se fartou de tudo e repetiu a sobremesa quantas vezes quis. Se agitava, de momento a momento, e gargalhava com o estribilho odiento:

— Quem manda sou eu! Comeste ou não comeste a banana?, seu homem.

A conferência entre o barão e o chefe sertanejo não teve prosseguimento. Servido o café, se despediu, ouvindo, com um vinco da face, que procurava ser um sorriso, as

reiteradas desculpas dos barões. Queria logo se ver livre daquele ambiente. A seus ouvidos repercutia o brado do guri, o enchendo de revolta íntima:

— Comeste ou não comeste a banana?, seu homem!

Meses depois veio a eleição e o barão foi estrondosamente derrotado no distrito em que se incluía o feudo de Lavras da Mangabeira. Esse revés marcou o início dum desprestígio eleitoral crescente ano a ano. Enfim, se tornou total e outros vultos deram as cartas na vida política do estado. Entre eles, com grande preeminência, o coronel Martinho Gomes. Mais tarde maus negócios, crises no mercado de café, algodão e cera de carnaúba abalaram a fortuna do velho titular. A baronesa, nesse entremente, faleceu, após dolorosíssimo e longo sofrimento, dum câncer no estômago. Joãozinho, já na maioridade, o maior estróina da capital, dissipou, no jogo e com mulheres de vida airada, sua legítima fortuna. Deu, uma vez, um tiro num bicheiro e o pai gastou quarenta contos pra o livrar da cadeia. Não resistindo a todos esses desgostos o pobre do barão logo viajou à terra dos pés juntos, como diz o povo. Então o filho dilapidou, em novas loucuras, o pouco cabedal apurado num inventário eivado de hipoteca e penhora. Descalabro completo! Não morreu de fome graças a um amigo dos tempos idos, que lhe arranjou uma sinecura mal-paga no escritório de obra contra a seca.

Coronel Martinho Gomes viveu muito tempo e morreu assassinado por um parente que perseguira duramente em Lavras. Tinha setenta e cinco anos e o duplo de morte, sobretudo por questões políticas, na cacunda, afirmava a gente do sertão. Costumava ir todos os anos a Fortaleza como deputado à assembléia estadual, de julho a outubro. Sempre que via Joãozinho do Barão, como lhe chamavam, reduzido àquela triste condição econômica e social, quase sempre bebendo nos cafés e botequins na praça do Ferreira, em rodas de vadios e desclassificados, contava, a quem estivesse a seu lado, a história da banana. Terminava, indefectivelmente, com este fecho:

— Com os diabos! Nunca tive tanta raiva como naquele almoço amaldiçoado! Comi o raio da banana mas não a engoli, nem à mão de Deus pai. Ainda a tenho atravessada aqui!...

E apontava o avantajado gogó que lhe sobressaía no pescoço, encima do colarinho engomado de pontas viradas.

— Ainda a tenho atravessada aqui! Ouviste?

Justiça do sertão

uando a velha Filomena acabou de lavar o rosto e o enxugar na toalha de labirinto, disse, à negra Florinda, que lhe trouxera o jarro de água:

— Vás preparar o café.

Depois perguntou:

— Já ouviste, hoje, o pigarro do coronel?

— Não, senhora. — Respondeu a antiga escrava. A velha continuou, um tanto pensativa:

— É estranho! Eu também não.

Coronel Acácio tinha hábito regular. Sempre acordava mais cedo que dona Filomena. Se levantava, sacudia a rede de pano inteiro, a enrolava e deixava pendurada num armador, saía e lavava o rosto na bica da fazenda, dando um olhar aos chiqueiros e currais da criação. Pigarreava, alto e continuamente, até a hora do café. Bronquite do cigarro de fumo da terra, que não largava. Sinal certo de que andava na faina diária.

Veio o café à mesa e nada dele aparecer. A mulher chegou à alpendrada e indagou ao vaqueiro, que ordenhava as vacas no curral grande:

— Malaquias, viste o coronel?

— Inhora, não.

— Nem o pigarro?

— Inhora, não.

Fora ao açude? Andara até a ipueira do Pau-Branco, a fim de ver o estado da bebida do gado?, porque a estiagem se prolongava. Esperou algum tempo e nada. Não o velho nem o pigarro do costume. Pôs as mãos à boca e, com toda força pulmonar, gritou, na manhã tranqüila e ensolarada:

— Acácio!... Acácio!... Acácio!...

Somente o eco lhe respondeu, ao longe, nas serrotas acinzentadas. Dona Filomena se sentiu inquieta. Um pressentimento a assaltou. Naturalmente algo acontecera.

— Flor, — ordenou à negra — chames Azulão e Pica-Fumo, no roçado, e vão todos, com Malaquias, procurar o coronel. Pode ter sofrido um ataque ou caído nalgum barranco. Nunca fez isso.

A fâmula ousou comentar:

— Talvez uma cobra...

— Cales essa boca!, bruxa! Deixes de agouro! Às vezes, quando se fala numa coisa dessa, os anjos celestes estão dizendo *amém*. Credo!

E a velha assentou o pesado corpanzil no tosco banco de madeira da alpendrada, ainda recomendando:

— Ide, depressa! Depressa!

Os cabras e a preta se dispersaram no arredor da casa sertaneja. Dali a minutos, a voz de Azulão vinha do velho chiqueiro das ovelhas, na descida do açude:

— Madrinha! Madrinha! Venhas a cá. Chegai todos! Chegai todos! Andai ligeiro! Uma desgraça!

A velha abalou ladeira abaixo, tão rápida como permitiam a banha e a idade. Os outros se aproximaram, céleres. E, ao pé da caiçara do chiqueiro abandonado,

encontraram o coronel caído, de bruços, sobre a tiririca, morto com uma facada nas costas, donde o sangue correra, ensopando a camisa de algodão listrado.

O trouxeram, nos braços, até casa e prepararam o corpo pro enterro. Dona Filomena, com os lábios apertados e a testa vincada, não derramava lágrima. Mas sua fisionomia demonstrava a dor profunda que sofria pelo trágico fim de seu companheiro de cinqüenta anos naquela antiga fazenda do Catolé, que fora dos pais e dos avós dele.

O delegado de polícia da vila prometeu fazer tudo pra descobrir o criminoso. Queria, de entrada, prender e inquirir os fâmulos. Ela se opôs, com autoridade:

— Quem? Malaquias, Azulão, Pica-Fumo, minha preta-velha? Estás sonhando. Essa gente nunca mataria o coronel: Morreria por ele. Isso sim! O matador veio de fora, moço. Ora, se veio!

— Mas, minha senhora, não consta que o coronel tivesse inimigo, questão de terra nem luta política.

— É. Mas procures noutro lado. Em minha casa não, porque não consinto.

Se manteve firme nesse ponto de vista. Depois do enterro chamou os fâmulos:

— Malaquias, tomarás conta da miunça e do gado, dando uma mão a Florinda, na casa e no roçado, enquanto Azulão e Pica-Fumo procurarão, onde estiver, Zé Pega-Pinto. Levai dois cavalos e tomai este dinheiro pra despesa. Agarrai o cabra, seja como for, mas, vede lá! Não o matai, o trazei àqui vivo. Ouvistes?

Os dois acostados, no hábito de longa obediência passiva, a fitavam sem compreender bem. A velha explicou:

— Foi quem matou o coronel. O bandido! Pra se vingar.

Os homens saíram. Dona Filomena se sentou numa rede e começou a balançar o pesado corpo. Os armadores gemiam, fanhosos e ritmados. No silêncio da velha casa, enquanto lá fora o sol ardia num céu de bronze azul incandescente, queimando a catinga sem fim, desfiava o pensamento. Maldito Pega-Pinto! Um zé-ninguém! Aos treze anos órfão de pai e mãe, moradores ali perto. Gente miserável. Fora recolhido, alimentado e protegido pelo coronel. Crescera e chegara aos dezoito anos, sempre madraço, malcriado e desobediente. Além disso, malvado. Uma feita o surpreendera no telheiro dos animais, decepando, em rodelas seguidas, com um prazer sinistro nos olhos miúdos e escuros, o rabo duma tejubina[87] na máquina de cortar capim. Gritara:

— Acácio! Venhas ver o que este perverso está fazendo! Venhas ver!

O marido acudira e ralhara muito com o rapaz, que baixara a cabeça. Vira uma chispa de ódio no olhar que lhes deitou de soslaio. A chispa como dizia:

— Deixes estar!...

Ultimamente dera pra furtar tudo o que podia. Sua audácia chegou a ponto de abrir o baú e tirar uns ouros antigos de família, que fora vender na vila: O cordão trançado de sua avó, uma pombinha do espírito santo, olhos de Santa Luzia, a figa de coral encastoada que lhe dera tio Belarmino, o relógio e o correntão do coronel, mais um rol de miudeza. Era demais! O velho se decidira a o mandar embora, ao diabo que o carregasse, mas, muito zangado, mandara, antes, Azulão e Pica-Fumo lhe darem uma boa coça de péla-boi ensebado. Castigo bem merecido. O canalha, porém, jurara vingança. Ora, pro espírito de dona Filomena, fora ele o assassino. Nem podia ser outro. A polícia que fizesse o que entendesse. Ela, como boa sertaneja, criada no

[87] Tejubina: s.f. (Ceará) Pequeno lagarto verde, pintado, do tamanho dum camaleão pequeno, que vive no camps (*Ameiva surinamensis*)

sentido feudal das antigas famílias do interior nordestino, sabia muito bem o que devia fazer. E o faria, houvesse o que houvesse. Veriam!

No fim duma quinzena, no anoitecer duma terça-feira, os dois cabras regressaram, trazendo, ajoujado, Pega-Pinto. Souberam que estava na povoação da Gameleira, foram até lá e o apanharam de surpresa, o obrigando a os acompanhar. Na estrada lhe amarraram as mãos com relho. À luz duma candeia de querosene dona Filomena o fitou face-a-face:

— Então, seu cachorro: Foste quem matou meu marido?

— Eu não!, senhora. Não, senhora! Eu não seria capaz duma coisa dessa! Pelo amor-de-deus!, dona Filomena, não me desgraces! Nem sabes o que tenho passado depois das asneiras que fiz em tua casa! Nem avalias como estou arrependido!

Baixava os olhos, sem poder encarar a mulher, que se mantinha silenciosa e firme diante dele. Caiu de joelhos, suplicou:

— Dona Filomena, te peço, por nossa senhora do Rosário, tua padroeira, não me mates! Me entregues à polícia e a verás que, um dia, se descobrirá o assassino. Sou inocente! Não foi eu. Juro, por tudo, que não fui!

Continuava calada, o olhando, sem tremor na face enrugada como folha de coaçu,[88] lábios apertados e testa vincada, tal qual no dia em que encontrara ensangüentado e frio o corpo do marido.

Aquele olhar e aquela mudez diziam tudo ao rapaz. Sabia que o Catolé era um ermo, que seus donos se julgavam, pela tradição secular, senhores absolutos e que só um milagre o poderia salvar. O instinto da salvação lhe ditou uma mentira. Ficou de pé e falou, com voz meio baixa:

— Sei quem matou o coronel...

Esperou a reação da velha. Nada. O mesmo silêncio. A mesma fixidez do olhar cravado nele. Gritou:

— Sei, sim, senhora! Até me convidou pra o ajudar e me recusei. Ele me disse: És um sem-vergonha! Levas uma surra daquelas e não te vingas.

Procurando uma tábua de salvação, o criminoso ia soltando, sem querer, pedacinhos de verdade. Só a mudez e a fixidez do olhar lhe responderam. Se exasperou:

— Não queres saber?! Queres é te vingar de mim, por causa dos ouros. És tão perversa como o defunto, que pensava ser dono da gente!...

Então dona Filomena rompeu o silêncio. Sua voz era calma, segura e sem inflexão, como se produzida por uma máquina:

— Te cales! Sei tudo. Vejas, ali, sobre a mesa, a faca que Florinda achou no mato. A faca que meu marido te deu de presente no dia de Natal. Não será com ela que morrerás, porque ela entrou no corpo dum homem-de-bem e não se sujará no dum assassino e ladrão. Nem morrerás. Quero que, até o fim da vida, te lembres do crime que praticaste!

---

[88] O coaçu (*Triplaris surinamensis* Cham.) ocorre tanto no interior da mata primária densa como nas formações secundárias e a madeira pode ser empregada na construção civil. A árvore apresenta características ornamentais que a recomendam ao paisagismo, principalmente pra arborização urbana. Planta adaptada a terrenos brejosos e de rápido crescimento, é indispensável na composição de reflorestamentos heterogêneos destinados ao repovoamento de áreas degradadas (Lorenzi, 1992) (retirado de www.agriambi.com.br)

Lhe deu as costas, ordenando:

— Azulão, ponhas esse bandido amarrado no quarto do paiol, feches bem a porta e durmas com Pica-Fumo no corredor.

Os galos, afinal, anunciaram a alvorada e a manhã rompeu atrás da serra distante, ao canto alegre dos passarinhos. O gado mugia alto no curral. A velha passara a noite rezando, ajoelhada diante do pequeno oratório em que nossa senhora do Rosário se mostrava em seu manto azul celeste, entre são Benedito e santa Catarina de Alexandria, encostada à roda navalhada. Pega-Pinto se agitava, continuamente, no chão de terra batida do paiol. Os dois acostados dormiram como pedra. Florinda dormia e acordava, dormia e acordava, tornava a dormir e tornava a acordar.

Quando levou o jarro de água ao quarto da ama, a encontrou de pé, olhando pela janela a luz solar que iluminava a paisagem. Sua fisionomia se mostrava tranqüila, somente se lhe notava um pequeno quebramento nos olhos castanhos. Lavou o rosto e tomou café como todos os dias. Depois de combinar muita coisa com os fâmulos, em voz baixa e sumida, mandou pôr, no alpendre do casarão, a cadeira de braços em que o coronel costumava se sentar depois de refeição. Em frente, no meio do terreiro, os cabras colocaram a máquina de cortar capim. Ela se acomodou na poltrona e, em seguida, como um grande juiz medieval presidindo uma execução, ordenou:

— Azulão e Pica-Fumo, trazei o bandido!

Junto dela, sobre o tosco banco de madeira da alpendrada, Florinda arrumava um frasco com creolina, uma bacia com água e ataduras feitas de velhas roupas rasgadas.

Os acostados trouxeram o assassino. Tinha as faces encovadas e barbadas, o olhar fundo e o corpo amolecido. Mal se mantinha de pé entre os dois homens que o sustinham. Quis se ajoelhar e não deixaram. Suas pestanas batiam constantemente ao ritmo do nervoso tremor que lhe agitava o corpo.

— Assim como que fizeste com o rabo da tejubina, sentenciou a fazendeira, a mão com que assassinaste meu marido será cortada. Com ela nunca mais matarás alguém!

Os cabras receberam a instrução necessária. Lhe manietaram as pernas, o amordaçaram pra não gritar, o puseram de joelho, meteram o braço direito na caixa da máquina e Malaquias, tomando a manivela, fez girar a grande roda de navalha. Todo o corpo do Pega-Pinto estremeceu violentamente, a cabeça rodou, em desespero, a todo lado e as últimas falanges dos dedos pularam no chão com esguicho de sangue. Depois as segundas, afinal as primeiras.

De costas, trêmula, Florinda se persignava. O infeliz desfaleceu. Dona Filomena ordenou:

— Basta! Malaquias, que sabes tratar bicheira e capação, faças os curativos com Azulão e Flor. Tratai bem esse bandido, pois precisa viver muitos anos com a lembrança do que fez.

Tossiu, se levantou e concluiu:

— O coronel está vingado! Deus lhe fale à alma. Pica-Fumo, montes ao cavalo, vás à vila e tragas aquele moço, o delegado de polícia.

Se encaminhou, lentamente, ao quarto, abriu a gaveta da cômoda, apanhou o rosário e se ajoelhou no oratório, diante do qual duas velas acesas iluminavam as flores de ouro do manto azul da virgem do Rosário, o resplendor de latão de são Benedito e as navalhas prateadas da roda de Santa Catarina.

Era nelas que seu olhar se fixava, enquanto os dedos desfiavam as contas do terço:

— Pai nosso... Ave Maria...

O maluco de Santa Teresa

aquela cinzenta e triste manhã de chuva o homem magro e pálido parou junto à varanda de minha casa, que dava sobre a rua. O convidei a se abrigar, largando o jornal que estava lendo e me pondo de pé. Aceitou e nos sentamos a palestrar.

O homem magro e pálido morava uns dois quarteirões adiante de mim. Sua casa, de feitio antigo, com biqueiras de telhões, se debruçava, sempre fechada e silenciosa, sobre a íngreme ladeira do morro. Entrava e saía dela como furtivamente. Andava continuamente de preto, dos pés à cabeça. Tinha olheira. Por isso, naquela cinzenta e triste manhã de chuva, perguntei:

— És positivista?

Fez um gesto instintivo de horror e indagou:

— Não. Absolutamente não. Por que me perguntas isso?

— Porque te vejo, sempre, trajando de luto e com palidez e tristeza características da raça positivista.

O homem riu gostosamente:

— Raça! É boa! É boa!... O positivismo, meu caro senhor, é uma filosofia e uma religião. Sou religioso, porém não positivista. Minha crença é somente minha, por ora, mas um dia será da humanidade toda. Estou preparando a base de sua doutrina prà revelar publicamente e a pregar com todos os meios a meu alcance.

Soltou um suspiro muito profundo e magoado:

— Desde que minha mulher morreu, há seis meses, não penso noutra coisa e não faço outra coisa. Seu espírito me inspira do além...

Eu era todo ouvido. Aonde chegaria? Não me atrevia a uma pergunta, com medo de desviar o curso da conversa. Sorria superiormente. Prosseguiu:

— Apesar de não ser positivista sou vegetariano como Teixeira Mendes. Me alimento, unicamente, de legume e fruta, que, como todos os povos de outrora, considero sagrados, pois com eles nas religiões primitivas se faziam oferta aos deuses.

Fez uma pausa e afirmou, convicto:

— Adoro os deuses de todas as religiões. Minha doutrina é uma síntese de fetichismo, politeísmo, monoteísmo e panteísmo. Se chama *microcosmo religioso*. Com os fragmentos da Eterna Verdade esparsos em todas as crenças, restabeleço a Verdade Integral, a Verdade Perfeita. Me desculpes esses termos, pois a Verdade é a Verdade e a integralizar ou a tornar perfeita não é logicamente admissível. Todavia, como falta expressão pra caracterizar, muitas vezes, nosso pensamento, somos obrigados a empregar algumas impropriedades...

Acendi um cigarro e escutei, em silêncio, o homem magro e pálido.

Áries zodiacal, Júpiter Amão, o grande Ram e o catolicismo consagrou aos pés de são João Batista e sobre o livro apocalíptico dos Sete Selos. Não seria possível me alimentar de carne de vaca porque Júpiter se transformou em touro pra raptar a linda Europa, Ísis foi a Vaca Sagrada, os hindus cultuam esse animal, Ápis recebeu adoração dos egípcios e o boi se tornou o emblema do evangelista Lucas. Como poderei mastigar uma costeleta de porco, me lembrando de que os antigos gauleses o

tinham como insígnia totêmica e fez companhia, no deserto, a santo Antão. A galinha, por exemplo, não deve constituir alimento dum ente pensante: O galo se elevou a símbolo celta e a quase deus dos merovíngios, a Cabala santifica os galos funestos Nergal[89] e Caporas, os romanos vaticinavam nas entranhas dos frangos sagrados. O ganso me é defeso em recordação aos gansos vigilantes do Capitólio. Não admito os peixes em minha mesa porque todos devem descender do Leviatã[90] bíblico, de Oanes,[91] Ea[92] e Baal-Dagão,[93] os peixes-místicos da Caldéia ou dos lotos primordiais da Fenícia. O mesmo se dá quanto aos ovos, pois são santificados entre os maometanos, relembram o ovo místico do pássaro Roca e, anualmente, reproduzem uma velha usança litúrgica da Páscoa...

Eu esquecera o cigarro, que me queimava, sozinho, entre os dedos. O homem não se detinha:

— Detesto montar cavalo. Nobre animal que os cartagineses consagravam ao grande Baal Eskmun. Ou mesmo burros, que conduziram Balaão, Jesus Cristo, e nossa senhora ao Egito, e são Pedro Celestino a Roma. Amo os gatos e os cães, em memória ao Egito faraônico que os venerava. Anúbis permanece em meu espírito.

Tossiu ligeiramente e acrescentou:

— Certamente te admirarás e pensarás que sou maluco. Não amo somente os animais úteis ou domésticos. Adoro também os insignificantes, como a aranha, que representa Aracne, inventora do tecido. Os venenosos, como as cobras, que se ligam a nossa existência desde a tentação de Eva. Ou o escorpião, que figura no Zodíaco. Quero bem aos lobos, que os indígenas da América do Norte adoravam. Extremeço as lagartixas, os calangos, os tejuaçus, os camaleões e os jacarés, visto como os povos negros de Benim se prosternam diante dos lagartos. Curvo os joelhos em presença aos urubus, pois os Axantes deificaram o abutre, o qual, como o milhafre, era sagrado desde o velho Egito.

Tive, então, a má idéia de o interromper:

— Não deves mais comer, também, teus vegetais.

Me olhou com verdadeiro espanto nos olhos brilhantes, febris.

— Por quê?

— Porque as cenouras, os nabos e os rabanetes devem te recordar a famosa raiz do Baarás e as mandrágoras sagradas. Porque a fava e o feijão eram proibidos aos sacerdotes faraônicos e aos flamíneos de Roma Augusta. Porque os frutos relembram, fatalmente, a maçã paradisíaca, o pomo da discórdia, os pomos de ouro, por Hércules roubados ao jardim das Hespérides...

— Talvez tenhas razão. Pensarei, maduramente, nisso.

---

[89] Nergal, demônio chefe da polícia do Inferno, encarregado da denominada Corte Infernal. Nergal era espião honorário de Belzebu. (não encontrei referência a Caporas)

[90] *Leviatã* (no Talmude) significa *crocodilo*

[91] Oanes: Criatura anfíbia que, no dia, instruía os antigos sumérios na arte e ciência e, na noite, retornava ao mar. Segundo a tradição sumeriana foi quem civilizou a humanidade.

[92] Sumeriano Enqui (babilônio Ea), senhor do abismo, sêmen e sabedoria. Deus da água, criação e fertilidade.

[93] Sumeriano Bel (cananita Baal): Sabedoria dos deuses. Dagão: Deus do trigo, inventor do arado. Os fenícios erguiam altares nas partes mais altas de suas cidades pra sacrificar pequenos animais em oferenda aos deuses. Esses deuses representavam fenômenos da Natureza: Dagão representava os rios e anunciava as chuvas, Baal era o deus da altura, tempestade e raio, Aiã e Anate, filhos de Baal, representavam as águas subterrâneas e a guerra, respectivamente. Os fenícios tinham deuses comuns, embora com nomes diferentes em cada local. Por exemplo: Na cidade de Tiro, Baal era denominado Melqart. Extraído de Wikipédia.

A chuva amainara. O homem magro e pálido se despediu. O segui com o olhar até sumir na volta da ladeira sobre a qual avançava o cunhal de sua residência.

Esqueci o incidente. Uma semana depois, ao saltar do bondinho de Santa Teresa, na esquina da ladeira, vi muita gente enchendo a rua, rodeando um rabecão da polícia. O galego do botequim me deu a seguinte explicação:

— A casa do maluco fedia, na manhã, a cães mortos. A vizinha Gonçala, aquela gorducha que vive com Pantaleão da saúde pública, deu o brado. Arrombaram a porta. O homem estava morto, ao que parece, de fome. Dentro da casa uma sujeira dos diabos e bichos que te partam... Aranhas, gafanhotos, baratas, duas tartarugas, mais de dez cachorros vira-latas e gatos vadios. Dizem que até um jacaré pequeno...

O galego se voltou a atender um freguês e saí. Pouco adiante, encontrei Gonçala, a melhor lavadeira do bairro. Puxei conversa:

— Senhor doutor, o homem andava maluco. Há muito tempo trancado em casa, sem comer e criando bicho. Tinha de acabar, mesmo, como acabou. Ficou assim desde que a mulher morreu.

— Quem era a mulher? Não me lembro, apesar de morar há uns oito anos nesta ladeira.

— Era uma gasguitinha,[94] magrela, espremidinha, sem meio quilo de carne mas danada como o quê. Dava corda a tudo que era homem. Até aos mata-mosquitos da turma de meu marido.

— Ele, naturalmente, não sabia e era louco por ela.

— Á! Saber, sabia. Como toda gente. Podia não querer acreditar. Brigavam dia e noite. Sua vida era um inferno.

— E como se explica que esse homem ficara maluco com a morte dessa mulher?

Gonçala deu de ombros:

— Senhor doutor, nunca alguém sabe direito até onde uma mulher pode querer bem a um homem nem até onde um homem pode querer bem a uma mulher...

O rabecão descia, ruidosamente, a ladeira. Gonçala subiu ao meio-fio a fim de o deixar passar na rua estreita. Tirei, respeitosamente, o chapéu, baixando a cabeça. No fundo minha consciência não estava tranqüila. Com minha brincadeira o pobre maluco se deixara morrer de fome. Felizmente não fora essa minha intenção e, afinal de conta, melhor lhe valia a morte que a vida.

---

[94] Gasguita: Mulher com voz esganizada

A metade duma vida

iquei muito tempo parado na beira do passeio, seguindo, com o olhar, um vulto de homem que, lentamente, se perdia no meio da multidão apressada. Quem me visse naquela postura pensaria eu ter o que fazer ou que me interessava por alguma figura feminina das que enchiam a rua. É que aquele homem me lembrava grandes trechos de minha vida.

Como se chama? Não sei. Quem é? Sei mais-ou-menos. Não me conhece mas o conheço há 40 anos. Passou por mim naquela manhã em que fiquei parado o olhando, indiferente, sem perceber minha presença. Todavia me causou emoção tão grande que meu coração bateu forte. Tão grande que, se não tivesse o que fazer, o teria seguido pra saber aonde ia, donde vinha, como vive. São encontros curiosos da vida, esses, em que apenas um toma parte.

Nada, também, de essencial me liga àquele homem. Não somos parentes nem amigos nem conhecidos, de vez que nunca nos falamos. No entanto, em largos espaços, nossas vidas correram paralelas. Contarei a história toda, nada ocultando, a fim de que se compreenda por que fiquei imóvel largo tempo, seguindo, com os olhos, aquele velho que mergulhava na multidão apressada.

Velho? Sim, bastante velho. Verdadeira ruína humana. Arrastando os pés como se fossem de chumbo. O corpo esquelético e curvado dentro da roupa coçada de brim. Cabelo branco esgrouviado. A face murcha, vincada de ruga como um barranco depois da enxurrada. O olhar amortecido. A cabeça descaída. Um cigarro esquecido no canto da boca. Desmazelo e pouco asseio.

Quando o vi, em primeira vez, em 1909 ou 1910, era um rapagão alto, moreno, espadaúdo, de basta cabeleira negra, olhos vivos e ar provocante. Um bonitão, como se diz na atual gíria carioca. Eu tinha uns 20 anos, ele devia se aproximar da casa dos 30. Morávamos, ambos, numa grande pensão familiar do senhor Luciano, à rua General Canabarro, perto do colégio militar. Eu lá estava, havia três meses, quando houve alvoroço entre os hóspedes. Corre-corre das moças. Cochichos prolongados das velhas e velhotas nas poltronas de vime da sala de entrada. Constava que ia chegar, na noite, de São Paulo, um casal em lua-de-mel. Esperaram até 2h da manhã e nada. Só, então, foram dormir.

No dia seguinte, somente ao jantar, os recém-casados se dignaram a aparecer. O marido era ele, esse velho que eu agora seguia com os olhos. A mulher era a mais linda moça que já vi. Alta, esbelta, morena clara, de olhos luminosos e suaves, cabelo sedoso, irradiando simpatia. Fiquei deslumbrado, estarrecido, sem poder desprender os olhos daquela maravilha de carne e osso, enquanto um sussurro corria todas as mesas da vasta sala de jantar, aberta sobre o pátio plantado de tamarindo:

— Que lindo casal!...

— Que belo casal!...

De fato foi o mais belo casal que encontrei até hoje. E foi, também, sem dúvida, o mais feliz. Soube, vagamente, que ela era de família modestíssima da Paulicéia e que ele exercia o cargo de fiscal do imposto de consumo. Durante dois anos ainda morei na pensão de senhor Luciano e não tive oportunidade de lhes ser apresentado. Eram

muito retraídos, se davam com poucas pessoas, viviam exclusivamente um ao outro, tão juntinhos e carinhosos como nos dias da lua-de-mel. Era, justamente, esse amor, essa compreensão, esse desvelo mútuo que chamava sobre o casal a atenção de todos e a ele atraía, de toda parte, admiração e simpatia. Não tinham filho e ela continuava com sua inalterável e pura face de madona, que me embevecia numa adoração silenciosa. É bom notar que nessa admiração não se incluía sentimento ou desejo menos nobre.

Deixei a pensão da rua General Canabarro e fui morar noutra, na rua do Catete, mas continuei a encontrar, quase diariamente, na tarde, na avenida Rio Branco, os dois muito chegadinhos, muito agarradinhos. Ano após ano, assim os via, ora na rua, ora numa casa de chá, ora no cinema e, até mesmo, algumas vezes, esbarrei com ele comprando cigarro na Londres. Ela ficava do lado de fora, o esperando, e eu me comprazia, sempre, em admirar sua beleza tranqüila, modesta, séria e delicada. Depois, iam de braço dado, conversando, risonhos. Tenho a impressão de que nunca tiveram divergência. Dois grandes amigos!

Em 1914, ao estourar a primeira guerra mundial, eu morava numa pensão da rua das Laranjeiras. Certo dia o belo casal lá apareceu e tomou aposento. Minha mesa ficava em frente da sua e pude, assim, duas vezes por dia, admirar à vontade aquela mulher tão séria e tão bonita. A lua-de-mel de ambos continuava inalterável como eu a vira começar na pensão de senhor Luciano em 1909 ou 1910.

Dentro dalgum tempo nossos caminhos se separaram. Passei alguns anos sem ver meus velhos conhecidos. Depois, voltei a os encontrar novamente, sempre no mesmo namoro e, naturalmente, sem filho, pois estavam continuamente sozinhos. Já o cabelo alvejava nas têmporas dele e alguns fios de prata resplandeciam nos bandós do penteado dela. Assim, na clepsidra azul do tempo, os anos foram pingando, um a um. Também tive cabelo branco antes de ficar sem cabelo.

Me lembro bem da emoção que, um dia, me assaltou ao encontrar aquele casal, que considerava, em minhas conversas comigo mesmo, o mais feliz do mundo, na manhã, na rua do Ouvidor. Ela estava magra e encanecida. Ele, ainda bem conservado, a levava carinhosamente pelo braço, a amparando como a uma criança. O rosto dela, embora murcho, era triste e belo. Em primeira vez seu olhar pousou em mim melancolicamente. Limpei uma lágrima furtiva no canto das pálpebras. O que teria ela? Qual a enfermidade que a minava? Entre essas indagações que me invadiram o espírito pensei na dor terrível daquele homem, ameaçado de perder a metade de sua alma e de sua vida. Eu vira, de fato, o começo do fim do casal mais feliz do mundo.

Sim, porque, passados muitos meses, o encontrei de preto, fúnebre, olhos encovados, faces sulcadas pela lágrima e já um prenúncio de curvatura nos ombros atléticos. Notei que, ao acender o cigarro, suas mãos tremiam. Me dominei pra não perguntar, sob qualquer pretexto inventado de afogadilho, como, quando e de que ela morrera. Ela, que ele amara profundamente. Ela, que, em silêncio, eu respeitosamente adorara durante tão longos anos.

Se me não falha a lembrança, ainda o vi, mais tarde, à porta da tabacaria, quase não o reconhecendo, tão demudado seu aspecto. Se tornara um velho desleixado, desses que não têm quem os cuide. Agora, passada meia dúzia de anos, atravessara subitamente a rua em minha frente e era um ancião, aquela ruína humana, aquela carcaça de navio flutuando sem destino no meio do oceano indiferente da multidão. De toda aquela gente que enchia a rua e o acotovelava somente eu o conhecia desde

aquela longínqua lua-de-mel. Somente eu o acompanhara nesta cidade, através dos lustros, em sua vida feliz com aquela deslumbrante e puríssima mulher. Somente eu sabia que ele a perdera e que seu naufrágio acontecia por falta dessa bússola maravilhosa, embora não soubesse sequer quem eu era, nunca houvesse trocado comigo uma palavra e nem suspeitasse meu silencioso interesse por sua existência.

Terá sido a derradeira vez que vi a última metade do casal mais feliz do mundo, a metade duma vida. Em todo caso todos ficam sabendo porque eu, parado, seguira com as olhos aquele velho que arrastava os pés de chumbo, se perdendo devagar no anonimato da multidão. Tinha razão pra isso?

A morena de doutor Gesênio

e falava de mulher. Uns bem, outros mal. Quase todos se afirmavam grandes conhecedores de sua psicologia. Havia certa filáucia no se apregoarem tão entendidos, deixando em reticência sutil a suspeita de longa prática através de aventura requintada. Somente doutor Gesênio se mantinha calado, acendendo um cigarro após outro. Seu silêncio impressionou a roda. Eram todos bem mais moços e o respeitavam pela distinção e cultura. Todavia, como se conservasse naquele alheamento da conversa geral, um dos convivas não se conteve e lhe dirigiu a palavra:

— E nosso caro doutor, o que diz sobre o assunto?

O velho médico depôs o cigarro no cinzeiro, sorveu, com um estalo da língua, as últimas gotas de Cointreau[95] que restavam no pequenino copo de cristal e exclamou, com indignação:

— O Diabo que as entenda!

Todos se voltaram, incontinenti, a ele. Uma interrogação muda boiava nos olhares curiosos. Quem o provocara a se manifestar tomou ânimo e disse:

— Ouçamos a opinião de nosso amigo. Será, com certeza, formidável.

— Opinião? Não opinarei. Contarei um caso. Vós, depois, opinai. Imaginai se posso dar, se alguém de juízo pode dar opinião sobre as mulheres.

Fez uma pausa e prosseguiu lentamente:

— Eu acabava de me formar e de montar meu consultório, quando conheci, por acaso, uma moça morena, de lindo corpo, grandes olhos negros e irradiante simpatia. Andava nos 20 anos e eu tinha 28 incompletos. Nos encontramos, algumas vezes, em casa-de-chá ou em cinema. Lhe falei, um dia. Como não tivesse telefone, era ela quem me telefonava. A convidei a um passeio de automóvel à Tijuca e aceitou. Ia, assim, tudo caminhando a agradável desfecho, quando, um dia, às 5h da tarde, me telefonou ao consultório, me perguntando se sairia logo. Respondi que já estava pondo o chapéu. Então, me pediu que não saísse, que a esperasse, que precisava, imensamente, falar comigo, que estava loucamente apaixonada e que somente esperava um táxi pra vir à cidade. Em meia hora, o mais tardar, estaria comigo.

Todos escutavam em silêncio. Doutor Gesênio acendeu outro cigarro, tirou algumas baforadas e continuou:

— A esperei, com certa emoção, com certo alvoroço. Eu já estava gostando um pedaço daquela simpática morena. A esperei até 19:30h, de relógio na mão, impaciente. Não me apareceu e nunca mais telefonou! Eu não sabia onde morava. Me era impossível a procurar. Veio, logo depois, a época da gripe espanhola. A vida da cidade foi estrangulada, de repente, pela epidemia, e a moça desapareceu completamente de minha vista. Teria acontecido algum imprevisto grave, quando me

---

[95] **Cointreau** é uma marca de licor do tipo *triple sec* (triplo seco) produzido em Saint-Barthélemy-d'Anjou, localidade do subúrbio de Angers, França. A laranja utilizada na fabricação vem de toda parte do mundo, especialmente da Espanha e do Haiti. Além de ser consumido como digestivo e aperitivo, também é muito utilizado na culinária. (extraído de Wikipedia)

veria naquela tarde? Seria solteira, casada, divorciada ou viúva? A foice da morte a colheria naqueles dias trágicos? Todas essas interrogações me borbulhavam no espírito, onde, aos poucos, se ia acalmando a saudosa decepção do encontro malogrado... Mas malogrado por quê?...

Estive na Europa alguns anos, me aperfeiçoando em minha especialidade. Em Berlim e em Paris, onde mais me demorei, de vez em quando me subia da alma a lembrança da bela morena ou eu me perdia em suposição sobre o mistério de seu desaparecimento, diria melhor não aparecimento. Enfim, voltei ao Brasil. Já se tinham passado anos. Certa manhã, ao atravessar uma rua, a vi sair da oficina dum cabeleireiro, toda de branco, sorridente e cada vez mais bonita. Me aproximei, com alegria e esperança. Ia, ao menos, saber o que houve, o porque daquela promessa que se não cumprira. Ia desvendar o mistério!

— Fulana, como vais? O que houve naquela tarde?

Ela me olhou como se nunca me tivesse visto. Abriu, repentinamente, a sombrinha e tapou o rosto, a pondo entre ela e mim, ao mesmo tempo que apressava o passo. Insisti em saber qualquer coisa até a esquina do quarteirão mas, vendo que não mudava de atitude, me afastei, discretamente, e ainda mais intrigado. Cada vez mais intrigado!

Me indignaria ainda mais, se é possível, quando, dois dias após, um de meus colegas me procurou, de rosto amarrado e voz irritada, me dizendo, a queima-roupa:

— Por que deste, agora, pra perseguir minha mulher?!

Repliquei no auge do espanto:

— Eu? Tua mulher? Nem sei se és casado.

Não sabia mesmo. A inocência que ressumbrava de minhas palavras o fez mudar de tom e de atitude. Me bateu no ombro e disse:

— Sou casado, sim, com Fulana, uma moça morena a quem, anteontem, dirigiste alguma pilhéria, galanteio, cortesia ou seja o que for, à saída do cabeleireiro. Foi ela quem me contou tudo ao chegar a casa.

Balbuciei desculpa:

— Sabes, a gente, às vezes, comete dessas tolices. Vê uma mulher simpática, lhe diz qualquer coisa amável e, é o diabo!, se trata da esposa dum camarada... Estou disposto a te dar qualquer satisfação.

— Não se trata disso!, homem. — Tornou ele, muito calmo. — Quis somente te prevenir, certo de que o caso não se repetirá.

— Ó! Naturalmente! Naturalmente!

E nos despedimos. A vi muitas outras vezes, em seguida ao incidente, e o caso não se repetiu...

Isto se passou, meninos, há 25 anos, concluiu o velho médico, mas até hoje parafuso todos os dias a cabeça atrás duma explicação e não acho: E vós, aí, discutindo psicologia feminina! Ora, sebo! O diabo que as entenda!

Doutor Gesênio se calou. Márcio Alves, o mesmo que o forçara a falar, declarou, peremptório:

— Explicarei tudo direitinho... Não há mistério... Aqui nosso doutor não tem é sorte com as morenas e deve se dedicar às louras...

O novo trimalcião

onheci Manuel da Fonseca Peres Júnior num jantar do *Bife de Ouro*. Me foi apresentado por um amigo comum, Ari Pestana, homem de vasta cultura e de ainda mais vasto ceticismo. Eu e Ari nos encontráramos, por acaso, na Cinelândia[96] e, como não nos víamos havia muito tempo, resolvemos passar algumas horas juntos, conversando em volta duma lauta mesa. Escolhemos o *Bife de Ouro* por extravagância. Mal entramos veio a nosso encontro um cavalheiro rotundo e calvo, sorridente, vermelho, impecavelmente trajado de branco mas com uma gravata moderna, dessas de espavento, e um solitário luminoso no dedo anular. A cara mais feliz do mundo. Depois de o abraçar com palmadinha nas largas costas, Ari Pestana se formalizou:

— Meu amigo, o doutor... e enumerou todos meus títulos literários, científicos e burocráticos, com ênfase. Depois, com ainda maior ênfase:

— Manuel da Fonseca Peres Júnior, o novo trimalcião!

Peres Júnior riu, um momento, e me explicou:

— Este teu e meu amigo é uma bola!... Sempre sai com essas. Me chama de novo trimalcião, que, diz, foi o maior banqueiro de Roma. Ora, como de fato sou banqueiro, creio que o apelido me assenta melhor o que me puseram em minha terra, Paraíba, há tempo: Sabidinho.

Todos rimos, eu um tanto constrangido. Antes que eu e Ari pudéssemos dar uma palavra, Peres Júnior, com a maior volubilidade, nos segurando pelo braço, nos foi levando à mesa que ocupava e da qual se levantara a nossa chegada:

— Vinde jantar comigo. Estou sozinho e não espero alguém. Minha mulher foi a um casamento grã-fino em Petrópolis. Não a pude acompanhar. Tinha de tomar chá com o embaixador da Curlândia,[97] que me anda solicitando um empréstimo, a fim de adquirir um prédio pra sua embaixada. Imaginai que quer o palacete de Maneco Vilanova, em Botafogo, mas Maneco é meu amigo e só vende eu garantindo o negócio. Por isso o embaixador anda comigo na palma da mão. Depois do chá, era minha audiência com o ministro da fazenda. Sabes pra quê?, Ari. Teu amigo, aqui, ainda não me conhece e nada sabe... Sabes pra quê? Pra eu lhe aconselhar sobre o investimento de capital por parte do governo na produção de algodão. Quer, a força, que eu me encarregue do caso. É o Diabo!...

O mestre-cuca, com mesura e sorriso venal, empurrou, entre nós, o vasto

---

[96] Bairro carioca, cujo nome se originou por ter grande concentração de salas de cinema, quase todos extintos. O nome permaneceu.

[97] O ducado da Curlândia e Semigália (latim: *Ducatus Curlandiæ et Semigalliæ*, polonês: *Księstwo Kurlandii i Semigalii*, alemão: *Herzogtum Kurland und Semgallen*, letão: *Kurzemes un Zemgales hercogiste*) é o nome dum ducado que existiu de 1562 a 1791 como estado vassalo do grão-ducado da Lituânia e, mais tarde, da república das Duas Nações. Em 1791 conquistou total independência mas em 28 de março de 1795 foi anexado pelo império russo na terceira partição da Polônia. Esse nome também foi dado a um estado de curta duração, entre 8 de março e 22 de setembro de 1918. Os planos pra o tornar parte do ducado do Báltico Unido, vassalo do império alemão, foram frustrados pela rendição da Alemanha na região do Báltico e o término da primeira guerra mundial, quando a área se tornou parte da Letônia. Extraído de Wikipedia

cartapácio[98] do menu. Peres Júnior não nos consultou prà encomenda:
— Olhes lá! — Disse, com o dedo espetado como uma espada fidalga que ameaçasse as espinhas flexíveis do mordomo, do criado e seu ajudante. — Creme de aspargo... lagosta... e este peru argentino... este de 70 cruzeiros a porção, este *pavo*,[99] como diz meu amigo Lopez, da embaixada do Uruguai... Sobremesa? Á! sim! Queremos o tal crepe... crepe...
— Suzete.[100] — Aventou, timidamente, o mordomo.
— Isso mesmo, o crepe da Suzete... Ó Ari, que sabes tudo, digas quem foi essa Suzete dos crepes.
Ari replicou, com a maior presença de espírito:
— Ó, novo trimalcião, já te disse isso várias vezes! Foi uma irmã bastarda da rainha de Sabá, Suzette-la-Poule, imperatriz do Beluquistão...
Peres Júnior continuou, se dirigindo aos fâmulos:
— Os tais crepes, com o cozinheiro de barrete e aquele foguinho azul. Não esqueças... Pra beber, champanha, do princípio ao fim, sequinha e francesa... Vejas lá!
Os criados mesureiros se afastaram. Numa das mesas próximas, um casal elegante nos olhava como entes curiosos e bizarros. Noutra, três norte-americanas discutiam alto, num inglês fanhoso, como gatas sobre um muro de jardim na noite.
O novo trimalcião retomou o fio da explicação que nos dava sobre sua presença naquele restaurante:
— Creio que ficamos no negócio de algodão. É verdade?
Fizemos que sim com a cabeça. Prosseguiu:
— O ministro da fazenda só me largou quando o da viação, que precisava me falar sobre a estrada de ferro do Planalto Central, me chamou ao telefone e me convidou pra tomar um drinque no Glória. Estava louco pra jantar comigo, coitado do ministro! Mas não podia. Tinha compromisso com o vice-presidente da república. Me perguntou se queria que me levasse até casa. Então me lembrei que minha mulher fora ao casamento da duquesa de Beaufort, em Petrópolis, e seria horrível jantar sozinho, olhando a cara de tomate de meu criado inglês, John, que foi, nesta última guerra, copeiro do general Eisenhower...
Me calei e afundei, enterrando a cabeça entre os ombros, diante daquele prodígio. O restaurante se enchia. De todo lado, nacionais e estrangeiros cumprimentavam, com sorriso ou adeuzinho, conforme a intimidade, nosso comensal. O presidente da câmara veio lhe apertar a mão e nos fez cerimonioso aceno de cabeça.
A sopa foi servida. Peres Júnior enfiou a colher no creme dourado e sorveu, com algum rumor, o conteúdo. Depois doutras colheradas, quando inclinava, com a mão esquerda, o prato, a fim de aproveitar o resto da sopa no fundo, disse, entre sorriso e risco:
— É o Diabo! A gente só se acostuma, mesmo, com o que é bom!... Eu, lá na

[98] Cartapácio: s.m. Carta muito grande, livro grande e antigo, coleção de documentos manuscritos em forma de livro, calhamaço, alfarrábio, pasta de papéis avulsos
[99] *Pavo*, em espanhol, designa tanto o peru como o pavão. Aqui, obviamente é o peru, ave originária da América do Norte (em inglês *Turkey*), que foi levada ao Peru pelos espanhóis, que ocupavam a Flórida, e dali chegou ao Brasil, recebendo, por isso, o nome *peru*. Portanto a ave é que recebeu o nome do país.
[100] Crepe suzete (*Crêpe suzette*): Típica sobremesa francesa e belga. Consiste num crepe (panqueca) com molho quente de açúcar caramelizado, suco de laranja, casca de laranja ligeiramente ralada e licor (especialmente *Grand Marnier*) em cima, que é, depois, flambado.

Paraíba, nunca vira aspargo nem sabia o que era. Na primeira vez que me deram isso, aqui no Rio, foi em canudo pra molhar no vinagre. Não gostei. Mas fora do canudo, assim em sopa, é uma beleza!

Deu uma chupadela à taça de champanha e estalou a língua.

O jantar decorreu meio assim até o café. Eu só podia comunicar alguma impressão a Ari Pestana com os olhos, dizendo que era pena termos perdido nosso bate-papo camarada, discreto e sincero, por aquela companhia digna das páginas do *Satiricão*.[101] Ao café se seguiu o licor a nossa escolha. Peres Júnior pediu charuto:

— Tragas aqueles Henri Clay grandes, os de 32 cruzeiros!

Logo após as primeiras baforadas, falou:

— Estou, agora, em relação com os fabricantes de charuto. Quero ver se conseguimos a fabricação, em nosso país, de charuto igual ao de Havana. Já conversei com os industriais da Bahia e do Rio Grande do Sul. Já me entendi com os respectivos governadores. Tenho audiência marcada sobre o assunto com os embaixadores de Cuba e da Holanda. Quando lançar o negócio, será um tiro...[102]

— Senhor doutor. — Interrompeu o mensageiro do restaurante — Vos chamam ao telefone.

— Com licença, meus amigos. É, com certeza, do palácio do Catete. Comuniquei, à secretaria da presidência, que jantaria aqui e dei o número... Com licença!

Se levantou e acompanhou o mensageiro, de charuto enterrado no queixo, apertando, a todo lado, as mãos que, cordialmente, lhe estendiam. Não tive tempo de fazer uma pergunta a Ari Pestana. Meu amigo, aproveitando a ausência de nosso conviva, foi logo dizendo:

— Meu caro, o homem é um fenômeno. Mas não te enganes: Não é um fenômeno individual, particular, e sim social. É, observes bem, um fruto sazonado do mundo de hoje: Mundo egoísta, grosseiro, inculto e material. Representa o dinheiro, a obtenção ao dinheiro, o manejo ao dinheiro, o poder do dinheiro... Todo poder ao dinheiro!...

A chegada súbita de Peres Júnior lhe cortou o fio da digressão. Nosso anfitrião se sentou, mordeu o charuto e exclamou:

— É o Diabo! Não vos disse que só podia ser do Catete? Pois foi. O presidente me espera amanhã, às 10h, pra importantíssima conferência. Tenho de levar um relatório que devo preparar nesta noite. O amigo Pestana é quem me salva nessas aperturas. Vamos a casa. Direi o que penso e porá isso bonitinho, num estilo tão perfeito, que eu, ainda, um dia, espero entrar, com o que ele escreve pra mim, na academia de letra...

E deu uma gargalhada sonora e gostosa. Nos levantamos e Ari, enquanto Peres Júnior pagava a salgadíssima conta, me disse, baixinho:

— Estás presenciando a escravidão moderna do talento e da competência ao dinheiro. Tomes nota pra...

Peres Júnior me segurou familiarmente o braço, dizendo:

— Teu amigo Ari trabalha rapidamente e o caso de que trataremos não levará muito tempo. Enquanto o desunhamos,[103] percorrerás minha galeria de quadro, minha... como é que se diz em grego?, Ari...

— Pinacoteca. Ó!, trimalcião.

---

[101] *Satiricão*, de Petrônio. Novela clássica da antiga Roma. Narra, de forma burlesca e satírica, as aventuras de três homens. Está entre as principais obras da literatura mundial.

[102] *Será um tiro*. Expressão mais corrente hoje: *Será um estouro*.

[103] Desunhar: v.t. Arrancar as unhas a, fazer andar muito, fatigar

— Minha pinacoteca, ou lerás o que quiseres em minha biblioteca, ao lado duma boa dose de verdadeiro uísque Presidente. Não será cacete. Venhas!

Fui por curiosidade.

Um cadilaque[104] possante nos levou a um palácio oculto no arvoredos de Silvestre. O parque estava iluminado como se fosse dia. Os criados todos de libré.[105] Tapetes felpudos e berrantes escondiam os pés e abafavam os passos como gramados de lã e de veludo. Espelho em todo lado. Prata e bronze. Mármores lustrosos. Salas imensas. Grandes reposteiros de damasco e seda. Tudo novo em folha, resplandecendo e fazendo mal à vista com suas cores berrantes.

Peres e Ari se trancaram num gabinete. Um criado trouxe uma bandeja, copo, gelo picado, água mineral e uma garrafa de uísque Presidente. Preparou, pra mim, uma dose. Abriu a gaveta duma cômoda ventruda, carregada de marquetaria e bronze, dispondo, sobre seu tampo de mármore, várias caixas de charuto e cigarro de alto preço. Se retirou, silenciosamente, como viera, depois de murmurar:

— Se precisares dalgo, faças o favor de tocar a campainha.

Comecei a andar nos salões que se sucediam no mesmo luxo gritante. Duas lâmpadas elétricas, uma em cima outra em baixo, clareavam os quadros nas largas e repolhudas molduras douradas. Olhei, displicentemente, as etiquetas de metal com os nomes dos artistas: Malhôa, Castagneto, Batista da Costa, Amoedo, Guignard, Chabas. Um dos quadros estava iluminado por quatro lâmpadas. Li, nele, o nome de Corot. A livraria se apresentava sisudamente encadernada em couro verde, carregado de douradura. Aquela unidade de aspecto me mostrou, de longe, o que deviam representar esses livros. Não me dei ao trabalho de os examinar. Deviam ter sido escolhidos por qualquer um dos ari-pestanas a serviço do novo trimalcião. Bem escolhidos, portanto. Mas permaneciam virgens.

Tomei uma taleigada de uísque, baforei ao teto a fumaça do havana e me afundei numa poltrona macia, abrindo uma revista ianque. Ali fiquei algum tempo, olhando, maquinalmente, as figuras, pensando na vileza da vida moderna e escutando o bater da máquina em que, naturalmente, Ari Pestana escrevia o relatório que Peres Júnior, o grande economista, deveria apresentar ao chefe da nação...

Fui, pouco a pouco, fechando os olhos fatigados e meu espírito, livre do corpo, começou, levemente, a caminhar numa estrada suave, entre nuvens, até encontrar um pórtico encimado pelo letreiro dourado: Reino feliz dos simuladores...

— Acordes!, rapaz. — Disse uma voz.

Abri os olhos. Ari e Peres estavam diante de mim. Fora o meu amigo quem falara.

— Vamos embora, continuou. É tarde e nosso querido Trimalcião está cansado.

Peres Júnior chamou um criado e ordenou:

— Digas a Benedito pra levar estes senhores até sua residência, em Copacabana, e que amanhã está de folga. João, que hoje levou a senhora a Petrópolis, também folgará amanhã. Preciso de Raposo, com o landaulet,[106] às 9h. Chimango servirá a senhora.

— Chimango está doente, na Beneficência. Não te lembras?, doutor. — Disse o criado.

— É verdade. Então, a senhora será servida por Mikano.

Nos despedimos. Trimalcião nos levou ao topo da escada. Sozinhos, no fundo do

[104] Cadilaque (*Cadilac*): Modelo de automóvel
[105] libré: s.f Uniforme ou farda de criado de casa nobre. Figurativo: Vestuário, aparência, aspecto
[106] Laudaulet: Modelo de automóvel

carro, ambos nos espreguiçamos. Enfim livres! Perguntei a Ari Pestana:
— Quantos automóveis?
— Não contaste pelo nome dos choferes?
— Podiam não corresponder.
— Pois correspondem a mais: Cinco choferes e oito carros.
— Oito carros?
— É isso, meu caro. Oito carros, três palácios: Um no Rio, outro em Petrópolis e outro em Poços de Caldas. Dez cavalos no jóquei e cinco na hípica. Um iate a vela e outro a vapor, na praia da Saudade. E todas as mulheres que desejar... Sabes qual o poder que dá uma fortuna de trezentos mil contos ou um pouquinho mais?...
Me afundei nas almofadas. Ari Pestana continuou:
— Com esse dinheiro tudo se pode ousar e chegar a tudo, no mundo de hoje.
Com um suspiro, acrescentou:
— O bizarro é que tudo isso somente custou, ao novo trimalcião, audácia, cinismo e cem mil cruzeiros.
Dei um pulo, exclamando:
— Cem mil cruzeiros! Como?
— Meu amigo, — Falou calmamente Ari Pestana — esse pobre Peres Júnior vegetava, tristemente, na Paraíba, fazendo um ou outro negocinho. Pois, um dia, lhe deu o estalo na cabeça. Vendeu tudo o que tinha, apurou 120 contos e veio ao Rio de janeiro. Guardou 20 pra se manter e com os 100 restantes comprou lindíssima jóia com que achou meio de presentear Fernanda Lins, então amante de Brandoni, o homem mais influente da situação. Ela arranjou, pra Peres, um bom negócio. Depois, outro. Novo adereço e nova transação. Produtos químicos, café, açúcar, algodão, câmbio, em todas essas atividades Peres se meteu. Fernanda saiu coberta de jóia e ele cheio de dinheiro. O resto se resume no ditado popular O ribeiro corre ao rio e o rio corre ao mar... Agora, nosso homem é até uma egéria[107] política, social e econômica. E ainda um dia, graças a mim, que quero me divertir, o verei egéria literária. Já que não posso ser, que seja ele, inspirado por mim, meu prolongamento no palco da vida. É meu modo de me vingar da sociedade lhe empurrando Peres como homem de letra...
Ari Pestana riu a vontade. Depois, ajuntou:
— E ainda ganho com isso. Olhes o cheque que me deu pelo relatório de hoje: Cinco contos, menino, cinco contecos. Por um trabalho igual, sabes quanto me dariam no jornal?
— Não.
— Duzentos cruzeiros, e pagos em vales chorados de cinqüenta. Viva, pois, Trimalcião! É de trimalciões que a letra precisa. Te convido prum jantar amanhã, nós dois, sem ele, no *Bife de Ouro*, com champanha, aspargo, caviar e o *pavo* outra vez. Está combinado?
Não respondi. Meu espírito andava longe, muito longe, mesmo. Insistiu:
— Está combinado?
Como se não ouvisse a pergunta, exclamei:
— Mas tudo isso vindo lá do fundo da Paraíba por cem mil cruzeiros é

[107] Egéria (mitologia greco-romana): Nome de duas personagens mitológicas: 1 - A deusa que, entre os romanos, presidia a maternidade. 2 - Ninfa das fontes, profetisa e conselheira do rei Numa, cuja morte a fez se transformar em fonte. Seu nome designa, hoje, conselheira secreta mas ouvida.

estupendamente barato! Ora, nós dois podemos arranjar, com certa facilidade, cem mil cruzeiros e tentar a aventura.
— Não, meu amigo, nunca poderíamos.
— Por quê?
— Porque nos faltaria a audácia.
— Ficamos audaciosos pela necessidade.
Nos faltaria a qualidade essencial pressa audácia, — concluiu Ari Pestana — tanto a ti como a mim: O cinismo diante dos outros e, sobretudo, diante de nós mesmos, de nossa consciência. Somos vinho doutra pipa. Talvez infelizmente.
E sentenciou:
— Sem absoluto cinismo: *Pas de Trimalcion, mon cher*![108]

[108] Nada de Trimalcião, meu querido

Pife-pafe

amuel Goldstein, cidadão brasileiro, casado, negociante, natural de Lemberga (Lvov), na Galícia,[109] montou, na avenida Atlântica ,um apartamento de luxo, com jacarandá falsificado e reprodução de estampa de Debret e Rugendas, a fim de receber, generosamente, algumas pessoas da alta roda de Copacabana, de ambos os sexos, desejosas de jogar, tranqüilamente, o pife-pafe, coqueluche da época. Entradas de cinco mil cruzeiros a cima, se dobrando, se triplicando, se quintuplicando as paradas de milhares de cruzeiros.

— Uma belezinha! — dizia à mulher, a adiposa Ester Goldstein, esfregando as mãos rosadas e polpudas com pêlo ruivo e piscando os olhinhos glaucos e vulpinos.

Se serviam aos hóspedes noturnos bandeja de uísque ianque e canadense. Se comia sanduíche. E as marlenes negras, de lábios pintados e cabelo estirado a ferro quente, com aventais brancos e rendados sobre os uniformes pretos, faziam arregalar os olhos das criadas dos vizinhos e babar de inveja os namorados fuzileiros e artilheiros do forte, contando as centenas de cruzeiros das gorjetas recebidas.

— Aquilo é que é casa onde vale a pena a gente se empregar! — Comentava Joaquim, do morro do Anhangá, bamba da favela mais próxima.

O jogador mais forte da roda era Max Naulasch, corretor de diamante, que as marlenes chamavam, carinhosamente, seu Nolasco. Vinham, depois, Rafael Lopes, que tinha negócio de cristal-de-rocha, doutor João da Silva Menezes, grande advogado e dona Vera de Azevedo, toda coberta de jóia, que, às vezes, perdia trezentos mil cruzeiros numa noitada, sem que se soubesse bem onde os buscava. Roda divertida e corajosa no jogo terrível que invadiu e dominou a cidade maravilhosa. Quem menos arriscava se detinha nos cinqüenta contos. O dinheiro rolava sobre o pano verde da mesa absolutamente familiar, como assegurava o elegante Caio de Souza Martins, incorporador de imóvel na esplanada do Castelo, cuja fortuna, em poucos anos, com a revenda de andares e lojas adquiridas a crédito, mediante simples entradas dalgumas centenas de milhares de cruzeiros, se calculava em cerca de trinta milhões.

Numa noite quente e abafada de fevereiro, com a Lua branquejando a curva da praia deliciosa, entrou ao luxuoso e refrigerado apartamento de Samuel Goldstein, limpando, na alta testa corada, com o fino lenço de cambraia, a derradeira gota do suor que o calor da cidade provocara, o esbelto Mateus Argolo, grande empresário cinematográfico. Caio de Souza Martins o apresentou à roda que bebericava os uísques canadenses e ianques com soda e gelo, antes de começar o jogo.

— Uma nova conquista pra nosso escolhido elenco. E das ótimas!

Mateus Argolo apertou a mão dos presentes. Levou duas palmadinhas amáveis do dono do apartamento sobre as espáduas carnudas, tomou um copo de uísque e, o girando entre as mãos de unhas bem polidas, se afundou no couro macio duma poltrona. Confessou, sorrindo:

— Sou louco por pife-pafe! Hipotequei uns prédios e depositei, no banco,

[109] Galícia: Região histórica situada no leste da atual Ucrânia e sul da Polônia. Nome oficial, em castelhano e galego, da comunidade autônoma que, em português, é denominada Galiza. Galécia (em latim *Gallæcia*): Província romana na extremidade norte-ocidental da península Ibérica.

oitocentos mil cruzeiros pra tentar a sorte. Veremos em que dará...

Samuel piscou a Ester, que passou ao recém-chegado a bandeja de sanduíche finíssimo. Mateus escolheu duas de patê de fígado de ganso francês, legítimo, coisa rara com a guerra desencadeada sobre o mundo. Depois, comeu mais dois canapés de caviar. E bebeu mais uma taleigada de uísque com soda, lamentando não haver vodca.

— Gosto loucamente de tudo o que é russo. — Disse com entono de sinceridade.

Ester foi até lá dentro e dali a pouco uma das marlenes retintas trouxe a forte bebida dos antigos mujiques. Mateus Argolo lambeu os beiços, estalou a língua e chupou, devagarinho, o conteúdo do pequeno cálice.

Dali a dez minutos começou o jogo. Max Naulasch, que vinha perdendo muito desde alguns dias, fazia paradas malucas e estava de sorte. Estava, mesmo, com uma sorte de arrepiar. Às 3h da madrugada, quando o perigoso divertimento acabou, Mateus Argolo perdera setecentos contos. Todos os que perderam enchiam os cheques. Meteu a mão nos bolsos internos do casaco, nos bolsos traseiros das calças e, ante o espanto geral, declarou:

— É o Diabo, meus senhores! É o Diabo! Saí de casa com pressa e esqueci meu livro de cheque do City Bank...

— Não tem importância. — Falou o corretor de diamante, com voz arrevesada, te darei meu cartão e amanhã me mandarás a quantia ao escritório.

— Absolutamente não. Dívida de jogo se paga na hora. Noutro tempo se dava o prazo de 24 horas. Mas agora, com o pife-pafe, é no momento. Muito obrigado pela confiança! Qual dos senhores tem à porta seu gasogênio pra me levar até casa?, em Ipanema. Num instante estarei de volta com o cheque.

Todos protestaram molemente. Dona Vera Azevedo ofereceu seu Packard.[110] Samuel Goldstein desceu no elevador, com Mateus Argolo, pra abrir a porta da rua do edifício e dar a ordem ao chofer.

O carro voltou dentro de hora e meia, quando os galos do Anhangá amiudavam o canto, anunciando o dia, e uma luz avermelhada brotava no nascente sobre a imensidade do mar. Cansados de esperar, todos se haviam retirado. Max Naulasch, Samuel e dona Vera, impacientes, estavam no átrio do arranha-céu. O chofer, empertigado, de boné na mão, explicou:

— Deixei o doutor numa rua do Grajaú.

Max indagou:

— Nada mandou a mim?

— Nada, senhor. Me pediu fósforo pra acender um cigarro. Depois viu que não tinha cigarro e pediu um...

— Em que rua saltou? Em que número?

— Saltou numa esquina, nuns terrenos baldios.

Samuel coçou o cabelo ruivo e gemeu:

— Bebeu uísque, comeu patê e caviar, fumou o cigarro do chofer, se divertiu conosco. Uma belezinha!

E o gordo Max, aceitando a condução que lhe oferecia dona Vera:

— Logo hoje, quando eu estava com tanta sorte!...

---

[110] Packard: Modelo de automóvel

A placa de brilhante

o dia de aniversário natalício da linda Maria Alice de Oliveira Praxedes, Aluísio Silveira lhe deu, de presente, uma placa de brilhante que custou cem contos na casa de Isidoro Klein. Maria Alice é casada com o simpático Gastão Praxedes, funcionário letra L do ministério da viação e jornalista nas horas vagas, que acode ao apelido de Praxedinho e faz ponto numa roda de bate-papo, num dos cafés da Esplanada. É dele que os amigos e, sobretudo, as amiguinhas costumam dizer, com pieguice no olhar:

— É tão bonzinho!

Aluísio Silveira, jovem e inteligente curitibano, enriquecido rapidamente, o mais rapidamente possível, com dois ou três golpes felizes na inflação e venda de imóvel financiado ainda na planta, passa como o terror dos maridos nas rodas de pife-pafe de Copacabana. Se veste com esmero, usa perfume francês e guia um automóvel de classe, no qual faz lotação, mas gratuita e exclusiva a garotas bonitas. Maria Alice é um mimo. Pernas esculturais. Parece uma estrela de cinema. Anda com vestidos maravilhosos mas baratinhos, diz ela, pois são feitos por uma costureira, talentosíssima e modestíssima ao mesmo tempo, da rua do Bispo. Seus chapéus, se diria, teriam custado fortuna. No entanto saem das miraculosas mãos duma tal Betinha, sua amiga de infância, cujo endereço, ciosamente, não revela. Além disso, Maria Alice equilibra seu orçamento, e até o de seu encantador marido, com ganho ocasional nas acumuladas do Jóquei Clube ou, mesmo, achados de dinheiro na rua. Naturalmente, quantia pequena. Mas tem sorte no jogo e em achar nota perdida, a mulherzinha![111]

O aniversário de Maria Alice foi celebrado na alcova de Aluísio Silveira entre as três e as seis da tarde, com caviar, marrom-glacê e champanha Pommery-Greno, extra-seco. Gente que se trata é assim, neste curto intervalo entre as conflagrações que vão arrasando o mundo. É um apartamento suntuosamente mobiliado de jacarandá e imbuia, de cujo largo terraço envidraçado se avista toda a maravilhosa curva da praia, do Leme à Igrejinha, com as ondas tecendo sua renda de espuma alvíssima sobre a areia cor de ouro velho e com a vastidão esverdeada do oceano cosido por um fio ligeiramente escuro, no horizonte, à vastidão azul dum céu cheio de sol. Contentíssima com o régio presente, Maria Alice lançou os braços roliços e ebúrneos em volta do pescoço do amante, lhe atraiu a cabeça até junto de seus olhos claros e umedecidos, mergulhou seu olhar no dele e exclamou, com um risinho nervoso de contentamento, sublinhando cada palavra:

— Que presente lindo!, meu querido... Que maravilha!... É de matar todas as outras de inveja!...

Depois de o beijar repetidamente na testa, nos olhos, na face e na boca, se afastou um pouco e começou a mirar a jóia em seu pequeno escrínio de veludo azul. À luz do

---

[111] Me faz lembrar um humorista, num programa de tevê, com sua cançoneta satírica: Minha mulher vive achando dinheiro, colar de brilhante, ouro. Como? Não sei! – Um dia achou um casaco de pele mas, então, desconfiei. – Eu queria achar ela achando, outro dia achei!

dia ensolarado, que penetrava através dos estores[112] corridos, faiscava um brilhante enorme cercado por uma constelação doutros menores, cada qual acompanhado das cintilações dos seus pequeninos satélites, engastados artisticamente em volutas e arabescos. E mais beijo e mais exclamação:

— Nunca me senti tão feliz, meu amor! Nunca pensei ter, um dia, uma jóia assim! Tua generosidade me deixa completamente tonta, completamente grogue!, queridinho.

Havia como lágrimas de emoção em sua voz enternecida. De repente, porém, quando ele começava a lhe dizer que o mimo era insignificante pra quem tanto merecia, que era uma singela lembrança de seu amor e que a adorava, Maria Alice exclamou como picada por serpente:

— Ai, meu-deus! E eu, que ia me esquecendo de que nem posso aparecer em casa com uma jóia deste valor! Ele lhe tomou as mãos, indagando com carinho:

— Ora essa! Por quê?

— Por quê?, meu bem. Então não sabes que Gastão é um simples letra L...

— Letra o quê?

— Letra L!, meu amor. És milionário e ignoras que os funcionários públicos são catalogados, pelo DASP,[113] em letra. Os da letra L ganham quatro mil e quinhentos cruzeiros por mês. Ora, com esse ordenado e mais uns duzentos ou trezentos cruzeiros de bico de jornal, é claro que Gastão não pode me dar uma placa de dezenas de contos. E, agora: Como será? Que história inventarei pra poder usar minha jóia?

— Não tens uma tia rica morando longe, em Minas, em São Paulo ou, mesmo, em Goiás, a quem possas atribuir o capricho dum mimo inesperado? Teu padrinho não é abastado?

— Minhas tias eram pobres como rato de igreja e já morreram todas. Tios não tenho e meu padrinho, que ainda vive, é funcionário aposentado da Caixa Econômica, asmático e carregado de família.

— É o Diabo!, meu coração. Mas estudaremos o caso, com toda calma, e daremos um jeito.

Maria Alice se acomodou como uma gatinha entre as fofas almofadas do divã e Aluísio nele se estendeu com a cabeça sobre seu regaço. Acenderam os cigarros e, enquanto ela lhe anediava o negro cabelo, começaram a traçar plano, abandonando, uns após outros, como se atiram ao vento pedaços de papel rasgado. No silêncio dourado da tarde, se ouvia a palpitação do mar sobre a areia, de vez em quando um distante fonfonar de automóvel e o tique-taque da pêndula, marcando inexoravelmente o tempo, no aposento próximo.

Mais tarde, quando Maria Alice acabou de se vestir e Aluísio a levou à porta do apartamento, se despedindo com o último beijo, assentaram o meio dela possuir a placa de brilhante sem despertar suspeita ao marido. A imaginação de ambos trabalhara febrilmente mas a traça encontrada lhes parecia genial. Gastão cairia na armadilha como um patinho. Disse Aluísio Silveira, acabando de fechar a porta:

— É batata!

O aniversário foi na quinta-feira. No sábado, como sua repartição encerrasse o

---

[112] Estore: s.m. Cortina pra janela ou carruagem, que se enrola e desenrola por meio de aparelho próprio.

[113] DASP (Departamento Administrativo do Serviço Público): Órgão previsto pela constituição de 1937 e criado em 30 de julho de 1938, diretamente subordinado à presidência da república, com o objetivo de aprofundar a reforma administrativa destinada a organizar e a racionalizar o serviço público no país, iniciada, anos antes, por Getúlio Vargas. Extraído de www.cpdoc.fgv.br

expediente às 2h, o letra L marcou encontro, na Brasileira, com a cara-metade. Tomariam um sorvete e iriam à sessão das quatro no Palácio. Muita gente na vasta sala de espera. Atropelamento e correria na entrada da platéia, quando se abriram as grades. O casal se sentou numa das últimas filas laterais, com poucas cadeiras ocupadas. Gastão queria ir mais a diante, porém a mulher insistiu pra ficarem ali. Na meia-luz crepuscular que precedeu o apagamento total da iluminação, Maria Alice disse, subitamente, ao marido:

— Gastão, estou tocando com o pé num objeto qualquer, te abaixes um pouco e passes a mão pra ver o que é... Junto de meu pé direito. Não chames a atenção, pois pode ser coisa que valha a pena.

Ele se abaixou, passou a mão, lhe roçando a meia e respondeu, baixinho:

— É uma carteirinha de senhora. Parece ter níquel. Deve ter caído duma bolsa. Depois veremos o que contém... É curioso! Nunca achei algo em minha vida mas tens sorte, mesmo. Basta andar contigo pra achar algo. Te lembras daqueles quinhentões que me mostraste, um dia, no largo do Machado? Que arranjo foi, pra nós...

— Psiu! — Um espectador, incomodado com o cochicho.

Ele abaixou mais a voz:

— Nasceste empelicada. No Natal passado, encontrou no bonde uma pelega de conto de réis. O caso mais engraçado foi o daquela nota de duzentos, dobrada dentro duma caixa de fósforo vazia, em cima dum banco do jardim Botânico. Te lembras?

Desta vez foi ela quem fez:

— Psiu! Me deixes ver a fita.

Enquanto falava, se remexia na poltrona e olhava constantemente ao lado contrário ao dela, como se examinasse o espectador mais próximo, sentado algumas cadeiras adiante. Maria Alice fingia prestar atenção ao complemento nacional do programa, em que se viam inaugurações oficiais, páreos de natação, jogos de futebol, a apresentação de credencial do embaixador da Roxolânia[114] e o casamento da filha do comendador Silva Parente com o tenente-aviador Célio de Barros. Fingia prestar atenção, contendo o desejo de perguntar o que havia na carteirinha. As novidades internacionais e as cenas do eclipse em Bocaiúva foram, prà moça, verdadeira tortura. O filme conseguia, às vezes, a distrair um pouquinho. Enfim, acabou num longo beijo, que um moleque sublinhou, com um assobio, no escuro da platéia.

— Graças-a-deus! — Suspirou ela, intimamente.

Já na fila de ônibus do Castelo, rumo de casa, Maria Alice, que não podia mais, indagou:

— Afinal: O que achaste na carteirinha?

Ele, muito calmo, a meia voz:

— Em casa falaremos. Aqui não convém.

Seu coração se alvoroçou de alegria. O plano tinha de dar certo. Ela pusera, na carteira, uma nota de vinte, bem velha, duas de cinco, novinhas e algumas moedas,

---

[114] Roxolânia: Nome medieval latino da Ucrânia. Roxolânia (Semita Ro[chs]SH = *cabeça*) => Rus * (Ro@SH) => Ucrânia (grego *Kranion*). A mudança de Roxolânia a Rus foi causada por uma mudança no som do aleph de CHS a uma pausa glótica.

Sebastian Fabian Klonowic (Sulmierzyce, 1545 – Lublin, 29 de agosto de 1602), poeta e escritor polaco. Escreveu em polaco e latim. Primeiro viveu em Lviv, Ucrânia, depois se estabeleceu em Lublim, se elegendo prefeito. Uma obra famosa, *Roxolânia* (1584), é uma descrição do povo e terra de Ucrânia.

Extraído de Wikipedia e Enciclopédia Britânica.

desde um cruzeiro a vinte centavos. No meio, a placa de brilhante, cuidadosamente embrulhada em papel de seda. Nada mais fácil do que deitar a bolsinha ao chão e fazer o marido àpanhar. Não lhe parecia difícil, quando verificassem a riqueza do achado, em casa, o convencer a guardar segredo esperando um anúncio, que sabia impossível, e a lhe dar, afinal, a jóia sem dono.

Mal entraram na residência, numa avenida de rua transversal à Bambina, Maria Alice pediu a carteirinha pra ver o conteúdo e, assombrada, verificou que nela estava o dinheiro posto, menos a nota de vinte e o embrulhinho com a placa de brilhante.

— Só tinha isto dentro? — Perguntou, no auge do assombro.

Ele, com a maior naturalidade:

— Querias mais dinheiro numa bolsinha deste tamanho? Querias, talvez, que a senhora que a perdeu guardasse nela suas jóias? Era só o que faltava!

Ela, quase sem saber o que dizia, insistiu com tremor na voz:

— Mas só tinha isto? E como me disseste, na fila, que só falarias em casa, pois ali não convinha?

— Naturalmente, queridinha, porque os circunstantes poderiam imaginar que eu achara coisa de alto valor e não quantia tão miserável que nem a um pobre fará falta. Queres esse dinheiro pra dar àlgum mendigo?

Fazendo terrível esforço pra se conter, ela deixou escapar um pouco de pressão:

— Guardes esses cruzeiros pra ti, pra cigarro e uma média na Esplanada...

E ambos não falaram mais no caso.

Na segunda-feira, após um domingo pardo e detestável, no apartamento da avenida Atlântica, Maria Alice contou o logro ao amante. Aluísio, furioso, deu um murro tão forte no tampo de vidro da mesinha do terraço, que rachou num lado:

— Que bandido! Com toda a certeza, guardou a jóia prà vender ou botar no prego, a fim de acertar o déficite acumulado do orçamento. Á, letra L duma figa! Sabes que essa letra, no caso, quer dizer *ladrão*?

— Ladrão, mesmo, e ladrão sem-vergonha! É muito capaz de ter ficado com minha placa de brilhante pra fazer figuração com alguma lambisgóia em sua repartição, a quem anda arrastando a asa... Pensa que não sei...

E Maria Alice de Oliveira Praxedes, encostando a linda cabeça dourada ao peito másculo de Aluísio Silveira, começou a chorar, ferida por essa idéia intolerável...

Tio Francisco

io Francisco era alto, louro, de olhos azuis, muito bonito e muito triste. Toda a gente da Mecejana o admirava, quando, montado em seu famoso cavalo gázeo, o Salta-Caminho, de casaca verde e barretina cintada com penacho preto, comandava o batalhão de caçadores da guarda nacional. A caboclada de Cajazeiras, Paupina, Precabura, Coaçu, Lagoa Redonda e Sabiaguaba, mal enjambrada nas fardetas curtas, de largas pantalonas brancas engomadas, pasmava pra seu belo e triste comandante e admirava, sobretudo, seu árdego corcel, pulador de porteira, cerca e riacho. Diziam que seu cavaleiro não abria cancela e não se detinha na estrada diante dos carros-de-boi que a atravessassem, o fazendo saltar sobre esses obstáculos.

Minha avó era quem contava a razão da grande tristeza de tio Francisco, o motivo daquela profunda melancolia que lhe dava ao rosto formoso uma placidez imutável, jamais perturbada pelo sorriso. Na era de cinqüenta[115] e tantos, com menos de vinte anos de idade, passara umas férias em casa dum tio, em Jaguaribe, fazendeiro acangaceirado e prepotente, de cujos dois filhos era amigo de infância. Tudo correra bem durante duas semanas. Se divertiram os três rapazes, a valer, em pega de gado, caçada e banho do rio. Na véspera do regresso, ia adormecendo, quando sentiu que alguém caminhava no escuro, no corredor da casa adormecida. Esse alguém entrou no quarto e, segurando no punho de sua rede, disse, baixinho:

— Chiquinho, meu bem, já estás dormindo?

Reconhecera, com espanto, a voz de sua prima Marianinha, filha do fazendeiro, mais ou menos de sua idade, que sempre tratara com amizade e familiaridade, mas sem intenção amorosa. Compreendendo o perigo daquela inesperada visita noturna, tio Francisco respondeu jogo:

— O que queres?, Marianinha, nesta hora. Vás embora, pelo amor-de-deus!

Ela procurou se sentar na rede, falando nervosamente:

— Eu não podia te deixar voltar a tua casa sem te dizer o bem que te quero...

Se pondo, rapidamente, de pé, o rapaz retrucou:

— Nada tenho, nem quero ter contigo, Marianinha! Saias daqui antes que tua família acorde e nos julgue mal! Te retires, por favor!

Sua voz, sem que ele a pudesse dominar, se elevara. Do quarto do tio veio uma tosse rouca e um remexer de gente que acorda. Os dois rapazes também despertaram. Se ouviu o bater dum isqueiro e a claridade duma lamparina se projetou acima das meias-paredes da mansão sertaneja. Dentro de segundos toda a família rodeava tio Francisco e Marianinha. Em seu rosto se liam assombro e indignação. Ela baixava os olhos pestanudos ao chão e cruzava, sobre os peitos pequeninos e eretos, na camisa de dormir, as mãos esguias cor de marfim.

O velho fazendeiro lhe ordenou, rispidamente:

— Vás até lá dentro, com tua mãe, desavergonhada!

E, se voltando a tio Francisco:

— Então é assim que pagas a hospitalidade dum parente: Lhe desonrando a filha!...

[115] Década de 1850

O rapaz o interrompeu:

— Nada devo a essa moça...

— Te cales! Sei como essas coisas são. Se não fosse nosso sangue ser o mesmo, isso não ficaria assim. Ficarás bem guardado até reparares o mal com o casamento.

Continuou, se dirigindo aos filhos:

— Metei vosso primo no quarto do paiol e um de vós fique sempre de guarda, que tomarei a providência necessária.

Tio Francisco quis protestar. Não admitiram. Procurou se explicar com os rapazes. Não o quiseram escutar. Por infelicidade, andava o bispo de Olinda em visita pastoral no vale do Jaguaribe. O velho obteve dele a dispensa de parentesco, alegando o que julgavam todos ter acontecido. E, dentro de dias, forçado, tio Francisco desposava a prima Marianinha na igreja paroquial de Riacho Grande.

Lhe tinha o sogro preparado casa na vila do Jaguaribe Mirim, aonde os nubentes foram, acompanhados por uma nuvem de cavaleiros. Na noite, quando ficaram sós, tio Francisco deixou a esposa na camarinha, se dirigiu ao quintal, selou o cavalo e fugiu, na estrada real, a todo galope. Cansada de esperar ela deu o alarme. Mas, dali que fossem chamados o pai e os irmãos, ele ganhava dianteira, conseguindo chegar, esfalfado, à cidade de Aracati, onde se ocultou na residência do vigário, amigo e compadre de seu pai. Penalizado com aquela infelicidade, o bom sacerdote o embarcou, dias depois, no primeiro cúter de cabotagem que zarpou de Fortim a Fortaleza, pois os cangaceiros do sogro batiam e atalaiavam as estradas e atalhos desde Limoeiro até a passagem das Pedras.

Assim, o jovem regressou, em pranto, ao sítio paterno do Curió, na cercania da Mecejana. Durante longos anos foi baldado o esforço de sua família pra anular aquele casamento não consumado, pois o poderoso fazendeiro tecia os pauzinhos em sentido contrário. Baldados, também, foi o esforço da família dela pra o dissuadir daquela separação. Tio Francisco tinha horror, afirmava minha avó, àquela mulher que, até sempre, lhe estragara a vida. Freqüentemente ela lhe escrevia longa carta, que ele rasgava sem ler. Solitário em seu pequenino sítio do Muritiapuá, cultivando a terra, viveu afastado de tudo e de todos, sempre imerso naquela serena tristeza que lhe aureolava, com uma fria luz crepuscular, a beleza máscula do rosto. Visitava, amiúde, os pais, ia, uma ou outra vez, a negócio, a Fortaleza, comparecia a exercício e revista da guarda nacional, tratava toda gente com cativante amabilidade mas nunca teve um namoro, uma inclinação amorosa.

Uma feita, em Fortaleza, passando na rua Formosa, dona Pulquéria, senhora de prestígio social, cunhada duma de suas irmãs, o chamou da janela de sua casa:

— Entres um pouquinho, coronel Francisco. Venhas tomar uma xícara de café comigo. Há muito tempo não tenho o prazer de te ver e desejo que me dês notícia de teus pais.

Ele acedeu, subiu os degraus do vestíbulo e se sentou na sala de visita, conversando com dona Pulquéria. Uma escrava trouxe o café. Depois, a dama lhe disse, entre risonha e receosa:

— Me dês licença. Irei até lá dentro pra buscar uma pessoa que deseja te fazer agradável surpresa.

Ficou esperando, sem suspeita de quem fosse. Dona Pulquéria voltou, trazendo, pela mão, Marianinha toda ataviada, porém um tanto confusa.

— Vamos, coronel, faças as pazes com tua mulher!

Tio Francisco se levantou e, sem perder sua triste serenidade, se inclinou diante da dona da casa, como se somente ela estivesse ali:

— Boa tarde, minha senhora, muito obrigado por teu ótimo cafezinho. Tenhas a bondade de dar lembrança minha ao senhor teu marido.

Tomou o chapéu e se retirou, deixando ambas estateladas no meio da sala. Foi a derradeira vez que os dois esposos se viram. Um e meio ano mais tarde tio Francisco morreu. A pé, nos caminhos dos tabuleiros, levando um carro-de-boi carregado de cana do Muritiapuá à moagem no engenho do Curió, apanhou muito sol na cabeça. De volta, se sentindo cansado, se sentou na mesa do carro, cujas madeiras a ardência canicular aquecera. Chegou a casa afrontado, tonto e, quando o, pai soube e veio pra o ver, estava à morte. Mal houve tempo de mandar buscar o vigário da Mecejana pra o ouvir em confissão e lhe ministrar sacramento. Disse o padre, ao sair da camarinha, onde estava o agonizante:

— Era um santo!

Foi sepultado no cemitério da Mecejana, à saída da vila a Eusébio, com sua bela farda de coronel.

Minha avó não falava de tio Francisco sem largar os bilros da almofada de renda pra limpar uma lágrima.

Três histórias de mulher

Éramos três amigos. Almoçáramos à sombra de velha touceira de bambus e ficáramos fumando, conversando e contemplando a toalha de ouro que o Sol tecia na face do lago. Falamos de mulher e, como o mais moço dos três passava dos cinqüenta e o mais velho mal atingia os sessenta, resolvemos que cada qual contasse a aventura mais sentimental de sua vida.

Doutor Brandão, médico, psicopatologista, falou em primeiro lugar:

— Logo que me formei, quando já estava me preparando prum difícil concurso na faculdade, meu único divertimento era ir jantar, nas quintas-feiras e domingos, em casa de meu tio, o general Libório, na Tijuca. Depois do jantar, se conversava um pouco e eu me retirava cerda das 10h. Descia a rua e vinha esperar o bonde à cidade numa esquina da Conde de Bonfim. O poste de parada ficava diante duma casa alta e grande com balcões[116] de ferro na fachada e longa fila de janelas laterais. Uma dessas residências da antiga burguesia apatacada,[117] que hoje se vão arruinando, envilecidas como casas de cômodo, até que as ponham abaixo e em seu lugar levantem um hediondo arranha-céu. Pois bem, todas as noites, enquanto esperava o bonde, um vulto branco de mulher permanecia debruçado numa daquelas sacadas. Depois que me chamou a atenção, reparei que era uma moça entre os 18 e os 20 anos, morena clara, esbelta e com lindos olhos negros. Durante os meses que levei estudando pro concurso, duas vezes por semana, ficava ali, esperando o bonde e ela esperando minha partida. Meu tio, de repente, foi mandado a um comando no sul, fiz o concurso, obtive a nomeação de docente e tomei posse. Nunca mais fui àqueles lados. Os anos passaram, inexoravelmente. Não sei quem morava naquela casa, não sei quem era aquela moça mas duns anos a cá dei pra pensar nela e estou convencido que passei pela felicidade e não soube apanhar. Uma voz íntima me diz que eu deveria ter me casado com aquela moça, que ela me teria feito imensamente feliz... Seu vulto branco continua debruçado em minha saudade...

Havia um tom de lágrima na voz de doutor Brandão. Correia, advogado e antigo diplomata, foi logo falando, mal ele acabou:

— Meu caso se passou quando eu servia em Paris. Certa tarde, me lembro bem, encontrei, no metrô, uma moça, cujos olhos valiam um poema. Não era bonita mas irradiava simpatia como um dínamo de amor e bondade. Saltamos ambos, por acaso, na rua de Rennes, onde parei diante da vitrina dum livreiro. Foi ela quem me dirigiu a palavra:

— És americano?

— Sim e não.

— Sim e não? Como?

— *Sim* porque sou da América e *não* porque não sou da América que pensas...

Levei a conversa, algum tempo, nesse dúbio sentido até concluir que, como brasileiro, era sul-americano. Isso estabeleceu entre nós certa intimidade. A convidei a jantar e aceitou. Demos uma lenta volta em Saint Sulpice e no Luxemburgo fazendo

[116] *Balcão*, como no inglês *balcony*, designa tanto balcão de loja como sacada de prédio.
[117] Apatacada: Cheia de pataca, dinheiro

hora, conversando. A moça era um encanto. Simples, doce bem-educada, culta. Às 8h começamos a jantar num pequeno restaurante diante da estação de Montparnasse. Às 11h a deixei em casa. Ela morava no #204 da rua de Rennes. Chovia a cântaro. Antes de tocar a campainha pro guarda-portão ficamos, algum tempo, sob a marquesa de vidro do prédio e houve aqueles *baisers sous la pluie*[118] cantados pelo poeta...

Me encontrei mais algumas vezes com essa menina. Era filha única dum coronel de artilharia e duma inglesa de sangue nobre. O que a fazia bela não eram os dotes físicos mas a doçura, o encanto, a nobreza da alma. Num dos nossos jantares, o borgonha fez das suas, mas pude me dominar a tempo *et pour cause*...[119] Escrevi a ela, no dia seguinte, uma carta, dizendo que era comprometido e não a queria comprometer, que merecia um sentimento sério e não uma aventura vulgar. Por isso preferia fugir. Fui a Bruxelas e me hospedei no hotel Metrópole. Dias depois, a encontrei no vestíbulo.

— Tu aqui?!

— Vim trazer a resposta a sua carta. Isto é, sou a própria resposta.

Fiquei estarrecido, mudo. Ela me levou a um dos sofás e continuou, se sentando a meu lado:

— Te amei logo que te vi no metrô. Verdadeiro *coup de foudre*.[120] E mereces meu amor, como prova a nobreza de teu gesto e de tua carta. Porque o mereces, vim trazer. Sou tua onde, quando e como quiseres. Sem responsabilidade de tua parte!

Beijei suas mãos, chorando e a fiz voltar a Paris. Disse, na despedida:

— És minha e só minha pelo espírito. Do mesmo modo sou teu e somente teu.

Assim permanecemos há 25 anos. Ela em França, eu aqui. Trocamos uma carta todos os meses. Não acham isso lindo?

Estávamos emocionados. Chegara a minha vez de falar. Pigarreei um tanto constrangido e disse:

— Meu caso é muito diferente. Se passou com uma dessas infelizes, cujo nome já é, por si só, o pior dos opróbrios. Me encontrava, de passagem, em Madri, quando, numa noite, após o jantar, um diplomata uruguaio me apresentou a uma jovem espanhola que tomava anis-do-macaco[121] em sua companhia. Era morena e tinha grandes olhos cheios de melancolia. Conversamos algumas trivialidades e o uruguaio logo se despediu com um pretexto qualquer. A moça me pareceu um tanto constrangida. Procurei manter a palestra:

— Não ouvi bem teu nome, quando me foi apresentada. Como é, mesmo?

— María del Pilar, mas aqui, na Espanha, costumamos, sempre, abolir o prenome e, em vez de María del Carmen, María del Rosario ou María del Pilar, dizemos Carmen,

---

[118] *Baisers sous la pluie:* Beijando sob a chuva

[119] *Et pour cause:* E por isso

[120] A expressão *coup de foudre* significa *relâmpago. Coup (golpe), froudre (raio)*

[121] Famoso licor espanhol. *Anís del mono* (*anis-do-macaco*), cuja fórmula contém apenas matalauva (grão de anis) de primeira qualidade, rigorosamente selecionada, da qual se extrai o azeite essencial que proporciona o buquê tão característico da marca. Água quimicamente pura, xarope de açúcar refinado e filtrado e álcool configuram o segredo do êxito dessa marca. Se a tudo isso acrescentamos sua característica e peculiar garrafa, largamente copiada por outras marcas, e, sobretudo, seu processo de destilação em alambique de cobre (os originais do século 19) obteremos uma fórmula praticamente de insuperável qualidade. O empresário catalão Vicente Bosch era o proprietário duma destilaria de anis, além de possuir navios mercantes. Num de seus barcos trouxeram, da América, um macaco, que logo habitou a destilaria, sendo ela conhecida, no fim do século 19, como a destilaria do macaco, e seu anis como o anis do macaco. Depois se decidiu pôr, na etiqueta, a figura do macaco com o rosto de Vicente Bosch.

Rosario, Pilar.
— Compreendo. Donde és?, menina. Madrilenha? Sevilhana?
— Uma coisa nem outra. Sou de Saragoça. Conheces?
— Sim, conheço quase toda a Espanha.
— Gostas?
— Muito. Hoje passei o dia no Escorial.
Então falamos de Filipe II. A moça me pintou a monstruosa grandeza desse rei, com tintas mais fortes que Meissonnier em seu famoso quadro. Me expôs toda a lenda negra de Antônio Pérez e defendeu, com as mais belas e fortes razões históricas e sociais, o formidável passado da Espanha. Eu estava mudo de surpresa. Como era possível que uma mulher do preço de 400 pesetas, freqüentadora dos bares dos grandes hotéis, tivesse aquele conhecimento de história, de sociologia, de arte, de filosofia e de literatura, e preferisse ficar ali, num canto, falando dessas coisas com um estrangeiro a procurar seu interesse material. A verdade é que a conversação elevada e erudita da moça me prendeu até 1h da manhã. Perguntei, então:
— Quanto queres pela noite que te fiz perder?
— Nada. Hoje foi meu espírito quem ganhou.
— Pilar, — disse eu, tomando suas mãos com amizade — não nasceste presta vida. Me contes tua história.
A moça ficou com os olhos cheios de água e disse:
— Aqui não. Saiamos.
Saímos e nos pusemos a caminhar sob o arvoredo da Castellana, aos lados do Retiro. A história da pobre Pilar foi curta e rápida. Filha do engenheiro-chefe das obras públicas do distrito de Saragoça, fora educada nos melhores colégios do país. Noiva dum oficial do exército, se entregou a ele poucos dias antes dele partir à guerra civil. Ele desapareceu e, quando se notaram os efeitos de sua loucura de amor, os pais, gente à antiga, cheia de rigor e preconceito, a puseram na rua. Agora, ali estava, em Madri, com a filhinha na casa duma ama e ela ganhando pràs duas. E, apertando minha mão, Pilar soluçava como uma criança.
No dia seguinte fui visitar a filhinha de Pilar e procurei, no palácio Santa Cruz, meu amigo, o marquês de Casares, alto funcionário do estado e pessoa de grande influência. Contei o caso da pobre Pilar. Pedi um emprego que a redimisse e livrasse daquela vida. O marquês me prometeu, rindo e exclamando:
— Que coisa engraçadíssima: Um brasileiro regenerando as moças de Madri!... Era só o que faltava!...
Mas o fato é que arranjou o emprego e deixei a moça com a filhinha decentemente instaladas e vivendo sem vergonha. E meu contato com ela, creiam, não passou dum aperto-de-mão...
Doutor Brandão não pôde dominar a curiosidade e indagou:
— Mas que emprego o marquês pôde arranjar pressa criatura?
Repliquei:
— Nos arquivos do ministério. Ela estava, por sua cultura, indicada pra isso. E sabei que, ainda há tempo, escreveu a mim, dizendo ter encontrado alguns documentos inéditos que matarão de vez a lenda negra de Antônio Pérez contra Filipe II, que ela considera uma das figuras culminantes da história.

Antônia das Dores

bria os olhos à vida, quando a conheci. Era alta, magra, pálida, murcha e silenciosa, com os finos lábios crispados numa expressão de dor concentrada que a um olhar superficial pareceria despeito. Atravessava, toda manhã, a vasta e escura sala de jantar de nossa casa colonial como uma sombra. Seus passos não produziam rumor nos largos tabuões do antigo assoalho. Tomava uma tigela de café, sem se sentar, à mesa da copa, apanhava um balaio e ia comprar na feira, que ficava perto. Pontualidade exemplar. Voltava, mais ou menos, dentro duma hora. Eu estudava a lição do colégio e, levantando a cabeça do livro, ouvia sua voz ciciante e humilde fazendo a conta com minha avó, no alpendre, entre as grandes jarras vidradas cheias de água da chuva, repousando em tripeças de ferro batido:

— Mil e duzentos de carne sem osso, quinhentos réis de verdura, dois vinténs de coentro, um tostão de tomate, um tostão de cebola, meio tostão de pimenta-do-reino, duzentos réis de banana...

Depois minha avó somava, em voz alta, a despesa, recebia o troco dos cinco mil réis dados, uma nota com a cara do imperador, e repetia, sempre, as mesmas palavras:

— Tomes teu cruzado, Antônia, e vás-com-deus. Até amanhã.

Pouco a pouco fui crescendo e tomando conhecimento de sua dolorosa história, comentada no seio da família. Era nossa parente distante, prima em sexto ou sétimo grau. Fora casada com um tal Raimundo Lopes, o célebre Quebra-calçada, assim chamado pelo povo miúdo, porque vivia bêbedo de cair, batendo, estrondosamente, nas pedras do passeio do mercado o corpanzil inchado pelo álcool. Tivera três filhos, um dos quais morrera pequenino. Os outros dois ainda viviam. O marido morrera na Santa Casa, de *delirium tremens*, depois de a ter mergulhado em mágoa e abjeção durante alguns anos, a deixando na mais negra miséria.

Morava num casebre da Apertada-Hora, nome adequado a sua vida infeliz. Vinha, toda manhã, a pé à nossa casa fazer compra por um cruzado e a tigela de café com biju. Depois, ia ajudar a preparar o almoço na residência de doutor Clemente, três quarteirões adiante, por duas patacas. Minha avó e a filha do doutor, dona Etelvina, tinham muita pena e davam, sempre, qualquer coisa: Resto de pão, sobra do jantar da véspera, banana, laranja, goiaba do quintal, que levava, num embrulho, aos filhos.

Lhe forneciam, também, roupa usada. Sua pobreza não permitia dar mais. O dinheiro daquela meia-diária de serviço lhe pagava o tugúrio: Vinte mil réis mensais, sobrando pouco mais de dez pra alimentar e vestir três pessoas. Por isso se matava, o resto do dia, na costura, curvada sobre uma velha sínger,[122] embainhando, pregueando e caseando calça pros soldados da polícia, a três vintena a peça. Às vezes, noite a dentro, trabalhava à luz fumosa e escassa duma candeia a querosene, que lhe assassinava, lentamente, os olhos.

Se passaram, assim, longos e lentos anos. Os filhos cresceram. O mais taludo embarcou, um dia, com uma leva de emigrante, ao Amazonas, em busca a ganho. A borracha dava rio de dinheiro. Era como ouro! Os seringueiros levavam áspera e trabalhosa vida nos igarapés do Acre e do Purus mas, quando voltavam, se voltavam,

[122] Singer, a mais tradicional marca de máquina de costura

vinham enriquecidos, de chapéu de palhinha, terno de casimira, guarda-sol, correntão de ouro, anéis de brilhante e maçaroca de pelega de duzentos e quinhentão no bolso. Alardeavam prosápia. Citavam os exemplos dos que foram de mãos abanando e pés descalços e que se tornaram capitalistas e proprietários. Na verdade, quase sempre, os paroaras[123] regressavam empambados[124] e trôpegos pelo beribéri. Tudo do mau passadio nos barracões dos longínquos seringais: Jabá e feijão bichado entra mês, sai mês. Porém, o santo clima do Ceará num instante os punha sãos e prontos pra outra aventurosa arremetida. Bastava meia dúzia de banhos de mar pro beribéri desaparecer, vinho queimado matava as sezões e tremedeiras, e jurubeba curava o amarelão. Ora, se curava! Havia, ainda, as famosas pílulas de Matos, que eram um porrete pra tudo isso. Antônia, às vezes, rompia seu triste silêncio, dizendo a minha avó:

— A prima verá! Tenho fé que meu José vem pro ano, trazendo dinheiro prà gente comprar uma casinha e montar uma bodega no Outeiro. Então melhoraremos de sorte, se Deus, nosso senhor, for servido!

Deus, nosso senhor, não foi servido. O pobre José se meteu com Plácido de Castro na revolução do Acre e uma bala boliviana lhe tirou a vida. Tinha de ser. Antônia só teve conhecimento da desgraça meses depois por uma notícia num jornal de Manaus, que dona Etelvina lhe mostrou, depois de lhe premunir o ânimo com toda comiseração. Minha avó soubera antes, porém não teve coragem de dizer. Lhe deu, pro luto, um vestido preto que ela nunca mais tirou. Continuou em sua faina de compra e adjutório sem que alguém a visse derramar lágrima. Mais esguia, mais espigada, mais silenciosa ainda, a estóica figura negra atravessava a sala diante de meus olhos infantis como uma sombra de cipreste caminhando na paz dum cemitério. Me impressionava como um fantasma e, vez e outra, até me fazia medo.

O filho caçula, João, se pôs homem e assentou praça na guarda civil. Sabendo ler e escrever correntemente, foi logo promovido a cabo. Se casou. Antônia deixou, então, de fazer compra pra nossa casa e de ajudar o almoço de doutor Clemente mas não deixou a máquina, a fim de auxiliar o rapaz que ganhava pouco: Noventa e cinco mil réis por mês, soldo e etapa. Se mudou da Apertada-Hora a uma casinha melhor, de tijolo e telha, na rua da Conceição. Um tiquinho de felicidade a bafejou com o inocente sorriso duma netinha.

Me ausentei de minha terra, peregrinando nesse mundão afora. Minha gente, tragada pela velhice, foi descansar na paz eterna. A casa de minha avó acabou. Voltei ao torrão natal e Antônia logo veio me visitar, ainda mais magra, mais acabada, mais lívida, mais triste e coroada de neve, como um espectro de dor e de miséria. Quanta desgraça conhecia! João entisicara[125] e morrera cuspindo em sangue os pulmões carcomidos. A mulher de João se metera com um sargento do Exército. Antônia continuava na costura pra sustentar a neta abandonada pela mãe. Dia e noite, noite e dia bainha, presilha, casa e botão na calça de brim dos soldados. Nunca uma refeição farta, num dia de folga uma alegria. Não sabia o que era um divertimento. Nem entrara, uma só vez, num cinema. Pior que escrava. Muito pior!

Lhe dei o alívio material que pude, mas o moral só Deus lhe poderia conceder. Jamais lhe ouvi queixume ou palavra de revolta, nem vi um gesto de impaciência. Sua dor era estranhamente muda. A gente se envergonhava de ser relativamente feliz

[123] Paroara: Natural do estado do Pará. Nordestino que vive na Amazônia
[124] Empambado: Anêmico, pálido, opilado
[125] Entisicara: Contraíra tísica, tuberculose

diante dela. Em sua presença tinha a impressão de defrontar uma estátua, escultura humana do sofrimento que somente as mãos do todo-poderoso seriam capazes de tão perfeitamente modelar. Ele lhe deu o sopro da vida e o conservava mas, desde a mocidade, tudo o que alegra a vida lhe tirava, em sua infinita sabedoria a destinando ao céu. Sentia que o peso que sobre ela pesava era tão esmagador que não lhe permitia um movimento de rebelião, nem nos próprios lábios frios e secos, eternamente vincados na murcha face empoeirada de amargura e humilhação.

Tempos depois, me apareceu e, de pé, deixando cair os braços ossudos ao longo do alto corpo esquelético, disse de olhos enxutos, sem inflexão na voz macia e lenta:

— Primo, Joaninha morreu na madrugada e não tenho com que a enterrar!

Pulei na cadeira, com lágrima saltando dos olhos e mal pude articular a pergunta:

— De quê?!

Respondeu no mesmo tom:

— Não sei. Nem quero saber. Morreu, acabou. Três dias num febrão maligno sem parar, gritando de dor-de-cabeça. Chamei doutor Cardoso, que veio por caridade. Não houve remédio que desse jeito. Expirou se retorcendo, a pobrezinha, aqui... E estendeu a mim os magros braços, repetindo:

— Aqui! Aqui!

Depois, com os olhos no chão, mais baixo:

— Agora fiquei sozinha no mundo!

Fez uma pausa e pronunciou, calmamente, a única frase de desabafo que lhe ouvi:

— Deus, nosso senhor, me esqueceu!

Se fez o enterro. Quinze dias mais tarde, a velha Carlota, vizinha e amiga de Antônia em Areias, onde ultimamente fora morar, me procurou:

— Seu doutor, Antônia está na última e não quer morrer sem te dizer adeus. O médico diz que é caso liquidado...

E, limpando os olhos na manga da blusa:

— Coração arrebentado... Também quem sofre tanto!... Um dia o desgraçado, muito cheio, tinha de estourar... Não era de ferro...

Fui com a velha Carlota. Era longe, numa rua sem calçamento, entre cercas e cajueiros. Entrei numa choupana de palha e chão de terra batida. Ela agonizava, numa rede rodeada de gente humilde e anônima no sofrimento. Lhe puseram uma vela na mão, cuja luz cirial iluminava, trêmula, a camarinha. Rezavam baixinho. Já não falava mais. Somente os olhos, a se velarem no crepúsculo da morte, diziam coisas silenciosas e incompreensíveis. Me fitou, com esses estranhos olhos, um segundo, moveu quase imperceptivelmente os lábios como tentando um sorriso e, num suspiro leve, entregou a alma ao Criador. Logo o rosto ficou tão plácido e feliz como se aquele olhar parado, sobre o qual fechei, com os dedos, as pálpebras lívidas, estivessem contemplando a inefável visão da eterna beatitude.

Fiquei, no meio daquela pobre e caridosa gente, velando a noite toda. Um vizinho complacente de vez em quando distribuía café ao singelo velório. A velha Carlota e outras velhas cantavam sem parar os tristes responsos dos mortos. Na noite erma, a prata do luar se derramava do céu límpido sobre as coisas adormecidas da Terra.

A acompanhei ao cemitério e a fiz sepultar na mesma cova que o filho e a neta. Quando mandei colocar na humílima sepultura uma cruz de madeira, o encarregado do fúnebre serviço me perguntou:

— Que nome porei?, seu doutor.

— Antônia!

— Antônia de quê?

Pensei no nome do marido: Lopes. Mas logo o repeli. Fora ele que começara sua desgraça. Me lembrei do da família: Façanha. Hesitava, quando me tocou uma inspiração:

— Ponhas Antônia das Dores e nada mais.

O homem me olhou de soslaio, meio espantado. Nunca poderia compreender como esse nome diria tudo sobre a infeliz mulher que o destino fizera cruzar o caminho de minha vida como silenciosa sombra carregada de dor.

O presente natalino de Lampião

éspera de Natal, quando o bando de Lampião entrou, de surpresa, na vila, 8h da manhã. Dia de feira e a praça da igreja regurgitava de gente em volta das cargas de rapadura, bruaca de farinha, caçuá de milho, mesinha de comida e bebida, caixa envidraçada de mascate e tabuleiro de doce. Ao irromperem os cabras, armados até os dentes, na arenosa quadra emoldurada de edificação baixa e humilde, levantando poeira com o casco dos cavalos, como por milagre a multidão, em poucos minutos, desapareceu silenciosamente, ficando os vendedores, sozinhos, entrouxando, apressadamente, a mercadoria.

Se erguendo, nos estribos, sobre a sela-gineta do cardão-pedrês[126] que montava, um cabra fulo rodopiou o rifle *Winchester* por cima da cabeça e gritou, estentoriamente, como um arauto antigo:

— Ordem do capitão Lampião! Ordem do capitão! Ide embora!

Outros cabras circulavam em todo lado, apressando a retirada dos últimos vendedores. E em toda a vila, fechada e apavorada, se fez tão profundo silêncio que se escutava o zumbir da moscaria nos montes de estrume deixados pelas alimárias dos feirantes.

Então, escoltado por dois homens de carabina aperrada,[127] *um olho no padre e outro na missa*,[128] o famoso Lampião surgiu do lado da igreja, com seu chapéu de couro atravessado na cabeça, o grande punhal de cabo de prata no cinto e um fuzil máuser,[129] do Exército, na mão. Trazia longas cartucheiras encruzadas sobre o peito e galões de capitão nas mangas da blusa. Perlongou a sombra do casario na direita da praça, de olhos muito atentos atrás dos óculos redondos, e entrou na casa de Antônio Laurindo, agente do correio, velhote magro e ágil, de barbicha, que o esperava sorridente, de pé, no meio da saleta mobiliada com meia dúzia de cadeiras em volta de antiga mesa de pés de garra. Disse o coiteiro:[130]

— Bom dia, compadre. Sejas bem-vindo a esta tua casa!

— Bom dia, compadre! Vim passar o Natal contigo.

Depois duma pausa e dum pigarro:

— Mandei acabar, já, a feira. Não quero barulho nem ajuntamento enquanto estiver aqui. Os cabras tomaram todas as entradas e saídas da vila. Estamos seguros. Te darei dinheiro pra nos preparar almoço, jantar e ceia. Quero comida muita e boa, vinho e cachaça pra festejar o Natal porque, amanhã cedo, faremos um serviço grande, do qual, talvez, a metade da gente não possa voltar...

Mal se calou, no imenso silêncio da vila amedrontada ecoou, subitamente, uma voz estridente, que parecia, no espaço intensamente luminoso, se misturar à quente luz solar:

---

[126] Cardão, cárdeo: adj. Da cor da flor de cardo, azul-violeta. Pedrês: Carijó

[127] Aperrar: Engatilhar

[128] Expressão proverbial. Significa estar desconfiado, de sobreaviso. Equivale a *Dormir com um olho aberto e o outro fechado*.

[129] Mauser: Tradicional marca de arma de fogo

[130] Coiteiro, couteiro: s.m. (Brasil, nordeste) Indivíduo que dá asilo (coito, couto) a bandidos ou os protege

— Olha a farinha! Farinha boa a três tostões o litro!

Lampião trincou os dentes com força. O coiteiro baixou a cabeça, enfiado. Os dois cabras da escolta estremeceram. De novo aquela voz cortou o grande silêncio, se perdendo na amplidão iluminada do dia:

— Olha a farinha! Farinha boa a três tostões o litro!

— Que grito é esse? — Explodiu o cangaceiro. Se mandei acabar com a feira, como é que ainda está esse feirante sem-vergonha vendendo farinha?

Se voltou, rápido, a um dos cabras e ordenou:

— Chames Jararaca!

Se encostou à parede do fundo da sala, deixou cair com estrondo a coronha do fuzil no chão atijolado e lançou pela porta um olhar à praça vazia, que faiscava sob a ardência do Sol sertanejo. Um vulto de homem se movia na luz intensa, ao pé duma carga de farinha arriada dum jumentinho escuro. Era esse homem quem gritava:

— Olha a farinha! Farinha boa a três tostões o litro!

Se projetou uma sombra através da claridade que penetrava na sala e o cabra Jararaca, espécie de tenente de Lampião, se apresentou:

— Pronto, capitão!

— Não mandei acabar com a feira?

— Mandaste, sim senhor. E acabei.

— Então, o que é isso?

— É um maluco.

— Maluco?

— Maluco, sim senhor. Diz que precisa vender a farinha pra levar dinheiro pro natal dos filhos e que não há de ser tu ou outro qualquer que o impedirá de vender sua farinha onde quiser. Diz que, pra ele, é melhor morrer que estar vivo, e mais uma porção de doidice... Estive a sangrar o homem mas olhei bem a ele: *Come-longe*,[131] amarelo como limão e maluco... Quem é que é doido *mode* matar doido?[132] Não é verdade? Além disso, o capitão não gosta que a gente faça certas coisas com quem é desinfeliz... Porém, se queres que o serviço seja feito, é só dizeres...

Sempre encostado à parede, com a coronha do fuzil pousada nos tijolos, Lampião falou:

— Tragas o homem a cá!

Ficou naquela postura, esperando e escutando, a espaço, a voz que se erguia alta e forte, rompendo o medroso silêncio da vila:

— Olha a farinha! Farinha boa a três tostões o litro!

Decorreram dez minutos. A voz se calou. Sombras se interpuseram na claridade que o Sol derramava na sala do coiteiro Antônio Laurindo. Jararaca apresentou o feirante a Lampião:

— Capitão, eis o homem!

O olhar do cangaceiro o mediu, examinando rapidamente. Era um pobre sertanejo opilado e magro, vestido de calça e blusa de algodão riscado, cerzidas e remendadas. Cobria a cabeça velho chapéu de palha de carnaúba. Calçava alpercata de couro cru. Passada no cós, se via uma faca canindé de cabo de chifre.

— Como te chamas? — Perguntou, ríspido, o cangaceiro.

O outro respondeu, tranqüilamente:

[131] Come-longe: Faminto

[132] Expressão sertaneja: *Quem é doido a ponto a matar doido*?

— Manoel Ambrósio dos Santos.
— Onde moras e de que vives?
— Moro aqui perto, em Candeias. Vivo duma posse de terra herdada de meu pai.
— Porque não obedeceste a minha ordem de acabar a feira e ficaste aí, gritando, sozinho, como maluco?
Ligeiro tremor agitou as extremidades dos dedos pálidos do sertanejo, mas a resposta veio calma, firme, decidida:
— Olhes, capitão Lampião: Um homem é um homem e um bicho é um bicho! Não és autoridade pra mandar acabar com feira nem com coisa alguma. Dás ordens porque tens a força e os outros têm medo. Mas não tenho medo de ti, nem um tico! Por isso não obedeço a tua ordem. Sou pobre, doente e desgraçado. Tenho mulher e seis filhos. Passo toda espécie de necessidade e já estou cansado desta vida. Pra mim, morrer é negócio. Estás ouvindo?, capitão Lampião. — E alteou o tom de voz — Morrer, pra mim, é negócio! E pode ser, de qualquer jeito que escolhas!
O homem se calou, com a respiração levemente alterada. O cangaceiro deu dois passos a diante e os circunstantes esperaram algo terrível. Mas Lampião depôs, devagar, a arma sobre a mesa antiga, puxou uma cadeira, a cavalgou, cruzou os braços sobre o encosto e disse, ante a surpresa de todos:
— Puxa! Esse amarelo é homem, mesmo! De verdade! Gosto de ver um homem em minha frente! Voltes ao meio da praça e apregoes tua farinha a vontade, mas a dez tostões o litro, que venderás toda. Não te esqueças: Dez tostões o litro! Vás depressa!
O sertanejo saiu, balbuciando qualquer coisa. Lampião se dirigiu a Jararaca:
— Digas a toda a gente da vila que vá comprar a farinha do homem a dez tostões o litro e que acabe com ela!
A voz estridente, lá fora, rasgava, novamente, o espaço luminoso:
— Olha a farinha! Farinha boa a dez tostões o litro! Lampião escutou o pregão com leve sorriso e pediu ao coiteiro espantado:
— Compadre, dês um cafezinho à gente!
Algumas vezes, ainda, se ouviu o grito:
— Olha a farinha! Farinha boa a dez tostões o litro!
Depois, o silêncio foi completo. Pela porta da sala, o cangaceiro olhava a praça ensolarada. Os últimos compradores já tinham deixado o vendedor de farinha, que pendurava na cangalha do jumento as malas de couro cru vazias, montava de lado na garupa e ia embora até Candeias.
Muitos anos mais tarde, ao contar esta história, Manuel Ambrósio dos Santos dizia aos filhos, balançando a cabeça embranquecida pelo tempo:
— Podeis falar o que quiserdes contra o defunto Lampião. Eu é que nada digo contra ele porque, desde que me deu esse presente de Natal, pra mim e pra minha família, até rezo, toda noite, por sua alma, um pai-nosso e uma ave-maria.

As mãos de Pôncio Pilatos

aquela tarde nos idos de março, reinando em Roma Caio Calígula, um velho corpulento, de nariz aquilino e queixo proeminente, descia, devagar, os largos degraus do templo de Júlio César, parando, de momento a momento, a fim de contemplar o fórum em toda extensão.

A sua esquerda um raio solar batia no peristilo do templo de Castor e escorria sobre a longa monumental fachada da basílica Júlia, além do beco Tusco, onde homens do povo jogavam dama sobre as lajes de mármore dos pórticos. Nas arcadas superiores, nos dias de grande movimento, o imperador costumava se divertir, lançando moedas à populaça, que se atropelava pràs apanhar. Surgiam, adiante, os altos acrotérios do templo de Saturno, onde se guardava o tesouro imperial. Atrás, além do pórtico dos Consentes, começavam as primeiras rampas do capitólio.

A sua direita, em perspectiva, a arcaria da basílica Emília, seguidas da colunata da cúria Juliana. Em frente, no fundo da praça alongada e poligonal, a imponente massa do templo da Concórdia, com larga escadaria precedida dum muro guarnecido de placas de mármore rosa e de rostos de galeras vencidas, que servia de tribuna dos comícios e se estendia entre o Miliário de Ouro e o Umbigo de Roma. Em volta, sobre altas colunas polidas, as estátuas de bronze dos grandes homens ainda não caídos no esquecimento público.

O velho corpulento e vagaroso contemplou, algum tempo, a movimentada paisagem urbana do mais famoso local da cidade, onde desde o século de Rômulo se processava sua tumultuosa vida pública. Centro do império, coração do Mundo. Naturalmente, cada um daqueles monumentos e aspectos lhe recordava fatos, personagens, episódios conhecidos, pois a compostura e dignidade de seu todo, a maneira como traçava a toga branca orlada de ligeiro filete vermelho, denotavam um romano de certa categoria já investido de alta função pública.

O templo de Castor ou dos dióscuros, filhos do cisne e de Leda, lhe lembrava, com suas colunas de fina elegância, o dito de Cícero em *Verrinas*: O mais ilustre dos monumentos que testemunha, por sua antigüidade, toda a vida política dos romanos. Na encosta do Capitólio, o Tabulário lhe recordava Lutácio Catulo. A tribuna rostral, a Rostra, evocava a eloqüência de Cipião Emiliano, de Catão, dos gracos e de Cícero, a arte da palavra que a tirania imperial matara. Entre os templos de Saturno e da Concórdia, no chamado beco Capitolino, após os triunfos dos generais vitoriosos, a multidão uivante arrastara Jugurta e Vercingetórix à morte ignominiosa na prisão Mamertina, da qual, ao longe, seu olhar divisava um pano de muro nu e sinistro. Numa das estreitas e sombrias ruas que conduziam à praça, ouvira dizer que fora assassinado numa noite, no tempo do ditador Sila, Sexto Roscito, o folgazão. Afinal, seu pensamento e seu olhar pousaram no Miliário de Ouro, marco donde partiam, desde o tempo de Augusto, todas as estradas do império, e no Umbilicus Romae, pedra angular que, a exemplo do Onfalos de Delfos, indicava o centro da urbe e o meio do orbe.

Ao peso das evocações se tornava mais lento o pesado passo do velho. Caía a tarde e a multidão de vendedores ambulantes, libertos, ociosos, estrangeiros, mulheres

públicas e homens de negócio esvaziava a praça, onde, muitas vezes, borbulhara a ruidosa maré dos comícios, desfilara a Pompa Circi, procissão do circo, com suas máscaras, ou se desenrolara, vindo, na via Sagrada, o cortejo triunfal dum césar vitorioso.

Transposto o último degrau, o velho se sentou na exedra de mármore branco que dava ao fórum, à sombra de dois altos lentiscos. Cruzou as pernas, fincou o cotovelo na coxa, descansou o maxilar voluntarioso na mão direita e se absorveu em profunda meditação.

Outro velho, que vinha em lento passeio do lado da basílica Júlia, onde se apagavam os últimos rumores dos mercados e tribunais, parou diante dele e, depois de considerar atentamente, lhe tocou no ombro com a ponta dos dedos e disse:

— Pôncio Pilatos, meu velho e querido amigo. O que fazes aqui?

Num sobressalto, o outro ergueu os olhos e permaneceu calado, numa interrogação muda. Quem falara, dando de ombros, continuou sorridente:

— Vejo, com tristeza, que a mão do tempo desfigurou meu rosto, pois não reconheces um amigo grato a quem outrora cumulaste de favor: Élio Lâmia, exilado por Tibério César, teu companheiro, há vinte anos, em Jerusalém.

Pilatos se ergueu com alvoroço e o abraçou efusivamente.

— Me lembro desse tempo dia a dia ou, melhor: Momento a momento. Deve andar nos trinta anos que nos encontramos, em primeira vez, em Cesaréia da Capadócia. Fomos, juntos, a Antióquia. Vieste ter comigo, finalmente, em Jerusalém, no meio desse povo intratável e rebelde, que, em vão, procurei governar com retidão e justiça. Um ao lado do outro, carpimos saudade desta cidade incomparável e, se tive o prazer de amenizar teu exílio, gozei a ventura de tua companhia agradável e ilustre. Depois de inúmeros desgostos e humilhações, de longos anos de isolamento, te juro que, em primeira vez, sinto verdadeira alegria, encontrando um amigo que compartilhou comigo aborrecimento e dificuldade numa terra bárbara e remota.

Élio Lâmia e Pôncio Pilatos se sentaram no banco semi-circular, donde se descobria todo o fórum, com os lumes da tarde morrendo nas grimpas de bronze dos edifícios e no lustre das colunas polidas. Aconchegando as dobras da toga sobre as pernas em que se cruzavam as correias das sandálias, Élio falou:

— Talvez não acredites, Pôncio, mas, de vez em quando, me lembro de ti, o que é admirável, porque não te encontro em parte alguma, nem tenho notícia tua. Desde que voltei do exílio envelheço apagadamente em minha casa do Esquilino, entre belas escravas e tratados de Epicuro, pedindo aos deuses imortais que Caio Calígula jamais se lembre de mim. Tenho negócio privado na basílica Júlia e, sempre que àli vou, procuro visitar este recanto, onde César, definitivamente, se acabou e outros césares começaram. Devo a isso nosso feliz encontro...

Pôncio o interrompeu:

— Onde César definitivamente se acabou e outros césares começaram? O que queres dizer?, Lâmia.

— Aqui terminou a vida trágica do ditador, — explicou Élio Lâmia — e começou a história tragicômica do império. Neste local, ergueram a pira que queimaria o resto mortal do divino Júlio. Ao colocar o corpo sobre a lenha, Marco Antônio mostrou ao populacho enfurecido as feridas sangrentas feitas pelo punhal de Brutus. Houve tal clamor de ameaça que os inimigos de César entraram em pânico, permitindo a seus partidários a conquista ao poder. Retirada a cinza, levantaram uma coluna, em cujo

pedestal os fiéis a sua memória vinham fazer sacrifício ritual. Augusto substituiu a coluna por este templo.

— Vim, hoje, fazer nele meu sacrifício em honra ao divino Júlio. — Declarou Pilatos, calmamente.

— Continuas a ser um servidor fiel de Roma, funcionário antigo e zeloso, que acha justa a divinização dos césares por ser mais nobre obedecer a um deus que a um homem. — Comentou Lâmia, com ligeira ironia. — Roma te paga o culto com sua moeda tradicional: A ingratidão. Mas deixemos de parte as coisas divinas e as coisas públicas pra falarmos de nós, que vinte longos anos separaram. O que foi feito de ti? Me dês notícia de tua mulher Cláudia Prócula, de tua filha Pôncia. Onde vives e o que fazes?

Pilatos abaixou a cabeça encanecida e pregou os olhos no chão. Após curto silêncio, respondeu, em voz baixa:

— Simples procurador da Judéia, tive sempre contra mim a autoridade de Vitélio, que governava a Síria. Os judeus me intrigaram com ele e fui mandado a Roma, a me justificar perante Tibério. Quando cheguei o velho imperador morrera e em seu lugar estava Caio Calígula, amigo íntimo do judeu Agripa, inimigo de Herodes e protetor de Vitélio. Não fui ouvido e me afastaram da função pública. Felizmente me deixaram a vida. Cláudia Prócula morrera, Pôncia enviuvara. Fui viver, com minha filha, nas terras que possuía na Sicília e passei a cultivar trigo, vinha e oliveira. Nestes últimos tempos, porém, me fizeram sentir que seria melhor, pra minha saúde, um clima mais distante da Itália e decidi me mudar a uma propriedade que foi dos pais de Prócula, em Viena, nas serras da Gália. Por isso estou, de passagem, em Roma.

— És feliz?

Pôncio Pilatos se calou. O crepúsculo baixava sobre o fórum, pincelando as nuvens e as arquiteturas de laivos acobreados e sanguíneos. Lâmia se levantou. Então Pilatos falou:

— Não. Meu espírito é inquieto e pressago. Em toda parte como me acompanha a maldição dum deus desconhecido! Dia e noite meus olhos vêem a mesma cena. Noite e dia meus ouvidos escutam as mesmas vozes.

Passou lentamente a mão sobre os olhos e acrescentou, em voz surda:

— Se eu pudesse não ver mais aquela cena! Se eu pudesse não ouvir mais aquelas vozes!...

Élio Lâmia o olhou, penalizado:

— A idade, meu caro Pôncio, traz, consigo, perturbações do fígado, que produzem humores malignos. Se estes sobem à cabeça, transtornam a justa visão das coisas em vertigem e alucinação. O homem que dominou com férrea energia a revolta dos samaritanos em Tirataba e as dos judeus, no caso das efígies cesarianas e da construção do aqueduto, não se pode deixar vencer por essas visões sem fundamento. Pôncio, precisas diversão, convivência de bons amigos, companhia de mulheres belas, trato de livros amáveis, fino prazer da mesa. Infelizmente não posso te levar comigo. Estou convidado a uma ceia em casa dum amigo. Meus escravos me aguardam com a liteira ao pé do arco de Tibério. Devo partir. Te espero, sem falta, amanhã, em minha casa do Esquilino, pruma ceia entre amigos. Tenho um falerno[133] especial pra matar tristeza.

[133] Falerno: s.m. Vinho apreciado pelos antigos romanos e que se produzia, outrora, em Falerno, Itália

Pôncio Pilatos o deteve, com um gesto, e lhe disse, como quem precisa desabafar, descarregar a consciência:

— Te lembras, Lâmia, de Jesus de Nazaré, de quem se contavam milagres e que os judeus me obrigaram a crucificar?

— Me lembro, sim. Um dos muitos rabis agitadores das massas, que pregavam e profetizavam nos campos e ruas...

— Não, Lâmia. — Interrompeu Pilatos — Esse era diferente de todos e Prócula acreditava que era filho dum Deus. O interroguei e me disse poucas palavras em nome de seu pai, que até hoje, por mais que as medite, não entendo. Não lhe achei culpa e o enviei ao tetrarca Herodes, que me devolveu. Propus, ao povo, o trocar pelo salteador Bar-Abás, e recusou. Os judeus queriam sua morte. Mandei o açoitar e o apresentei, ensangüentado, à plebe, a fim de ver se a comovia, mas ela exigiu sua crucificação. Tive medo das intrigas judaicas e consenti, lavando as mãos do sangue desse justo...

Fez uma pausa, arfante. Élio Lâmia, que tinha pressa, traiu num gesto rápido a sua impaciência. Pôncio continuou, mais surdamente:

— Desde esse tempo nunca mais tive sossego. O vejo, constantemente, diante de mim, macilento, chagado, estranhamente silencioso, o manto de estopa vermelha nas costas, o caniço nas mãos atadas, a coroa de espinho na cabeça, da qual o sangue pinga. E ouço, constantemente, a gritaria feroz dos sectários: O crucificai! O crucificai! Mas eu lavara as mãos, não é verdade?, Lâmia.

Élio Lâmia abanava a cabeça, apiedado. Sua alma epicurista via, naquilo, o começo duma grave perturbação mental. Abraçou, afetuosamente, o amigo e se despediu:

— Até amanhã, na ceia. Meu falerno te restituirá a alegria e te fará esquecer esse Jesus de Nazaré.

Seu vulto atravessou, célere, a praça em direção ao Miliário de Ouro. Pôncio Pilatos se encaminhou, lentamente, ao lado contrário, repetindo:

— Mas lavei minhas mãos!... Mas lavei minhas mãos!...

O Sol se deitava. Tons mais vermelhos, refratados das nuvens, se derramavam nas arquitraves e arquivoltas, lambiam o chão empedrado, acobreavam e ensangüentavam tudo. Em seu monólogo surdo, Pilatos olhava as mãos abertas. O reflexo vermelho tingiam suas palmas de sangue. As escondeu, rapidamente, nas dobras da toga, enterrou a cabeça entre os ombros vergados e caminhou, vacilante e pesado, sob os pórticos sombrios da basílica Emília. Na noite que caía, seu vulto se perdeu na distância e o rumor de seu passo bovino se apagou ao longe.

No dia seguinte Élio Lâmia esperou, em vão, pra cear, em sua casa do Esquilino, o antigo procurador da Judéia.

A confissão de Tiradentes

o entardecer de 20 de abril de 1792 o desembargador Francisco Luiz Alves da Rocha, meritíssimo escrivão da Poderosa Alçada, que julgava os réus da inconfidência mineira, denunciados por Joaquim Silvério dos Reis, Inácio Correia Pamplona e Basílio de Brito, se apresentou, escoltado por soldados do regimento de infantaria do Rio de Janeiro, à cadeia pública da capital da então colônia portuguesa e se dirigiu à prisão, onde se encontravam os implicados na conjura. Lôbrega era a quadra gradeada em que se apinhavam aqueles infelizes, cheios de angústia, pálidos, emagrentados, de barba e cabelo crescidos, com o triste e pressago olhar chumbado à porta de ferro, cuja fechadura rangia ao girar da chave do carcereiro.

Era no pesado casarão, ao lado do paço dos Vice-Reis, mais tarde aproveitado pra aposentadoria dalguns membros da comitiva de sua alteza, o príncipe-regente dom João, transformado, na independência, em sede da assembléia constituinte, dissolvida em 1823. Depois, câmara legislativa do império e da república. Finalmente demolido prà construção do atual edifício do congresso.

Naquele ergástulo[134] escuro, onde mal se coava, entre grossos varões, a luz solar, ia o desembargador-escrivão ler o novo acórdão da alçada, que reformava o datado do dia 18, mas de fato terminado na manhã de 19, que condenara à morte os participantes da conspiração, muito embora essa reforma se baseasse na carta-régia de 15 de outubro de 1780, conservada em segredo pelos juízes, pra, como diz um historiador, agravar sem piedade o aflitivo estado dos detidos.

Boiava, no olhar de todos, o espanto. No íntimo, dentro do silêncio úmido do cárcere, cada qual se interrogava que aumento de castigo, além da morte no infamante patíbulo, lhes traria aquela inopinada visita. O magistrado começou a ler o papel que desdobrara junto à escassa luz duma das janelas, vagarosamente, e, aos poucos, à citação dos nomes, esta ou aquela face ia tomando uma tênue claridade de desafogo. A sentença comutava a pena última a degredo na África pra todos os acusados, exceto o ex-alferes dos dragões das minas, Joaquim José da Silva Xavier, alcunhado Tiradentes, que deveria ser executado no Rio de janeiro, com todo rigor, como criminoso excepcional.

Logo os ajudantes do carcereiro, a um sinal do desembargador-escrivão, foram tirando, dos infelizes, os ferros que os manietavam e só aquele homem esquálido e barbado permaneceu agrilhoado num canto da triste masmorra. Fora do edifício, o povo, que se agrupava nas esquinas, soube o que se passava e prorrompeu em viva à rainha, aliviado da opressão que o constrangera durante ano e meio esperando tão grande matança de pessoas conceituadas. Já nas casas próximas se davam graça a Deus e à clemência real, ajoelhadas as famílias diante dos oratórios estrelados de velas acesas. Se ouvia, da rua, o ciciar das preces e muita gente ia rezar nas igrejas. A boa nova do perdão se espalhava na cidade inteira, enquanto os correios preparavam os árdegos cavalos prà levarem às montanhas mineiras, onde reinava a maior ansiedade.

Aquele homem, escolhido pra vítima expiatória da desgraçada conjura, não teve

[134] Ergástulo: Prisão, cadeia, cárcere

palavra nem gesto de revolta contra a pena cruel que lhe impunham. Nem um olhar traiu inveja da relativa felicidade de seus companheiros. Sua atitude foi de plena resignação. Um sorriso imensamente triste lhe aflorou aos lábios. Como que compreendera que seu sacrifício importaria na salvação da vida daqueles a quem tantas vezes entusiasmara com sua palavra fácil em prol da idéia republicana acalentada no fundo de seu coração de sonhador.

Depois de estar calado alguns momentos, se voltando aos presos, já libertos de grilhões e anjinhos, sem estremecimento nas mãos que fizesse tinir de leve as algemas, os confortou com frases repassadas de humildade e de amor, afirmando que morreria com prazer, visto como sozinho subiria ao cadafalso sem a funda tristeza de ver nele executados seus companheiros de ideal.

A tarde caía. A escuridão se adensava nos cantos da masmorra e o vulto dum frade, embiocado[135] no capuz do burel pardusco, surgiu na penumbra do corredor sobre o qual se abria a porta de ferro. Tiradentes compreendeu que era o confessor da agonia que chegava e, cum tilintar brusco dos ferros que o prendiam, se ajoelhou no lajedo úmido e enegrecido de sujeira.

Entre as baionetas esguias dos soldados, precedidos pelo desembargador-escrivão, a chusma de presos deixou o cárcere a outras dependências da cadeia velha. Os ajudantes do carcereiro apanharam e levaram os grilhões e algemas caídos no chão. A porta rangeu nos gonzos ferrugentos. Se ouviu um tropel de homens se apagando ao longe. E somente dois vultos ali permaneceram: Tiradentes ajoelhado e frei Raimundo de Pena Forte de pé, com a pálida e trêmula mão sobre seu ombro emagrecido.

— Filho, — disse o frade — vim trazer a ti o consolo de nossa religião, o conforto do último instante, em nome de Deus, nosso senhor!

— Meu pai, — sussurrou o mártir — quero fazer a ti minha confissão.

Frei Raimundo puxou um escabelo rude que jazia ao pé da parede, se sentou junto ao condenado e lhe entregou pequeno crucifixo, que Tiradentes começou a beijar, o segurando com as mãos algemadas. E, no silêncio profundo que então reinou na escura prisão, a voz de Joaquim José da Silva Xavier sussurrou, lentamente:

— Me confesso a ti, padre, em nome de Deus todo-poderoso...

Durou bastante tempo aquele colóquio ciciante no silêncio tumular da masmorra. Depois o padre se pôs de pé e Tiradentes recitou, baixinho, o ato de contrição. A mão direita do religioso se ergueu numa bênção:

— Em nome do pai, do filho e do espírito santo!...

Rangeu uma chave perra na grossa fechadura da porta, que se abriu a meio, deixando passar o corpo ventrudo do carcereiro. Pé ante pé, o homem pôs uma candeia acesa num nicho da muralha e aquela luz mortiça, sem força pra espantar as trevas que se adensavam, ficou brilhando, tristemente solitária, como a vela que se coloca acesa entre os dedos lívidos dos moribundos...

[135] Embiocar, embilocar: v.t. Dar feição de bioco (mantilha pra envolver o rosto, capuz), envolver, ocultar (em bioco ou algo parecido), se esconder, se abrigar

O último são joão de Castro Alves

aquele ano de 1871, em que a França, mãe do espírito latino,[136] inspiradora da poesia condoreira através dos vôos enfáticos de Victor Hugo, se debatia aos pés de seus vencedores, deste lado do Atlântico o grande poeta brasileiro, que tanto a amara e glorificara, esperava, em plena mocidade, a terrível visita da morte. Era mês de junho e o festejo tradicional de São João alegrava a velha cidade do Salvador, berço do Brasil colonial.

No céu claro, polvilhado de astros de ouro, boiavam, lentamente tangidas pelo vento que soprava do mar, as reticências luminosas dos balões. Os foguetes subiam no espaço, rasgando a noite com seu sulco incendiado e desabrochando nas alturas em corimbos e umbelas de mil cores. Os violentos rojões, ao impulso fulmíneo[137] de suas caudas de pequenos cometas, explodiam fragorosamente muito alto, atroando o ar. Os fogos de vista ou de artifício, verdadeiras maravilhas pirotécnicas, deslumbravam, nas largas praças públicas, a multidão rumorosa. E todos os rastilhos, globos e corolas de fogo se refletiam na água mansa da baía de Todos os Santos, como se tais lumes, ao mesmo tempo, buscassem o firmamento e mergulhassem no oceano.

Ao longe, a ilha de Itaparica se estrelejava de fogueira e milhares delas iluminavam a antiga capital do Brasil, do Bonfim e de Águas de Meninos à Barra e Amaralina, ou subindo às ladeiras, clareando as edificações, chamejando na crista das colinas, brilhando nos adros e terreiros, e fazendo ressaltar, do casario vetusto, as brancas torres de velhas igrejas. Em toda a parte, de todos os lados, corriam faulhantes busca-pés de estouro e de limalha, estrondavam bombas, pipocavam bichas, espiralavam rodinhas ou se elevavam, à altura dos beirais, os foguetinhos de assobio. Nas casas, iluminadas festivamente por dentro e por fora, música, risada de gente moça, bródio. E bebida circulando em vastas bandejas cobertas de toalhas de labirinto: Água-de-coco, aluá, meladinha, vinho de caju, licor de laranja e de jenipapo. E a comedoria distribuída fartamente pelos convidados e até pelos serenos: Bolo de milho, de aipim e de mandioca-puba, grude e tapioca, pastel e mãe-benta, bom-bocado e quindim, canjica e arroz-doce polvilhado de canela cheirosa, pão-de-ló, fatia de parida, filhoz, sonho, alfenim. E, nas fogueiras, milho verde assando, pipoca estalando e, em volta, a ronda jovial dos saltadores e dos compadres de São João.

Nas ruas engalanadas de palma, bandeirola, folhagem e lanterna-de-papel, clareadas pelas inúmeras fogueiras, a meninada soltando fogo ou fazendo pingar estrelinha de salão, moças e rapazes em dança e ciranda, a gente de mais idade sentada, vendo, conversando, rindo, comendo e brindando na tradicional roda-de-calçada. E os seresteiros nas esconsas ladeiras, abaixo e acima, dedilhando viola e violão gementes, cantando, alto, copla popular, trova praieira ou quadra folclórica. De repente um deles lançou, ao espaço, os versos líricos e melancólicos de Álvares de Azevedo, que se espalharam no Brasil afora e correspondiam, profundamente, ao sentimentalismo da raça:

[136] Embora o francês seja a menos latina das línguas latinas, com muita influência celta
[137] Fulmíneo, fulminoso: adj. Relativo ao raio. (figurativo) Brilhante e destruidor como o raio.

Se eu morresse amanhã, viria, ao menos,
fechar meus olhos minha triste irmã.
Minha mãe de saudade morreria,
Se eu morresse amanhã!

E o grande e jovem baiano, no fundo da sala de visita da casa de sua família, toda escura entre tantas luzes, tristemente encolhido num sofá, com os pulsos latejando de febre, como se quisesse ficar alheio àquela doida alegria que agitava a cidade, mergulhado em profunda, imensa, magoada tristeza, ouviu a voz do seresteiro cantando os versos de seu irmão na mocidade, na poesia, no desencanto e na dor. Então Castro Alves se levantou, com esforço, se dirigiu a uma das janelas que dava sobre a ladeira do Sodré e a abriu, repentinamente, par a par.

O firmamento, o casario, o mar, tudo se cobria de luminária festiva. No vasto telhado do convento de Santa Teresa agonizava um balão tombado do céu, como esperança luminosa que morre. O burburinho jovial da cidade subia de todos os lados. A voz dolente dos violeiros demorava, triste, no ar, acompanhada do lento tanger das cordas vibrantes e sonoras de seus instrumentos:

...Se eu morresse amanhã!...

A densa fumaceira das dezenas de fogueiras que se escalonavam nas portas das residências, ladeira do Sodré acima, afogou a respiração do poeta dos escravos, quando sobre ela se debruçou. Logo, uma tosse violentíssima sacudiu seu corpo todo, de tal sorte que mal se podia suster nas muletas em que se apoiava desde que perdera um pé num acidente de caça.

Tossindo dolorosamente, sem parar, Castro Alves foi recuando até o sofá do qual se levantara e uma terrível hemoptise ensangüentou o lenço que levou à boca, com as duas mãos trêmulas, pra conter o acesso.

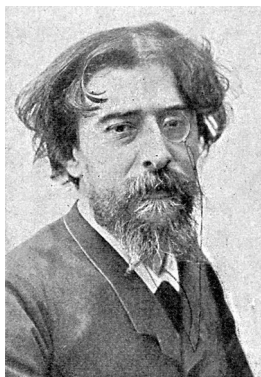
Sua querida irmã Adelaide correu a seu auxílio e, em seus braços fraternos, o poeta chorou. Desde essa noite, sua última noite de São João, Castro Alves não mais deixou o leito, se recusando a ver fosse quem fosse, pra que dele não ficasse, entre os estranhos à família, uma impressão de ruína humana. O sofrimento com que, neste mundo, pagava a glória de seu gênio, aumentou dia a dia, hora a hora, minuto a minuto. Seu olhar, parado no rosto ebúrneo e emagrecido, parecia avistar, fora do tempo e do espaço, a perspectiva do infinito...

Na tarde de 6 de julho, treze dias após sua derradeira noite de São João, Castro Alves exalou o último suspiro e se tornou imortal, como cantou o poeta Carlos Ferreira:

Quando entrou no pórtico celeste,
fronte incendiada, fulgurante veste,
soberbo, audaz condor,
o anjo da glória se ergueu ante a conquista,
mas levou, perturbado, a mão à vista,
batido de fulgor!

Apêndice 1

Afonso Daudet

(Nimes, 12 de maio de 1840 – Paris, 17 de dezembro de 1897)

Romancista, poeta e dramaturgo francês. Em Paris se tornou íntimo de Goncourt e Zola. Se filiou à escola naturalista, produzindo obra variada, satírica, tirando as personagens da vida parisiense. Seu estilo é cristalino, brilhante, deixando transparecer, com freqüência, sentimento de paixão recalcada.

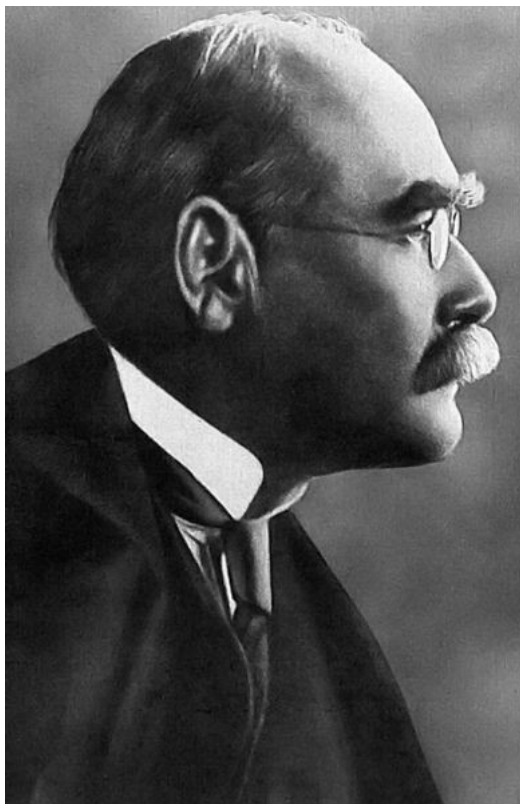
Obras

Les amoureuses (poesias ,1858)
Lettres de mon moulin (1866)
Tartarin de Tarascon (1872)
l'Arlésienne (drama,1872)
Contes du lundi (1873)
Fromont jeune et Risler ainé (1874)
Le nabab (1877)
Tartarin sur les Alpes (1885)
Souvenirs d'un homme de lettres (memórias,1888)
Port-Tarascon (1890)
La petite paroise (1895)

Extraído de Wikipédia

Apêndice 2

Joseph Rudyard Kipling

Bombaim, Índia, 30 de dezembro de 1865 – 18 de janeiro de 1936

Escritor e poeta britânico.

Em 1907 ganhou o prêmio Nobel de literatura.

Foi educado em Bideford, Inglaterra. Em 1882 voltou à Índia, onde trabalhou pra jornais britânicos. Começou a carreira literária em 1886 e ficou conhecido como contista.

Foi o poeta do império britânico e seus soldados, que retratou em vários contos, alguns reunidos no volume *Plain tales from the hills* (1888).

Em 1894 lançou *O livro da selva*, que se tornou, internacionalmente, um clássico infantil, também conhecido por sua personagem principal: *O pequeno Mógli*.

Muito conhecido, também, é um de seus poemas: *If* (*Se*), no qual um pai dá conselho ao filho sobre como ser um homem de bem.

Algumas obras: *O livro da selva* (1894), idem, segundo volume (1895), *O homem que queria ser rei* (1888), *A volta de Imray* (1891).

Extraído de Wikipédia

Apêndice 3

Hedy Lamarr

(Hedwig Eva Maria Kiesler)

Viena, 9 de novembro de 1913 – Altamonte Springs, 19 de janeiro de 2000

A história começa em 1933, em Viena, quando uma belíssima jovem de 19 anos, filha dum banqueiro, foi obrigada, pela família, a se casar com um rico fabricante de arma. Com uma inteligência brilhante e particular interesse pelo funcionamento das coisas, a jovem assimilou os termos técnicos da indústria bélica ao acompanhar o marido nos infindáveis jantares com a ascendente elite nazista.

Depois de quadro anos dum casamento sufocante, fugiu das garras do marido drogando a empregada destacada prà vigiar. Pulou a janela da mansão onde vivia e foi a Londres, começando a trabalhar numa companhia de teatro, onde foi vista por um famoso produtor de Roliúde. Ganhou um contrato, novo nome e nova nacionalidade.

Durante a segunda guerra mundial, já famosa como estrela de cinema ianque, entrou em contato com os líderes do complexo industrial-militar envolvidos no esforço de guerra contra a Alemanha. Soube da dificuldade da marinha com torpedo teleguiado: O inimigo conseguia interferir nas ondas de rádio que controlam a arma. O problema não lhe saiu da cabeça. Um dia, sentada ao piano, ao lado dum compositor, começou a brincar de dueto. Repetiu, noutra escala, as notas que ele tocava. E veio o estalo. Duas pessoas podem conversar mudando freqüentemente o canal de comunicação, basta o fazer simultaneamente.

A idéia da moça foi patenteada em 11 de agosto de 1942 e entregue às forças armadas, durante a segunda guerra mundial, como presente ao governo. Trinta anos mais tarde, com a patente já vencida, a mesma invenção foi usada como base prà criação da telefonia celular. Ela só pôde divulgar o fato ao público em 1981, devido a implicação militar. Esse sistema de alteração contínua de freqüência de rádio pra guiar torpedo e evitar interceptação pelo inimigo é a tecnologia que hoje é utilizada nas bombas inteligentes, internete sem fio e em ligações via celular, inteligentes ou não.

O que poderia ser ficção aconteceu. Hedy Lamarr, mais conhecida pelos filmes que estrelou, como *Sansão e Dalila*. Nascida Hedwig Eva Maria Kiesler, filha dum dos homens mais ricos da Áustria na década de 1920, ficou precocemente famosa ao estrelar o filme *Ecstasy*, produção austríaca no gênero erótico, bastante avançada prà época.

No filme *Xtase* (*Ecstasy*), também chamado *Sinfonia de amor* (1933), Hedy Lamarr provocou o primeiro escândalo da história do cinema ao ficar completamente nua, correr entre as árvores, depois mergulhar a um rio e, em seguida, simular ato sexual. A cena é um pouco desfocada e dura, em média, 10min. Em sua biografia (*Hedy Lamarr - Secrets of a Hollywood star*), Hedy conta que o diretor Gustav Machaty espetou sua bunda com um alfinete, pra obter uma expressão semelhante à de alguém em orgasmo. Eta orgasmo doído!

Um comitê do governo ianque se escandalizou, tirou a fita de cartaz e queimou a maioria das cópias. E o marido, Fritz Mandl, o magnata do ramo de arma, com quem se casara antes de completar 20 anos, ficou irado e acabou a espancando. Em seguida mandou que fossem queimadas as cópias que estavam disponíveis na Europa, gastando mais de 300 mil dólares. Eu era uma espécie de escrava, disse ela em entrevista.

Mandl fazia questão de a manter a seu lado em centenas de jantares e reuniões com técnicos, construtores e compradores de arma. Lamarr, no entanto, não cumpria apenas o papel de anfitriã. Ouvia e aprendia tudo o que se falava. Depois de quatro anos de casamento, não agüentava mais. E drogou a empregada pra fugir. Disfarçada com a roupa da empregada, fugiu a Paris.

Ao tentar uma carreira mais séria no teatro britânico, foi observada por Louis B. Mayer, um dos chefões da MGM, que ficou impressionado com sua beleza e talento. A levou a Roliúde, onde ganhou o nome artístico de Hedy Lamarr. Durante 25 anos atuou ao lado de Clark Gable, Claudette Colbert, Judy Garland e Spencer Tracy.

Se hoje tivesse os 20 anos de então, sua mente inquisitiva e inclinação à engenharia, talvez, a levassem ao instituto de tecnologia de Massachustes (MIT) em vez de Roliúde. A invenção do *sistema de comunicação secreta* nasceu da amizade com o músico George Antheil, compositor de vanguarda, autor de sinfonia e balé com compasso mecânico.

A paixão de Lamarr pela ciência era tão grande que, mesmo famosa, se candidatou ao conselho nacional de inventor. As autoridades, porém, a convenceram de que faria mais contra os nazistas usando o charme pra vender bônus de guerra. Mas sua incursão no ramo tecnológico ficou tão conhecida que o magnata Howard Hughes chegou, certa vez, a lhe dar um laboratório químico prà ajudar a desenvolver uma bebida semelhante à Coca-cola.

Hoje alguns homens que a admiraram pela beleza querem lhe dar o devido reconhecimento científico e, quem sabe, recuperar pra ela a validade da patente da invenção. Embora ainda não tenha conseguido a medalha de honra do congresso, no dia 12 de março de 1997 lhe concederam o prêmio da Eletronic Frontier foundation, a organização mais importante de ciência eletrônica ianque.

Hedy Lamarr passou o resto da vida em Maiame, vivendo a custa da previdência social. Recebeu uma indenização insuficiente da Corel draw por estampar indevidamente seu rosto na versão 8 do programa e foi presa duas vezes por roubo em loja.

Morreu em 19 de janeiro de 2000, com 86 anos.

Pena não fora levada a sério na época certa!

Extraído de http://luzdeluma.blogspot.com/2007/03/dia-internacional-da-mulher.html

Apêndice 4

ETA Hoffmann

(Ernst Theodor Amadeus Wilhelm Hoffmann)
Conigsberga, 24 de janeiro de 1776 – Berlim, 25 de junho de 1822

Escritor, compositor, caricaturista e pintor alemão. Um dos maiores nomes da literatura fantástica mundial.

Criado por um tio e destinado à magistratura, demonstrou, desde cedo, dom artístico. Depois de ter estudado em Conigsberga, em 1798 foi a Berlim pra trabalhar na corte de apelação. Nomeado assessor em Posem, em 1800, prosseguiu a carreira em Plock, Varsóvia. Devido às vitórias napoleônicas, que levaram ao desaparecimento da administração prussiana na Polônia, Hoffmann retornou a Berlim em 1807. No ano seguinte, liberado de sua função de magistrado, se instalou em Bamberga. Desde então se dedicou inteiramente à literatura e à arte. Pintura, crítica, dramaturgia, além de trabalhar como diretor teatral, diretor de orquestra, decorador e cenarista.

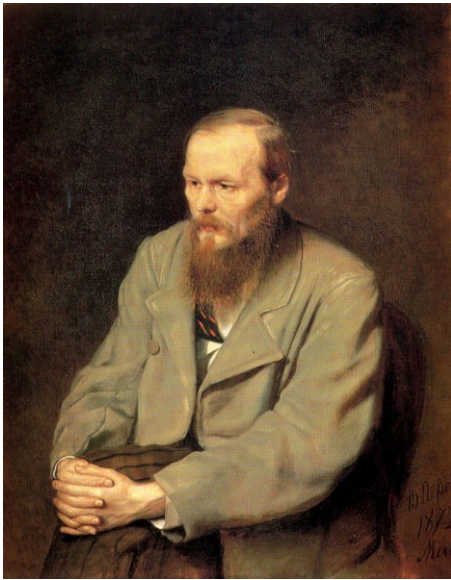
Em 1813 foi a Dresde e depois a Láipzi, se fixando em Berlim, onde entrou em contato com o grupo romântico. A necessidade de dinheiro fez com que Hoffmann retornasse a exercer a magistratura. Em 1816 foi nomeado conselheiro da corte de apelação de Berlim, mas continuou dedicando todo seu tempo livre à atividade artística, sobretudo literatura.

No romantismo alemão Hoffmann foi um mestre, o mago virtuoso da literatura fantástica. Entre suas obras mais conhecidas estão: *Fantasias à maneira de Caiô* (1814/15), *O vaso de ouro* (1812), *O elixir do Diabo* (1816), *Noturnos* (1817) (inclui o conto *O homem de areia*), *Contos dos irmãos Serapião* (1819/21, *Princesa Bambila* (1821).

Compositor, autor de música de câmara e outras, Hoffmann foi também um crítico musical perspicaz e um dos primeiros a proclamar a genialidade de Betovem. O nome *Amadeus*, aliás, foi deliberadamente incorporado, por Hoffmann, por causa de sua grande admiração a Mozar.

Apêndice 5

Dostoiévisque

(Fiodor Mikhailovich Dostoievski,
em russo Фёдор Миха́йлович Достое́вский)
Moscou, 11 de novembro de 1821 – São Petersburgo, 9 de fevereiro de 1881

Uma das maiores personalidades da literatura russa. Tido como o fundador do existencialismo, mais freqüentemente por *Notas do subterrâneo*, que é descrito, por Walter Kaufmann, como a melhor proposta existencialista já escrita. A mãe morreu de tuberculose quando ele era muito jovem, em 1837. Em 1839 também perdeu o pai, alcoôlmano e depressivo, que nunca se conformou com a morte da mulher. É aceito, hoje, porém sem prova concreta, que doutor Mikhail Dostoiévski, o pai, foi assassinado pelos próprios servos de sua propriedade rural, em Daravoi, indignados com os maus tratos sofridos. Tal fato exerceu enorme influência sobre o futuro do jovem Dostoiévisque, que desejou, impetuosamente, a morte de seu progenitor e, em contrapartida, se culpou por isso. Motivará o polêmico artigo de Freud: Dostoiévisque e o parricídio.

Estudou, contra a vontade, numa escola militar de engenharia e se entregou, febrilmente, à leitura dos grandes escritores de sua época. Teve, também, suas primeiras experiências dramáticas sob influência de Chíler e Puchiquim (Maria Stuart e Bóris Godunov). Teve sua primeira crise de epilepsia aos dezessete anos, depois de saber que seu pai fora assassinado pelos próprios colonos, que viam nele um homem demasiadamente autoritário. Deixou o exército aos 22 anos pra se consagrar na carreira literária.

Trabalhou como desenhista técnico no Ministério da Guerra, em São Petersburgo. Fez tradução de Balzaque e Jorge Sand. Alugou, em 1844, uma casa, em São Petersburgo, e se dedicou à escrita, de corpo e alma.

Em 1849 foi preso por participar de reuniões subversivas na casa dum agitador profissional, Petrachevski, e também condenado à morte. No último momento, já no patíbulo, teve a pena comutada. De fato, passou nove anos na Sibéria, no presídio de Omsk foram quatro anos, e mais cinco como soldado raso. Descreveu a terrível experiência no romance *Recordações da casa dos mortos*. Estudos médicos permitiram diagnosticar que sofria de epilepsia temporal. Suas crises sistemáticas, que ele atribuía a *uma experiência com Deus*, tiveram papel importante em sua crise religiosa e em sua conversão durante o desterro, quando a Bíblia era sua única leitura.

Essas dificuldades pessoais, sem dúvida, ajudaram a fazer dele um dos maiores romancistas de todos os tempos. Inspirado pelo cristianismo protestante, passou a pregar a solidariedade como principal valor da cultura eslava.

Com 25 anos, em 1846, publicou seu primeiro romance, *Gente pobre*, onde tratou da vida simples dos pobres funcionários da burocracia russa, com extraordinário sucesso em toda a Rússia.

Aclamado como gênio pelos mais exigentes críticos da época, entre eles Bielinski, que o considera o primeiro romancista social da Rússia, e Nekrassov que vê nele um novo Gogol, em homenagem ao primeiro romancista russo moderno.

Entre suas obras de maior importância se destacam os romances *O idiota*, *Crime e castigo*, *Os demônios* e *Os irmãos Caramazove*.

Publicou, também, inúmeros contos: *O mujique Marei*, *O sonho dum homem ridículo*, *Boboque* e outros, além de novelas: *O senhor Prokhartchin*, *A dócil*, *O homem embaixo da cama*, *Uma história suja* e *O pequeno herói*. Criou duas revistas literárias: *O tempo* (Vrêmia) e *Época*, e ainda colaborou nos principais órgãos da imprensa Russa.

O reconhecimento definitivo de Dostoiévisque como escritor universal surgiu somente depois dos anos 1860, com a publicação dos grandes romances: *O idiota* e *Crime e castigo*. Seu último romance, *Os irmãos Caramazove*, é considerado, por Fróide, o maior romance já escrito.

Obras

Gente pobre (1846)
O duplo (1846)
Noites brancas (1848)
O ladrão honesto (1848)
Uma árvore de natal e uma boda (1848)
A mulher alheia e o homem embaixo da cama (1848)
Coração débil (1848)
Netochka Nezvanova (1849)
O pequeno herói (1849)
O sonho do tio (1859)
A aldeia de Stiepantchikov e seus habitantes (1859)
Humilhados e ofendidos (1861)
Recordações da casa dos mortos (1861)
Uma história desagradável (1862)
Notas de inverno sob impressões de verão (1863)
Notas do subterrâneo (ou *Memórias do subsolo*) (1864)
Crime e castigo (1866)
O jogador (ou *Um jogador*) (1867)
O idiota (1868)
O eterno marido (1870)
Os demônios (ou *Os possessos*) (1872)
O adolescente (1875)
Duas narrativas fantásticas (1876)
Os irmãos Caramazove (1880)

Apêndice 6

Os rostos de Bélmez

Em Bélmez de la Moraleda, Espanha, se encontra a casa da família Pereira, cenário de eventos estranhos que já duram mais de 30 anos.

Os eventos começaram em 1971, quando Maria Gómez Pereira viu uma formação estranha na lareira de sua cozinha. A imagem parecia ser um rosto humano. O marido de Maria pegou uma enxada e destruiu a lareira. Mais tarde colocou cimento novo. Uma semana depois a face reapareceu no chão. A família pediu que o Conselho da Cidade investigasse o caso. Depois de semanas de escavação encontraram uma sepultura contendo ossos humanos exatamente debaixo da lareira. Preencheram o poço e uma nova lareira foi construída mas em apenas algumas semanas outros rostos começaram a reaparecer.

Não adiantava destruir ou reconstruir a lareira, porque as faces sempre retornavam. Durante 30 anos as faces foram visitadas por cientistas, pesquisadores e inúmeras tevês. Muitos acreditavam que as faces eram falsas e que foram pintadas. Mas um exame minucioso mostrou que as faces estavam no cimento e não pintadas na superfície. Isso foi o suficiente pra provar que as faces eram, realmente, um fenômeno. Um cientista proclamou: Sem dúvida, este é o fenômeno paranormal mais importante do século.

retirado de www.discoverybrasil.com/guia_paranormal/paranormal_assombrados/paranormal_belmez/index.shtml

Apêndice 7

Gustavo Barroso

(Gustavo Dodt Barroso)

Fortaleza, Ceará, 29 de dezembro de 1888 – Rio de Janeiro, 3 de dezembro de 1959

Advogado, professor, político, contista, folclorista, cronista, ensaísta e romancista brasileiro.

Um dos líderes nacionais da ação integralista brasileira e um de seus mais destacados ideólogos.

Eleito em 8 de março de 1923 à cadeira #19, na sucessão de dom Silvério Gomes Pimenta, foi recebido em 7 de maio de 1923, pelo acadêmico Alberto Faria.

Filho de Antônio Filinto Barroso e de Ana Dodt Barroso, estudou nos externatos São José, Parthenon Cearense e Liceu do Ceará.

Cursou a faculdade livre de direito do Ceará, se bacharelando em 1911 na faculdade de direito do Rio de Janeiro.

Foi redator do *Jornal do Ceará* (1908-1909) e do *Jornal do Commercio* (1911-1913); professor da escola de Menores, da polícia do Distrito Federal (1910-1912), secretário da superintendência da defesa da borracha, no Rio de Janeiro (1913), secretário do interior e da justiça do Ceará (1914), diretor da revista *Fon-Fon* (a partir de 1916), deputado federal pelo Ceará (1915 a 1918), secretário da delegação brasileira à conferência da paz da Venezuela (1918-1919), inspetor escolar do Distrito Federal (1919 a 1922), diretor do museu histórico nacional (a partir de 1922), secretário geral da junta de jurisconsultos americanos (1927). Representou o Brasil em várias missões diplomáticas, entre as quais a comissão internacional de monumentos históricos (criada pela liga das nações) e a exposição comemorativa dos centenários de Portugal (1940-1941). Participou do movimento integralista. Embora não concordasse com o rumo dos acontecimentos a partir de 1937, se manteve fiel à doutrina filosófica do integralismo.

Estreou na literatura, aos vinte e três anos, usando o pseudônimo de João do Norte, com o livro *Terra de Sol*, ensaio sobre natureza e costume do sertão cearense. Além dos livros publicados, sua obra ficou dispersa em jornais e revistas de Fortaleza e do Rio de Janeiro, aos quais escreveu artigos, crônicas e contos, além de desenhos e caricaturas. A vasta obra de Gustavo Barroso, de cento e vinte e oito livros, abrange história, folclore, ficção, biografia, memória, política, arqueologia, museologia, economia, crítica e ensaio, além de dicionário e poesia. Pseudônimos: João do Norte, Nautilus, Jotanne e Cláudio França.

Sua atividade na academia brasileira de letra também foi das mais relevantes. Em 1923, como tesoureiro da instituição, procedeu à adaptação do prédio do Petit Trianon, que o governo francês ofereceu ao governo brasileiro, pra nele instalar a sede da academia. Exerceu, alternadamente, os cargos de tesoureiro, de segundo e primeiro secretário e secretário-geral, de 1923 a 1959. foi presidente da academia em 1932, 1933, 1949 e 1950. Em 9 de janeiro de 1941 foi designado, juntamente com Afrânio Peixoto e Manuel Bandeira, pra coordenar estudo e pesquisa relativos ao folclore brasileiro.

Era membro da academia portuguesa de história, academia de ciência de Lisboa, royal society of literature, de Londres, academia de bela arte de Portugal, sociedade dos arqueólogos de Lisboa, instituto de Coimbra, sociedade numismática da Bélgica, instituto histórico e geográfico brasileiro e de vários estados e sociedades de geografia de Lisboa, do Rio de Janeiro e de Lima.

Obras

Gustavo Barroso, hoje esquecido, foi um intelectual oceânico, gigante cultural. Do *Jornal do Ceará*, logo estava no Rio com uma produção literária avassaladora.

Versou os mais variados assuntos e temas: História, biografia, arqueologia, museologia, economia e finança, folclore, lexicografia, literatura histórica, didática e infantil, política, memória, viagem, teatro, sem deixar de lado o conto, a novela e o romance: Nacionalista, deixou mais de cem livros de enorme repercussão. *Terra de sol*, (1912), o consagrou aos 24 anos. Em 1914, com 26 anos, era secretário de justiça do Ceará. Em 1915, 27 anos, deputado federal.

Em 1923, 35 anos, já estava na academia, que duas vezes presidiu, em 1931 e 1950.

Em 1935, dois livros de briga: *O espírito do século 20* e o atualíssimo *Brasil, colônia de banqueiro*. Desde 1933 já estava, com Plínio Salgado, na ação integralista, fazendo jornais, livros e os vários volumes da clássica *História secreta do Brasil*. O integralismo jogou uma sombra sobre ele.

A guerra de Artigas (1816-1820)
A guerra de Flores
A guerra de López (contos e episódios da guerra do Paraguai)
A guerra de Rosas
A guerra de Vidéu
À Margem da história do Ceará
A palavra e o pensamento integralista
A ronda dos séculos
A senhora de Pangim
A sinagoga paulista
Alma sertaneja
Aquém da Atlântida
As colunas do templo
Através dos folclores
Brasil, colônia de banqueiro
Casa de maribondo
Cinza do tempo (contos, 1921)
Consulado da China
Coração da Europa (1922)
Coração de menino
Heróis e bandidos (cangaceiros do nordeste) (1917)
História do palácio do Itamarati
História secreta do Brasil.
Introdução à técnica dos museus
Judaísmo, maçonaria e comunismo
Liceu do Ceará, História militar do Brasil
Luz e pó

Maçonaria: Seita judaica
Mapirunga
Mississipe
Mitos, contos e lendas dos índios
Mula-sem-cabeça,
Mulheres de Paris
O bracelete de safira
O Brasil dos brasileiros
O Brasil em face ao Prata
O Brasil na lenda e na cartografia antiga
O espírito do século 20
O livro dos enforcados
O livro dos milagres
O que o integralista deve saber
O santo do brejo
O som da viola (folclore)
Os melhores contos históricos de Portugal
Os protocolos dos sábios de Sião
Osório, o centauro do pampa
Pergaminhos
Pero Coelho de Souza (1940)
Portugal: Semente de império
Praias e várzeas (1915)
Quinas e castelos
Seca e Meca e olivais de Santarém
Segredos e revelações da história do Brasil
Tamandaré, o nélson brasileiro
Terra de sol, (1912)
Tição do Inferno
Uniformes do Exército brasileiro (1730-1899)

Índice